

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO – **PROPESPI**
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ROBERTO CALABRIA GUIMARÃES DA SILVA

"ENTRE JESUS, APOLO E OBATALÁ":
O HIBRIDISMO TRANSCONTINENTAL DO VALE DO AMANHECER E AS
RELAÇÕES DE PODER

RECIFE

2024

ROBERTO CALABRIA GUIMARÃES DA SILVA

"ENTRE JESUS, APOLO E OBATALÁ":
O HIBRIDISMO TRANSCONTINENTAL DO VALE DO AMANHECER E AS
RELAÇÕES DE PODER

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação da Professora Doutora Valdenice José Raimundo.

RECIFE

2024

S586e

Silva, Roberto Calabria Guimarães da.

“Entre Jesus, Apolo e Obatalá”: o hibridismo transcontinental do Vale do amanhecer e as relações de poder / Roberto Calabria Guimarães da Silva, 2024.

193 f.: il.

Orientador(a): Valdenice José Raimundo.
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2024.

1. Religiões. 2. Mulheres - Aspectos religiosos.
3. Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã.
4. Fusão cultural. 5. Pluralismo religioso.
6. Poder (Filosofia). I. Título.

CDU 291

Luciana Vidal - CRB 4/1338

ROBERTO CALABRIA GUIMARÃES DA SILVA

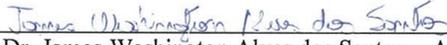
"ENTRE JESUS, APOLO E OBATALÁ":
O HIBRIDISMO TRANSCONTINENTAL DO VALE DO AMANHECER E AS
RELAÇÕES DE PODER

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação da Professora Doutora Valdenice José Raimundo.

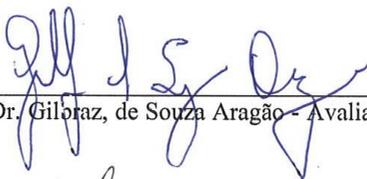
Banca Examinadora



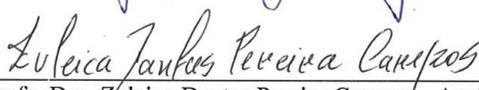
Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto – Avaliador Externo



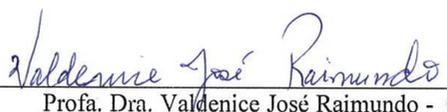
Prof. Dr. James Washington Alves dos Santos – Avaliador Externo



Prof. Dr. Giloraz de Souza Aragão - Avaliador Interno



Prof. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos - Avaliadora Interno



Profa. Dra. Valdenice José Raimundo - Orientadora

Dedico aos meus pais *in
memoriam*, por terem me ensinado
os valores da coragem e da
dedicação
e a minha família pelo apoio
e paciência durante esses quatro
anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por possibilitar mais essa realização em minha vida. A Profa Dra. Valdenice José Raimundo, minha orientadora, pela disponibilidade em me orientar, sendo de fundamental importância para atingir os meus objetivos. A todos os/as professores/as do Programa de Ciências da Religião, nunca serão esquecidos por terem contribuído para a minha formação e compartilhado conhecimentos e experiências preciosas ao longo do curso. A Danieli, secretária e companheira de todos os alunos e alunas, pela atenção e ajuda. Agradecimentos especiais ao povo do Vale do Amanhecer em especial ao Templo de Olinda pelo acolhimento e pela disponibilidade que sempre tiveram para prestar informações. Aos meus familiares e amigos pelos inúmeros momentos de ausência. Meus agradecimentos mais sinceros a minha esposa e meu filho (que colaboraram para que esse trabalho se tornasse uma realidade) para qual dedico este trabalho.

RESUMO

SILVA, Roberto Calabria Guimarães da. **"ENTRE JESUS, APOLO E OBATALÁ": O Hibridismo Transcontinental do Vale do Amanhecer e as Relações de Poder**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP-PE, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2024. 191 p.

Esta pesquisa teve como objeto de estudo analisar as relações de poder, que em nível institucional, que vai de comando de trabalhos ao comando nacional/internacional da religião, a nível espiritual organiza a hierarquia entre homens e mulheres, presentes no Vale do amanhecer, através da percepção dos/as médiuns. Para responder a problemática apresentada pelo objeto foi formulado o seguinte objetivo: investigar as práticas religiosas do Vale do Amanhecer, a partir da análise da sua história associando-a a história de Tia Neiva e relacionando ao hibridismo transcontinental. Esta análise terá como categorias de análises o hibridismo transcontinental e as relações de poder. A escolha pelo hibridismo transcontinental se deu em virtude de não ser possível, na nossa análise, o diálogo com a categoria sincretismo, pois o panteão do Vale forma um mosaico com entidades de vários credos e continentes como, Candomblé, Umbanda, Cristianismo, Kardecismo, religiões da Grécia e Egito Antigos, Budismo e entidades de ufologia como elementos do livro Exilados de Capela, envolvendo entidades espirituais de religiões de quatro continentes que foram incorporadas ao Vale do Amanhecer, trabalhando e ordem e sincronia, não havendo o espelhamento das entidades, como foi imposto às religiões de matriz africanas, na qual um Orixá representava um Santo, como forma de os escravizados poderem cultuar sua fé sem serem reprimidos pelos senhores. Para coleta dos dados foram enviados formulários com perguntas específicas acerca do tema, e a partir das respostas foram realizadas análises, utilizando a abordagem quanti-qualitativa, na qual os percentuais, a análise individual e, em conjunto das respostas, possibilitou a compreensão da visão dos/as médiuns acerca de como os/as mesmos/as observam a hierarquia, definida pelas relações de poder, numa comunidade híbrida e transcontinental. Essa pesquisa também se dedicou a analisar o lugar que a mulher ocupa na hierarquia do Vale. A pesquisa apontou que a maioria das mulheres perceberam uma desvalorização do lugar ocupado pelo público feminino, o que leva a uma contradição, já que a religião foi criada por Tia Neiva, que após a sua morte foi elevada a uma das principais entidades espirituais do Vale do Amanhecer. Este estudo contribuirá para uma melhor compreensão das relações que se estabelecem no Vale, como também

dará visibilidade as práticas religiosas e espirituais experimentadas no Vale do amanhecer. A tese está alicerçada no diálogo entre as categorias de hibridismo tomando como base Cancline, (1997), gênero na qual o pensamento de Nunes (1985) se encaixa na questão do protagonismo da mulher no Vale, por fim, o multiculturalismo a partir dos conceitos de Touraine (1997). A tese se propõe a descrever o Vale do Amanhecer em seu contexto histórico e nas relações com as religiões que hibridizam como o mesmo, dando ênfase para o catolicismo, kardecismo e umbandismo que exercem uma forte influência, tanto na ritualística, como nos médiuns e pacientes que frequentam.

Palavras chave: Hibridismo. Mulher. Relações de Poder. Religião. Vale do Amanhecer.

ABSTRACT

SILVA, Roberto Calabria Guimarães da. **"BETWEEN JESUS, APOLLO AND OBATALÁ": The Transcontinental Hybridism of the Vale do Amanhecer and the Power Relations.** Doctoral Thesis. Recife: Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP-PE, Postgraduate Program in Religious Sciences, 2024. 191 p.

This research had as its object of study to analyze the power relations, which at an institutional level, ranging from the command of work to the national/international command of religion, at a spiritual level organizes the hierarchy between men and women, present in the Vale do Amanhecer, through the perception of mediums. In order to respond to the problem presented by the object, the following objective was formulated: to investigate the religious practices of the Vale do Amanhecer, based on the analysis of its history, associating it with the story of Tia Neiva and relating it to transcontinental hybridism. This analysis will have as categories of analysis the transcontinental hybridism and the power relations. The choice for transcontinental hybridism occurred because it was not possible, in our analysis, to dialogue with the syncretism category, since the pantheon of the Valley forms a mosaic with entities from various faiths and continents such as Candomblé, Umbanda, Christianity, Kardecism, religions of Ancient Greece and Egypt, Buddhism and ufology entities as elements of the book *Exilados de Capela*, involving spiritual entities from religions of four continents that were incorporated into the Vale do Amanhecer, working in order and synchrony, without the mirroring of the entities, as was imposed on religions of African origin, in which an Orixá represented a Saint, as a way for the enslaved to be able to worship their faith without being repressed by their masters. To collect the data, forms with specific questions about the topic were sent, and the responses were analyzed using a quantitative and qualitative approach, in which the percentages, individual analysis, and the combined responses made it possible to understand the mediums' view of how they observe the hierarchy, defined by power relations, in a hybrid and transcontinental community. This research also focused on analyzing the place that women occupy in the hierarchy of the Valley. The research showed that most women perceived a devaluation of the place occupied by the female public, which leads to a contradiction, since the religion was created by Tia Neiva, who after her death was elevated to one of the main spiritual entities of the Vale do Amanhecer. This study will contribute to a better understanding of the relationships that are established in the Valley, as well as give visibility to the religious and spiritual practices experienced in the Vale do Amanhecer. The thesis is

based on the dialogue between the categories of hybridism, taking as a basis Cancline (1997), a genre in which Nunes's (1985) thinking fits into the issue of women's protagonism in the Valley, and finally, multiculturalism based on the concepts of Touraine (1997). The thesis proposes to describe the Vale do Amanhecer in its historical context and in its relations with the religions that hybridize with it, emphasizing Catholicism, Kardecism and Umbanda, which exert a strong influence, both in the rituals and in the mediums and patients who attend.

Keywords: Hybridism. Power Relations. Religion. Vale do Amanhecer. Women.

RÉSUMÉ

SILVA, Roberto Calabria Guimarães da. **“ENTRE JÉSUS, APOLLON ET OBATALÁ” : L'hybridité transcontinentale de Vale do Amanhecer et les relations de pouvoir.** Thèse de doctorat. Recife : Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP-PE, Programme de troisième cycle en sciences religieuses, 2024. 191 p.

Cette recherche visait à analyser les relations de pouvoir qui, au niveau institutionnel, allant du commandement du travail au contrôle national/international de la religion, au niveau spirituel, organisent la hiérarchie entre hommes et femmes, présentes à Vale do Dawn, à travers la perception des médiums. Pour répondre au problème posé par l'objet, l'objectif suivant a été formulé : enquêter sur les pratiques religieuses de Vale do Amanhecer, à partir de l'analyse de son histoire, en l'associant à l'histoire de Tia Neiva et en la reliant à l'hybridité transcontinentale. Cette analyse aura l'hybridité transcontinentale et les relations de pouvoir comme catégories d'analyse. Le choix de l'hybridation transcontinentale était dû au fait que, dans notre analyse, le dialogue avec la catégorie du syncrétisme n'était pas possible, car le panthéon de Vale forme une mosaïque avec des entités de diverses confessions et continents comme le Candomblé, l'Umbanda, le Christianisme, le Kardécisme, les religions de la Grèce antique et de l'Égypte, le bouddhisme et les entités ufologiques comme éléments du livre Exilados de Capela, impliquant des entités spirituelles de religions de quatre continents qui ont été incorporées dans Vale do Amanhecer, travaillant dans l'ordre et en synchronisation, sans miroir d'entités, comme c'était le cas imposé aux religions africaines, dans lesquelles un Orixá représentait un saint, comme un moyen pour les esclaves d'adorer leur foi sans être réprimés par leurs maîtres. Pour collecter les données, des formulaires ont été envoyés avec des questions spécifiques sur le sujet et, sur la base des réponses, des analyses ont été effectuées, en utilisant l'approche quantitative-qualitative, dans laquelle les pourcentages, l'analyse individuelle et, avec les réponses, ont été réalisés. Il est possible de comprendre la vision des médiums sur la manière dont ils observent la hiérarchie, définie par les relations de pouvoir, dans une communauté hybride et transcontinentale. Cette recherche avait également pour objectif d'analyser la place qu'occupent les femmes dans la hiérarchie de la Vallée. La recherche a montré que la plupart des femmes percevaient une dévalorisation de la place occupée par le public féminin, ce qui conduit à une contradiction, puisque la religion a été créée par Tia Neiva, qui après sa mort a été élevée au rang d'une des principales entités spirituelles de la Vallée de Aube. Cette étude contribuera à une meilleure compréhension

des relations qui s'établissent dans la Vallée, ainsi qu'à donner de la visibilité aux pratiques religieuses et spirituelles vécues dans la Vale do Dawn. La thèse se base sur le dialogue entre les catégories de l'hybridité, en prenant comme base Cancline (1997), genre dans lequel la pensée de Nunes (1985) s'inscrit dans la question du protagonisme des femmes dans la Vallée, et enfin, le multiculturalisme basé sur les concepts de Touraine (1997). La thèse propose de décrire la Vallée de l'Amanhecer dans son contexte historique et dans ses relations avec les religions qui s'hybrident avec elle, en mettant l'accent sur le catholicisme, le kardecisme et l'umbanda, qui exercent une forte influence, tant dans les rituels que dans les médiums et les patients qui y assistent.

Mots-clés: Femme. Hybridité. Relations de pouvoir. Religion. Vallée de l'Aube.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia de Tia Neiva com seus filhos.	28
Figura 2 - Mapa socioespacial de Tia Neiva.	29
Figura 3 - Fotografia de Tia Neiva aos 7 anos.	30
Figura 4 - Fotografia de Tia Neiva Caminhoneira.	31
Figura 5 - Tia Neiva em sua casa no Vale do Amanhecer.	33
Figura 6 - Fotografia de Tia Neiva com Jaguares e Ninfas.	34
Figura 7 - Fotografia da entrada do Templo de Olinda.	35
Figura 8 - Imagem do Brasão do Templo Arajã do Amanhecer.	36
Figura 9 - Layout da Ocupação do Vale do Amanhecer em Planaltina.	36
Figura 10 - Fotografia do Morro Salve Deus e Lago de Iemanjá.	38
Figura 11 - Fotografia do Ritual de Cura.	40
Figura 12 - fotografia seguidor do Vale do Amanhecer faz compras em uma loja local.	41
Figura 13 - Prancha Fotográfica de locais da Cidade do Amanhecer.	42
Figura 14 - Fotografia aérea do Templo e Cidade do Amanhecer – Planaltina/DF.	43
Figura 15- Imagens das fitas utilizadas por Aparás/Ajanãs e Doutrinadores.	44
Figura 16 - Fotografia do portal de entrada do Vale do Amanhecer.	45
Figura 17- Fotografia de médium do Vale do Amanhecer fazendo louvação em frente a uma imagem de um dos líderes da prática espiritual, Pai Seta Branca.	49
Figura 18 - Primeiros esboços de Lúcio Costa: a figura cruciforme em destaque.	51
Figura 19 - Fotografia do Morro Salve Deus e do Lago de Iemanjá.	52
Figura 20 - Quadro dos dados sobre os templos do Vale do Amanhecer em todo Brasil.	53
Figura 21- fotografia Templo do Vale do Amanhecer em Dois Irmãos.	54
Figura 22 - fotografia da entrada do Templo do Vale do Amanhecer em Jupi-PE.	55
Figura 23 - Fotografia do Lago de Iemanjá no templo de São Lourenço da Mata.	55
Figura 24 - Imagem dos símbolos do Apará/Ajanã e Doutrinador.	58
Figura 25 - fotografia do Ritual de Cura no Vale do amanhecer.	59
Figura 26 - fotografia do Ritual de Estrela Candente.	60
Figura 27- Imagem de círculos concêntricos mostrando o sincretismo entre cristianismo e religiões de matriz africana.	64
Figura 28 - Imagem da sincretização entre Iansã e Santa Bárbara.	66
Figura 29 - Imagem espaço da Estrela Candente.	68
Figura 30 - Imagem de alguns símbolos utilizados pelo movimento <i>New Age</i>	72

Figura 31- Imagem de Ashtar Sheran, um alienígena, segundo algumas crenças da Nova Era.	76
Figura 32 - Imagens de Ministros do Vale do Amanhecer.....	77
Figura 33 - Imagem do trabalho de Trono.....	81
Figura 34 - Imagem da Mesa Evangélica	82
Figura 35 - Imagem do local onde ocorre a indução	84
Figura 36 - Ilustração do ritual de Junção	86
Figura 37 - Imagem mostrando a propagação de energia no leito magnético.....	87
Figura 38 - Fotografia de Tia Neiva na Estrela Candente no Vale do Amanhecer Templo Mãe	88
Figura 39- Fotografia do Ritual do Randy.	91
Figura 40- Fotografia dos Doutrinadores e Aparás/Ajanãs com os trajes típicos do Angical ..	94
Figura 41 - Fluxograma da estrutura hierárquica do Vale do Amanhecer	112
Figura 42 - Conhecimento sobre a hierarquia do Vale do Amanhecer	118
Figura 43 - Influencias das relações hierárquicas	119
Figura 44 - Relações hierárquicas na Falange	120
Figura 45 - Auação do comandante do trabalho.....	121
Figura 46 - Relação entre aparás e doutriandores.....	122
Figura 47 - Relação médiuns e pacientes	123
Figura 48 - Ilustração de Iansã.	156
Figura 49 - Imagens de Iemanjá.	157
Figura 50 - Imagem de Iemanjá no Vale do Amanhecer.....	158
Figura 51 - Fotografia de Tia Neiva no ritual de Estrela Candente.....	159
Figura 52 - Falange das Samaritanas.....	161
Figura 53 - Gráfico 1	163
Figura 54 - Gráfico 2	164
Figura 55 - Gráfico 3	165
Figura 56 - Gráfico 4.....	166
Figura 57 - Gráfico 5	167
Figura 58 - Gráfico 6	168
Figura 59 - Gráfico 7	168
Figura 60 - Gráfico 8	169

Figura 61 - Gráfico 9	169
Figura 62 - Gráfico 10.....	170
Figura 63 - Gráfico 11.....	171
Figura 64 - Gráfico 12.....	172
Figura 65 - Gráfico 13.....	173
Figura 66 – Gráfico 14.....	173

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - FRAGMENTOS DO SAGRADO, HISTÓRIA E RITOS TRANSCONTINENTAIS NO VALE DO AMANHECER.....	27
1.1 BREVE DA HISTÓRIA DO VALE DO AMANHECER	27
1.2 A ORIGEM DO TEMPLO MÃE E DA CIDADE DO AMANHECER	40
1.3 O CRESCIMENTO DO VALE DO AMANHECER EM PERNAMBUCO	53
1.4 FRAGMENTOS TRANSCONTINENTAIS DOS RITUAIS DO VALE DO AMANHECER A PARTIR DA MINHA EXPERIÊNCIA COMO DOCTRINADOR.	56
1.5 FRAGMENTOS DO SAGRADO NO VALE DO AMANHECER.....	60
CAPÍTULO 2 - PRESENÇA TRANSCONTINENTAL DO VALE DO AMANHECER	63
2.1 HIBRIDISMO OU SINCRETISMO.....	63
2.2 NEW AGE E MULTICULTURALISMO	71
2.3 OS RITOS INTERCONTINENTAIS DO VALE DO AMANHECER	79
CAPÍTULO 3 - AS RELAÇÕES DE PODER NO VALE DO AMANHECER, A PARTIR DA PERCEPÇÃO DA HIERARQUIA POR MÉDIUNS E PACIENTES	95
3.1 NATUREZA E FONTES DE PODER POLÍTICO.....	96
3.2 LEGITIMIDADE E CONTROLE DO PODER POLÍTICO.....	99
3.2.1 Nicolau Maquiavel	99
3.2.2 Michel Foucault.....	102
3.4 O MICRO PODER E SEUS DESDOBRAMENTOS	104
3.4.1 Micro poder	104
3.4.2 O Micro poder na Família	107
3.4.3 O Micro poder na Religião	108
3.4.4 A estrutura de poder no Vale do Amanhecer	110
3.4.5 A Percepção do poder por médiuns e Pacientes a partir do conhecimento da hierarquia do Vale do Amanhecer	115
CAPÍTULO 4 - O PROTAGONISMO DA MULHER NO VALE DO AMANHECER	125
4.1 A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO: UMA JORNADA PELA IGUALDADE	125
4.1.1 Simone de Beauvoir.....	125
4.1.2 Betty Friedan	128

4.1.3 Bell Hooks	130
4.1.4 Audre Lorde.....	132
4.1.5 Ângela Davis	134
4.1.6 Virginia Woolf.....	137
4.1.7 Chimamanda Ngozi Adichie	137
4.1.8 Judith Butler	139
4.2 HISTÓRIA DO FEMINISMO	142
4.2.1 Feminismo da Primeira Onda: Lutando pelo Sufrágio e Direitos Básicos (Século XIX - Início do Século XX).....	142
4.2.2 Feminismo da Segunda Onda: Ampliando o Alcance (Décadas de 1960 e 1970).....	144
4.2.3 Feminismo da Terceira Onda: Incorporando a Interseccionalidade (Década de 1990 em Diante)	145
4.2.4 Feminismo de Quarta Onda ou Feminismo Contemporâneo	147
4.3 O PROTAGONISMO DA MULHER: DESAFIOS E CONQUISTAS	149
4.3.1 Protagonismo da Mulher no Mundo Profissional.....	149
4.3.2 - Protagonismo Feminino na Política:	150
4.3.3 Protagonismo na Sociedade Civil:.....	151
4.3.4 A mulher na religião: Desafios, conquistas e evolução.....	152
4.4 A MULHER NO VALE DO AMANHECER	159
4.5 A PERDA DE PROTAGONISMO DA MULHER A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS NINFAS.....	163
CONCLUSÃO.....	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177
APÊNDICE A - LISTA DE RITUAIS DO VALE DO AMANHECER (GALINKIN, 2008)	187
APÊNDICE 2 - FORMULÁRIO 1.....	191
APÊNDICE 2 - FORMULÁRIO 2.....	192

INTRODUÇÃO

O Vale do Amanhecer é uma religião espiritualista cristã, criada pela médium Tia Neiva na cidade satélite de Planaltina-DF. O Vale funciona como um hospital espiritual, atendendo milhares de pessoas, todos os dias em seus 700 templos no Brasil e em países como Estados Unidos, Japão e Portugal. Foram reunidas divindades de quatro continentes e de diversos credos, formando um panteão multicultural.

Este estudo surge da necessidade de dar visibilidade as relações e a organização hierárquica do Vale do Amanhecer, enfatizando a sua dimensão híbrida e transcontinental. A primeira sede do Vale do Amanhecer foi em Planaltina-DF no ano de 1969. Foi fundado por Neiva Chaves Zelaya, uma pessoa muito carismática, todos a chamavam de Tia Neiva.

Algo que motivou a realização deste estudo foi a pouca produção acadêmica existente, acerca do Vale do Amanhecer. Neste contexto das poucas produções, merecem destaques: Amurabi Oliveira, que trabalhou o sincretismo com o Kardecismo, a Umbanda e as relações de gênero, os corpos dos médiuns como relação de poder na mencionada religião. Ana Lúcia Galinkin pesquisou no ano de 1977 o ritual de Cura; Merilane Pires em 2006, apresentou uma dissertação abordando o Vale nas cidades cearenses de Juazeiro, Canindé e Fortaleza; Erich Gomes Marques em 2009 apresentou a dissertação de mestrado que abordou os poderes do Estado no âmbito da citada religião.

O Vale do Amanhecer surgiu no escopo das religiões da *New Age*, fenômeno iniciado no final do século XIX com movimentos como a Teosofia e Ocultismo, esse início explica a associação que teóricos da conspiração fazem entre o movimento *New Age* e forças do Ocultismo, essas associações partem de uma visão simplista, pois a compreensão do movimento é algo bem mais complexo que essa associação

Bartolomeu Tito Figueiroa de Medeiros apresentou na XXI Reunião Brasileira de Antropologia, trabalho relacionado ao sincretismo entre a Umbanda, o Kardecismo e o Vale como uma religião da Nova Era; Daniela de Oliveira apresentou em 2007 a dissertação intitulada *Relações entre a Cultura Visual e o Vale*; Marcelo Rodrigues dos Reis defendeu em 2008 a tese intitulada *Tia Neiva: Trajetória de uma Líder Religiosa e Sua Obra na instituição religiosa*; José Cláudio Souza Alves produziu estudos sobre o Vale do Amanhecer e a diáspora brasileira na cidade de Atlanta, USA; Carmem Lúcia Cavalcante apresentou *Dialogias no Vale: os signos de um imaginário religioso*.

A importância deste estudo se dá, porque a maioria dessa produção acadêmica sobre o Vale do Amanhecer encontra-se no campo da Sociologia e Antropologia. São poucos os estudos nas áreas de História, Cultura Visual e Ciências da Religião. Desta forma, esse estudo se soma aos poucos estudos na área das Ciências da Religião

Nossa imersão no Vale demonstrou que os médiuns do Vale do Amanhecer são formados por homens e mulheres, cujos os homens são chamados de Jaguar e as mulheres de Ninfas, enquanto que a nível de mediunidade são divididos em Aparás/Ajanãs. Os médiuns de incorporação se aproximam da Umbanda enquanto que os Doutrinadores (médiuns de intermediação) se aproximam do Kardecismo, essa é a lógica binária do Vale.

Oliveira (2013b) na citação abaixo faz um relato acerca da fundação do Templo Mãe em Planaltina e a expansão do Vale que é consolidada após a morte de Tia Neiva com o comando passando para Sassi e os filhos da médium, em especial Gilberto Chaves que é o Trino Ajarã.

Apenas no ano de 1969 [, é que] o movimento fixa-se espacialmente de forma definitiva nos arredores de Planaltina, cidade satélite de Brasília, onde hoje se localiza o templo mãe do VDA. Neste interstício temporal, muitos fatos ocorreram, sendo o mais significativo, a expansão ocorrida com o VDA fora de sua sede, em especial após o período da morte de Tia Neiva, quando o movimento passa a ser coordenado pelos sucessores de Tia Neiva, Mário Sassi e os filhos da Clarividente, com um destaque especial para o papel exercido pelo primogênito da mesma, Gilberto Chaves Zelaya, mais conhecido como Trino Ajarã, no processo de expansão da doutrina, contanto hoje com mais de 600 templos pelo Brasil e em mais sete países (Oliveira, 2013b, p. 143).

A morte de Tia Neiva foi um divisor de águas no Vale do Amanhecer, pois durante a sua vida, mulheres tinham um maior protagonismo, assumindo inclusive o comando de rituais, após sua morte, as mulheres foram afastadas das atividades de comando. Na fase pós Tia Neiva, o Vale do Amanhecer passou por uma institucionalização e crescimento tanto no Brasil.

Os rituais do Vale do Amanhecer são marcados por um colorido que vem desde as pinturas, bancos e imagens das entidades, bem como as vestimentas dos médiuns. Em relação aos gêneros, não há tarefas específicas para homens e mulheres, as tarefas são divididas entre aparás/ajanãs, aos doutrinadores cabe a mediação entre as entidades e aparelhos (médiuns de incorporação) e comandam as atividades, mas só doutrinadores homens podem comandar.

O Vale oferece serviços espirituais ao público em geral, chamados de pacientes, pessoas de todas as classes, gêneros e etnias, porém a maioria dos assistidos são pobres e afro descendentes.

O início para o paciente ocorre no Trono (bancos vermelhos e amarelos) onde fica o Apará/Ajanã sentado do lado esquerdo, o paciente fica sentado do lado direito e o Doutrinador fica em pé na retaguarda do Apará/Ajanã que também são chamados de aparelhos, pois eles incorporam as entidades, que são os espíritos de luz (Pretos Velhos e Caboclos) e também os espíritos de trevas (cobradores e obsessores), cabe ao Doutrinador, orientar o paciente, informar sobre os espíritos de luz que atenderão o paciente e elevar os espíritos de escuridão.

O perfil do doutrinador segundo Oliveira (2013) é majoritariamente do sexo masculino. Os rituais subsequentes ao Trono são: Cura, Mesa Evangélica, Junção, Indução, Cruz do Caminho, Passes, Turigano, Estrela Candente e Quadrante. Os templos de São Lourenço da Mata e Olinda são os únicos em Pernambuco que fazem o ritual de Estrela Candente e na região são os responsáveis pelos rituais de Iniciação e Elevação de Espadas, por isso, que esse templo recebe caravanas vindo de outros estados como Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará, etc.

Uma característica do Vale do Amanhecer é a hierarquização vertical, o médium começa definindo a sua mediunidade, Apará/Ajanã ou Doutrinador, a partir daí ele faz o Emplacamento (primeiro ritual para ser médium do Vale, o médium recebe a fita de Apará/Ajanã ou Doutrinador e passa a usar as vestes brancas), as aulas são realizadas aos domingos.

Após se emplacado, o mestre já começa a trabalhar, apesar de inicialmente os trabalhos estarem limitados ao Trono, Cura e Mesa Evangélica, nesta fase, a indumentária do médium no caso dos homens é formada por uma calça preta e camisa de manga longa branca, enquanto que as mulheres vestem um vestido longo branco, a diferença entre Apará/Ajanã e Doutrinador, reside no símbolo ostentado na fita amarela e roxa (ver figura 14), o símbolo do Apará/Ajanã é um delta tendo no centro um livro aberto, enquanto que o Doutrinador é representado por uma cruz envolta por tecido branco. Após o emplacamento, o médium é submetido ao ritual de iniciação, o mesmo ascende ao primeiro degrau, como iniciado, o mestre recebe o colete (com o mesmo símbolo na fita) de apará/ajanã ou doutrinador, mas continua vestindo branco.

O segundo degrau é Elevação de Espadas, quando o médium usa o colete com o símbolo da mediunidade que é o mesmo símbolo que está na fita; a partir desse grau, os homens passam a usar calça marrom, camisa preta de manga longa e o colete branco com a indicação da mediunidade e as mulheres passam a usar saia longa marrom e camisa preta de manga longa com o colete branco indicando a mediunidade. Após a Elevação de Espadas, o médium pode fazer praticamente todos os trabalhos oferecidos pelos templos em Pernambuco.

O terceiro degrau é a Centúria que permite ao médium participar de todos os trabalhos oferecidos pelos templos de Pernambuco, inclusive Estrela Candente e Quadrante; a Centúria é

realizada nas quintas-feiras, nos templos de São Lourenço e Olinda. Após a Centúria, o médium continua ascendendo na Hierarquia, podendo alcançar o comando em trabalhos, o comando de templos, até chegar ao grau máximo que é o posto de Trino. Só homens com a mediunidade de Doutrinador podem alcançar postos de comando.

Oliveira (2011) classifica o Vale do Amanhecer como uma religião oriunda do movimento Nova Era, que segundo o mesmo, trata-se de um movimento de difícil apreensão e que tem como característica a sensibilização espiritual e alterações no sentido de equilíbrio entre os polos opostos, masculino/feminino por exemplo. Em termos nacionais, temos pouca bibliografia em relação a Nova Era e Vale do Amanhecer. No movimento Nova Era europeu e americano temos o retorno das antigas religiões como Druidas, Wicca e movimentos do oriente. A diferenciação do Vale do Amanhecer, reside na hibridização de entidades das religiões de matiz africana (Candomblé e Umbanda), como caboclos e pretos velhos.

O Vale do Amanhecer, devido ao hibridismo marcado pela dicotomia entre o kardecismo e a umbanda, classifica-se como um movimento da Nova Era Brasileiro ou Nova Era Popular, diferenciando-se dos movimentos Nova Era americano e europeu no tocante à lógica, enquanto americanos e europeus tem como finalidade o aperfeiçoamento do self, a Nova Era Popular tem como finalidade, a busca de respostas as agruras dos sujeitos (Oliveira, 2011).

A construção da tese está baseada no diálogo entre as categorias de hibridismo tomando como base Canline, (1997), gênero na qual o pensamento de Nunes (1985) se encaixa na questão do protagonismo da mulher no Vale, por fim, o multiculturalismo a partir dos conceitos de Touraine (1997). A tese se propõe a descrever o Vale do Amanhecer em seu contexto histórico e nas relações com as religiões que hibridizam como o mesmo, dando ênfase para o catolicismo, kardecismo e umbandismo que exercem uma forte influência, tanto na ritualística, como nos médiuns e pacientes que frequentam.

Para esse fim, a tese *Entre Caboclos, Pretos Velhos e Cores: A Imersão dos Sujeitos no Universo Místico-Religioso do Vale do Amanhecer* de Amurabi Pereira de Oliveira (2011) traz uma abordagem detalhada de documentos, narrativas, histórias, sujeitos, estrutura e disputa de poder para revelar as relações entre o Vale do Amanhecer e as relações sociais e culturais em um Brasil marcado por continuidades e rupturas entre os diversos atores.

Para compreender o universo sagrado e simbólico como conceitos imersos às religiões ligadas a Nova Era, a obra *Pureza e Perigo* de autoria de Mary Douglas (1991) explica a dualidade entre o sagrado e o impuro, e a necessidade de diferenciar estes dois polos antagônicos, essa dualidade é claramente percebida nas grandes religiões monoteístas e pouco percebida nas religiões primitivas, essa obra embasa uma das características do Vale do

Amanhecer, que é a dualidade que permeia as entidades, as relações de gênero, divisão de tarefas entre os médiuns e as relações com as religiões de matriz afro brasileiras.

Tendo como eixo norteador as categorias de hibridismo, multiculturalismo e gênero como categoria secundária para compreensão da realidade estudada, neste percurso podemos ver que o movimento Nova Era também irá auxiliar o estudo, pois o Vale do Amanhecer se encontra no mesmo escopo, neste sentido José Guilherme Cantor Magnani (2000), em *O Brasil da Nova Era* faz uma minuciosa abordagem dos conceitos, da maneira de pensar, agir, das religiões que surgem no bojo do movimento e da ideia de Era de Aquário.

O estudo acerca da origem da fundadora e principal líder carismática do Vale do Amanhecer, Neiva Chaves Zelaya, a Tia Neiva, será embasado nas pesquisas de Bálamo Álvares (1991), *Mensagens de Pai Seta Branca*, uma publicação do Vale do Amanhecer na qual é feito um levantamento bibliográfico sobre a vida da fundadora, que vai desde o seu primeiro casamento, passando pela vida profissional após a perda do primeiro marido até fase de clarividente, quando passa a ter visões de espíritos e da entidade conhecida como Pai Seta Branca e seu casamento com Mario Sassi, quando foi fundado o Vale do Amanhecer em 1969. É impossível a dissociação entre Tia Neiva e o Vale do Amanhecer, devido a pouca produção acadêmica acerca do mesmo tornando-se necessária a busca de obras fora do espaço acadêmico para complementação da pesquisa.

Pesquisar na obra Sérgio Buarque de Holanda (2010), com o título: *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos do Descobrimento e Colonização do Brasil* é de fundamental importância para a compreensão do choque cultural dos primeiros contatos entre europeus e indígenas e como se estabeleceu a hierarquia de poder político, econômico e cultural, e como essa hierarquização perpassou a religião, estabelecendo uma hierarquia, na qual o catolicismo se impunha como a religião dominante e consequentemente como o monopólio de ser a religião do bem, deixando todas as demais religiões como forças ligadas a feitiçaria e práticas do mal e por isso deveriam ser reprimidas.

A obra de Pierre Bourdieu (2004), intitulada *Os Usos Sociais da Ciência: Por uma Sociologia Clínica do Campo Científico*, traz o conceito de campo, na qual o uso do conceito de campo religioso é de suma importância para essa pesquisa, pois o conceito marca autonomia entre os campos, enquanto que os campos autônomos mantêm uma relação de influência dos demais campos, ou seja, como o Vale do Amanhecer influencia os pacientes de outras religiões e como as outras religiões influenciam o Vale do Amanhecer. Outro conceito importante de Bourdieu é o conceito de capital simbólico que será útil no desenvolvimento dessa pesquisa.

Em relação à pesquisa documental sobre o Vale do Amanhecer, encontraremos nas fontes primárias, as Cartas de Tia Neiva, que foram arquivadas e ainda hoje, são de grande utilidade para o levantamento historiográfico do Vale do Amanhecer, bem como para a orientação sobre os procedimentos doutrinários desenvolvidos pelos médiuns. A outra obra que nos serve de apoio é o livro *Leis e Chaves Ritualísticas* escrito por Neiva Chaves Zelaya, que foi útil tanto no levantamento historiográfico como na análise dos rituais do Vale do Amanhecer.

A categoria modernidade, também constitui uma importante fonte para o estudo dos eixos da pesquisa, nesse sentido, a ideia é um diálogo entre Zygmunt Bauman e Antony Giddens através de suas obras, *Modernidade Líquida* e, *As Consequências da Modernidade*, utilizando-se para esse diálogo, os conceitos de fluidez e desencaixe.

No campo pós-moderno a obra *O primado da ciência na modernidade, da tecnologia na pós-modernidade e da ideologia na história da tecnologia* de Paul Forman (2007), servirá de base para uma análise sobre a condição das religiões da Nova Era, se estão no campo da Modernidade ou Pós Modernidade, pois existe divergência acerca desta situação.

Como um dos eixos norteadores, o multiculturalismo, tem uma importante contribuição para a compreensão do hibridismo do Vale do Amanhecer, essa pesquisa encontrou ancoramento na obra, *Iguais e Diferentes: Podemos Viver Juntos*, de Alain Touraine, que apesar de ser considerado por alguns como um nacionalista, em sua obra procura combinar a diversidade das produções culturais, como a difusão dos bens culturais. O autor tem uma visão de que o multiculturalismo não é uma fragmentação cultural sem limites e também que não é um caldeirão cultural mundial, sua visão faz um contraponto interessante sobre o conceito de multiculturalismo.

A categoria hibridismo é complexa, dado ao uso do tema em vários ramos da atividade humana, como por exemplo, no caso da biologia, na qual significa o cruzamento de duas espécies diferentes para formar um novo ser. Existe o conceito de hibridismo em outras áreas, como a cultura. Apesar das complexidades se encaixa melhor do que o sincretismo, porque no caso do Vale não existe espelhamento entre entidades, as entidades das religiões dos quatro continentes são agregadas ao panteão do Vale.

Para nortear o tema hibridismo a contribuição Canclini é importante para o debate acerca do hibridismo no Vale do Amanhecer. Canclini (2006) “lugares de interseção entre o visual e o literário, o culto e o popular”. O Vale é exatamente essa citação, pois os seus rituais englobam essas quatro categorias citadas pelo autor, ou seja, no Vale se encontram o visual, o literário, o culto e o popular, num mosaico de entidades de vários credos presentes em quatro continentes.

Por fim, a categoria gênero é um dos eixos norteadores da pesquisa que pretende analisar a situação da mulher no Vale do Amanhecer e responderá as inquietações nessa temática, através das perguntas: existe opressão de gênero no Vale do Amanhecer? Porque as mulheres não assumem o comando de rituais? As mulheres realmente são maioria entre os médiuns de incorporação?

Nesse sentido utilizaremos os conceitos de Nunes (1985) Vida Religiosa e Gênero, Feminismo e Religião que faz uma análise sobre a questão de gênero no meio religioso. Também tem importância para o debate de gênero, Sandra Duarte e Heleieth Saffioti que relacionam o debate de gênero para a religião.

O objetivo principal desta tese, reside em investigar as práticas religiosas do Vale do Amanhecer, a partir da análise da sua história associando-a a história de Tia Neiva, relacionando o hibridismo transcontinental, ou seja, a recepção de entidades espirituais de várias matrizes religiosa são panteão do Vale e as relações de poder, a partir da percepção dos médiuns (ambos os sexos) acerca da sua hierarquia e a questão de gênero referente a percepção dos médiuns acerca do protagonismo da mulher. O acesso as informações se deram a partir do envio de formulários para os e-mails dos/as médiuns do Templo do Vale do Amanhecer de Olinda, e com base nas respostas, elaboramos as reflexões que apresentaremos neste estudo.

Nessa pesquisa realizamos o esforço de problematizar a questão do hibridismo religioso transcontinental presente no Vale do Amanhecer, será pesquisada a História do Vale do Amanhecer, desde a fundação até os dias atuais, de modo que resulte em um registro histórico e religioso para compreensão das dimensões institucionais. Os rituais serão pesquisados e identificados, estabelecendo as suas diferenças com as religiões hibridizadas, de modo a compor um quadro conceitual específico e singular. Também serão objeto dessa pesquisa, as possíveis perdas de protagonismo das mulheres nas estruturas burocráticas e no comando dos rituais.

Em relação a metodologia, será importante a busca por elementos bibliográficos que norteiem essa pesquisa, pode-se destacar os poucos trabalhos sobre O Vale do Amanhecer que foram produzidos a partir da segunda metade da década de 1970 até o ano de 2015.

A metodologia está alicerçada nas bases teóricas que envolvem a discussão como *conditio sine qua non* para a compreensão das relações da estrutura doutrinária do Vale do Amanhecer, bem como do hibridismo na qual Canclini foi usado como referencial. O hibridismo com várias religiões torna o Vale atrativo para praticantes de outras religiões, por isso é comum à presença de praticantes de vários credos.

O corolário conceitual serve de fundamentação bibliográfica da pesquisa e do trabalho de campo, na qual foram analisados a percepção dos médiuns do Templo de Olinda, acerca das

relações de poder e da situação da mulher, para esse fim foram usados formulários a serem preenchidos via e-mail, esse método foi escolhido para que os médiuns ficassem mais a vontade, para responder as perguntas sem nenhum tipo de pressão. Seguindo a um caminho metodológico fracionado, inicialmente, em duas fases, a conhecer:

1ª fase de trabalho bibliográfico e documental formada por:

Pesquisa bibliográfica – qualitativa, de caráter explicativo e etnográfico, momento inicial da pesquisa, marcado pelo levantamento e leitura de trabalhos etnográficos, teses, dissertações, monografias e livros sobre a doutrina do Vale do Amanhecer, sobre a Nova Era, sobre o multiculturalismo, sobre a pós-modernidade. Acessamos estudo dos (as) teóricos (as) das ciências da religião, dos métodos e técnicas de pesquisa, interpretação da religião na modernidade, interpretação do sincretismo religioso, religiões afro brasileiras e da história das religiões no Brasil para servir de instrumento da pesquisa de campo e que foi a base da escrita desta tese.

2ª fase de trabalho etnográfico:

Pesquisa de Campo – observação de práticas ritualísticas no templo de Olinda e o envio de formulários para os e-mails de 100 médiuns, sendo eles: 60 médiuns de ambos os sexos formados por médiuns de intermediação (Doutrinadores) e de incorporação (Aparás/Ajanas) e 40 médiuns do sexo feminino (Doutrinadoras e Aparás). Estes formulários servirão para identificar a percepção dos médiuns acerca do jogo de poder e as relações de gênero dentro do Vale do Amanhecer.

Para o aprofundamento das reflexões indicadas acima, esta tese será organizada em de 4 capítulos. O primeiro capítulo busca analisar, partindo de fragmentos, o sagrado no Vale do Amanhecer, analisando também a história de Tia Neiva, médium fundadora do Vale do Amanhecer.

A compreensão da *New Age* tem como base quatro pontos distintos: a confluência entre o Oriente e o Ocidente (Campbel, 1977); a modernidade; o multiculturalismo; o pluralismo religioso. Campbel explica a orientalização do ocidente, a partir do interesse da civilização ocidental por produtos materiais e imateriais do Oriente, esse interesse vai de produtos como tapetes, seda, temperos, bem como produtos imateriais que vão de artes marciais (judô, karatê, kung fu) a religiões como Budismo, Hinduísmo e Hare Krishna, ou partes das religiões orientais que são sincretizadas ou hibridizadas pelas religiões da *New Age*, caracterizadas pela fragmentação e sendo impossível observar um centro regente, pois tem como característica um grande conjunto de manifestações.

Essas religiões ganharam espaço no Distrito Federal que sempre teve uma relação próxima com essas religiões desde as visões que mostravam Brasília com um dos locais atratores de religiões imbricadas com misticismos e promessas de sobrevivência ao “fim do mundo”.

Entendemos ser a Nova Era um movimento qualificado como polinuclear, não nos sendo possível detectar nele um centro reitor, considerada a diversidade e a amplitude de suas manifestações. Na capital federal, nosso campo histórico-etnográfico privilegiado, destaca-se o fato de que parcela representativa de novas religiosidades e de denominações religiosas se fez representar e conquistou visibilidade social paralelamente à afirmação do sonho desenvolvimentista e da urbanização no Brasil. E por que não afirmar, também, do movimento batizado por alguns sociólogos como de reencantamento do mundo? (Superintendência do Iphan no Distrito Federal, 2010, n/p).

A modernidade é a transformação da sociedade ocidental a partir do Renascimento Cultural, Reforma Protestante e Revoluções Burguesas que transformaram a sociedade ocidental, baseando a sociedade na razão, tecnologia e urbanismo, podemos encontrar que Giddens, 1991 vê a modernidade como aberta ao progresso, em contraposição ao período medieval tradicionalista e conservador, Essa abertura da modernidade possibilitou a criação de espaços para novas religiões ou a volta de antigas religiões, isso é a base do movimento *New Age*. O multiculturalismo é fenômeno da modernidade que perfaz a inter-relação de culturas distintas em um mesmo espaço geográfico, essa mistura cultural possibilita a sincretização/hibridização de elementos de várias religiões nas religiões da *New Age*, o pluralismo religioso também possibilita um espaço para o surgimento e expansão de novas religiões.

A *New Age* [Nova Era] é um resultado lógico do processo de secularização, ainda que isso pareça paradoxal. Com efeito, a secularização desvestiu a sociedade do uniforme da religião dominante, no caso do Brasil, do catolicismo. Então as pessoas começam a coser sua roupa religiosa própria com retalhos tirados das mais diversas tradições religiosas, criando assim para si uma túnica religiosa única, original, ampliando o pluralismo. É a religião invisível no sentido institucional, mas que responde aos interesses pessoais. Dessa forma, a secularização, que demitiu a religião oficial de seu governo, gerou milhares de experiências religiosas em todos os rincões. É esse clima que vivemos.?, (IPHAN, 2010, n/p).

A heterogeneidade é uma das marcas do movimento *New Age*, pois tal movimento engloba doutrinas e práticas religiosas e não religiosas, esse elemento não religioso acontece no Vale do Amanhecer através de espaço naves e ufologia, bem como elementos do livro *Os Exilados de Capela*.

A supremacia da modernidade, a era áurea da Ilustração, do racional hegemônico, da univocidade secularizadora: todos esses protocolos ocidentais pareceram não se apresentar capazes de sujeitar a aspiração humana de habitar mundos imaginados, estes que se fazem constituidores e difusores de sentidos. Progressivo

investimento e poder de significação granjeado pelos indivíduos frente ao ocaso da modernidade. (IPHAN, 2010, n/p).

As visões mediúnicas de Tia Neiva, visões de Pai Seta Branca, indígena do altiplano boliviano que seria a reencarnação de São Francisco de Assis. À história do Vale do Amanhecer começou na década de 1950, em Taguatinga-DF. As visões de Tia Neiva sobre as previsões de Pai Seta Branca sobre o terceiro milênio e a Era de Aquário, possibilita enxergar as características da *New Age* sobre este credo, pois as visões em geral, se referiam a chegada do Novo Milênio e que a humanidade tinha que ser preparada para essa chegada. O texto presente na introdução do artigo de Amurabi Oliveira, intitulado O Apara e Seu Corpo. “[...] compartilhando alguns pressupostos, como a ideia de que estamos entrando em um novo tempo, marcado por profundas alterações [...]” (Oliveira, 2014). Mostra a relação do Vale do Amanhecer como a *New Age*, a partir da ideia da preparação da humanidade para o Novo Milênio.

O segundo capítulo está organizado pelos seguintes tópicos: Breve História do Vale do Amanhecer; A Origem do Templo Mãe e Cidade do Amanhecer; O Crescimento do Vale do Amanhecer em Pernambuco; Fragmentos Intercontinentais dos Rituais do Vale do Amanhecer a partir da minha experiência como Doutrinador; Fragmentos do Sagrado no Vale do Amanhecer.

Na visão de Oliveira (2011) a vida de Tia Neiva se encaixa perfeitamente na narrativa da mulher empoderada do século XXI, uma mulher à frente de seu tempo. Nascida em família católica, seguiu a vida das mulheres de sua época, católica praticante, casou-se aos 18 anos com Raul Zelaya Alonso, com quem teve quatro filhos, Gilberto, Carmem Lúcia, Raul e Vera Lúcia. Ficou viúva aos 22 anos e teve que trabalhar para sustentar seus filhos, trabalhou como caminhoneira (sendo a primeira mulher no Brasil a obter habilitação para dirigir caminhões), motorista de ônibus urbano, dentre outros empregos.

Em 1957 recebeu o convite para ir trabalhar na futura capital federal, aceitou o convite e mudou-se com os quatro filhos para juntar-se aos candangos. A grande mudança na sua vida ocorreu aos 33 anos, quando ela começou a clarividência (ver e ouvir espíritos), procurou ajuda na Igreja Católica e na psiquiatria, não obtendo resultados, se aproximou do espiritismo, onde conheceu Mãe Neném e juntas fundaram a União Espiritualista Seta Branca (UESB).

A parceria durou cinco anos, em 1964 Tia Neiva se afastou de Mãe Neném e a UESB foi desfeita, Tia Neiva fundou em Tabatinga a OSOEC (Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã). Em 1965, Tia Neiva se casa com Mário Sassi e quatro anos depois fundou o Vale do Amanhecer em Taguatinga-DF, posteriormente mudou para Planaltina-DF. A união entre Tia

Neiva e Mário Sassi é a chave para entender a lógica binária do Vale, Tia Neiva cuidava da parte espiritual e enquanto Mário Sassi cuidava da organização e da parte burocrática da doutrina (como os adeptos se referem aos postulados da religião).

Os homens são chamados de Jaguar e as mulheres de Ninfas, Aparás/Ajanês como médiuns de incorporação se aproximam da Umbanda enquanto que os Doutrinadores (médiuns de intermediação) se aproximam do Kardecismo, essa é a lógica binária do Vale do Amanhecer.

O terceiro capítulo trata a questão do poder no Vale do Amanhecer, procuramos analisar o conceito de poder em sua dimensão política e religiosa, dando ênfase a questão do micro poder, pois o mesmo se encaixa na questão investigada, levantamos, ainda, a hierarquia no Vale do Amanhecer e como é a percepção das relações de poder.

Tomamos Foucault (1992b) como base para a análise da questão do micro poder e trabalhamos com autores como Hobbes (2003), Locke (1998), Maquiavel (2004) de forma de possibilitar uma compreensão geral da visão sobre política e poder como forma de entender da análise específica acerca do poder e da percepção de poder no Vale do Amanhecer. O tratamento dos dados que resultaram em dados estatísticos, mostra a partir das respostas dos médiuns, a materialização do micro poder e dos conceitos defendidos pelos autores citados acima.

Analisamos especificamente a questão do micro poder como relatado anteriormente, iremos analisar o micro poder e seus desdobramentos, na família, dada a importância da família para a religião, já que o objeto dessa pesquisa é a religião do Vale do Amanhecer, analisaremos a estrutura de poder e a hierarquia no Vale do Amanhecer e por fim, iremos discorrer sobre a percepção dos médiuns sobre essas relações no âmbito Vale do Amanhecer.

Neste capítulo também será analisado o poder político no Vale do Amanhecer a partir da percepção das estruturas hierárquicas pelos médiuns, utilizando formulário enviado ao e-mail dos médiuns, a amostragem foi obtida com os médiuns do Templo Parlo de Olinda, a partir das respostas foram construídos gráficos acerca das respostas que possibilitarão análise da percepção dos médiuns sobre a estrutura hierárquica do Vale do Amanhecer.

No capítulo 4 analisamos o protagonismo da mulher no Vale do Amanhecer, trabalhamos a questão da luta pela igualdade entre homens e mulheres, a partir do pensamento de autoras feministas como: Simone de Beauvoir (2016), Betty Friedan, (1971) bell hooks (2019) (o nome é citado em minúsculo por opção da autora, como forma de protesto a situação das mulheres na sociedade ocidental), Ângela Davis (2017), Judith Butler (1993), iremos discorrer sobre o pensamento das autoras sobre o feminismo, encontramos uma diversidade de pensamentos sobre o feminismo, que vão do movimento feminista de segunda onda, passando pelo feminismo negro e a teoria Queer. A apresentação das autoras procura explicar a diversidade e complexibilidade

do pensamento feminista e como as questões gerais do feminismo se articulam com a pesquisa de campo, as respostas obtidas mostram a inquietação das ninfas acerca da situação das mulheres no Vale.

Neste capítulo também iremos analisar a história do feminismo a partir dos movimentos feministas de primeira, segunda e terceira onda, para chegar ao feminismo de quarta onda ou feminismo contemporâneo, considerando que não existe consenso entre as autoras e autores, acerca da nomenclatura da quarta onda. Essa reflexão nos ajudará a entender como no passado a Tia Neiva, assumiu uma postura como protagonista da sua história, contribuindo, assim, para a construção de um espaço que atende todas as pessoas.

Nos tópicos específicos sobre a mulher no Vale do Amanhecer, iremos analisar a questão da manutenção do protagonismo da mulher durante o período de 1969 a 1985, quando Tia Neiva esteve à frente do comando do Vale e a perda de protagonismo das mulheres após a sua morte, iremos trabalhar com a percepção da mulher acerca de seu papel na doutrina do Vale do Amanhecer.

No capítulo 4 que versa sobre o protagonismo da mulher no Vale do Amanhecer será analisado a percepção das Ninfas acerca do protagonismo (ou da perda de protagonismo) da mulher, utilizando formulário enviado ao e-mail das médiuns, a amostragem será obtida com as médiuns do Templo Parlo de Olinda a partir das respostas foram construídos gráficos acerca das respostas que possibilitaram análise da percepção das médiuns sobre o protagonismo da mulher.

A análise dos dados possibilitou algumas considerações que foram analisadas na conclusão da referida tese, onde as respostas aos formulários apresentaram algumas contradições interessantes que revelam algumas respostas implícitas que vão em sentido oposto nas respostas fornecidas.

As contribuições dessa tese possibilitarão reflexões acerca dos lugares ocupados por homens e mulheres no Vale, podendo vir a orientar a construção de caminhos que visem a superação da hierarquia e da presença efetiva das mulheres nos rituais como nos tempos da Tia Neiva. O estudo também fortalecerá a ideia da religião praticada no Vale como transcontinental e híbrida.

CAPÍTULO 1 - FRAGMENTOS DO SAGRADO, HISTÓRIA E RITOS TRANSCONTINENTAIS NO VALE DO AMANHECER.

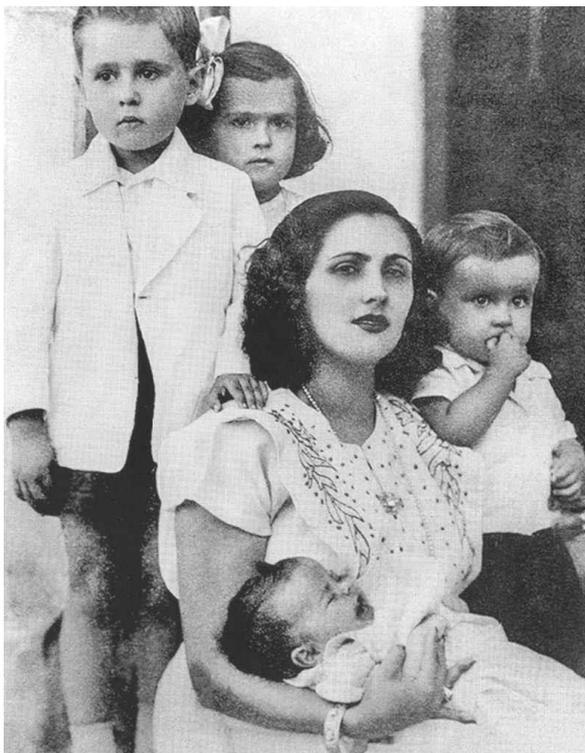
O referido capítulo procura através dos fragmentos dos credos presentes em quatro continentes, explorar a história e os ritos do Vale, pois a formação da religião é um mosaico formado a partir de várias religiões presentes nos continentes da África, Ásia, América e Europa. Os fragmentos são uma constante, seja no panteão, seja nos rituais. Este capítulo busca mostrar como os fragmentos de quatro continentes formam o mosaico chamado Vale do Amanhecer. E como esse mosaico formado a partir de fragmentos, formaram uma nova religião, com características e ritos originais.

1.1 BREVE DA HISTÓRIA DO VALE DO AMANHECER

Da década de 1950 até a década de 1980, a história do Vale do Amanhecer esteve atrelada a história pessoal de sua fundadora e líder carismática. A vida de Tia Neiva foi bastante agitada para uma mulher no século 20, nasceu em Sergipe e mudou-se para Goiás após o primeiro casamento com Raul Zelaya Alonso. Posteriormente, com o início da construção de Brasília, migrou para a futura capital federal. Após a morte do seu marido, trabalhou como caminhoneira e como motorista de ônibus urbano.

A fotografia abaixo mostra a importância da família Zelaya para o Vale do Amanhecer, pois a fundadora e líder foi decisiva para a existência da religião, após a sua morte, a mesma foi elevada à categoria de entidade espiritual, conhecida como Koatay 108, é uma das principais líderes espirituais do Vale. Seus filhos, em especial Gilberto Zelaya assumem o comando da religião até os dias atuais, apesar de não terem o carisma da mãe, mantêm o comando e também foram responsáveis pela burocratização/sistematização e expansão da religião em território brasileiro e estrangeiro, transformando a Vale em uma religião presente em três continentes. A fotografia abaixo é mais um fragmento no mosaico do Vale do amanhecer.

Figura 1 - Fotografia de Tia Neiva com seus filhos.



Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/03/23/interna_cidadesdf,835578/um-sonho-comecou-o-vale-do-amanhecer.shtml. Acessado em 17/12/2022.

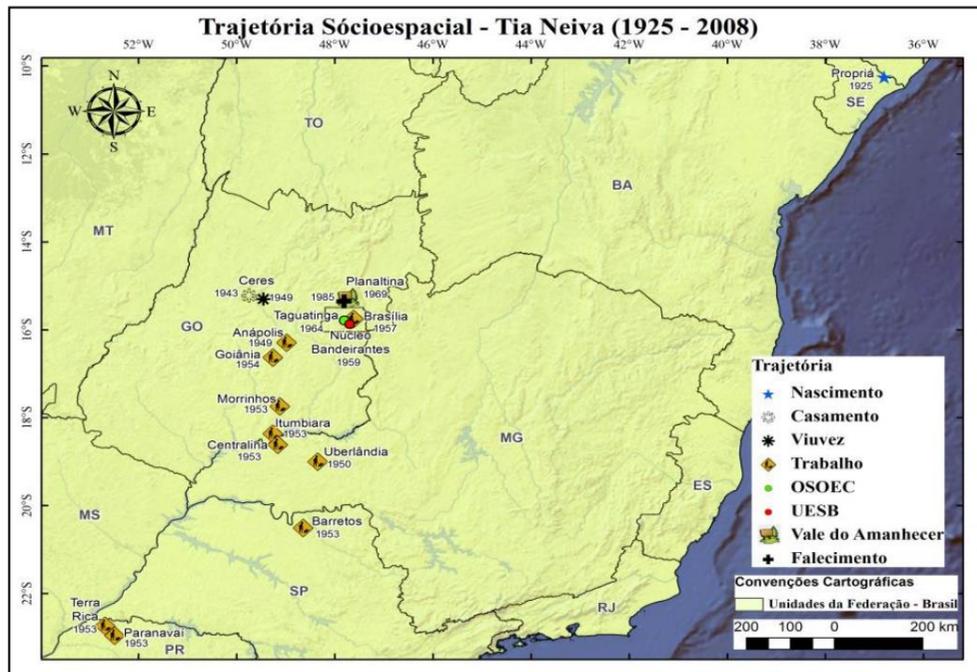
As experiências sociais e as vivências que Tia Neiva experimentou ao longo de seus 33 anos de vida, foram decisivos na formação do espaço territorial do Vale do Amanhecer. Cerqueira (2010) define a ideia de formação territorial com base na vivência de uma pessoa que se configura como liderança carismática de determinado movimento, como no caso da relação entre as experiências pessoais de Tia Neiva com o Vale do Amanhecer. Para o autor a trajetória socioespacial envolve a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade e uma espacialidade que não possuem uma constituição linear ou contínua. (Cerqueira, 2010).

Arantes (2014) tomando como base o trabalho de Reis (2008), mostra o mapa da representação espacial cartográfica de Tia Neiva, a partir de suas vivências e das entrevistas com alguns de seus parentes e de médiuns do Vale do Amanhecer.

O mapa abaixo mostra a trajetória socioespacial de Tia Neiva concentradas no estado de Goiás e Distrito Federal, que são os locais onde estão presentes a maioria de suas atividades profissionais, espirituais e pessoais com destaque para suas atividades na União Espiritualista Seta Branca e a fundação do Vale do Amanhecer.

As atividades relacionadas ao trabalho estão presentes em Minas Gerais e São Paulo e o estado de Sergipe aparece como o local de nascimento. É interessante notar que a representação cartográfica de Tia Neiva, leva a mesma, primeiro para o Planalto Central, quando a família mudou de Propriá - SE para Jaraguá-GO.

Figura 2 - Mapa socioespacial de Tia Neiva.



Fonte: Arantes (2014)

Tia Neiva nasceu na cidade de Propriá no estado de Sergipe em 30 de outubro de 1925, filha de Antônio Medeiros Chaves e Maria de Lourdes Seixas Chaves. A família deixou Sergipe e foi residir na cidade de Jaraguá em Goiás no Planalto Central, atual sede do Vale do Amanhecer. Nascida em família católica, Tia Neiva teve seus primeiros contatos com o mundo espiritual dentro da Igreja Católica. A fotografia abaixo é uma das raras imagens da médium em sua infância, constituindo-se mais um fragmento da história da líder carismática. A liderança carismática pode ser encaixada em relação a Tia Neiva observando-se algumas situações, porém algumas características podem ser usadas, como: devoção a um indivíduo de qualidades exemplares; poder de persuasão; e a visão que o líder é uma pessoa excepcional. Nesse ponto, ela pode ser vista como uma líder carismática, inclusive no fato de não ter deixado sucessores, característica dos líderes carismáticos. “O princípio de legitimidade de caráter carismático repousa na devoção extracoditiana na santidade, no poder heroico ou no caráter exemplar de uma pessoa e dos ordenamentos por esta revelados ou criados” (Weber, 2013, p. 453).

Figura 3 - fotografia de Tia Neiva aos 7 anos.



Fonte: Reis (2008)

Na casa onde Tia Neiva morou, chamada “casa grande”, existe um cartão de natal do Papa João Paulo II segundo Arantes (2014) onde ele reconhece que o trabalho espiritual realizado no templo do Vale do Amanhecer é algo positivo para o Vale, que começava seus trabalhos em um país majoritariamente católico. Esse “aceno” do Papa ajudava a manter o ambiente pacificado pelos católicos. Outro fato importante para a difusão da imagem do Vale e de sua líder foram uma série de programas do Fantástico sobre a religião originada no Brasil.

Após a morte do primeiro marido e com quatro filhos para sustentar, Tia Neiva passou por profissões como fotógrafa, costureira e se aventurou em profissões que eram exclusividade masculina (nos anos 1950) como caminhoneira (ver foto abaixo) e motorista de ônibus urbano. Mulher viúva, com quatro filhos, mostrava uma imagem de uma mulher forte e independente, postura não reconhecida e permitida (a sociedade brasileira na década de 1950 não admitia a participação das mulheres em atividades laborais) às mulheres da época, apesar do movimento feminista ter conseguido algumas vitórias, como o direito das mulheres ao voto, garantidos pela Constituição de 1934 e consagrado nas Constituições de 1937, 1946, 1967, 1969 e 1988.

Figura 4 - Fotografia de Tia Neiva Caminhoneira.



Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/03/23/interna_cidadesdf,835578/um-sonho-comecou-o-vale-do-amanhecer.shtml. Acessado em 17/12/2022

Foi nesse momento, quando já estava na condição de viúva, passando por diversas profissões, que Tia Neiva recebeu um convite de Bernardo Sayão, amigo de seu falecido marido, para trabalhar na construção da futura capital do Brasil. Ela passou a trabalhar na Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP como motorista, na função de transportar os trabalhadores chamados de candangos para as obras da nova capital. Vemos aqui a chegada de Tia Neiva em Planaltina, cidade satélite de Brasília-DF. O Planalto Central e Brasília-DF é considerado área mística para várias religiões da *New Age*, dentre elas o Vale do Amanhecer. É interessante a interface entre a vida material e espiritual de Tia Neiva e o surgimento do Vale do Amanhecer. Passaremos agora a apresentar a dimensão espiritual da vida de Tia Neiva.

Aos 33 anos a mediunidade começou a aflorar, esse acontecimento foi decisivo para a vida espiritual de Tia Neiva que a partir teve influência sobre os demais aspectos da vida da médium. Segundo Oliveira (2015) Tia Neiva começou a ter visões, sem entender a sua mediunidade, procurou ajuda na Igreja Católica e na medicina, como nenhum dos consultados resolveram o seu problema, então ela procurou o espiritismo kardecista, onde passou a entender o que lhe acontecia. Nos encontros kardecistas, conheceu a médium Mãe Neném e ambas fundaram a União Espiritualista Pai Seta Branca, doravante denominada UESB.

A entidade Pai Seta Branca foi um indígena que viveu no altiplano boliviano e que foi a reencarnação de São Francisco de Assis. Pai Seta Branca foi levado pela líder e fundadora ao Vale do Amanhecer, isso não é algo incomum, no islamismo temos a recepção da Kaaba (divindade da religião politeísta árabe) pelo islamismo.

O texto produzido pelo Iphan (2010) mostra como o panteão do Vale foi formado a partir da reunião de várias entidades espirituais de diversos credos sob a liderança espiritual de Pai Seta Branca.

Tratam-se de personagens os mais diversos, representados nas roupagens de índios, pretos-velhos, sereias, médicos, ciganos, cavaleiros. Enfim, de origens culturais as mais diversas. Formam, sob a égide de um líder, o Espírito de Pai Seta Branca, um grupo organizado e com funções distribuídas, que tem por finalidade a manutenção e a assistência espiritual da Doutrina. (IPHAN, 2010, p. 18)

A associação entre Tia Neiva e Mãe Neném durou de 1959 até 1964, quando houve a separação entre as duas médiuns. Pai Seta Branca é a principal entidade do Vale do Amanhecer, estando abaixo de Deus e Jesus Cristo. Tia Neiva recebeu seu treinamento pelo monge Humarã no Tibet, recebeu o nome de Koatai 108, por ser conhecedora dos 108 mantras dos planos espirituais (Oliveira, 2015).

De acordo com Sassi (1979), a gênese da UESB está numa comunidade que funcionou na Serra do Ouro, próximo à cidade de Alexânia, Goiás. Aqueles foram os primeiros anos da vida missionária de Neiva Zelaya. A referida comunidade contava com um corpo mediúnico restrito e instalações bastante precárias. De acordo com Sassi (1979, p. 17) “na UESB, no plano físico, o que existia era apenas um grupo de médiuns atendendo pessoas doentes e angustiadas, tendo sempre à frente a figura de Tia Neiva. Havia um templo iniciático e algumas construções rústicas, tudo feito em madeira e palha. A princípio os adeptos chamavam sua líder de Irmã Neiva. Para dar início à obra de Pai Seta Branca a mesma contou com a ajuda de Mãe Neném, uma kardecista que foi fundamental nos primeiros anos de desenvolvimento de sua mediunidade. Elas romperam a parceria em 1964, pois ambas possuíam diferentes objetivos religiosos (Lima, p. 99, 2019).

A citação acima de Lima (2019) mostra a importância da UESB e da Mãe Neném para a formação espiritual de Tia Neiva. O legado da instituição e o aprendizado com mãe Neném foram decisivos no caráter iniciático (sentido de iniciação, mudança) e na missão de cura espiritual, através dos diversos rituais os quais são receitados ao paciente pelos caboclos e pretos velhos no ritual do trono, esses ritos ocorriam nas humildes instalações da UESB.

Segundo Oliveira (2015) Tia Neiva mudou-se para Taguatinga-DF, onde fundou as Ordens Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC), um grupo espírita de caridade e obras sociais. Entre os médiuns, a Ordem era conhecida como União Espiritualista Seta Branca e que nos planos espirituais, era conhecida como Corrente Indiana do Espaço. É importante destacar que os termos Koatai 108 e Corrente Indiana do Espaço são utilizados nos mantras do Vale do Amanhecer até os dias atuais.

A fotografia mostra a casa de Tia Neiva, que tinha o mesmo estilo das primeiras instalações do Vale do Amanhecer no Distrito Federal (novamente a história de Tia Neiva e do Vale do Amanhecer entrelaçando-se). Os imóveis de madeira e chão de barro remetem ao

modelo de instalações da UESB e da OSOEC. A medida que o Vale vai crescendo, essas instalações humildes e improvisadas vão sendo substituídas por templos de alvenaria com o layout atual, porém a humildade ainda é visível no comportamento dos médiuns do Vale, um legado do início da religião.

Figura 5 - Tia Neiva em sua casa no Vale do Amanhecer.



Fonte: Arantes (2014)

Após problemas com o terreno em Taguatinga-DF, Tia Neiva se mudou para Planaltina-DF onde, junto com seu segundo marido, Mário Sassi fundou o Vale do Amanhecer. Ela comandou os rituais enquanto que Mário Sassi comandava a parte doutrinária do Vale do Amanhecer, essa dualidade também é observável nos dois tipos de médiuns presentes no Vale do Amanhecer, os Doutrinadores (que usam o colete com a Santa Cruz vazia) e os Aparás/Ajanãs (que usam o colete com o triângulo e um livro aberto), enquanto os Doutrinadores fazem a intermediação entre as entidades espirituais e os médiuns de incorporação, que são os Ajanãs (homens) e Aparás (mulheres), estes médiuns tem a função de incorporar as entidades espirituais. O Vale do Amanhecer nos anos de 1964/1985 foi organizado e sistematizado por Tia Neiva, que ordenou a hierarquia conforme Reis (2008).

A questão hierárquica no Vale do Amanhecer é de causar desassossego ao estudioso. Mesmo o adepto, muitas vezes, desconhece o escalonamento hierárquico do qual é sujeito e com o qual está comprometido. A hierarquia, antes de tudo, compete-nos frisar, foi estruturada, pela própria Tia Neiva. Era ela, segundo aqueles que privaram do contato diário com a Clarividente, a única responsável pela indicação dos médiuns que deveriam ocupar posições

hierárquicas mais ou menos destacadas. Afirmava estar, a Clarividente, a exemplo de como agia na condução do erguimento das construções sagradas e na definição dos rituais, orientada pela Espiritualidade Maio (IPHAN, p. 92, 2010).

Figura 6 - Fotografia de Tia Neiva com Jaguares e Ninfas.



Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/03/23/interna_cidadesdf,835578/um-sonho-comecou-o-vale-do-amanhecer.shtml. Acessado em 17/12/2022

Tia Neiva comandou o Vale do Amanhecer até 1985 quando veio a falecer. A sucessão passou para seus adeptos, seu filho e seu segundo marido, Mário Sassi, que ficaram conhecidos como trinos, onde, Mário Sassi ficou conhecido como Trino Tumuchy; Gilberto Chaves Zeláia conhecido como Trino Ajarã; Nestor Sabatovicz conhecido como Trino Arakém e Michel Hanna conhecido como Trino Sumanã (Oliveira, 2015).

Tia Neiva pode ser classificada como liderança carismática dentro do conceito de Max Weber. “[...] baseada na devoção a um específico e excepcional ato de heroísmo, ou a um carácter exemplar de uma pessoa, o que lhe legitima a autoridade” (Weber, 2020, p 191).

Isso se dá atualmente, em um tempo em que as decisões doutrinárias são tomadas, como observa Oliveira, por uma liderança burocrática, por médiuns denominados Trinos Triada Presidente. Importante oportunizar: Trinos responsáveis por perpetuar o movimento na sua originalidade de princípios e ações, mas incapazes de exercer a liderança carismática, na estrita acepção weberiana do termo, naturalmente observada na condução dada por Tia Neiva ao movimento. Ela, que normalmente não sofria de censuras diretas, legitimada que era por sua “relação imediata com os planos espirituais” e desfrutando de crédito ilimitado diante do corpo de médiuns sobre o qual exercia sua liderança, apontava este ou aquele Jaguar para desempenhar funções de maior ou menor evidência dentro da Doutrina. Segundo os médiuns veteranos, plenos de saudosismo de sua líder: “tempos idos...”. A arregimentação de novos adeptos (IPHAN, 2010, p. 93).

O recorte acima mostra a complicada passagem da liderança carismática para liderança burocrática. Tia Neiva exercia liderança absoluta calcada na sua condição de médium e na sua força junto a espiritualidade, em virtude disso, era a médium que decidia quem exerceria a liderança em determinados rituais e não era questionada, dada a sua força e carisma. É importante enfatizar que o líder carismático não deixa sucessores.

Os Trinos não tinham o carisma da fundadora, passam a exercer a chamada liderança técnico racional, ou seja, se prendem a burocracia a estrutura hierárquica do Vale. De acordo com Oliveira (2015) atualmente o Vale do Amanhecer tem mais de 600 templos espalhados pelo Brasil e presença em sete países. Em Pernambuco o Vale tem os Templos de Tejipió, Dois Irmãos, Olinda, São Lourenço da Mata, Garanhuns e pequenos templos conhecidos como hospitais em vários municípios.

Figura 7 - Fotografia da entrada do Templo de Olinda



Fonte: Arantes (2014)

A fotografia acima mostra o layout dos templos do Vale, atrás está a entrada do templo, observamos o portal que liga o mundo real ao mundo espiritual e as bancadas com os símbolos dos doutrinadores e dos aparás/ajanês. No exterior, a presença do Vale do Amanhecer se destaca em Portugal e Estados Unidos. Em Portugal tem dez templos, nos Estados Unidos tem templos em Atlanta e New Jersey. A presença do Vale no exterior é de grande importância para a expansão da doutrina para o mundo.

A presença do Vale do Amanhecer se destaca em Portugal e Estados Unidos. Em Portugal tem dez templos, nos Estados Unidos tem templos em Atlanta e New Jersey. A presença do Vale no exterior é de grande importância para a expansão da doutrina para o mundo. A imagem abaixo é do brasão do Vale do amanhecer em Boston nos Estados Unidos, é interessante

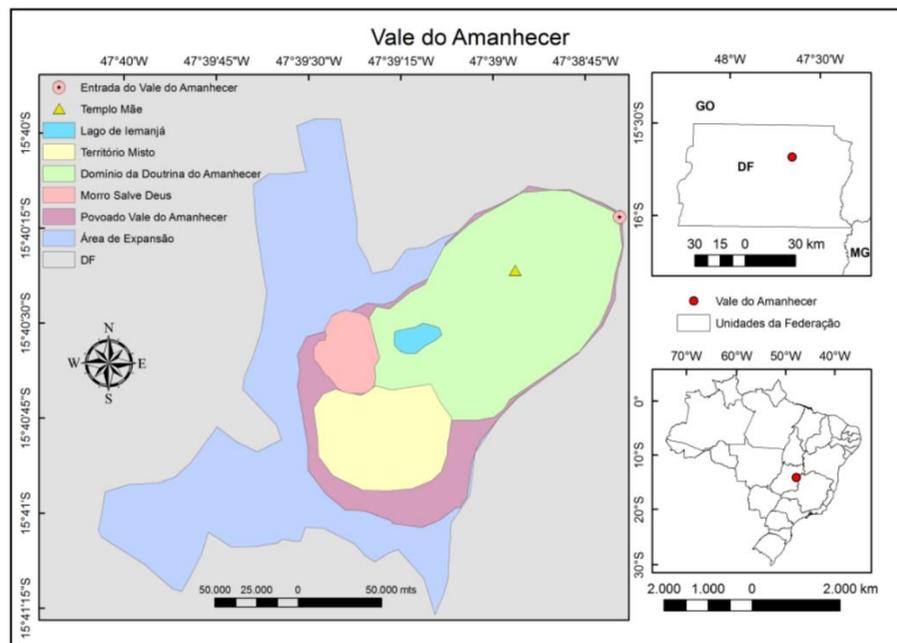
observar como a religião se adapta a cultura local, através da inserção da bandeira americana junto aos símbolos do Vale.

Figura 8 - Imagem do Brasão do Templo Arajã do Amanhecer



Fonte: <https://www.facebook.com/people/Templo-Araj%C3%A3-do-Amanhecer/100080187180696/> - último acesso em 05/01/2023

Figura 9 - Layout da Ocupação do Vale do Amanhecer em Planaltina.



Fonte: Arantes (2014)

Para melhor compreensão da estrutura física do Vale do Amanhecer a planta acima, referente ao layout do Templo Mãe de Planaltina-DE que serve como modelo, pois os templos do Vale do Amanhecer no Brasil e exterior, sempre que possível seguem o layout acima com essas distribuições, conforme figura 9, o terreno tem o templo, o lago e o espaço para o ritual da Estrela Candente. Os templos são construídos em área de florestas ou matas. A parte elevada é utilizada para o morro Salve Deus. Em Pernambuco os templos de Dois Irmãos, São Lourenço da Mata e Olinda (os três maiores templos do estado) seguem o layout.

Apesar dos problemas de ocupações irregulares na Cidade do Amanhecer, podemos observar no mapa acima, a simetria e organização na ocupação espacial em Planaltina-DF, onde os domínios da Doutrina do Amanhecer (em verde), o Lago de Iemanjá (em azul) e Morro Salve Deus (em rosa) formam o núcleo religioso que ocupa a posição central no mapa, enquanto que o núcleo urbano (em roxo) cresce contornando o núcleo religioso, mostrando a formação territorial da região como sendo consequência do espaço religioso, havendo uma grande área em azul, reservada para expansão territorial.

Em relação a localização, o Vale do Amanhecer fica situado a 6 km do centro de Planaltina – DF, o terreno tem um formato triangular, e tem aproximadamente um milhão de quilômetros quadrados. O acesso se dá através da rodovia distrital DF 130. No terreno encontra-se a confluência de três córregos, sendo Pipirapau, Coatis e Mestre D’Armas (esse último com o nome da fazenda que foi desapropriada no quadrilátero em favor do Vale e que foi ocupada inicialmente legalmente e posteriormente ilegalmente, dando origem a Cidade do Amanhecer). Esses córregos vão formar o Rio São Bartolomeu (IPHAN, 2010).

Geograficamente, não podemos concluir ser exatamente o terreno onde se inscreve o espaço sagrado do Amanhecer um “vale”, como faz sugerir seu nome. De fato, se analisado topograficamente, assemelha-se muito mais a uma área de planície pontilhada por algumas elevações, com destaque para as colinas cobertas com vegetação rasteira, das quais a mais conhecida e bastante representativa dentro do espaço sagrado leva o nome de “Morro Salve Deus”, espécie de pano de fundo natural do Solar dos Médiuns, local onde se processa, a céu aberto, um dos ritos de maior impacto para aqueles que, pela primeira vez, visitam o Vale: o trabalho ritualístico de Estrela Candente (IPHAN, 2010, p. 89).

A citação acima coloca uma situação interessante, acerca da origem do nome da religião. Se o nome teria uma relação com o terreno, um vale, ou se teria relação com o amanhecer em um vale. Porém, a citação acima alerta não ser conclusiva essa ideia, além do vale ou planície como observa a citação, o terreno é composto de elevações e matas, originando o Morro Salve Deus e a Mata dos Caboclos e Pretos e Pretas Velhas, formando o layout padrão dos Templos.

Figura 10 - Fotografia do Morro Salve Deus e Lago de Iemanjá



Fonte: Arantes (2014)

A fotografia acima mostra um padrão comum em todos os templos, observamos duas ninfas caminhando, atrás vemos o Morro Salve Deus, comum a todos os templos, podemos observar o lago onde é realizado o ritual do Quadrante, tem o sol com o símbolo do Doutrinador e ao lado, a imagem de Iemanjá, completando o quadro, tem as imagens das princesas que não apareceram na fotografia.

Nos anos iniciais da ocupação do Vale do Amanhecer em Planaltina-DF, os serviços públicos eram precários, só havia um serviço de telefonia, rede elétrica precária, abastecimento de água ineficiente e transporte precário, atualmente os serviços públicos melhoraram, com transporte público regular, abastecimento de água que garante água encanada a todos, rede de esgoto e pluvial, além dos serviços privados como mercados, restaurantes, pousadas, lojas de roupas, etc.

A ocupação da cidade do Amanhecer formou um contingente eleitoral que atrai a atenção dos políticos e possibilita o atendimento de pleitos, além do bom relacionamento entre as lideranças do Vale do Amanhecer e os governos local e federal, situação essa que vem desde a época de Tia Neiva. Apesar dos avanços, ainda existem demandas a serem atendidas.

Mesmo assim, há ressalvas importantes colocadas pelos moradores. Reivindicações que começam pela necessidade de reforço do policiamento, passam pela falta de um Centro Educacional capaz de abrigar a demanda de alunos em idade escolar do Ensino Médio e desembocam na persistente carência de uma estrutura de serviços vinculados ao setor de saúde. Dificuldades essas que afetam especialmente a localidade denominada Vila Pacheco, contígua às áreas em que se inscrevem os espaços sagrados do Vale do Amanhecer (IPHAN, 2010 p. 91).

Um exemplo dos problemas do Vale do Amanhecer, diz respeito à segurança pública, que é um problema nacional. Os roubos e furtos que passaram a ocorrer com frequência em 2014, chegaram a afetar os rituais. Isso levou a pedidos de reforço que foram atendidos pelo Governo do Distrito Federal, doravante GDF, pois o Vale do Amanhecer é considerado pelo GDF como um polo de atração turística dado o grande volume de pessoas de fora do Distrito Federal que visitam o Templo Mãe, inclusive pessoas de outros países.

Quando o sino toca, três vezes ao dia, é o momento do encontro no Solar dos Médiuns, no Vale do Amanhecer. O complexo religioso erguido em Planaltina, ao lado do Morro da Capelinha, recebe pessoas do mundo inteiro há quase quatro décadas. Entre pacientes, médiuns e visitantes, 400 pessoas passam diariamente pelo local. Mas nem a história nem a importância cultural do lugar impediram a violência, que toma conta da vizinhança. Na sexta-feira, os líderes da doutrina tomaram uma medida drástica: enquanto não houver segurança, os rituais só serão realizados nos fins de semana. É a primeira vez que isso acontece, em mais de 40 anos. A decisão veio após uma sequência de ocorrências envolvendo seguidores da Tia Neiva, fundadora da doutrina (veja Memória). Em três dias de rituais, houve 14 furtos e roubos. Armados, bandidos quebraram vidros de carros e ameaçaram frequentadores do Templo Mãe. Nem com isso, houve reforço no policiamento. Os horários preferidos para os ataques são os de 12h30, 14h30 e 18h30; quando há um grande aglomerado de pessoas rezando e meditando. Para participar dos rituais, há uma indumentária especial; vestida apenas no ato religioso; e, quando a vítima chega ao carro, não tem mais nem a roupa para voltar à casa (Correio Braziliense, 2014, p. 01).

A fotografia abaixo mostra a execução do ritual de Cura. A imagem mostra os médiuns vestidos com a indumentária das falanges, no caso dos médiuns a falange é demonstrada nas capas. A capa marrom diz respeito aos mestres sem falanges, que estão na individualidade, capa azul representa os Magos e capa verde representa os príncipes, no caso das médiuns as que usam o uniforme composto por saia marrom e camisa preta são as que estão na individualidade, já as que estão utilizando vestidos coloridos, representam as mais de 20 falanges femininas. A fotografia permite verificar a dinâmica do ritual, os médiuns de incorporação (aparás/ajanês) ficam à frente emanando energia de cura e os médiuns de doutrina (doutrinadores) ficam atrás, dando proteção espiritual aos médiuns de incorporação.

Figura 11 - Fotografia do Ritual de Cura.



Fonte:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/02/interna_cidadesdf,415467/amedrontados-fieis-apoiam-suspensao-de-rituais-no-vale-do-amanhecer.shtml. Acesso em 10/01/2023.

A fotografia acima descreve o ritual da cura, observa-se o comandante que pertence a Falange dos Príncipes (capa azul) preparando o início do ritual e o restante da corte, no comando é obrigatório o uso das indumentárias das falanges, na frente do comando ficam os assentos de pedra na qual ficam os pacientes, atrás dos assentos de pedra, emanando energia ficam os aparás/ajanãs, atrás dos mesmos, ficam os Doutrinadores que tem a função de impedir que os médiuns de incorporação, recebam espíritos que venham a atrapalhar o trabalho

1.2 A ORIGEM DO TEMPLO MÃE E DA CIDADE DO AMANHECER

O templo de Planaltina-DF, conhecido como Templo Mãe, mostra a influência matriarcal sobre o Vale do Amanhecer, por ter uma mulher como fundadora e principal entidade do VDA. Aqui percebemos um ponto interessante, sobre essa religião fundada por uma mulher, na qual o principal templo recebe a nomenclatura de mãe e hoje, apenas os homens, comandam os rituais de forma institucional. Abordaremos esse assunto, especificamente, no capítulo 4.

O Vale, em 2003, contabilizava, entre “médiuns residentes” e moradores sem filiação com a comunidade religiosa, uma população de cerca de vinte e duas mil pessoas. Atualmente, estima-se que sua população seja superior a vinte e cinco mil habitantes. Dista quarenta e cinco km do Plano Piloto, a sede do poder federal e local.⁸ E Planaltina é incorporada por Brasília (IPHAN, 2010, p 8).

O templo foi construído em formato de elipse, com 2.400 metros quadrados, sendo o maior templo do Vale do Amanhecer que, conta com a estrutura tradicional dos templos

espalhados pelo Brasil e outros países. Tem os locais dimensionados para cada ritual, ou seja, áreas para o ritual dos tronos, mesa evangélica, cura, sudário, indução, etc. Além do mais, a área do templo conta com serviços como restaurantes, pousadas, supermercados, etc¹.

Em torno do Templo Mãe foi se formando um núcleo urbano denominado Cidade do Amanhecer, esse agrupamento urbano tem uma íntima relação com as atividades espirituais do Vale do Amanhecer, pois muitos médiuns que iam trabalhar, fixaram residência no entorno do templo, e a partir dessas ocupações foram formados núcleos urbanos que resultaram na cidade, na qual cerca de 4.000 pessoas circulam no templo e na cidade em dias de trabalhos no templo. Na foto abaixo um médium com a indumentária fazendo compras em um supermercado local, no DF temos uma situação singular, pois no Templo Mãe formou-se uma cidade, na qual, os médiuns moram, estudam, fazem compras e vivem suas vidas atreladas ao Vale, essa situação só é observável em Planaltina.

Figura 12 - fotografia seguidor do Vale do Amanhecer faz compras em uma loja local.



Fonte: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2018/09/religiao-seita-vale-do-amanhecer-planaltina-brasilia-espirtismo-extraterrestres-seguidores-planalto-central-brasil-ets-et-alien>. Acessado em 17/12/2022.

¹ Chama a atenção a conexão com sites de turismo como o Triplo Advisor que tem uma página em inglês sobre o Templo Mãe, inclusive com um mapa detalhado no endereço https://www.tripadvisor.com/Attraction_Review-g3167136-d11704133-Reviews-Centro_Espirita_Vale_do_Amanhecer-Planaltina_Federal_District.html#MAPVIEW

Figura 13 - Prancha Fotográfica de locais da Cidade do Amanhecer

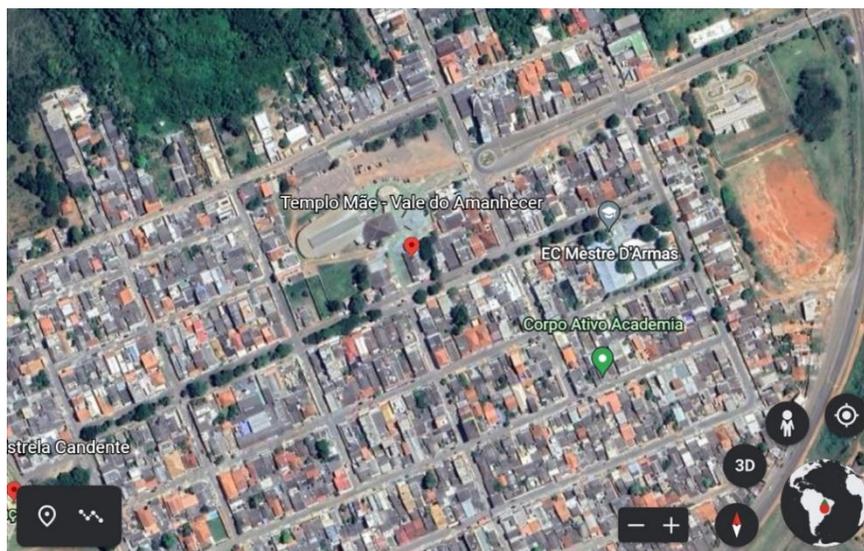


Fonte: Google Earth (2003)

As prancha fotográfica acima mostram aspectos da cidade, acima e a esquerda, temos a casa onde Tia Neiva viveu, abaixo e a esquerda, uma loja com o nome de Aledá, que é uma espécie de altar, na qual o médium coloca as entidades que tem afinidade, abaixo e a direita uma sorveteria, acima e a direita uma rua da parte residência, observamos que os médiuns circulam pela cidade utilizando suas indumentárias, isso só é possível na cidade porque o médium está protegido pelas entidades do Vale, em outras localidades não é recomendável usar a indumentária, devido a ser um atrator para obsessores. A Cidade do Amanhecer tem uma população de 40.000 habitantes, uma área de 1.117 hectares e baixo índice de desenvolvimento humano – IDH. Segundo dados da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação do Governo do Distrito Federal – GDF. Fotografia abaixo mostra uma visão aérea do Vale onde podemos ver as edificações residenciais e comerciais, o Templo Mãe, uma escola e uma academia.

A Cidade do Amanhecer fica a aproximadamente 50 km de Brasília e o acesso se dá pela DF-130. Existem linhas de transporte público específicas para a cidade que percorrem este trajeto em, aproximadamente, uma hora. Essa proximidade com a capital e a relativa facilidade de acesso, implica relações de trabalho, lazer, estudos, etc. evidenciando a inclusão da cidade religiosa no contexto de Brasília e seu entorno (Arantes, 2014 p. 238).

Figura 14 - Fotografia aérea do Templo e Cidade do Amanhecer – Planaltina/DF



Fonte: Google Earth (2023)

De acordo com Arantes (2014) apesar de ser um núcleo urbano com 40.000 habitantes, a Cidade do Amanhecer ainda necessita de regularização, pois ocupou a área da antiga Fazenda Mestre D'Armas, que tinha sido desapropriada para a construção de Brasília. Inclusive, tem uma escola denominada Mestre D'Armas, segundo a fotografia acima. Tia Neiva recebeu autorização do Governo Federal para utilizar o terreno, oferecendo moradia a pessoas de baixa renda, esses moradores juntos com os médiuns que fixaram residência no local, formaram o núcleo urbano em torno do Templo Mãe.

A formação da Cidade do Amanhecer e da Doutrina do Amanhecer têm a mesma origem: os primeiros centros espirituais que Tia Neiva criou. As práticas de caridade dos centros espirituais culminaram em um estilo de vida em comunidade, e a consequência disso foi o surgimento de uma cidade (Arantes, 2014, p 241).

Segundo Arantes (2014) há controvérsias em relação aos lotes que originaram a Cidade do Amanhecer, alguns dizem que compraram os lotes, outros dizem que receberam os lotes gratuitamente, por ter sido objeto de desapropriação e ter sido alargado através de ocupações irregulares, existia uma confusão com relação a posse, porém a situação, dada ao tempo já foi resolvido pelo instituto do usucapião urbano.

Inserido nessa realidade, o Vale do Amanhecer apresenta divergências a respeito da posse e regularização dos lotes. Embora haja relatos de que os terrenos foram doados como forma de caridade, alguns moradores entrevistados informam que compraram os lotes por meio de “contratos de gaveta”. Como disse uma moradora questionada sobre a aquisição de sua casa “Não, não foi doação! Meus pais compraram o lote, mas só tem documento simples só”. (Arantes, 2014, p. 249).

A questão dos terrenos é mais uma dualidade na trajetória do Vale do Amanhecer, que é formada por várias dualidades, a regularização fundiária constitui um grande problema em todos os quadrantes do Brasil. Em Relação ao lazer, a Cidade do Amanhecer é bem democrática, pois todos os moradores, independente de pertencerem ou não a doutrina (termo para se referir aos participantes do Vale do Amanhecer) são convidados a participar das festas do Vale do Amanhecer.

A Cidade do Amanhecer, como todas as cidades do interior, tem um portal na entrada, onde podemos observar uma das dualidades do Vale do Amanhecer, nesse caso o sol e a lua, que representa as forças opostas, Jaguar Sol (homens doutrinadores e ajanâns) e Ninfa Lua (mulheres doutrinadoras e aparás) conforme imagem abaixo. As fitas abaixo são utilizadas por aparás/ajanâs, fita com o delta e doutrinadores, fita com a cruz vazia.

Figura 15- Imagens das fitas utilizadas por Aparás/Ajanâs e Doutrinadores



Fonte: Arantes (2014)

A fotografia acima mostra as fitas utilizadas por Aparás/Ajanâs e Doutrinadores, a fita bicolor (amarelo e lilás), na qual o amarelo representa a sabedoria e o lilás representa a cura, a fita é mais um exemplo das várias dualidades presentes no Vale. As fitas possuem os símbolos do Apará/Ajanã e do Doutrinador. O uso da fita é obrigatório, com exceção para os médiuns que estejam realizando o trabalho de prisioneiro. A fita protege o médium tanto na realização dos trabalhos nos templos, quanto nas demais atividades do cotidiano, por isso, Tia Neiva recomenda o uso da fita no dia a dia.

Figura 16 - Fotografia do portal de entrada do Vale do Amanhecer



Fonte: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2018/09/religiao-seita-vale-do-amanhecer-planaltina-brasilia-espiritismo-extraterrestres-seguidores-planalto-central-brasil-ets-et-alien>. Acessado em 17/12/2022.

A Cidade do Amanhecer é mais uma aglomeração urbana de Brasília-DF, intitulada cidade satélite, porém existe um diferencial, que é a formação atrelada a um núcleo religioso, o Templo Mãe, pode-se argumentar que a maioria das cidades surgiram a partir de uma igreja, porém, a cidade surgiu em virtude do Templo, ou seja, sem o templo não haveria cidade, no caso das demais cidades, elas não surgiram pelo catolicismo, as igrejas apenas refletiam o pacto entre a coroa portuguesa e o catolicismo romano. A Cidade do Amanhecer não se diferencia das demais cidades satélites de Brasília-DF na questão da ocupação territorial, pois surgiu a partir de desapropriações e loteamentos legalizados e ocupações irregulares, podemos citar como exemplo as ações de políticos distribuindo lotes no bairro Vila Estrutural. Planaltina é a única cidade satélite diferenciada, pois existia antes de Brasília e posteriormente foi incorporada a Brasília. Arantes (2014, p.242) corrobora com essa passagem “O surgimento de Planaltina-DF é anterior à construção de Brasília, data do séc. XVIII. Ainda assim faz parte desta realidade, pois, desde que foi inserida no DF perdeu autonomia política de município e passa então a compor o conjunto de cidades-satélites.

A formação do Vale do Amanhecer alcança os campos religioso, cultural, histórico, político e territorial, Bourdieu sistematiza o conceito de campo, a partir da ideia de um espaço simbólico, onde se desenvolve luta entre os agentes pela ocupação do espaço, legitima as representações. “Campos são espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”. (Bourdieu, 1983, p 89).

No campo religioso o Vale do Amanhecer destaca-se pelo hibridismo, pois forma-se a partir de um mosaico de vários credos, que vão desde as religiões do Egito e Grécia antiga, nas quais divindades como Ozires e líderes políticos como Akenaton (Faraó Amenofis IV, que após a reforma religiosa introduziu o monoteísmo no Egito). Divindades gregas Apolo, Ninfas, Leônidas (Rei de Esparta que enfrentou os invasores persas na batalha das Termópilas), podemos observar que personagens históricos como Leônidas e Amenófis IV se misturam a personagens míticas como Ozires e Apolo.

As religiões de matriz africanas como a Umbanda e o Candomblé fazem parte desse mosaico, entidades como Exus (No Vale do Amanhecer usa-se o nome Exu no plural, pois acredita-se que não existe apenas um Exu e sim vários Exus), Olorum, Iemanjá, Caboclos, Pretos e Pretas Velhas participam dos rituais, podemos observar suas ações em rituais como Mesa Evangélica, Cura, Junção, Indução, Sudário e Tronos, segundo a doutrina (como o Vale é chamado entre os médiuns), Tia Neiva fez um acordo com os Exus, para que os mesmos não interferissem nos rituais.

Diante do exposto acima, é importante construir uma breve aproximação a concepção de sincretismo. Quem primeiro utilizou o termo sincretismo religioso no Brasil foi Nina Rodrigues (pesquisador muito criticado pela sua vertente lombrosiana por associar a conduta criminosa a certos aspectos raciais), apesar de não ter sido encontrado referência direta ao termo, a ideia de sincretismo está direcionada a aculturação, onde o sincretismo seria uma máscara, um espelhamento, uma sobreposição onde uma religião de um grupo dominante era usada como “disfarce” para a prática de uma religião de um grupo submisso, esse conceito foi muito usado para tratar as religiões de matriz africana no continente americano, Candomblé, Umbanda, Santeria e Vodú.

Na época das pesquisas pioneiras sobre religiões afro-brasileiras de Nina Rodrigues, o conceito de sincretismo era utilizado, mas não chegamos a localizar o uso desse termo em seus escritos, embora muitas vezes ele discorra sobre o fenômeno utilizando expressões como fusão, dualidade de crenças, justaposição de ideias religiosas, associação, adaptação, equivalência de divindades, ilusão da catequese e outras (Ferreti, 2014, p. 16).

Apesar do entendimento majoritário de que o sincretismo está ligado a ideia de transculturação, existem pensamentos divergentes acerca dessa ideia, a exemplo de Herskovits, que fez uma ressignificação, a partir de estudos nas religiões de matriz africana, passando a utilizar o termo transculturação criada pelo cientista político cubano Fernando Ortiz.

Entendemos que o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque não consiste somente em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica a palavra anglo-americana aculturação, mas que o processo implica necessariamente a perda ou o

desenraizamento de uma cultura precedente, o que poderia ser dito como sendo uma parcial desculturação, e, além disso, significa criação de novos fenômenos culturais, que poderia ser denominada de neoculturação (Ortiz, 1983, p 90).

A ideia de resistência ao colonialismo também passou a ser utilizada por teóricos para descrever o sincretismo religioso, a partir da ideia de que as religiões afro utilizavam o sincretismo como forma de resistência a imposição do catolicismo, passando a utilizar os santos católicos não apenas como um espelhamento para os orixás, utilizando também as suas forças espirituais que passam a ser incorporadas ao panteão.

O catolicismo do vodun, do candomblé e da santeria não é uma máscara para esconder a adoração de divindades africanas da perseguição. Representa a religião dos senhores, transformada e apropriada pelos escravos, aproveitando seus poderes no universo do discurso. [...] Quero ressaltar que o sincretismo envolve necessariamente tanto a destruição quanto a reconstrução e, portanto, é intrinsecamente político (Apter, 2005, p. 178-179).

O hibridismo é um conceito que chamou atenção do naturalista britânico Charles Darwin, devido ao cruzamento entre espécies distintas que geravam seres estéreis. A partir da história natural e das ciências biológicas o conceito de hibridismo passou a interessar as ciências humanas, principalmente os adeptos da pós modernidade que passaram a utilizar o conceito de hibridismo cultural. O trecho abaixo mostra como a ideia de hibridismo afetou o layout dos museus atuais.

Hoje os museus de arte expõem Rembrandt e Bacon em uma sala: na seguinte, objetos populares e desenho industrial; mais adiante ambientações, performances, instalações e arte corporal de artistas que já não acreditam nas obras e se recusam a produzir objetos colecionáveis. (Canclini, 2007, p. 303)

Para Burke (2003) o hibridismo é multifacetado, abarcando a fusão de vários elementos culturais, criando um mosaico, o autor enquadra o hibridismo como consequência da globalização que foi um catalisador da fusão de elementos culturais. A visão do autor acerca do hibridismo, se encaixa perfeitamente no hibridismo do Vale do Amanhecer, calcado na junção de várias divindades, das mais diversas culturas, que formam um mosaico a partir dos fragmentos e ganham vida própria na doutrina do Vale.

É nesse sentido que o Vale do Amanhecer se enquadra no hibridismo e não no sincretismo, pois não há como enquadrar no Vale do Amanhecer a ideia de colonizador/colonizado, pois o Vale engloba elementos de vários credos e elementos dispersos no espaço tempo. De fato, é uma religião totalmente híbrida. “Devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer

encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos (Burke, 2003, p. 31)”.

O hibridismo está no amago do Vale do Amanhecer, dado ao corolário de entidades que permeiam o panteão, entidades como Akenaton (faraó egípcio), Apolo, Leónidas, nessas entidades podemos observar a presença de uma divindade (Apolo) e personagens históricos (Akenaton e Leónidas) elevados a categoria de divindades. Continuando a análise do panteão, temos a presença de entidades espirituais alienígenas como as naves Almacês, Ministros e Cavaleiros que são de “outro mundo” e personagens do livro Exilados de Capela, que fazem parte de ritos, como o rito da Estrela Candente, no final, uma nave recolhe os espíritos que foram “elevados” nesse ritual.

O Vale do Amanhecer hibridiza também com as religiões de matriz africana formadas no Brasil, no caso o Candomblé e Umbanda, nas quais, entidades desses dois credos (pretos e pretas velhas) agem como mediadores nas relações entre o mundo terreno e o mundo espiritual, nas funções de aconselhamento e cura das doenças carmicas, além de alguns orixás como Exu, Obatalá e Olorum fazem parte do panteão do vale.

Também ocorre hibridização com divindades da religião indígena, como os caboclos e o Pai Seta Branca que é considerado como a principal entidade do Vale do Amanhecer, só estando abaixo de Jesus Cristo e Deus, Pai Seta Branca reencarnação de São Francisco de Assis, Pai Seta Branca viveu como um nativo americano que residia nos Andes e enfrentou os colonizadores espanhóis durante o período de ataques ao Império Inca, liderados por Pizarro.

O Vale também hibridiza com as religiões europeias, destacando-se o Catolicismo, através da figura de Maria e o Kardecismo, com alguns rituais trazidos e adaptados para o âmbito do Vale do Amanhecer, podemos destacar a Cura e a Mesa Evangélica, no segundo é utilizado o Evangelho Segundo Alan Kardec, sempre é lida uma passagem do livro na abertura do ritual.

Por fim, encontramos elementos do cristianismo Deus e Jesus Cristo, do catolicismo, como Maria e São Francisco de Assis, da qual o Pai Seta Branca reencarnou e do Kardecismo. Usa-se o Evangelho Segundo o Espiritismo, o é um dos raros momentos em que o Vale do Amanhecer usa textos sagrados, o comandante da Mesa evangélica recita um trecho do livro, para iniciar os trabalhos da Mesa Evangélica, além do mais, o Kardecismo e a Umbanda formam uma das dualidades. A corrente Kardecista está presente nos doutrinadores (médiums de intermediação), enquanto que a corrente da Umbanda está presente nos Aparás/Ajanês (médiums de incorporação).

No Vale do Amanhecer ocorrem hibridizações com religiões orientais como o Budismo do Tibete. Na doutrina, acredita-se que Jesus esteve no Tibete para o ritual de iniciação, porém,

ao perceber que Jesus possuía uma iluminação maior que a de todos os monges, os mesmos usaram o capuz (que deveria ser utilizado pelo iniciado) em deferência a grande iluminação. Teria sido nessa viagem que Tia Neiva, teria sido orientada acerca de alguns rituais do Vale do Amanhecer. Essa é a história contada nos templos para explicar o ritual de iniciação, sobre esse ritual nada mais é possível falar, pois é informação proibida de ser divulgada para o público em geral. A fotografia abaixo mostra uma ninfa orando a Pai Seta Branca, é uma das mais importantes entidades do Vale, ficando hierarquicamente abaixo de Jesus Cristo e Deus. A imagem de Pai Seta Branca fica sempre no fundo do templo, enquanto a imagem de Jesus fica sempre no meio do templo e pelas duas imagens passa a corrente mestra (é a corrente cósmica de Tapir que projeta através da pira (entrada do templo) alcançando o templo, seguindo em linha reta de Jesus a Pai Seta Branca, espalhando-se por todos os trabalhos).

Figura 17- Fotografia de médium do Vale do Amanhecer fazendo louvação em frente a uma imagem de um dos líderes da prática espiritual, Pai Seta Branca



Fonte: Arantes (2014)

No campo Cultural o Vale do Amanhecer se destaca como uma religião do movimento *New Age* e classificada como uma religião iniciática. O *New Age* é caracterizado por dois pontos: a individualidade (self) e a heterogeneidade (abraçando práticas religiosas e não religiosas). Podemos observar esses dois elementos presentes no Vale do Amanhecer: a individualidade se manifesta na ação dos médiuns, que tem total liberdade de ação nos rituais, podemos citar como exemplo, a minha atuação como doutrinador, incluía textos bíblicos nas passagens ritualísticas. A questão das práticas religiosas e não religiosas podem ser observadas na junção de personagens religiosos e míticos como foi abordado na página 13. A passagem abaixo mostra a

dificuldade de pesquisar as religiões da *New Age* devido a heterogeneidade do movimento que em geral não tem uma doutrina unificada, essa dificuldade se aplica ao Vale, dado a complexidade e heterogeneidade da doutrina e rituais.

Pesquisar o universo religioso da chamada Nova Era (NE), ou *New Age* (NA), representa um grande desafio, considerando o caráter idiossincrático que tal movimento apresenta devido à sua profunda heterogeneidade, desprovida de uma doutrina ou hierarquia unificada, abarcando práticas religiosas e não-religiosas. (Oliveira, 2014, p 168).

Com base no conceito de Durkheim (p.32, 2000) sobre religião, utilizamos o termo religião em relação ao Vale do Amanhecer, porque a instituição possui todos os requisitos elencados, ou seja, existe um sistema de crenças organizados, existe um sistema de práticas sagradas, existe proibições como o consumo de bebidas alcoólicas e o uso de drogas, existe um sistema moral e uma comunidade que adere a esse sistema, ou seja, por todos que passam a frequentar os templos do Vale do Amanhecer, formando o seu corpo mediúnico. “[...] um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”.

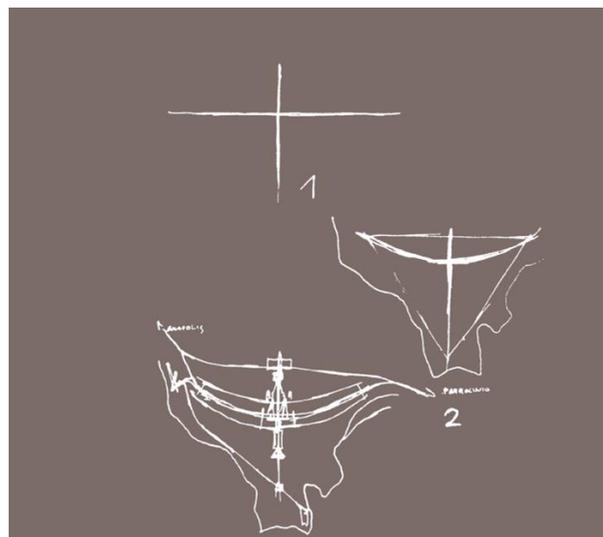
No campo histórico podemos observar que o Vale do Amanhecer tem sua história atrelada a história de Tia Neiva, desde a sua fundação em 1964 até a morte em 1985. Podemos observar neste primeiro momento, o controle total da fundadora sobre a religião, inclusive no campo doutrinário. Registra-se uma situação única, pois ela conseguia ao mesmo tempo, atuar como Apará e Doutrinadora. Nessa primeira fase podemos notar que o Vale do Amanhecer estava se institucionalizando enquanto religião, ou seja, saindo do sagrado selvagem para o domesticado. Esse conceito foi desenvolvido pelo sociólogo francês Roger Bastide em sua obra intitulada: *O Sagrado Selvagem* de 1975. Nessa primeira fase da história do Vale do Amanhecer, podemos observar uma forte presença feminina, em virtude da fundadora da religião, mas também no protagonismo, comandando rituais, o que deixa de ser observado após sua morte em 1985. Essa perda de protagonismo feminino será abordada no capítulo 4.

As análises dos mitos, dos sonhos, da possessão, entre outros, encontram-se articuladas pela ideia de um sagrado selvagem, aquele que escapa ao controle das instituições religiosas, e que se encontra nas artes, nos sonhos, nos movimentos revolucionários e nas mitologias modernas (Bastide, 1975, n/p).

No campo político, o Vale do Amanhecer, no período em que era comandado por Tia Neiva, junto com o seu marido Mario Sassi, havia uma ligação entre o comando do Vale e o governo federal. Essas intermediações ocorreram em razão do terreno no qual foi construído o Templo Mãe. As tratativas com o governo federal ocorreram durante todo o período em que esteve à frente do Vale do Amanhecer. A relação política ainda ocorre, só que agora entre o Vale do Amanhecer e o GDF, na questão da regularização dos lotes na Cidade do Amanhecer e nas ofertas de serviços estatais para a cidade. Não há uma atuação orgânica, no sentido de ocupar espaços nos órgãos políticos, as atuações ocorrem de forma individual e sem uma ação orgânica definida.

No campo territorial, temos a formação do território atrelado a expansão da religião, podemos exemplificar, a partir da atuação territorial de Tia Neiva, atuando no Planalto Central, que é um território místico para as religiões da *New Age*. A construção do Templo Mãe e da Cidade do Amanhecer, a segunda tem total ligação com as atividades da primeira e dos templos que se espalham pelo Brasil, que em geral, ocupam territórios na periferia das grandes e médias cidades, onde esses templos ocupam área de florestas, enquanto os templos menores, chamados de hospitais que tem apenas os rituais de Trono, Cura e Mesa Evangélica ocupam imóveis em regiões periféricas.

Figura 18 - Primeiros esboços de Lúcio Costa: a figura cruciforme em destaque



Fonte: Superintendência do IPHAN Distrito Federal (2010)

A imagem acima mostra o esboço de Brasília, as curvas e o design futuristas (semelhante a simbologias do ocultismo) reforçam o misticismo de Brasília. O projeto descreve a construção da cidade em forma de avião, mas poderia ser uma cruz. Misticismo vem desde os tempos da

profecia de Dom Bosco em 1883, que tem semelhanças com a passagem bíblica sobre a terra de Canaã. A profecia ajudou a criar uma aura de misticismo sobre o Planalto Central e que depois atraiu as religiões da *New Age*. A profecia também foi usada por políticos para criar a ideia da transferência da capital brasileira para o Planalto Central, ideia que já tinha previsão constitucional, a partir da Constituição Republicana de 1891 e que veio a ser consolidada com a construção de Brasília em 1960 no apagar das luzes do governo JK.

A citação abaixo mostra a profecia de Dom Bosco (1815-1888) acerca da construção de Brasília no planalto central, na qual a futura cidade seria a terra prometida, antes do seu “nascimento” Brasília já era envolta no misticismo.

Eu enxergava nas vísceras das montanhas e profundezas da planície. Tinha, sob os olhos as riquezas incomparáveis dessas regiões, as quais, um dia, serão descobertas. Eu via numerosos minérios de metais preciosos, jazidas inesgotáveis de carvão de pedra, de depósitos de petróleo, tão abundantes como jamais se acharam noutros lugares. Mas não era tudo. Entre os graus 15 e 20, existia um seio de terra bastante largo e longo, que partia de um ponto onde se formava um lago. E então uma voz me disse, repetidamente: ‘Quando vierem escavar os minerais ocultos no meio desses montes, surgirá aqui a Terra da Promissão, fluente de leite e mel. Será uma riqueza inconcebível (Câmara dos Deputados, 2005, p. 06).

A citação acima faz um link interessante com a fotografia abaixo, a citação mostra uma ideia de promised land, a terra rica em minérios, metais preciosos e jazidas inesgotáveis e logo após, vem a ideia de Canã (leite e mel), uma terra com riquezas materiais inesgotáveis, abaixo temos o Morro Salve Deus e o Lago de Iemanjá, coincidindo com a citação que fala em montanhas lago. No morro temos o portal que é a passagem para o mundo espiritual. Vemos claramente o texto ser expresso na imagem.

Figura 19 - Fotografia do Morro Salve Deus e do Lago de Iemanjá.



Fonte: Superintendência do IPHAN Distrito Federal (2010)

O Morro Salve Deus e o Lago de Iemanjá estão presentes nos grandes templos do Vale do Amanhecer, pois só com essas duas paisagens é possível a realização de todos os rituais. Em Pernambuco, só no Templo de São Lourenço podem ser feitos todos os rituais, exceto, alguns que só podem realizados no Templo de Planaltina-DF.

1.3 O CRESCIMENTO DO VALE DO AMANHECER EM PERNAMBUCO

O Vale do Amanhecer chegou ao Nordeste em 1975, quando foi aberto o Templo do Vale do Amanhecer em Cidade Tabajara em Olinda, conhecido como Templo do Ministro Parlo (cada templo recebe o nome do Ministro do Comandante, chamado de adjunto). É importante frisar que cada templo é ligado a uma entidade espiritual chamada Ministro, no caso de Pernambuco temos os Templos de Dois Irmãos e São Lourenço da Mata, ligados ao Ministro Nerano e o Templo de Garanhuns, ligado ao Ministro Jorano.

Figura 20 - Quadro dos dados sobre os templos do Vale do Amanhecer em todo Brasil.

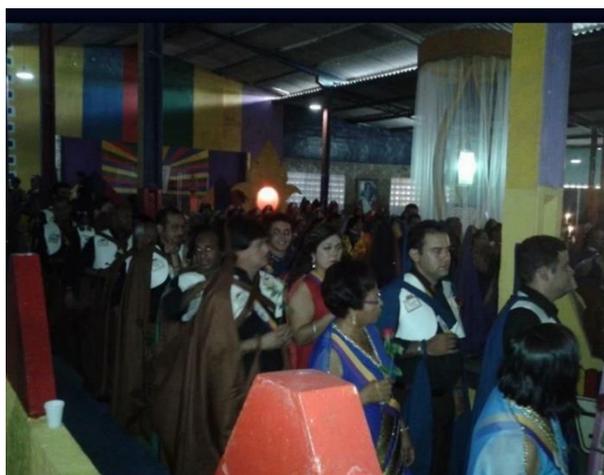
Números
- 677 templos espalhados pelo Brasil
- 47 estão sediados em Pernambuco
- 1975 foi o ano da inauguração da religião no estado, em Olinda
- 10 mil médiuns já teriam passado pelo local desde sua fundação
- 20 falanges missionárias fazem parte da doutrina, cada uma regida por uma entidade

Fonte: Pascoal (2016)

Observando o quadro acima podemos observar a expansão dos templos do Vale do Amanhecer em todo o Brasil, totalizando 677 templos que variam desde templos grandes, como os Templos Mãe em Planaltina-DF e o Templo de São Lourenço da Mata-PE concluído em 2014, a hospitais que são pequenos templos que oferecem os rituais de Mesa Evangélica, Tronos, Passes e Defumações², espalhados em municípios de médio e pequeno porte. A fotografia abaixo mostra a passagem de uma corte, que só acontece em templos de grande porte, como os templos de Dois Irmãos (foto), São Lourenço e Olinda.

² Sobre os rituais, ver anexo, lista dos rituais.

Figura 21- fotografia Templo do Vale do Amanhecer em Dois Irmãos



Fonte: <https://pt.foursquare.com/v/vale-do-amanhecer--nerano-do-amanhecer-dois-irm%C3%A3os/50381c3bebca8ce451ed9e8d?openPhotoId=533bc6da498eea8fb05c1bfa> – Acesso em 10/01/2023.

O Vale do Amanhecer no estado de Pernambucano, se tornou o polo mais importante do Nordeste. Os rituais (Iniciação, Elevação de Espadas) em geral ocorrem nos templos de São Lourenço da Mata e Olinda, ocorrendo em um e outro, em semestres variáveis. Quando ocorrem esses rituais, participam médiuns de estados como: Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe. Em Pernambuco temos o Mestre Carlos Magno como comandante dos Templos de Tejipió, Dois Irmãos e São Lourenço da Mata, templos ligados ao Ministro Nerano.

Os templos do Vale do Amanhecer estão presentes em 62 municípios do litoral³, Zona da Mata, Agreste e Sertão. Conforme tabela abaixo, existem quatro grandes templos, sendo um em Recife, um em São Lourenço da Mata, um em Olinda e um em Garanhuns, nos demais municípios onde tem templos do Vale do Amanhecer, são formados por templos de médio e pequeno porte, além dos hospitais.

Chama atenção o município de Moreno, que apesar de ser um pequeno município da região metropolitana do Recife, possui dois templos, um no distrito de Bonança e outro no centro do município, enquanto municípios maiores como Caruaru, Vitória de Santo Antão e Cabo de Santo Agostinho possuem apenas um templo. O número de templos tem a ver com a quantidade de adjuntos e a capacidade de abrir novos templos. O Vale do Amanhecer também está presente na Ilha de Itamaracá, um pequeno município do litoral pernambucano que é bem conhecido como polo turístico.

³ (ver anexo1)

Figura 22 - fotografia da entrada do Templo do Vale do Amanhecer em Jupi-PE.



Fonte: Página do Templo no Facebook acessado pelo Google, pois a página não está oferecendo acesso ou não existe mais. Acesso em 10/01/2023

A fotografia acima serve como exemplo do crescimento do Vale do Amanhecer em Pernambuco. O crescimento acelerou a partir de meados da década de 1990 com a construção de templos e hospitais por todas as regiões do estado de Pernambuco. No século XXI foi construído o Templo de São Lourenço da Mata - PE que é o maior templo da região Nordeste. Na fotografia abaixo, podemos observar o Lago de Iemanjá, os lagos são uma homenagem a Iemanjá, tem o formato da estrela de David, serve para canalizar energia do povo das águas e para a realização do ritual do Quadrante.

Figura 23 - Fotografia do Lago de Iemanjá no templo de São Lourenço da Mata.



Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/BM0o-vFATro/hqdefault.jpg>. Acesso em 08/01/2022

O Templo de São Lourenço da Mata é o único em Pernambuco que tem capacidade de realizar todos os rituais (exceto os rituais que são apenas realizados no templo de Brasília-DF). Pois é o único que possui o lago de Iemanjá, na qual é realizado o Quadrante⁴. O Templo de Olinda, segundo maior templo, realiza o ritual da Estrela Candente, porém não tem o lago.

1.4 FRAGMENTOS TRANSCONTINENTAIS DOS RITUAIS DO VALE DO AMANHECER A PARTIR DA MINHA EXPERIÊNCIA COMO DOCTRINADOR.

Existe um problema em relação a distância entre o pesquisador e o objeto da pesquisa. Esse problema é agravado quando o pesquisador faz parte da instituição a qual é objeto de sua pesquisa como já alertava Levi Strauss (1983) “As estruturas apenas se mostram a uma observação praticada de fora. Essa, ao contrário, não pode nunca apreender os processos, que não são objetos analíticos, mas a forma peculiar em que uma temporalidade é vivida por um sujeito”.

Na sua obra sobre o metrô em Paris, o antropólogo Marc Augé também discorre sobre o fato de o pesquisador fazer efetivamente parte do objeto a ser pesquisado. No caso, Augé mesmo pesquisou os usuários do transporte coletivo sendo ele, em primeira instância, um usuário desse transporte e estar amplamente familiarizado com os tipos com os quais manteve contato e que compreendiam o universo pesquisado. O pesquisador enxergava a potencialidade e as possibilidades por já fazer parte do ambiente pesquisado e estar, portanto, de certa forma imerso ali (no caso, o metrô de Paris). Esse mesmo tipo de visão pode ser aplicada aos ambientes que sejam, por exemplo, as organizações onde o pesquisador atua como funcionário remunerado e/ou tem algum tipo de vínculo emocional (Lemos, 2017, p 2).

O pesquisador que estuda a própria instituição, tem a desvantagem de possuir vínculos funcionais ou emocionais com a instituição, porém tem a experiência do conhecimento da instituição e de suas nuances, dentro desta ideia, resolvi colocar a minha experiência como Doutrinador do Vale do Amanhecer como um tópico neste capítulo.

Em relação a defesa do envolvimento do pesquisador com o objeto, acrescenta Gilberto Velho (1945-2012), antropólogo brasileiro, que trabalhou esse tema em suas obras. O autor sustenta que apesar do tema ser familiar ao pesquisador, não quer dizer que ele necessariamente tem o domínio total e que segundo Velho (2008) o pesquisador deve desenvolver estratégias de

⁴(ver lista de rituais)

aproximação e estranhamento/afastamento, no que ele chamou de ir e vir. “[...] alguma coisa ser familiar não significa que ela seja conhecida e que, portanto, para você estudar o familiar, você tem que desenvolver uma estratégia própria de objetivação, de estranhamento, de distanciamento, nem que seja em um movimento de ir e vir”. (Velho, 2008, p. 126)

Apresentarei as minhas experiências como Doutrinador do Vale do Amanhecer entre os anos de 2011 a 2016. O Vale do Amanhecer é uma religião espiritualista cristã e tem como característica a fragmentação. O panteão formou-se a partir de fragmentos que vão do paganismo grego ao catolicismo, neste tópico, pretendo mostrar o hibridismo transcontinental do Vale do Amanhecer através de seus rituais e entidades.

Nos meus trabalhos como doutrinador participei de todos os rituais do Vale (com exceção dos rituais que só ocorrem no Templo Mãe em Planaltina-DF). O ritual Estrela Candente, envolve espiritismo e ufologia. Na elevação sempre quando a Almagest estava chegando, sentia uma estranha queimação na mão esquerda, isso sempre chamou minha atenção. No ritual de Trono chamava minha atenção as incorporações e a dificuldade de elevar determinados espíritos.

Como doutrinador participei do ritual do quadrante, ritual diário que ocorre a partir das 16 horas, entre a segunda e a terceira consagração da Estrela Candente. É um ritual de manipulação de energias do universo, tem ligação com elementos da religião asteca (avenida dos mortos), cada semana o ritual é dedicado a uma princesa, as princesas (Iracema, Janaína e Jurema). O quadrante é um ritual para cura dos encarnados e desencarnados.

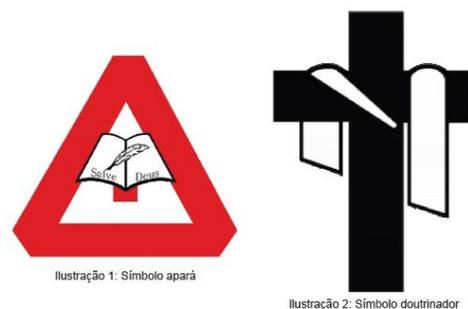
Desenvolvi minhas experiências como doutrinador nos templos de Dois Irmãos, São Lourenço da Mata e Olinda. Os médiuns do Vale do Amanhecer estão ligados ao Ministro do Templo, por isso, os médiuns tendem a desenvolver seus trabalhos no seu templo de origem.

No meu caso, sou ligado ao templo do Ministro Nerano, que em Recife são os templos de Dois Irmãos e São Lourenço da Mata. Fui emplacado e fiz a Iniciação no Templo de Dois Irmãos, no Templo de Olinda fiz a Elevação de Espadas e no Templo de Olinda e no Templo de São Lourenço da Mata fiz a Centúria.

Comecei a frequentar o Vale do Amanhecer no ano de 2010. Primeiramente, levando minha esposa que era médium de incorporação (Apará) para o templo de Garanhuns, pois morávamos em Palmeira dos Índios-AL. Posteriormente, passei a frequentar o templo como paciente, e em 2011, morando no Recife, comecei a frequentar as sessões como médium, primeiro passei pelo emplacamento, ocorre quando o médium passa a usar a calça preta e a camisa branca (homens, mulheres usam um vestido branco) e a fita bicolor. Nesta situação o médium pode apenas realizar os trabalhos de Mesa Evangélica, Trono e Cura.

Posteriormente fiz o ritual de incorporação, depois o ritual de Elevação de Espadas, no qual o médium passa a usar a calça marrom, camisa preta e o colete com o símbolo da mediunidade, no meu caso a santa cruz vazia (símbolo do doutrinador, o Apará/Ajanam utiliza um delta com um livro aberto ao centro), as mulheres utilizam saia marrom e camisa preta, por fim fiz a Centúria, que me autoriza a participar e comandar quase todos os rituais do Vale do Amanhecer.

Figura 24 - Imagem dos símbolos do Apará/Ajanã e Doutrinador.



Fonte: Oliveira (2014)

A imagem acima mostra uma de tantas dualidades do Vale, a dualidade Doutrinador/Apará-Ajanã, os médiuns de incorporação possuem o delta tendo ao centro um livro com a inscrição Salve Deus, o triângulo representa o Apará que tem o dom de incorporar os espíritos, o símbolo da santa cruz vazia representa o doutrinador, que tem o dom de elevar o espírito através da palavra.

O paciente (como é chamada a pessoa que procura o Vale do Amanhecer, em busca de ajuda para problemas terrenos e espirituais) quando chega ao templo, é encaminhado ao trabalho de Trono, onde fica sentado ao lado de um médio de incorporação (Apará/Ajanã) que recebe a entidade (pretos velhos, vovós e caboclos), entidades de religiões indígenas (Caboclo Pena Branca) e entidades de religiões de matriz africana (pretos velhos como Pai João do Congo e vovós como Catarina de Aruanda).

Voltando ao ritual do Trono, atrás do médium de incorporação fica o Doutrinador que é o mediador entre o médium de incorporação e as entidades. Neste trabalho (como também é chamado o ritual) o médio de incorporação recebe a entidade e faz aconselhamentos, limpeza de áurea e encaminha o paciente para outros trabalhos. O Doutrinador abre, faz a elevação de Cobradores (espíritos que tem cobranças de atos realizados pelo paciente, contra os mesmos em vidas passadas) e entidades que atravessam o trabalho.

Os demais trabalhos do Vale do Amanhecer são a Cura, trabalho feito por Aparás/Ajanãs que recebem os médicos de cura (Dr. Fritz, Dr. Bezerra de Menezes e Dr. André Luiz) e realizam atividades de cura espiritual mediada pelos Doutrinadores que junto com Aparás/Ajanãs e ficam atrás de pacientes que ficam e duplas sentados em cadeiras de cimento.

A frente fica uma Corte formada por Doutrinadores e Aparás (médiuns femininos) pertencente as falanges, são grupos que reúnem médiuns. No Vale do Amanhecer existem mais de 20 falanges femininas e duas falanges masculinas, a Corte Comanda o ritual. Neste ritual podemos observar entidades presentes do kardecismo (os doutores citados acima).

Figura 25 - fotografia do Ritual de Cura no Vale do amanhecer.



Fonte:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/02/interna_cidadesdf,415467/amedrontados-fieis-apoiam-suspensao-de-rituais-no-vale-do-amanhecer.shtml

Os próximos rituais são a Junção (formado apenas por Doutrinadores) e a Indução (formado por Doutrinadores e Aparás/Ajanãs). Nesses rituais os pacientes recebem passes (que também ocorre na cura), aqui podemos observar a influência do kardecismo. Os demais trabalhos são a Cruz do Caminho (aconselhamentos e passes), Mesa Evangélica, nesse trabalho não tem a presença de pacientes, o trabalho ocorre em uma mesa com o formato de delta, na qual os Aparás/Ajanãs ficam sentados recebendo elevações e passes dos Doutrinadores que circulam no sentido horário ao comando, do Doutrinador que fica estático e comanda os trabalhos.

O trabalho de Turigano um trabalho de elevação de elitros (espíritos que possuem pessoas e são responsáveis por doenças carmicas como câncer), é baseado em um conto grego sobre o Rei Leônidas e a Princesa Pídia e tem a intermediação de entidades do paganismo grego. O último trabalho citado nesse tópico, é o trabalho de Estrela Candente, este reúne a maior quantidade de médiuns, pode chegar a mais de 100 médiuns.

Nesse ritual, os pacientes ficam sentados na parte superior do circuito, durante a execução são cantados vários mantras, também são realizadas orações, sendo uma dessas orações dirigidas a Virgem Maria. Existem rituais com o consumo de sal (os que não podem consumir, fazem uma salva), por fim, Aparás/Ajanãs e Doutrinadores formam uma estrela que aguarda a chegada de uma espaçonave que leva os espíritos elevados.

Figura 26 - fotografia do Ritual de Estrela Candente



Fonte: <https://www.facebook.com/londresdoamanheceringlaterra/photos/estrela-candente-por-tia-neiva-a-estrela-candente-%C3%A9-cabal%C3%ADstica-e-nela-n%C3%B3s-nos-l/1089105017920606/> - Acesso m 10/01/2023

A fotografia acima mostra a finalização do ritual de Estrela Candente, quando a Almacê fica na posição geoestacionária acima do espelho d'água para receber os espíritos obsessores elevados neste ritual, podemos observar que a elipse (portal) fica ao centro da Estrela de David, formada por Aparás/Ajanãs e Doutrinadores, que nesse momento emanam energia e elevam espíritos.

1.5 FRAGMENTOS DO SAGRADO NO VALE DO AMANHECER

O conceito de Sagrado Selvagem e Sagrado Domesticado se encaixa perfeitamente na história do Vale do Amanhecer. Entendemos que o Sagrado Selvagem do Vale foi o período de 1969 a 1985, quando Tia Neiva exercia o comando. Neste período prevalecia a liderança carismática da clarividente e a burocracia praticamente inexistia. Após a morte de Tia Neiva o Vale passou a ser comandado pelos seus filhos e seu marido, que passaram a ser denominados

de Trinos e sem a liderança carismática, a religião passou por um processo de burocratização e regramentos, constituindo-se nessa fase, o Sagrado Domesticado do Vale do Amanhecer.

Toda igreja constituída possui decerto seus místicos, mas desconfia deles, delega-lhes seus confessores e diretores espirituais para dirigir, canalizar e controla seus estados extáticos, isso quando não os trancafia em algum convento de onde seus gritos de amor desvairado não conseguem se fazer ouvir. A sociedade vai mudando, porém, ao redor desse bloco que quer manter um passado enterrado. Daí os despertares, os movimentos por reformas, as heresias, os messianismos e os milenarismos, para tentar lutar contra a defasagem sempre crescente entre as infraestruturas móveis e as superestruturas conservadoras (Bastide, 2006, p. 263).

Em contraposição à ideia de Nietzsche (1974) de que a religião estava morrendo, sintetizada na frase “Deus está morto”, Roger Bastide (1975) defendeu que a humanidade vive uma busca apaixonada pelo sagrado, a ideia do sociólogo francês é refletida no surgimento das religiões da chamada *New Age*, que tem como principais características o esoterismo e o xamanismo, que surgem na segunda metade do século XX na Europa (Nova Gnose) e Estados Unidos (Transcendentalismo Americano) vindo no esteio do movimento da contracultura, marca o retorno de antigas religiões pagãs europeias, religiões orientais e o surgimento de novas religiões como o Vale do Amanhecer (Oliveira, 2011, p 213).

Para o autor acima citado, dada a configuração do Vale do Amanhecer, dado a estrutura e o layout, na qual os templos deveriam estar próximos a regiões de mata, como os templos de São Lourenço da Mata, Dois Irmãos e Olinda, possibilitou o crescimento e expansão pelas periferias do país. No Brasil, notamos esse fenômeno da ocupação das periferias por religiões da *New Age* e pelo protestantismo pentecostal (Oliveira, 2011, p 215).

Segundo Mendonça (2007) em diálogo com Bastide o sagrado é uma força que irrompe e provoca turbulências tendentes a modificar aquelas forças, que, domesticadas, corroem a esperança. O Sagrado selvagem ocorre na religião e na política, porém neste trabalho, irei focar o sagrado selvagem na religião. Bastide (1975) classifica o sagrado selvagem como um apocalipse renovador, como algo que contesta o “status quo” e renova as práticas religiosas, como a Renovação Carismática, os movimentos neopentecostais e as religiões da *New Age*. No caso específico da *New Age*, temos o Vale do Amanhecer, mas como o sagrado selvagem se manifestou no Vale do Amanhecer?

Partindo de uma análise histórica, poderíamos vislumbrar o sagrado selvagem no Vale do Amanhecer, entre as décadas de 1960 e 1970, quando Tia Neiva começou a ter suas visões, como as visões do Pai Seta Branca, que guiaram a médium ao mundo espiritual e fundação do Vale do Amanhecer, senão vejamos, Para Mendonça (2007) a experiência do sagrado fundamenta-se num fenômeno, numa aparição, isto pode ser confirmado a partir das visões de

Tia Neiva sobre Pai Seta Branca, configurando assim, o sagrado selvagem do Vale do Amanhecer. Mário Sassi segundo marido de Tia Neiva passou a sistematizar a doutrina, a partir da interpretação das visões de Tia Neiva.

A década de 1980 marcou a institucionalização da doutrina do Vale do Amanhecer, ou seja, temos a transição do sagrado selvagem para o sagrado domesticado, a expansão do Vale do Amanhecer como uma religião institucionalizada. Essa situação de consolidação e expansão do Vale do Amanhecer como religião, acelerou após a morte de Tia Neiva em 1985 e o comando da religião passar para os quatro Trinos.

Atualmente, a doutrina do Vale do Amanhecer encontra-se consolidada, com seus rituais definidos, com os espaços sagrados consolidados, ou seja, os Templos, que em geral, ocupam grandes áreas próximas a matas e florestas e organizado de modo a possibilitar, senão todos os rituais, pelo menos a maioria deles, existem alguns trabalhos feitos pelos médiuns que são exclusivos do templo sede de Brasília, com a organização dos médiuns definidas entre médiuns de incorporação (Aparás/Ajanãs) e os médiuns de comando e intermediação entre entidades espirituais e o mundo material (Doutrinadores), os rituais de emplacamento, iniciação, elevação de espadas e centúria. Apesar de não ter um livro sagrado, o Vale do Amanhecer possui livros que tratam dos mantras e rituais.

CAPÍTULO 2 - PRESENÇA TRANSCONTINENTAL DO VALE DO AMANHECER

O presente capítulo tem como objetivos, demonstrar porque foi escolhido o hibridismo em desfavor do sincretismo e demonstrar como o Vale do Amanhecer formou um mosaico, a partir de fragmentos transcontinentais, formando um panteão de divindades de quatro continentes e de várias religiões. Demonstrar que o Vale é uma religião da *New Age* e dada ao caráter transcontinental, o multiculturalismo também é presente.

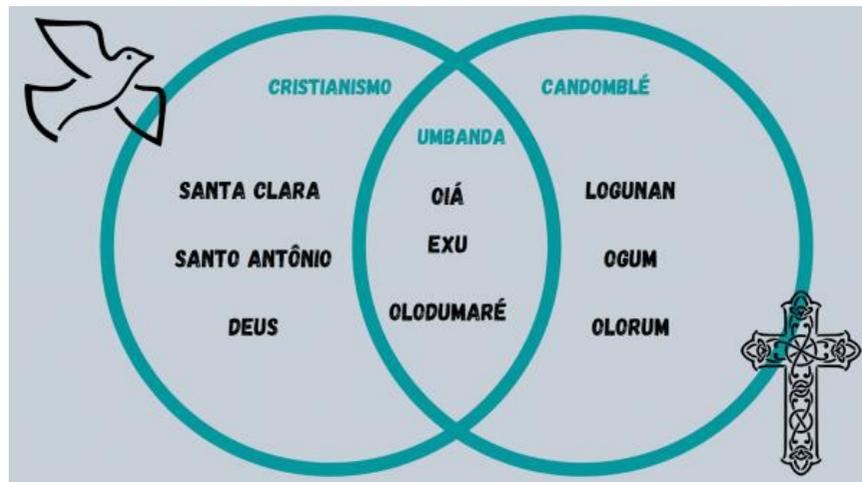
2.1 HIBRIDISMO OU SINCRETISMO

O sincretismo foi hegemônico entre estudiosos na maior parte do século XX. Começou a receber críticas nas últimas décadas do referido século, sendo ligada a opressão protagonizada pelo colonizador contra indígenas e negros. A ideia de que os negros escravizados utilizavam os santos católicos como forma de esconder seus orixás, temendo retaliações dos senhores vem sendo rechaçada por alguns estudiosos. Podemos observar esse pensamento em Herskovits, Apter (2005), que tece críticas ao sincretismo nas religiões de matriz africana no continente americano.

O catolicismo do vodun, do candomblé e da santeria não é uma máscara para esconder a adoração de divindades africanas da perseguição. Representa a religião dos senhores, transformada e apropriada pelos escravos, aproveitando seus poderes no universo do discurso. [...] Quero ressaltar que o sincretismo envolve necessariamente tanto a destruição quanto a reconstrução e, portanto, é intrinsecamente político (Apter, 2005, p. 178-179).

Porém, como foi dito anteriormente, não existe consenso acerca dessa ideia de ligação do sincretismo a opressão colonial, pois ainda é válida a ideia de sincretismo como estratégias dos africanos para continuar praticando seus cultos através do espelhamento de entidades africanas com os santos e santas do catolicismo romano. A imagem abaixo esclarece porque o sincretismo não se encaixa no Vale do Amanhecer. A imagem utiliza círculos concêntricos para mostrar o espelhamento dos santos católicos e os orixás da Umbanda e Candomblé. No caso do Vale não há espelhamento, as divindades são trazidas para o panteão e mantém suas características individuais, algo parecido com a religião do Império Hitita, conhecida como a religião dos mil deuses.

Figura 27- Imagem de círculos concêntricos mostrando o sincretismo entre cristianismo e religiões de matriz africana.



Fonte: <http://colegioanglobrasileiro.com.br/site/8o-ano-le-o-pagador-de-promessas-e-aprofunda-conhecimento-sobre-sincretismo-religioso-em-pesquisas/> acesso em 16/03/2023.

Na imagem acima podemos observar os círculos concêntricos com o sincretismo entre os Santos e Santas Católicos e Orixás da Umbanda e Candomblé, o mesmo santo/santa é espelhado em entidades do Candomblé e Umbanda, esses desdobramentos ocorrem em todas as regiões do Brasil, e, a depender da região, o mesmo orixá pode ser espelhado em santos diferentes, como por exemplo, Iemanjá que no Recife é espelhado em Nossa Senhora da Conceição, enquanto que em Salvador Iemanjá é espelhada em Nossa Senhora das Candeias.

Ferreti (2014) cita a utilização do sincretismo no Candomblé como forma de inserção do negro na sociedade e não apenas como uma estratégia de mascaramento da religião afro como forma de escapar da perseguição por parte do senhor.

Em outro trabalho Consorte (2010), comenta a presença e permanência do sincretismo no candomblé, apesar do Manifesto de 1983 de ialorixás baianas contra o mesmo. Consta que o sincretismo continua presente em muitos terreiros tradicionais da Bahia, tendo em vista que o catolicismo foi incorporado como estratégia de inserção do negro em nossa sociedade e, por isso, não é apenas um disfarce descartável (Ferreti, 2014, n/p).

É questionável a ideia de que o sincretismo se resume apenas a uma máscara descartável, já que o espelhamento entre orixás e santos e santas católicos vem desde o sequestro de africanos para a América, pois as religiões de matriz africana como o Candomblé, Umbanda, Vodun e Santeria se estabeleceram no continente em diferentes culturas e chegaram até os dias atuais.

Stewart (2005) pesquisou o sincretismo como algo que não é um conceito fixo, pois na visão do mesmo, todas as religiões que em algum momento teriam utilizado o sincretismo, como

é o caso citado pelo autor, da religião cristã e a religião romana após o Concílio de Nicéia, com esse conceito de sincretismo como algo que ocorre a todas as religiões em um determinado momento de sua história, faz uma crítica singela aos defensores do purismo religioso.

Stewart (2005) afirma que, com Plutarco, no séc. I a.C, o termo sincretismo tinha conotações positivas de união ou fusão contra o inimigo comum; no século XVII, adquiriu conotação negativa, sendo visto como reunião ou unificação ecumênica entre várias doutrinas cristãs. Diz, ainda, que essa visão negativa permaneceu por muito tempo. Para Stewart (2005), na teoria social contemporânea, processos como globalização, migração e formação de diásporas são temas de grande interesse. Neste campo, a palavra sincretismo reaparece vinculada a conceitos como hibridação cultural e crioulanização, como meios de capturar a dinâmica do processo global atual. Lembra que a ideia de pureza cultural se tornou totalmente suspeita na antropologia e acarreta a premissa de que não há tradições religiosas puras. Todas as religiões inovam e forjam novas formas híbridas. Afirma que, numa definição geral, sincretismo é a combinação de elementos de duas ou mais tradições religiosas diferentes dentro de uma estrutura específica (Stewart, 2005, p 51).

O pensamento de Stewart (2005) aproxima ainda mais as fronteiras entre sincretismo e hibridismo, o que torna ainda mais difícil a diferenciação entre esses dois conceitos, o cerne da questão parece ser de ordem política, refletindo as dicotomias entre os que defendem o sincretismo como um pensamento ligado a opressão colonial, onde o escravizado espelhava seus orixás em santos e santas católicos como forma de fugir da repressão pelos senhores, enquanto que outros veem o sincretismo como um pensamento ligado a tolerância religiosa, pois une elementos de religiões distintas, aproximando as duas.

A imagem abaixo mostra a sincretização entre Iemanjá e Santa Bárbara, reforçando a ideia de espelhamento entre santos católicos e orixás africanos, o que é incompatível com o Vale do Amanhecer que tem Iemanjá incorporada ao seu panteão, porém não há um espelhamento ou adaptação, neste caso, a orixá é recepcionada no Vale com todas as suas características das religiões africanas, ou seja, a Iemanjá do Vale é a mesma entidade espiritual das religiões africanas.

Figura 28 - Imagem da sincretização entre Iansã e Santa Bárbara.



Fonte: Figura 28 - <https://folhabv.com.br/coluna/Minha-Rua-Fala---06-11-2018/7340> acesso em 16/03/2023

A imagem acima mostra as divergências e semelhanças entre a Orixá Iansã e Santa Bárbara. Podemos observar que ambas têm em mãos uma espada e utilizam uma coroa, porém a sensualidade da Orixá faz um contraponto a imagem recatada de Santa Bárbara, onde fica claro as diferenças culturais e de estética entre o cristianismo ocidental e as religiões de matriz africana, ou seja, não dá para afirmar que o sincretismo é apenas uma máscara para esconder o culto africano dentro das imagens do catolicismo romano. Como afirma Mary (1999, p. 150) “[...] que o trabalho com esquemas leva o antropólogo a dizer que, quanto mais a coisa é a mesma, mas ela muda [...]”.

Em relação ao sincretismo, Rudolph (2005) classifica o mesmo como ambíguo e defende que essa ambiguidade está ligada à religião. No exame acerca dessa ambiguidade, ele estuda o sincretismo a partir da etimologia do termo, que tem sua origem na Grécia antiga, ele classifica o sincretismo a partir de três conceitos:

- 1) o conceito de sincretismo desempenha papel de designação universal e relativamente neutra para contatos culturais e religiosos que podem ser considerados como mistura; 2) seu uso requer uma terminologia uniforme que não foi ainda estabelecida entre as designações como: simbiose, aculturação, identificação, amálgama, fusão, assimilação, transformação, metamorfose, substituição, ecletismo, síntese, relativismo e outras; 3) a natureza do sincretismo

é caracterizada por palavras como: transposição, alienação, ambiguidade, com acordo, que expressa a dinâmica da religião (Rudolph, 2005, p 75).

As citações demonstram o quão complexo é o conceito de sincretismo, onde podemos observar o discorrer de vários pensadores acerca deste tema e as diferenças colossais entre estes. Para uma corrente, o sincretismo não passa de um conceito ultrapassado e que seria apenas uma forma do africano esconder seu credo, fingindo que cultuava a religião do colonizador, mas que de fato estava praticando seu culto. Outros autores defendem o sincretismo como uma fusão entre religiões onde Orixás espelhados em Santos Católicos ganham características próprias que vai variar de região para região, o mesmo Orixá sincretiza com Santos Católicos diferentes.

Também podemos observar diferentes visões acerca do sincretismo na questão inclusão/exclusão onde grupos “puristas” defendem que o sincretismo é excludente por afetar o suposto purismo das religiões afro, enquanto outros defendem que o sincretismo é inclusivo, pois aproxima religiões e culturas distintas e que todas as religiões, em algum momento de sua história, passaram por sincretismo com elementos de outras religiões.

O conceito de hibridismo cultural não é novo, porém vem sendo muito utilizado pelos adeptos dos estudos pós-modernos. Ao contrário do sincretismo religioso que está afeito apenas a conceitos religiosos, o hibridismo abriga um campo mais amplo envolvendo política, biologia, cultura, literatura e religião.

Na imagem abaixo é possível verificar dois símbolos de religiões distintas fazendo parte do ritual da Estrela Candente, no caso a Santa Cruz vazia (símbolo do Cristianismo) e a imagem de Iemanjá (Orixá das religiões de matriz africana). Exemplificando bem, o caráter híbrido do Vale do Amanhecer, pois as não há fusão ou alteração nas entidades, as duas imagens estão lado a lado mantendo suas características, isso é um exemplo do hibridismo.

Figura 29 - Imagem espaço da Estrela Candente



Fonte: - <http://ciganaaganara.blogspot.com/2016/01/trabalhos-no-vale-do-amanhecer-quantos.html>. Acesso em 20/03/2023.

O hibridismo vem interessando pensadores pós-modernos, bem como pensadores pós-coloniais que se afastaram do sincretismo religioso por considerar o mesmo como uma forma de pensamento favorável ao colonizador em detrimento do colonizado, uma vez que deixaria às religiões dos povos colonizados em uma situação hierárquica inferior a religião do colonizador. Atualmente observamos a ascensão do pensamento decolonial que acentua ainda mais a crítica ao conceito de sincretismo, vindo a reforçar ainda mais a utilização do conceito de hibridismo.

A perspectiva decolonial se constitui em um importante movimento de renovação epistemológica para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI. A mesma vem sendo fortalecida a partir do final da década de 1990 com a formação do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), formado por diversos intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas (Ballestrin, 2013, p 45).

Entre suas principais associações e questionamentos podemos destacar: a crítica às concepções dominantes de modernidade; as situações de opressões vivenciadas na América como consequências do colonialismo; o conceito de raça como importante instrumento de dominação europeia; a superação da colonialidade do poder, colonialidade do ser e colonialidade do saber; a ruptura com o eurocentrismo; a busca de uma nova civilidade e novas formas de organização espacial; e ainda, a interculturalidade crítica e a transculturalidade como importantes ferramentas para um novo projeto de sociedade. (Silva, 2019, p 23).

O hibridismo como o sincretismo não gozam de consenso entre os autores que trabalham os referidos temas, em relação ao hibridismo sequer existe consenso em relação à nomenclatura, pois podemos observar que Canclini (1997) prefere utilizar o termo hibridação, pois o mesmo vê o sincretismo ligado a fusões religiosas e miscigenação, enquanto que Hall (2000) vê o

hibridismo como um fenômeno ligado apenas a questão da composição miscigenada de um determinado povo.

O mesmo enxerga um papel mais amplo para hibridização que alcançaria “a combinação de elementos culturais heterogêneos em uma nova síntese – por exemplo, a ‘crioulização’ e a ‘transculturação’” (Hall, 2000).

O britânico Burke (2003) verifica que o hibridismo é um processo inerente a todas as culturas, pois para o mesmo, não existe cultura pura, em algum momento, todas as culturas sofreram algum tipo de hibridização, mesmo as culturas mais isoladas, restritas a ilhas ou isolada por outros tipos de barreiras geográficas.

[...] não existem fronteiras culturais nítidas entre grupos e sim um contínuum cultural. Devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos (Burke, 2003, p. 31).

A ideia do hibridismo ter surgido no campo da biologia, especificamente as ideias do naturalista britânico Charles Darwin, incomoda alguns autores, como Assunção (2005), que vê problemas na ideia de naturalização da mistura, pois se essa ideia vinga, também seriam naturalizados os processos de utilização da cultura do colonizador/invasor para dominar a cultura do colonizado/invadido, como no caso da invasão da Coreia pelo Japão no século passado, onde os japoneses tentaram apagar a cultura dos coreanos, inclusive impondo o japonês como idioma oficial da Coreia, impedindo os coreanos de falarem seu próprio idioma.

Um termo que tem escopo dentro do campo de hibridização, é o conceito de crioulização, desenvolvido por Mintz e Price (2003) e que tem como base, a ideia do surgimento de uma cultura nova, a partir da hibridização entre as culturas do colonizador europeu com a cultura dos autóctones e africanos, principalmente os africanos se adaptam rapidamente a nova cultura híbrida que surge principalmente na colônias latinas, ocorrendo com maior dificuldade nas colônias britânicas, onde a miscigenação era duramente reprimida.

Acerca da crioulização, Parés (2005) comenta: “a crioulização conota a ideia de hibridação e síntese cultural, quando não de assimilação às práticas e valores dominantes já estabelecidos”. (Parés, 2005, p. 93). Podemos observar que o referido autor faz uma crítica a essa terminologia, afirmando que é apenas um jogo de semântica e sugere inclusive que tal pensamento poderia estar ligado à assimilação de condutas e valores hegemônicos do colonizador. Diante de tudo que foi exposto, entendemos que o hibridismo é a mistura das religiões, a partir deste pressuposto podemos compreender que essa ideia se encaixa melhor no Vale do Amanhecer do que a ideia de sincretismo.

Enquanto o hibridismo é a mistura de religiões, o sincretismo é a fusão das religiões.

As religiões de matriz africanas, dado a peculiaridade da nossa colonização, ocorreu o fenômeno do sincretismo, pois os africanos proibidos de cultuar seus orixás, faziam o espelhamento de suas entidades com os santos católicos, como uma forma de continuar a cultuar suas divindades, fazendo parecer a quem estava de fora, que os mesmos estavam cultuando os santos católicos. “Os santos católicos teriam que mais tarde de tomar-lhes a semelhança e muitos dos atributos para se popularizarem” (Freyre, 1998; p.204).

No caso do Vale do Amanhecer o hibridismo se encaixa de forma mais adequada, pois não ocorre fusão o espelhamento das entidades, o que ocorre é a recepção de entidades de outros credos, como Orixás e pretos velhos que vem da Umbanda e do Candomblé, espíritos avançados do Kardecismo como os doutores Fritz e Bezerra de Menezes, santos/santas do catolicismo como Santa Maria, elementos da religião do Egito antigo como Akenaton e Ramses, dentre outros, fica claro que o Vale do Amanhecer é uma religião híbrida.

O processo de colonização do Brasil, que ocorre a partir da “miscigenação” de três grupos étnicos (africanos, indígenas e europeus) dado a necessidade urgente de Portugal em ocupar o território brasileiro, sob risco de invasão por outros povos europeus. É interessante notar a visão de Gilberto Freyre acerca da formação do povo brasileiro, o mesmo desenvolve o conceito de “democracia racial” (o termo está sob aspas porque a academia e as entidades que lutam contra o racismo não concordam que existe uma democracia racial no país), pois para Freyre, o elemento aglutinador do processo de formação da identidade nacional seria a religião católica imposta que perpassa as três etnias, o português que vai trazer o catolicismo para a colônia, o indígena catequizado e o negro sincretizado.

As festas religiosas ocorriam ao longo de todo o ano, e marcavam o calendário do Brasil colonial, imprimindo ritmo à vida social. Eram acontecimentos que congregavam todos os membros da casa grande – senhores e escravos – bem como seus aliados de outras famílias. Momentos de convívio social, de celebração, de revitalização de laços intra e interfamiliares, de ir à cidade para comemorar (Freyre, 2006 p.38).

O africano devido à condição de escravizado teve que desenvolver estratégias para preservar a sua identidade. No campo religioso o sincretismo foi a estratégia utilizada para manter a sua religião sem ser recriminado pelo branco. Isso possibilitou a sobrevivência das religiões africanas na colônia até os dias atuais. Hoje as duas grandes linhas religiosas africanas são o Candomblé e a Umbanda.

A segunda metade do século XX, apesar de neste período o Brasil ainda ser um país de maioria católica, a pressão sobre as religiões fora do escopo do catolicismo e protestantismo diminuiu sensivelmente. O Brasil já não possuía uma religião oficial, como na Constituição Imperial de 1824. Apesar da melhoria para outras religiões no Brasil, o Vale do Amanhecer não se afasta das origens do povo brasileiro, ou seja, um povo miscigenado e de cultura híbrida.

Ao estudar a pluralidade dos modos de ser dos sertanejos nordestinos, dos caboclos da Amazônia, dos crioulos do litoral, dos caipiras do sudeste e do centro do país, dos gaúchos das campanhas sulinas, dos ítalo-brasileiros, dos teuto-brasileiros, Darcy confirmava que, no Brasil, o elemento híbrido reina (Miglievich; Ribeiro, 2011, p.10).

O hibridismo, como temos apresentado, é um conceito amplo, não estando resumido apenas ao campo da cultura, perpassando outros campos, como cultura, biologia, literatura, etc. Hoje se discute o hibridismo no campo cultural essa amplitude do hibridismo é interessante para o estudo do Vale do Amanhecer que surge como umas das religiões no seio do movimento *New Age*, ou seja, no momento histórico do surgimento do Vale do Amanhecer, o mundo começava um movimento como o multiculturalismo e a globalização, sendo o Vale do Amanhecer influenciado por esses movimentos. Nesse sentido Burke analisa o hibridismo como encontro múltiplos e mistura de culturas diversas. Devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos (Burkre, 2003, p. 31).

O hibridismo no Vale do Amanhecer possui uma grande amplitude, que ocorre na tendência a dualidade no âmbito do Vale do Amanhecer, médiuns de intermediação (razão) corrente kardecista e médiuns de incorporação (emoção) corrente umbandista, entidades de religiões de matriz africana como pretos velhos, caboclos e exus, além do hibridismo com as religiões de matriz africana, a transcontinentalidade do Vale do Amanhecer se estende ao Egito, Tibete, Grécia, Roma, e áreas fora do espectro religioso, como elementos de ufologia.

2.2 *NEW AGE* E MULTICULTURALISMO

O movimento Nova Era é considerado por seus estudiosos, um movimento de difícil compreensão, pois não é fácil delimitar o seu escopo de ação uma vez que não está restrito apenas ao campo religioso, estendendo sua ação aos campos filosófico e cultural. A concepção de que a humanidade estaria deixando a Era de Peixes e adentrando na Era de Aquário implicaria em mudanças significativas em praticamente todos os campos de atuação humana, por isso não é possível ver o movimento como apenas um movimento restrito ao campo religioso.

Figura 30 - Imagem de alguns símbolos utilizados pelo movimento *New Age*.



Fonte: <https://www.revistaebd.com/2014/03/licao-10-o-movimento-da-nova-era.html?spref=pi>. Acesso em 20/03/2023

Na imagem acima podemos observar uma série de símbolos utilizados do movimento *New Age*. Alguns símbolos são bem conhecidos pelo senso comum. É possível observar que dentre os símbolos temos a suástica que hoje é um símbolo associado ao Nazismo, porém este símbolo é mais antigo que o fascismo alemão. Por exemplo, a suástica pode ser encontrada em templos hindus. Outro símbolo utilizado são os raios paralelos, símbolo este usado pelas Waffen SS, porém, como no caso da suástica, também é muito mais antigo que o Nazismo.

Verificamos que alguns símbolos do satanismo também aparecem. Símbolos como o número “666” e o crucifixo de cabeça para baixo, esses símbolos são utilizados pelos detratores como forma de atrelar o *New Age* ao satanismo, também verificamos a presença da estrela de David, símbolo nacional do Estado de Israel, o que mostra bem a amplitude do *New Age*. O Vale utiliza símbolos como a Estrela de David, Pirâmide, o Rio e o Crescente com a Estrela. Para Amaral (1999b) a NE seria justamente essa possibilidade de ser utilizados diversos elementos culturais retirando-os de seus contextos originais, ressignificando-os e utilizando-os performaticamente para determinada finalidade.

A dualidade é uma das marcas do movimento *New Age*, a ideia na *New Age* é a procura pelo equilíbrio entre os opostos, como no Taoísmo onde se persegue o equilíbrio entre os opostos na busca pela harmonia, a nova forma de pensar, sentir e se relacionar e o equilíbrio entre os opostos seriam os objetivos a serem alcançados nessa nova era que se aproxima, conforme passagem de Magnani (2000).

[...] maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros, com a natureza e com a esfera do sobrenatural. De uma forma geral, essas transformações

são entendidas no sentido de um reequilíbrio entre pólos – corpo/mente, espírito/matéria, masculino/feminino, ciência/tradição etc. – até então opostos e em conflito (Magnani, 2000, p. 10).

O movimento *New Age* surgiu nos Estados Unidos na década de 1970 como uma forma de reação ao pensamento ocidental, por isso, este movimento resgata elementos esotéricos como as religiões celta e dos países nórdicos, religiões africanas, religiões e filosofias orientais. O movimento surge com a ideia da busca pela paz e harmonia entre os seres humanos, é buscada a vida na natureza, formando um contraponto ao materialismo hegemônico na modernidade.

O *New Age* é um movimento que vem no bojo dos movimentos da contracultura. Movimento este com presença muito forte nas décadas de 1960/1970 e início da década de 1980. Podemos observar algumas semelhanças entre os movimentos *New Age* e o movimento Hippie, pois ambos buscavam um convívio equilibrado e profundo com a natureza, defendiam a paz, usavam de elementos do ocultismo, compartilhavam alguns símbolos em comum (símbolo da paz).

Neste sentido, o *New Age* busca a elevação espiritual através de elementos da natureza. Neste ponto podemos observar algumas semelhanças entre o Vale do Amanhecer (que utiliza elementos presentes na natureza como caboclos, pretas e pretos velhos. O contato com a natureza é evidenciado na exigência de que todo templo tem que ser feito próximo a mata, bosque ou floresta) como o Santo Daime e a Barquinha (que utilizam elementos alucinógenos obtidos de ervas e seus templos também são próximos a natureza).

A teosofia é um pensamento importante para o *New Age*, pois boa parte do arcabouço teórico do movimento teve a contribuição de teosóficos como o americano David Spangler que desenvolveu o conceito que a passagem da Era de Peixes para a Era de Aquário liberaria boas energias para a humanidade, possibilitando um salto na evolução para os seres humanos.

David Spangler, filósofo espiritualista estadunidense, foi um dos grandes mentores das primeiras fases da Nova Era (Nova Era sensu stricto), sendo um dos líderes da comunidade rural Findhorn, na Escócia. Segundo Hamegraaff (1996, p. 38), Spangler pode ser considerado como o "teólogo residente" de Findhorn. A partir do que ele entendeu como uma "chamada interior", Spangler deixou os EUA ainda jovem rumo à Europa em 1970, pois a voz interior lhe havia dito que lá ele encontraria as chaves para um próximo ciclo espiritual. David Spangler é considerado, muitas vezes, o pai do movimento Nova Era (Hanegraaff, p. 104).

Findhorn foi fundada em 1962, bem no início do movimento, pelo casal Peter e Eileen Caddy e sua amiga Dorothy Maclean. O desejo era o de seguir um caminho espiritual disciplinado a partir de vozes interiores que os levaram a formar a comunidade. Já com relativo sucesso, Spangler se juntou ao grupo, de então 300 pessoas aproximadamente, em 1970, implementando um verdadeiro currículo espiritual de aprendizagem (Guerreiro; Bein, 2021, n/p).

Outra contribuição para o movimento vem da jornalista e escritora Marilyn Ferguson que escreveu sobre a Nova Era.

Marilyn Ferguson foi uma escritora e jornalista que viveu intensamente aqueles primeiros momentos do movimento Nova Era. Na década de 1970 resolveu colocar na forma de livro o que seria, para ela e para aqueles à sua volta, uma verdadeira conspiração voltada para o bem. Na medida em que se situava na lógica dualista de bandos que se enfrentavam, entre uma cultura repressora e uma contracultura libertadora, não teve dificuldade em expressar o conflito em termos de conspiração. Só que, segundo ela, os conspiradores seriam os próprios novaeristas (Guerreiro; Bein, 2021, p 83).

A ligação com a teosofia e religiões consideradas pagãs por parte de alguns setores do cristianismo, levou a várias teorias da conspiração sobre este movimento. Existem teorias da conspiração contra e a favor do movimento, onde as teorias anti *New Age* ligam o movimento ao ocultismo e satanismo, enquanto, as teorias pró *New Age* procuram associar o *New Age* a evolução e libertação do ser humano. Seria um movimento natural que é impedido pela elite mundial adepta do materialismo.

Para Goodrick-Clarke o conspiracionismo anti Nova Era seria resultado da crise dos anos 1990-2000, cabendo perguntar se as teorias da conspiração não estariam implícitas na Nova Era desde o começo, ou mesmo até que ponto o pensamento conspiratório formaria parte de qualquer religião. Tal questionamento pode ser respondido pelo que vimos anteriormente, tanto em termos das características religiosas das teorias da conspiração, como da inclinação da Nova Era para com estas, a começar da maquinação visionária de Marilyn Ferguson (Guerreiro; Bein, 2021, p 48).

O movimento *New Age* é um movimento pós-moderno? Não há consenso entre os autores. Alguns defendem que a *New Age* é um movimento próprio, enquanto outros classificam a *New Age* como um movimento pós modernistas. O fato é que a *New Age* tem muito em comum com o pós-modernismo, pois as religiões da *New Age* oferecem aos fiéis a segurança de pertencer a um grupo, de se sentir acolhido e a liberdade de ação para os fiéis que não são presos a um vasto campo de dogmas e restrições. Podemos encontrar conexões através do humanismo e da busca da evolução por parte do ser humano.

Pode-se dizer que o termo pós-modernismo nasce de uma possível ruptura com o racionalismo, propondo uma crítica às instituições estabelecidas até então, fundamentadas em sistemas culturais fragmentados – ciência, moral e arte. No entanto, como aponta o mestre em filosofia Maikon Scaldaferrro, a partir do filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, não é como se o pós-modernismo fosse um novo modelo cultural, se apresentando mais como um novo estado de consciência e um projeto do que como uma nova época da história. Dessa forma, o pós-modernismo não pode ser visto como um sistema cultural unificado e os pensadores que o compõem não necessariamente tratam dos mesmos assuntos. Daí que Foucault fale de novas concepções de poder, dizendo que este

se encontra diluído na sociedade atual; Habermas trate da comunicação e apresente a premissa de que a verdade se apresenta através do diálogo; Giddens estude a relação dos indivíduos com as instituições; Pierre Bourdieu delimite a Teoria Praxiológica e defenda que teoria e prática se complementam e transformam concomitantemente. Sendo assim, embora o pós-modernismo traga um novo modo de pensar a respeito de como a verdade se constitui e uma perspectiva mais crítica diante do sistema, ele não necessariamente cai em uma relativização completamente desligada dos valores propagados até então, como muito se julga. Isso também se expressa através do fato de que diferentes pensadores lhe atribuem nomenclaturas diversas, não compactuando entre si (Celina, 2016, p 108).

Apesar de ter um campo filosófico definido, alguns pensadores avaliam que o movimento *New Age* é um movimento heterogêneo, pois tem um amplo espectro atuando em várias áreas, não estando afeito apenas ao campo da religião, essa polissemia torna uma tarefa muito difícil o estudo sobre a *New Age*.

Dado a sua heterogeneidade, o movimento *New Age* é um grande desafio para a sua compreensão, pois não tem uma doutrina definida, não possui hierarquia estabelecida, sendo um movimento de amplo espectro, mesmo no campo religioso.

[...] as descrições empíricas variam desde uma metapragmática reflexivista *New Age* (como conjunto de padrões externos), que contamina e transforma diversos sistemas e tradições, até grupos pseudo-*New Age*, como seitas mágico-milenaristas, geralmente destacadas por jornalistas e teólogos. A expansão das terapias alternativas e a questão ecológica são outros aspectos enfatizados, ao passo que outra linha de estudos explora a *New Age* como espiritualidade anti-religiosa centrada no self (identidade do sujeito), relacionada agora mais explicitamente à pós modernidade. (D'Andrea, 2000, p. 59).

O final do século XIX pode ser marcado como o início do movimento *New Age*, como explica Oliveira (2014, p 168) “Em termos históricos, a NE começa a se delinear, ainda nos finais do século XIX, a partir da teosofia, do ocultismo e do transcendentalismo [...]”. No século XX a atração do ocidente pelo oriente é mais um tijolo na edificação da *New Age*, religiões orientais passam a despertar interesse por parte dos ocidentais, budismo, Hare Krishna. Yoga, Said (2007) desenvolveu o conceito de ocidente latente, que basicamente, analisa a ideia de um oriente idealizado ou romantizado pelo Ocidente. É dentro desses conceitos que o movimento *New Age* é formado e avança na segunda metade do século XX, quando chegou ao Brasil.

No Brasil a *New Age* encontra um campo fértil para se expandir, devido as características advindas da origem colonial, as religiões de origem africana bem como as religiões dos povos originários com suas magias e seus ritos, a Maçonaria, Teosofia e outras práticas vinda com os europeus, bem como práticas orientais que chegam com os imigrantes japoneses e posteriormente com os imigrantes chineses. A nossa formação étnica mesclada com os imigrantes orientais que chegam no século XX formam os ingredientes necessários para a *New*

Age que ganhou força a partir do final da década de 1960. Na década de 1970 em virtude do primeiro choque do petróleo, consequência direta da Guerra, Yom Kippur em 1973, comenta: o Milagre Brasileiro perdeu força, a classe média foi afetada e com isso, a ditadura militar ficou sem sustentação popular e começou o longo caminho de volta a democracia, isso possibilitou novos movimentos na cultura brasileira como o movimento armorial e o rock brasileiro, que tem Raul Seixas como um de seus percussores, Raul Seixas que explorou o misticismo em suas músicas compunha canções com Paulo Coelho e se inspirava nas doutrinas de Aleister Crowley.

Foi neste período de retorno gradual da democracia que religiões iniciáticas como o Santo Daime e o Vale do Amanhecer começaram a se expandir pelo território brasileiro. E no Brasil a *New Age* ganhou uma dimensão própria, se afastando da *New Age* americana e europeia, o elemento diferencial é a aproximação da *New Age* com os movimentos religiosos populares.

A Nova Era no Brasil, ao sincretizar, realiza tal processo dentro de uma brasilidade, com o famoso jeitinho, fala-se em preto-velhos, caboclos, Iemanjá, etc, mas quando indagamos aos nossos informantes se estes são os mesmos daqueles encontrados na umbanda e no candomblé, eles enfaticamente destacam que não são, só se aparentam na imagem, mas são outros, seres de luz, evoluídos espiritualmente, que estão aqui para fazer caridade. Neste sentido, encontramos a incorporação do espiritismo kardecista, como um elemento fundamental para cimentar as práticas sincréticas, já que ele remete a uma religião de mediação, ao mesmo tempo próxima das práticas dos cultos afro-brasileiros, por ser uma religião de possessão, mas ao mesmo tempo distante simbolicamente ao ser uma religião de brancos e letrados (Oliveira, 2011a, p. 81).

Figura 31- Imagem de Ashtar Sheran, um alienígena, segundo algumas crenças da Nova Era.



Fonte: www.angels-light.org. Acesso em 19/03/2023.

Imagens de alienígenas estão presentes em religiões iniciáticas da *New Age*, como o Vale do amanhecer. São imagens presentes em alguns rituais do Vale do Amanhecer como a Estrela Candente, uma nave espacial chega no final do ritual para recolher os espíritos elevados durante o ritual. Os alienígenas no Vale, ocorre a partir da história no livro *Exilados de Capela*, que narra a história de uma raça de alienígenas que foram obrigados a se exilarem na Terra para evoluírem moralmente e ajudar os habitantes da terra no seu desenvolvimento moral e espiritual.

Figura 32 - Imagens de Ministros do Vale do Amanhecer



Fonte: <https://www.raydoamanhecer.com.br/galeria/>. Acesso em 19/03/2023

Ministros e Cavaleiros são representados por imagens alienígenas, como é possível verificar acima as imagens dos vários Ministros e Cavaleiros no Castelo dos Doutrinadores. Os ministros e cavaleiros vem de vários mundos (tomando como base o livro *Exilados de Capela*) com a função de proteger os médiuns e ajuda-los quando necessário. Cada médium tem o seu ministro e cada Doutrinador tem o seu cavaleiro.

A imagem na página acima mostra alguns Ministros do Vale do Amanhecer, os alienígenas se apresentam na forma de ministros e cavaleiro, pois a ufologia está presente nos rituais do Vale do Amanhecer, seja na parte doutrinária com o uso do livro *Os Exilados de Capela*, como em imagens de Ministros presentes nos rituais e, em vários setores dos templos.

O último componente das religiões *New Age* é o conceito de multiculturalismo que um importante item para a compreensão do que ocorre no século XXI. As décadas finais do século

XX e as primeiras décadas do século XXI foram marcadas por um grande fluxo migratório da África, América Latina, Ásia e Oriente Médio para o Ocidente, como diz Michel Certeau (1981, p.10) "[...] a vida consiste em atravessar constantemente fronteiras".

Indo no sentido oposto de Certeau (1981) políticos do partido Rassemblement National (antiga Frente Nacional) da França acusam que o descontrole sobre os movimentos migratórios estaria mudando a configuração étnica da França. O fluxo migratório tem transplantado não apenas indivíduos têm levado culturas para o convívio com a cultura ocidental, o que afeta tanto os migrantes como os autóctones. Canclini (1997) bem define essa situação "[...] com isto me refiro a dois processos: a perda da relação 'natural' da cultura com os territórios geográficos e sociais, e ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas" (Canclini, 1997, p. 281). Não iremos discorrer sobre serem corretas ou incorretas as migrações em massa, pois não foi objeto desta tese.

O grande fluxo migratório tem levado os países ocidentais a conviver com culturas distintas, num movimento reverso ao colonialismo e neocolonialismo. Esse movimento levou ao conceito de multiculturalismo, que de forma simplória seria o convívio de diversas culturas sob o mesmo espaço geográfico, mas o multiculturalismo é algo bem mais complexo como iremos discorrer a partir de agora.

Descrevem, assim, as cidades modernas, nas quais os relacionamentos se dão entre estranhos que têm que se desenvolver, dentro do que eles nomeiam como tolerância cultural, para conseguir uma convivência. Como resultado das migrações, expatriações, exílios, refúgios, intercâmbios de profissionais e mão de obra qualificada entre nações, surgem vários termos que tentam dar conta da diversidade e da forma de lidar com eles: multiculturalidade, transculturalidade e interculturalidade. (Weissmann, 2018, p 33).

Em relação ao multiculturalismo também não existe consenso entre os autores, pois existe um grupo que vê o multiculturalismo como várias culturas convivendo em um mesmo espaço geográfico, porém mantendo as suas características, não sincretizando ou hibridizando entre si. Outros detêm a visão de que o multiculturalismo seria o convívio de várias culturas tendo a cultura do colonizador como a cultura dominante e hegemônica, essa visão é mantida por teóricos americanos que ainda demonstram não ter preocupação com a manutenção da visão do colonizador, aquela ideia binária de a nossa cultura (colonizador) é a cultura certa, enquanto que a cultura do outro (colonizado) é a cultura errada.

A partir dessa visão do mundo contemporâneo, quando o autor trata de multiculturalismo, ele o associa à política norte-americana, que, junto à globalização, impõe uma definição de mundo com um olhar americano capitalista e individualista, com base no qual se abandonam as particularidades nacionais e peculiaridades históricas de cada povo, para se homologar um mundo homogêneo,

regido pelo olhar universalista. Frisa aqui a imposição do multiculturalismo. Menciona as universidades americanas como aquelas nas quais os conhecimentos tentam anular as particularidades sociais e impor uma visão fora do contexto histórico, como aquela que abrangeria todo o planeta. (Weissmann, 2018, p 28).

Na citação acima é observado uma crítica forte ao multiculturalismo e a globalização, esses movimentos são usados pela política americana para formar uma visão de mundo segundo seus interesses, ou seja, fortalecendo a visão liberal da livre iniciativa e da prevalência do individualismo, bem como o conceito de universalismo oriundo da Revolução Francesa, é o conflito entre globalismo e nacionalismo, na qual o primeiro luta para anular as particularidades históricas das nações, para criar um mundo homogêneo e sem fronteiras.

O multiculturalismo e a religião são dois aspectos interligados e complexos na sociedade moderna, especialmente em contextos onde há uma grande diversidade cultural e religiosa, o Vale do Amanhecer é uma religião que apresenta uma grande diversidade, que é refletida tanto no panteão, repleto de divindades das mais variadas matrizes religiosas, bem como na diversidade de indivíduos que frequentam a casa, seja como paciente, seja como médium. O multiculturalismo refere-se à coexistência de diversas culturas em um mesmo espaço social ou geográfico. Ele promove a valorização das diferenças culturais, o que ocorre no Vale. Dentro das visões do multiculturalismo, a que mais se aproxima do objeto desta tese é o multiculturalismo crítico, que se baseia no entendimento, na qual as relações culturais nunca foram pacíficas, pois estão eivadas por relações de poder, e as relações de poder no Vale do Amanhecer são um dos objetos desta tese.

2.3 OS RITOS INTERCONTINENTAIS DO VALE DO AMANHECER

O hibridismo, multiculturalismo e a *New Age* associados à colonização brasileira fornecem a explicação da configuração da ritualística do Vale do Amanhecer, que reflete a formação da identidade brasileira, um caldeirão étnico forjado a partir da diversidade do português (romano, ibérico, mulçumano), do autóctone e do africano, ao analisarmos os rituais do Vale do Amanhecer veremos fragmentos de diversas religiões dos continentes europeu, americano, africano e asiático. Analisaremos os rituais da Cura, Trono, Indução, Junção, Leito Magnético, Estrela Candente, Defumação, Oráculo, Cruz do Caminho, Randy, Angical, Benção do Pai Seta Branca e Sudálio.

A fundadora criou o Vale do Amanhecer como uma religião espiritualista cristã, a partir das visões que ela recebeu de uma entidade espiritual chamada Pai Seta Branca, principal entidade do Vale deixando patente o hibridismo intercontinental. Pai Seta Branca foi um indígena do altiplano boliviano que viveu no século XVII, reencarnação de São Francisco de Assis, a reencarnação citada acima é um exemplo dos fragmentos da religião, a partir de junção de um elemento do catolicismo europeu, com outro elemento da cultura autóctone americana.

O hibridismo transcontinental do Vale do Amanhecer também fica patente no trânsito de entidades de outras religiões na ritualística do Vale do Amanhecer, como no caso de entidades de cultos afros como Juremas, Caboclos, Pretos Velhos e Exus, usa-se o termo de direita e esquerda para diferenciar o Vale do Amanhecer, das religiões de matriz Africana, o Vale do Amanhecer seria direita e as religiões de matriz africana seria de esquerda.

Exercitando intensamente sua criatividade mitológica e ritualística, ela procedeu a realizar uma leitura espírita de uma quantidade de outras tradições religiosas, dentro de uma linha básica que também pode ser considerada umbandista, ou afro-brasileira, na medida em que a entidade principal cultuada no Vale do Amanhecer é um Caboclo (espírito ligado às matas e que representa o poder espiritual indígena, mestiço e, por extensão, de qualquer brasileiro) chamado Seta Branca. Essa entidade poderia pertencer facilmente ao panteão dos cultos afro-brasileiros tradicionais, como a Jurema, a pajelança, a macumba, além da umbanda; por outro lado, pode ser igualmente interpretada como uma figura cristã, na medida em que Seta Branca é descrito também como um avatar de São Francisco de Assis (Carvalho, 1998, p 8).

Outro ponto que merece observação é a dualidade no Vale do Amanhecer, que pode ser associada a divisão de tarefas entre Tia Neiva e Mário Sassi. A primeira ficou responsável pela organização dos ritos espirituais e o segundo com a estruturação burocrática e hierárquica, ficando claro a dualidade, pois temos espíritos evoluídos e espíritos sofredores, médiuns de incorporação e médiuns de mediação, entre os espíritos incorporados e o aparelho (médium de incorpora o espírito), as duas cores presentes das fitas utilizadas pelos médiuns, lilás e amarelo que representam as duas forças iniciáticas, as duas linhas mestras que são a umbandista (médiuns de incorporação) e a kardecista (médiuns de mediação).

O Vale do Amanhecer possui rituais diversos e complexos. O indivíduo que chega ao Vale do Amanhecer na condição de paciente e segue um percurso na busca da cura espiritual, o primeiro ritual é o Trono, nesse rito o paciente senta em uma cadeira a esquerda, a direita fica sentado o médium de incorporação (Apará/Ajanâ), atrás e em pé fica o médium doutrinador, o médium de incorporação recebe as entidades espirituais, neste ritual temos a presença de entidades das religiões indígenas (caboclos), kardecista (méddicos de cura) e de matriz africana (pretas e pretos velhos) que aconselham e indicam outros rituais. Durante a sessão espíritos

pouco evoluídos atravessam a ritualística e incorporam nos médiuns, sendo elevados pelos médiuns doutrinadores. No caso do ritual de Trono temos a transcontinentalidade América/África/Europa.

O doutrinador não deve ficar parado atrás de um aparâ, MENTALIZANDO. Logo que chegue, fará a puxada. Depois, naturalmente, fará a doutrina e a elevação. Caso o espírito não desincorpore, não deve insistir. Deixa seu lugar para outro pois, muitas vezes, há necessidade daquele sofredor receber fluido de outra natureza para completar sua recuperação, o que não acontecerá se o mesmo doutrinador permanecer atendendo-o. (Zelaya, 1977, P. 15).

A ilustração abaixo mostra a organização do trabalho de trono, onde o médium de incorporação (Aparâ/Ajanã) senta-se ao lado do paciente. O médium que faz a mediação (doutrinador) fica em pé e atrás do médium de incorporação. O ritual de Trono é o início do processo de cura espiritual, o paciente é analisado pelo preto velho ou preta velha incorporado no Aparâ/Ajanã que detecta a “doença” espiritual e recomenda os trabalhos necessários para combater a “doença”. Os pretos e pretas velhas também dão conselhos sobre a vida pessoal e profissional. As vezes um espírito de baixa hierarquia interfere na incorporação, quando isso acontece, cabe ao Doutrinador elevar o espírito e possibilitar o bom andamento da consulta.

Figura 33 - Imagem do trabalho de Trono



Fonte: <https://www.exiliodojaguar.com.br/2013/03/o-paciente-nos-tronos.html>. Acesso em 20/03/2023.

A Mesa Evangélica (ver ilustração abaixo) é um trabalho iniciático que tem como função possibilitar aos espíritos que se encontram presos ao mundo material, a possibilidade serem

elevados, pois quando mais fica preso ao material, mais são os problemas (karma) e mais difícil é a sua evolução, é um trabalho voltado para os espíritos que estão presos ao mundo material e a escuridão. O trabalho também serve para os médiuns limparem sua aura e elevar os espíritos que porventura o mesmo trouxe da rua. O ritual apresenta a transcontinentalidade África/Europa, onde temos elementos do kardecismo e das religiões de matriz africana.

A Mesa Evangélica é formada por um comandante (sempre um jaguar doutrinador), médiuns de incorporação Apará/Ajanã que ficam sentados nas bases do triângulo (a mesa forma um triângulo) enquanto que os doutrinadores ficam em pé e ao lado dos Aparás/Ajanãs fazendo a elevação e sempre se movimentando no sentido horário, o ritual dura aproximadamente 25 minutos.

Figura 34 - Imagem da Mesa Evangélica



Fonte: <http://origensdoamanhecer.blogspot.com/2011/04/mesa-evangelica.html>. Acesso em 20/03/2023.

A ilustração acima mostra em detalhes o ritual de mesa evangélica, na qual temos o farol mestre (Doutrinador comandante do ritual), dois doutrinadores que ficam nas extremidades exercendo a função de faróis, o restante da mesa são ocupados por Aparás/Ajanãs, enquanto os doutrinadores ficam em pé, elevando espíritos e seguindo em frente no sentido horário, podemos observar que está escrito o posicionamento das três forças que regem o trabalho de Mesa Evangélica, Pai Jangô a direita, Pai Zambú a esquerda e o Pai João ao centro.

A Cura é um ritual de inspiração kardecista os pacientes sentam em bancos de cimento, e recebem energias dos médiuns incorporados, à frente ficam doutrinadores e falanges

femininas. O comando do ritual é feito por um doutrinador do sexo masculino, pois só os homens exercem o comando dos rituais no Vale do Amanhecer, apesar da religião ter sido fundada por uma mulher. Em geral os pacientes sempre são encaminhados a cura após a consulta no trono. A transcontinentalidade da Cura é África/América/Europa.

São necessários 10 aparás e 6 doutrinadores, que se posicionam atrás dos Tronos, podendo estar com qualquer uniforme. Com indumentária, 2 mestres adjuração: Um ficará com a lança diante do sal e do perfume e o outro fará a coordenação dos pacientes, contando o tempo das incorporações. No Aleda entram, com suas indumentárias, 4 mestres Sol, 1 ajanã, 3 ninfas Lua e 1 ninfa Sol. (Zelaya, 1977, p 25).

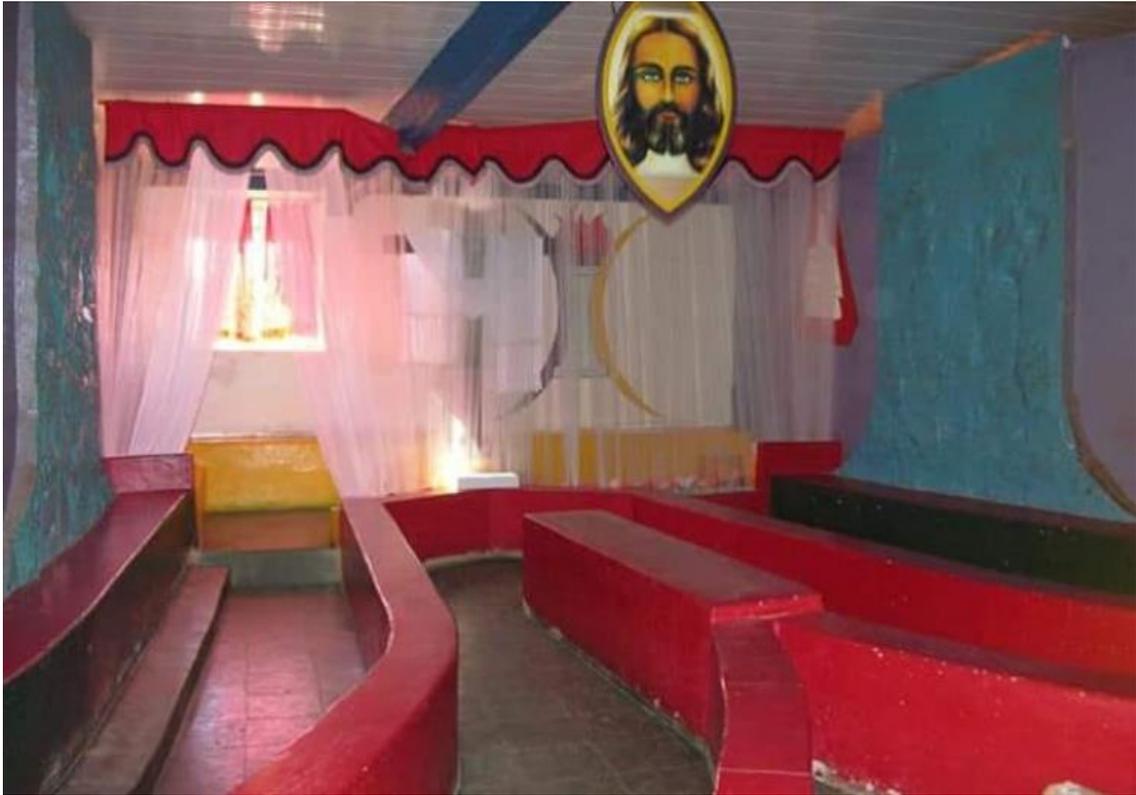
O ritual de Indução é um dos rituais do Vale do Amanhecer, que é totalmente iniciático, ou seja, é um ritual puro da *New Age*, ocorre um hibridismo entre as religiões tradicionais e elementos das religiões de matriz africana, indígena, tibetana e religiões europeias anteriores ao cristianismo, além de elementos de ufologia.

O ritual iniciático da indução tem por finalidade elevar espírito obsessores, a indução é uma troca de energias entre pacientes e mestres. O trabalho de Indução é vedado a crianças com menos de 10 anos e gestantes, devido a manipulação de energias que pode fazer mal a esses dois grupos.

Indução é um trabalho puramente iniciático, que beneficia tanto os pacientes, bem como aos mestres que dela participarem. É formada uma corrente que capta diversas forças negativas, pelo sistema de um mecanismo original dos iniciados. Seus Comandantes deverão ser designados somente pelo mestre Tumuchy ou pelo 1º mestre Jaguar. (Zelaya, 1977, p 31).

A imagem abaixo mostra o local em que ocorre a Indução (o local é padrão em todos os Templos), observa-se duas fileiras de bancos formando uma ferradura. Os pacientes ficam sentados durante o trabalho, atrás da imagem de Jesus ficam o comandante e a corte, realizam esse trabalho o comando, a corte, doutrinadores e Aparás/Ajnãs, um dos médiuns deverá exercer a função de defumação, devendo circular com o defumador durante o ritual.

Figura 35 - Imagem do local onde ocorre a indução



Fonte: <http://lucenodoamanhecer.comunidades.net/trabalhos-do-vale-do-amanhecer>. Acesso em 21/03/2023.

A Junção é um ritual de iniciático de cura, são utilizadas as forças dos doutrinadores como forma de elaboração de um campo magnético que serve para liberar os Elítrios (espíritos que odeiam tanto, que são deformados pelo ódio, sendo responsável por doenças cármicas). A Junção é um trabalho feito basicamente pelos doutrinadores, pois os médiuns de incorporação fazem apenas a incorporação de seus guias médicos e tem que evitar que o seu ectoplasma se misture com os fluidos magnéticos do ritual. A transcontinentalidade do ritual de junção é África/Ásia/Europa.

O trabalho será composto de:

1 Comandante (de capa);

2 Ninfas Lua com indumentária (que se posicionarão no Aledá); e

um mínimo de 7 (sete) doutrinadores de cada lado, contudo o Comandante deve providenciar o maior número possível de doutrinadores (iniciados). Se o Comandante só dispuser, excepcionalmente, de no mínimo 7 Doutrinadores para este trabalho, poderá colocar todos de um lado e os mesmos darão os passes nos pacientes à direita e à esquerda. O importante é que cada paciente receba 7 passes de doutrinadores diferentes.

RITUAL

O Comandante espera o término do Mantra. Depois entrega as lanças (morsas) às Ninfas Lua. Em seguida, pede aos doutrinadores para que fiquem de pé. Logo após faz uma rápida preleção, pedindo aos pacientes que: mantenham as suas cabeças erguidas, olhos abertos, mãos espalmadas sobre os joelhos com as palmas voltadas para cima e que se houver médium de incorporação desta ou de outra doutrina, que

não dê acesso às suas entidades, para que obtenha um melhor benefício deste trabalho.

O Comandante faz a sua Emissão, em seguida a Ninfa Lua à sua esquerda e finalmente a Ninfa Lua à sua direita. O Comandante toca suavemente a campainha e abre o trabalho: (...)

As Ninfas Luas incorporam (sentadas ou em pé), o Comandante pega as Lanças e as coloca apoiadas na Cruz. Os Mestres iniciam o Hino da Junção e começam a aplicar o Passe Magnético nos pacientes (apenas os 7 primeiros doutrinadores de cada lado), enquanto o mestre comandante vai fazendo, por três vezes, a Prece Luz e pedidos aos Grandes Iniciados e aos Médicos do Espaço).

Após a aplicação do passe no último paciente, cada doutrinador faz uma reverência na direção da cruz e retorna ao final da fila do lado em que estava. havendo mais de 7 mestres de cada lado somente os 7 primeiros poderão aplicar o passe. Enquanto os mestres aplicam o passe, o Comandante emite 3 vezes a “Prece Luz” (veja Livro de Leis). Enquanto o Comandante faz a invocação, os Doutrinadores da fila deverão ficar com os braços em posição de antenas (Comando). Terminado os passes, o Comandante aguarda o término do Hino da Junção (pela 2ª vez) e emite a seguinte chave: (...).

Em seguida toca a campainha, agradece às entidades incorporadas, entrega as lanças às Ninfas (que deverão estar de pé) e encerra o trabalho dizendo:(...)

O Comandante agradece a colaboração dos Mestres e recomenda aos pacientes a seguirem as recomendações das entidades, informando que estão liberadas daquele trabalho. Enquanto os pacientes vão se retirando, os Mestres permanecem emitindo o Hino do Doutrinador, só saindo após o último paciente.

Observações

Estando no Comando um Adjunto Arcanos, as Ninfas deverão registrar no final das suas emissões “...Em missão especial do Adjunto...”, caso não seja seu Adjunto Maior. Mestre Ajanã não participa deste trabalho. (Zelaya, 1977, p 28)

A ilustração abaixo mostra a distribuição dos médiuns e pacientes no ritual de Junção. Podemos observar que os pacientes ficam sentados ao centro em bancos que formam uma ferradura e a frente dos pacientes fica a mesa, os doutrinadores ficam atrás dos pacientes realizando os passes magnéticos e circulando em volta dos bancos onde estão os pacientes, cada paciente deve receber sete passes, os médiuns de incorporação (Aparás) ficam sentados e recebem os médicos de cura, na frente da mesa fica a Santa Cruz vazia e o comandante do ritual (doutrinador homem) e a corte (formada por Aparás/Ajanãs e Doutrinadores. Nesse trabalho, as mulheres usam as indumentárias de suas falanges).

Figura 36 - Ilustração do ritual de Junção



Fonte: <http://puemardoamanhecer.blogspot.com/2012/05/juncao.html>. Acesso em 21/03/2023.

O Sudálio é um ritual, no qual fica clara a hibridização do kardecismo com a Umbanda e entidades indígenas. Podemos observar os passes (rito do espiritismo kardecicista) e pretos velhos (entidades da Umbanda) e caboclos (entidades indígenas) incorporam nos médiuns e aplicam os passes nos pacientes. É necessário que o paciente receba passe de três entidades. A intercontinentalidade no Sudálio é África/América.

1. O QUE É O SUDÁLIO

1.1 - Sudálio é um trabalho em que os Caboclos e os Pretos Velhos incorporam para, através do passe, retirarem as cargas negativas, algo que ainda tenha permanecido com eles, alguma irradiação que tenha ficado, residual.

OBSERVAÇÃO:

A linha predominante do sudálio é a dos Caboclos, porém, pode ser que um ou mais Pretos Velhos se façam presentes.

1.2 - O Sudálio poderá ser aberto qualquer hora, todavia o seu Aledá só será aberto a partir das 15 horas até a hora do encerramento dos trabalhos.

1.3 - Como é conveniente a cada paciente receber três passes, um de cada entidade, três é o número mínimo de Aparás para se abrir um trabalho de sudálio.

2. RITUAL DO SUDÁLIO

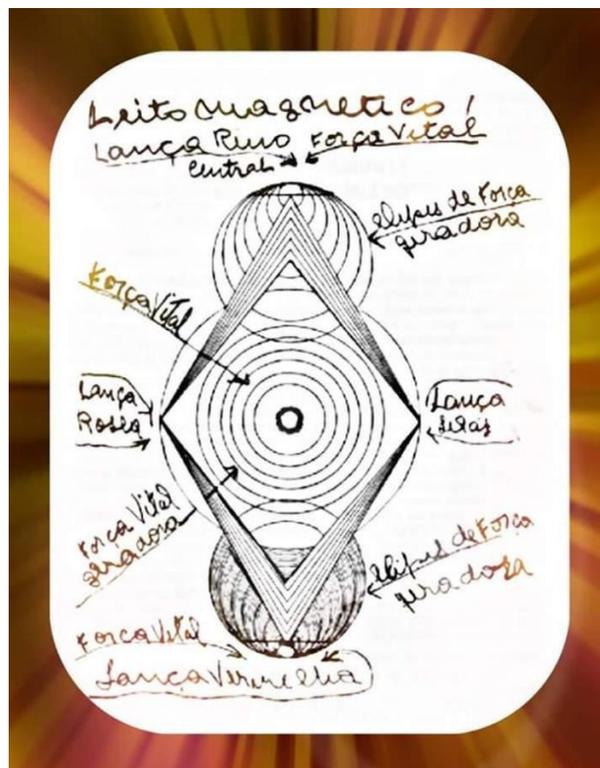
2.1 - Um mestre Adjuração e uma ninfa Lua de indumentária (a ninfa portando uma lança), após fazerem sua preparação na Pira, entram no Aledá e fazem suas emissões. A ninfa fica à esquerda do Mestre.

2.2 - Os pacientes aguardam do lado de fora enquanto os aparás vão harmonizando. O Comandante faz a abertura:

EU, (emissão), EM NOME DE DEUS PAI TODO PODEROSO, ABRO ESTE TRABALHO DE PASSE PEDINDO A JESUS, DIVINO E AMADO MESTRE, QUE OS CABOCLOS E OS PRETOS VELHOS VENHAM NOS ASSISTIR NESTA TÃO NECESSÁRIA LEI DE AUXÍLIO. PERMITA, JESUS, QUE EU POSSA SER O JAGUAR MEDIANEIRO ENTRE O CÉU E A TERRA, PARA QUE AS BENDITAS FALANGES. (Zelaya, 1977, p 40).

Leite magnético é um trabalho longo e cansativo. A sua realização pode consumir várias horas, pois o comando do trabalho é realizado por um Doutrinador na função de Mestre Adjunto. É um trabalho que envolve quatro cavaleiros (lança lilás, lança rosa, lança vermelha e lança reino central) e por isso é considerado um trabalho que emana energias além do templo, essas energias podem se propagar para além da região onde está localizado o templo. Esse trabalho envolve ufologia/kardecismo.

Figura 37 - Imagem mostrando a propagação de energia no leite magnético



Fonte: <https://valedojaguar.home.blog/2020/01/19/leito-magnetico-kazagrande/>. Acesso em 21/03/22023

A imagem acima mostra o esquema de energia do ritual do Leite Magnético, no centro fica localizado o Cavaleiro da Lança do Reino Central é onde se posiciona o comandante. Na outra extremidade fica o Cavaleiro da Lança Vermelha, a esquerda fica o Cavaleiro da Lança Rosa e a direita fica o Cavaleiro da Lança Lilás, os médiuns (Apará/Ajanã e Doutrinador) ficam à direita e esquerda.

O ritual da Estrela Candente é um dos rituais mais importantes do Vale do amanhecer e só é realizado nos grandes templos. Em Pernambuco é realizado apenas nos templos de Olinda e de São Lourenço da Mata. Esse ritual pode envolver 200 médiuns, é um ritual que tem por finalidade a elevação de espíritos que se encontram em uma escuridão tão profunda que os outros

rituais não conseguem resolver, pode também elevar falanges inteiras de espíritos que se encontram na escuridão, além do mais, as energias geradas por este ritual podem ser canalizadas para ajudar hospitais, presídios, zonas de conflagrações, etc. Tia Neiva foi autorizada pelo Oráculo de Simiromba a trazer a Estrela Candente para o Vale do Amanhecer.

Figura 38 - Fotografia de Tia Neiva na Estrela Candente no Vale do Amanhecer Templo Mãe



Fonte: <https://castelodosdevas.com/v1/estrela-candente/>. Acesso em 21/03/2023.

A fotografia acima mostra a grandiosidade do ritual da Estrela Candente, onde o comando é exercido pela Tia Neiva e podemos observar a grande quantidade de médiuns e o envolvimento de Aparás/Ajanãs, Doutrinadores, as várias falanges femininas (Gregas, Samaritanas, etc.) e as duas falanges masculinas (Príncipes e Magos). A transcontinentalidade da Estrela Candente é Europa/África/Ásia e também a ufologia. Essa fotografia foi tirada na época que o Templo Mãe de Brasília ainda estava em construção.

ESTRELA CANDENTE

1 . NOÇÕES PRELIMINARES

1.1 - Na Estrela Candente faz-se presente um Amacê, isto é, uma nave, um laboratório espiri-tual, um portal de desintegração, que chega nas horas marcada para cada consagração, que emite poderosas forças sobre os mestres. É uma enorme usina de forças e trabalha com precisão, por isso, é necessário que haja uma perfeita contagem e que sejam cumpridas rigorosamente os horários das consagrações, que são:

1º Consagração: às 12:30horas

2º Consagração: às 14:30horas

3º Consagração: às 18:30horas

Nos dias de trabalho oficial (quarta-feira, sábado e domingo), só se realizam as duas primeiras consagrações.

1.2 - Para a Estrela Candente são conduzidos os espíritos que por sua força e ferocidade, não têm mais condições de se manifestarem em um aparé. São

sofredores de tal modo deformados pelo seu ódio, por suas vibrações negativas, que apresentam formas animalizadas e até monstruosas. Pelo o amor incondicional e pela força do ritual, abre-se o portal de desintegração e eles são conduzidos para onde receberão a ajuda que merecem, pela misericórdia de Deus Pai Todo Poderoso.

1.3 - As forças que atuam na Estrela Candente são o Anoday-ouro, a força do Sol, e o anodai-prata, a força da Lua. Formam o Anodaê. Festa dos Deuses, forças do e da Lua.

1.4 - Serão designados três Comandantes para o trabalho da Estrela Candente. Um ficará como 1º Comandante, e conduzirá o trabalho; os outros ficarão coordenando a distribuição dos mestres da escala indo à frente da jornada e colocando-os em seus lugares. O segundo e terceiro Comandantes Janatã escalados poderão em uma emergência participarem no trabalho dos esquifes.

76

1.5 - Uma consagração da Estrela Candente só poderá ser realizada quando houver número de mestres suficientes para ocuparem 14 esquifes. Se não houver este mínimo para a contagem, o Comandante abrirá um intercâmbio, como se estivesse vendo todos aqueles espíritos que não tiveram a oportunidade, fazendo todo o ritual do consagração para que a Amacê execute seu trabalho, ou seja, Lê toda a lei, com os mestres nos bancos concentrados.

1.6 - O Mestre realiza uma escalada quando faz as três Consagrações, que tem o nome de ASSU-HI (Resumo das três Consagrações), nos dias em que não há trabalho oficial (segunda, terça, quinta e sexta). Quartas, sábados e domingos, são realizadas somente as Duas Primeiras consagrações, ficando os mestres da escalada em disponibilidade para ajudarem nos trabalhos no templo, nos SANDAYS, até que sejam chamados para a entrega das energias, normalmente efetuadas após às 19 horas.

1.7 - O mestre que estiver participando de uma escalada jamais deverá tirar a indumentária, até que faça a entrega das energias no templo.

1.8 - Aos quinze (15) minutos antes do horário estabelecido para a abertura, o Comandante toca a sirene (1 vez) e convida aos mestres para que se concentrem na área iniciática. Havendo entre os presentes: Trinos Presidentes, Trinos Herdeiros ou Adjuntos Ramas 2.000 Herdeiros (principalmente o que estiver na regência), o Comandante colocará o microfone à disposição para que se manifeste se assim o desejarem.

OBSERVAÇÕES:

_O Comandante antes da harmonização deve registrar as presenças dos Trinos Presidentes, Trinos Herdeiros, Adjuntos Rama 2.000 Herdeiros, Trinos Administração e Adjuntos Rama 2.000 que disponham de povo (Presidentes ou Adjuntos de apoio de templos externos).

_É necessário que o comandante procure se informar sobre o mestre Adjunto escalado para a regência do dia pois, o mesmo não se fazendo presente deverá ser registrado o seu nome e o do Ministro. (Zelaya, 1977, p 76).

O ritual do Oráculo é um dos rituais do Vale do Amanhecer, no qual é mais visível o hibridismo intercontinental. É considerado um ritual de cabala (esoterismo do judaísmo), tem a presença da religião da Grécia antiga, presença das religiões de matriz africana com Olorum e Obatalá, tem a presença da religião tibetana com Simiromba. Podemos observar o hibridismo de quatro regiões, África, Ásia, Europa e Oriente Médio, com elementos do cristianismo, judaísmo, budismo e religiões de matriz africana. O horário para a abertura do ritual é às 18h, tendo tolerância de até uma hora de atraso, devendo encerrar até a meia noite, admite-se no

máximo 10 pacientes, sendo comandado por um doutrinador (homem) adjunto, uma corte, um mínimo de dois Doutrinadores e duas Aparás.

4. RITUAL

A côrte sairá do Castelo do Silêncio entrando na parte Evangélica, passando pelo Aledá, depois pelo Pai Seta Branca, até a entrada do Oráculo.

4.1 - 1º Passo

De frente ao Oráculo, as duas ninfas Muruaicys abrem o portão; uma permanece do lado de fora enquanto a outra caminha para o seu interior e faz sua emissão. Logo a seguir a outra muruaicy entra e ambas se posicionam à direita do Oráculo. Em seguida entra o Comandante e sua escrava, as ninfas Samaritans, a ninfa Yuricy e os dois Ajanãs com suas ninfas. Após estes mestres entram as demais ninfas e mestres que estiveram compondo a côrte.

OBSERVAÇÕES:

1. As ninfas Muruaicys serão responsáveis pela abertura e fechamento do portão para a movimentação dos mestres e pacientes.
2. Não havendo ninfas Muruaicys no ritual o portão será controlado por uma ninfa Sol.

4.2 - 2º Passo

Assim que os mestres se encontrarem dentro do Oráculo as Samaritans se servem do vinho e logo em seguida às Muruaicys (que devem subir acompanhadas do mestre Comandante). O Comandante faz sua emissão, toma o vinho e retorna junto às mesmas ao seu posto.

OBSERVAÇÃO:

Se houver mais algum mestre Sol, ou mesmo ninfas pertencentes ou não a outras Falanges Missionárias presentes na côrte e que não irão participar diretamente do ritual (e que permanecerão no Oráculo) deverão, também, ser servidos do vinho logo após o Comandante.

4.3 3º Passo

Uma ninf Sol Yuricy e uma Samaritana sobem a rampa voltando-se para o portão fazem uma reverência e novamente frente à Cabine, simultaneamente abrem o véu observando se tudo está em ordem. Em seguida ficam novamente voltadas para o portão e emitem os seus cantos. Primeiro a Samaritana em seguida a ninfa Sol Yuricy.

4.4 4º Passo

Terminando os cantos a Samaritana serve o vinho à Yuricy pedindo à outra Samaritana que conduza o Comandante e a ninfa Sol até sua presença para fazer a cultura da ninfa Sol que acompanha o mestre Ajanã. O Comandante sobe a rampa conduzido pela Samaritana paralelo à ninfa Sol. De frente para

36

a Cabine a ninfa Sol toma o vinho e faz sua emissão. Terminando o Comandante e a ninfa Sol descem.

4.5º - Passo

A ninfa Sol juntamente com o mestre Ajanã, que é encaminhado para o interior da Cabine, enquanto o Comandante conduz a ninfa Sol para os fundos da Cabine para fazer o convite da presença de Pai Seta Branca. (Zelaya, 1977, p 36).

O ritual do Randy tem a função da cura desobsessiva, ou seja, a cura nos planos espirituais, onde os espíritos obsessivos são elevados, com possibilidade de serem libertos da escuridão e também o encaminhamento dos obsessores para serem elevados. A transcontinentalidade o Randy envolve África/América/Europa.

Figura 39- Fotografia do Ritual do Randy.



Fonte: <http://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/discreto-e-misterioso-vale-do-amanhecer-chega-50-templos-em-pernambuco/>. Acesso em 22/03/2023

A fotografia acima mostra a execução do Randy. Observamos Doutrinadores portando lanças, representando os Cavaleiros da Lança Central, Lilás, Vermelha, Rosa, ficam posicionados nos quatro pontos cardeais, norte, sul, leste, oeste. Nas duas extremidades, ficam o comandante adjunto e o Ajanã que faz as incorporações, os Doutrinadores ficam em pé, enquanto que os pacientes ficam ao redor da mesa, ficando um paciente deitado na mesa. O tempo da execução do ritual é de aproximadamente uma hora.

O ritual de Defumação é um ritual que não possui local próprio para a sua realização. No Templo Mãe em Brasília-DF a Defumação é realizada no local onde é realizado o Sudálio, quando o mesmo não estiver sendo realizado. Enquanto que nos Templos Externos, a Defumação deve ser realizada no local da mesa evangélica, o comando é realizado por um Doutrinador na condição de Mestre Adjuração e deve ter um Ajanã e uma Apará para realizar a defumação, o ritual admite até sete pacientes. A transcontinentalidade da Defumação envolve África/América.

DEFUMAÇÃO

O trabalho de defumação é um poder Evangélico.

No Templo-Mãe deverá ser realizado no Sudálio, quando este não estiver funcionando e, nos Templos-Externos na Mesa-Evangélica. Para sua realização será designado um Mestre Adjuração para o Comando, uma ninfa Lua e um Mestre Ajanã para efetuar a defumação. Não é necessário indumentária para poder participar do trabalho, porém, se um Mestre, assim estiver equipado, os três deverão estar de acordo.

Com o máximo de sete (7) pacientes, orientados pelos Mentores nos trabalhos de Tronos ou pela Clarividente o Comandante solicita ao Mestre Ajanã para defumar o ambiente e, dirigindo-se aos pacientes orienta-os para que mentalizem (pensem)

os seus lares, as suas dificuldades, seus amores e, principalmente aqueles que se dizem inimigos. abre os braços formando antenas e, girando o corpo lentamente, de um lado para o outro faz sua emissão.

Em seguida, a ninfa Lua, que deverá estar posicionada à sua esquerda. Faz sua emissão, mantendo-se na mesma posição, ou seja, braços abertos girando o corpo de um lado para o outro. (Zelaya, 1977, p 43).

A Cruz do Caminho é um ritual que tem origem na mitologia grega. É um ritual iniciático que só pode ser realizado até as nove horas da noite. Para o ritual ocorrer é necessário um doutrinador adjunto para comandar o ritual, uma Ninfa/Apará (médium de incorporação) que irá incorporar Iemanjá e, entre sete e catorze pares de Doutrinadores e Aparás, além de componentes das falanges: Yuricy, Samaritana, Dharmo-Oxinto, Muruaicy e Jaçanã. A transcontinentalidade da Cruz do Caminho é África/Ásia/Europa/América.

CRUZ DO CAMINHO

O QUE É A CRUZ DO CAMINHO

Quando Pytia saiu de Delfos e foi ao encontro dos reis de Esparta, o fez motivada pela sentença que os soberanos espartanos haviam dado a um casal de reis, subordinados a Esparta, que, por não terem filhos, seriam executados para que dessem lugar a outra dinastia. Pytia, em sua clarividência, viu o quadro e partiu em socorro daquele jovem casal, enfrentando todo um povo, que era o único na Grécia a não aceitar o Deus Apolo.

Chegando a Esparta, onde já eram conhecidos os fenômenos a ela atribuídos, foram-lhe colocadas as atacas. Desafiada pelos reis perante o povo, para que demonstrasse sua força, Pytia fez com que todos os tambores da tropa rufassem, para espanto geral. E, reconhecendo os poderes da pitonisa, os reis concederam clemência aos condenados, que partiram para o exílio, e, localizando-se em um castelo solitário, passaram a se dedicar à cura daqueles muitos necessários que vagavam pelas estradas. Para marcarem o caminho de seu castelo, fincaram uma cruz. Daí a origem da Cruz do Caminho.

A Cruz do Caminho é um trabalho altamente iniciático. Há poderosos cruzamentos de forças curadoras, que exigem perfeito ritual e contagem, pois se realizam na presença de Mãe Yemanjá, dos Ministros, Sereias e Magos.

A JORNADA PARA A CRUZ DO CAMINHO

A jornada se forma com Samaritans, Magos e Nitiamas, como corte. A seguir, o Comandante, tendo à sua direita o Ariano; a Divina, tendo à sua direita a Yuricy; a outra Yuricy, seguida pelas outras missionárias que irão participar do ritual. Após as missionárias, os mestres Sol à direita do Lua, e, caso haja Trino ou Adjunto entre os participantes deverão ficar à frente dos mestres, logo atrás das missionárias.

Emitindo mantras, a jornada entra na parte evangélica, contorna a Mesa, e sobe ao Ale-dá, onde pára a fim de que a Yuricy coloque as atacas na Divina. Após colocar as atacas, a Yuricy entrega o véu ao Comandante, para que seja coberta a cabeça da Divina. A seguir a jornada prossegue em direção ao Radar, passa pelo Pai Seta Branca, indo até o Oráculo.

Ante o Oráculo, o Ariano segura suavemente a mão da Divina e, ante o portão aberto, emitem:

SALVE DEUS!

A MINHA MISSÃO É O MEU SACERDÓCIO.

JESUS ESTÁ COMIGO. (Zelaya, 1977, p 45).

O ritual da Bênção de Pai Seta Branca é um ritual que só ocorre no primeiro domingo do mês e só é realizado no Templo Mãe em Brasília-DF, neste ritual, Tia Neiva indicou os Trinos

Triada Tumarã e Regente Amuruã. Este trabalho que envolve a participação dos Trinos (maior autoridade na hierarquia do Vale do Amanhecer) tem a finalidade de limpeza energética e proteção do Templo Mãe e que, por sua vez, a proteção se estende a todos os templos do Vale do Amanhecer. A transcontinentalidade desse trabalho envolve África/América/Ásia.

Além da presença luminosa de nosso Pai Seta Branca, fica patente que um dos grandes benefícios desta realização está diretamente ligada a presença dos Ministros de Povos (Raízes) na côrte, os quais operam um revezamento juntos aos ajanãs para deixarem também suas mensagens aos respectivos Adjuntos e seus componentes (continente). Outras entidades de altíssima hierarquia tais como, Mãe Yara, Mãe Calaça, Guias de Falanges Missionárias, entre outras, também se manifestam junto às ninfas.

Em se tratando de um ritual na sede física do nosso sistema que é o TEMPLO MÃE, cogita-se também que este manancial de forças trazidas por esta colossal corte e seu comando, atue principalmente na manutenção do ambiente energético e espiritual da casa, onde existe além da limpeza o fator renovação e de relevante importância para o ciclo mensal que se inicia.

Não seria absurda a manifestação de AGLA KOATAY 108, dentro desta côrte após o desenlace da personalidade Tia Neiva, até porque todos desta corrente que conquistarem méritos com nossos “superiores” mentores, de certo serão escalados para a necessária e prevista continuidade deste Amanhecer; Inclusive tal manifestação seria absurdamente alvo de descrença nos dias atuais quando ocorrida fora de um ritual desta magnitude.

Se calarmos a ESPIRITUALIDADE LUZ que sempre nos orientou bem, correremos sério risco de ficar ouvindo e crendo apenas nos homens que por sua vez ficaram surdos com tanta gritaria. Se nossa SEDE vai bem, os Templos do Amanhecer tudo tem para fazer o melhor. Quanto ao contrário desta sentença nem precisamos citar os resultados, lembrando que nossa primeira SEDE, somos nós mesmos, Salve Deus!

Mestre Numanto.. (Zelaya, 1977, p 63)

O ritual de Angical ocorre nos templos do Vale do Amanhecer as nove e meia da noite e não tem uma hora determinada para acabar. Este ritual tem por finalidade a libertação dos Elítrios, o que diferencia esse ritual dos demais e a vestimenta. É utilizado uma camisa xadrez com a fita de identificação no caso dos homens, as mulheres podem usar uma saia de chita e uma blusa preta. A transcontinentalidade do trabalho do Angical é África/América.

ANGICAL O QUE É O ANGICAL

"Por que se identificar tanto com o corpo material e, falsamente, querer distinguir um plano do outro?

Meu filho: Vamos procurar a afirmação extra-sensorial e, para obtermos esta segurança, somente aqueles que se dizem nossos inimigos nos impulsionam à verdade. Porque, filho somente a dor nos redime, nos esclarece do bem e do mal.

Então, eis porque Deus nos confronta, frente a frente, com as nossas vítimas do passado. E delas, ou por elas, inconscientemente, sentimos, na carne, o que as fizemos sentir.

Então, vem a luz extraída da GRANDE DOR refletida. Sim, meu filho, temos tudo na nossa vida, na Terra. Vivemos em ritmo acelerado, na esperança de encontrar uma porta feliz, para desembarcarmos em paz desta viagem.

Porém, temos, por lei, de divulgar, nesta viagem, o que nos é direito e o que prometemos do bem e do mal.

Todos desejam triunfar na vida e na morte. Enquanto uns reagem diante do fracasso, outros se deixam abater. Nossos triunfos são medidos pelas nossas tendências em prosseguir na luta e na habilidade com que somos capazes, enquanto ao fracasso dizemos as nossas inconformações; na luta franca, mental, podemos muito bem dominar as nossas paixões, os nossos desejos.

No domínio de nossa inteligência, conseguimos alcançar o que quisermos. Não nos expondo ao EGOISMO, podemos controlar os nossos sentimentos, sofrendo menos, é claro.

Sim, filho, porque em tudo há uma razão. Vamos, neste instante, lembrarmo-nos de Jurema, a linda crioula que se dispôs à sua missão e, desfazendo-se de uma revolta, assumiu o comando em sua jornada. (Zelaya, 1977, P 73).

Figura 40- Fotografia dos Doutrinadores e Aparás/Ajanãs com os trajes típicos do Angical



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1951375434963863&set=pcb.1951388634962543>. Acesso em 22/03/2023.

A imagem acima mostra os médiuns com os trajes para a realização do ritual do Angical. As roupas lembram as indumentárias utilizadas nas festas juninas do Nordeste Brasileiro. Esse ritual é uma comunicação entre Aparás/Ajanãs com indígenas da Selva Amazônica. O interessante deste ritual, na qual eu participei como Doutrinador, é que essa comunicação não é feita com espíritos dos indígenas, é realizada com encarnados, a comunicação ocorre entre médiuns e indígenas quando o segundo está dormindo. Nestas conversas os amazônicos falam sobre o seu cotidiano na seva e dão conselhos para o Doutrinador.

CAPÍTULO 3 - AS RELAÇÕES DE PODER NO VALE DO AMANHECER, A PARTIR DA PERCEPÇÃO DA HIERARQUIA POR MÉDIUNS E PACIENTES

Este capítulo analisa o conceito e a natureza do poder político, bem como seus desdobramentos na sociedade. Ao longo da história da humanidade, o poder político é uma das forças principais que transformam e moldam as relações humanas e determinam a estrutura e o funcionamento dos sistemas políticos e geopolíticos, comunidades, cidades, estados e países, indo do macro ao micro, o poder político é verificável desde o relacionamento de um casal até as querelas entre nações ou bloco de nações. Clausewitz (1996, p 27) disse “*A guerra é a continuação da política, por outros meios*”. A frase citada exprime a importância e a força do poder político, que no caso dos estados nação, pode descambar para o uso da força com a aplicação do poder militar, para fazer valer os seus interesses políticos. Analisaremos diferentes teorias e abordagens que procuram compreender o mecanismo de funcionamento do poder político, bem como suas ramificações que vão desde o ser humano atomizado e individual até os estados nacionais e órgão multilaterais e as consequências do exercício do poder político na sociedade.

O poder político é um fenômeno complexo e multifacetado que desempenha um papel central na vida humana e nas sociedades. Desde os primórdios da civilização, tem sido uma força motriz na organização e na governança das comunidades humanas. Ao longo da história, vem sendo exercido de diferentes maneiras pelos diversos grupos humanos. Na Pré-história era exercido pelo indivíduo mais velho do grupo, na antiguidade evoluiu para monarquia e seus desdobramentos como oligarquia, tirania, ditadura e com as inovações introduzidas pela Antiguidade Clássica como república e democracia, na Idade Média europeia ocorre a fragmentação em unidades locais (feudos) com exceções como o Império Franco e o Sacro Império Romano Germânico, na Idade Moderna surge o absolutismo que é expresso na famosa frase do Rei Luis XIV “*l'état c'est moi*”, que em português significa “O Estado sou eu”. Na Idade Contemporânea temos novas modalidades como a democracia representativa e as ditaduras com os seus desdobramentos, fascismo, comunismo, ditaduras teocráticas e narco estados.

A seguir serão abordadas questões relativas ao poder político e serão apresentados alguns pensadores acerca do poder político como forma de possibilitar a compreensão sobre o tema e sua associação com o tema deste capítulo.

3.1 NATUREZA E FONTES DE PODER POLÍTICO

A natureza do poder é bem definida pelo pensador Norberto Bobbio “poder político como o direito exclusivo de uso da força num determinado território” Bobbio (1989, p 232), ou seja, o poder implica na capacidade de um indivíduo ou grupo impor sua vontade aos demais, seja pela palavra ou capacidade de convencimento, seja pela força das armas, o poder tem seus desdobramentos, poder político, poder econômico, poder militar, dentre outros. O poder político foi campo de interesse desta pesquisa.

Numa análise inspirada no marxismo podemos afirmar que o poder econômico deriva do controle das riquezas ou o controle dos meios de produção, já o poder político que está intimamente ligado ao direito e ao poder militar, pois ambos derivam do uso da força como meio de controle da sociedade, ser a força do conhecimento, do convencimento ou em último caso (última ratio) da força física e das armas.

O poder político consiste, originariamente, na possibilidade de impor pela força, aos indivíduos membros de um grupo social (da cidade, ou polis), a adoção de um determinado comportamento. Quando, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, esse poder passou a ser exercido com exclusividade (monopólio da coerção legítima - WEBER), dando origem ao surgimento do Estado, recebeu o nome de soberania. Na teoria geral do Estado, apesar de críticas diversas, tende a aceitar-se que o Estado só existe quando estão reunidos três elementos: um povo, um território e um poder político soberano. O poder é soberano, na definição de JEAN BODIN, quando é supremo a nível interno e independente a nível externo (Campos, 2008, p 8).

O poder político é exercido sobre determinado grupo social através da utilização do direito e do sistema judicial, como meios de controle e repressão contra os que não se adequam ao *status quo*, seja pela ação de criminosos comuns, que desafiam as normas sociais, seja por grupos políticos que tentam subverter o sistema vigente. É uma categoria que perpassa todas esferas de poder, pois trata-se de comando, logo, dentro dos poderes econômico, militar e religioso.

O poder político, desta forma, encontra-se na conjugação de um poder jurídico com um poder social fáctico. Neste sentido, REINHOLD ZIPPELIUS (1997: 10-12 e 63) considera que o Direito e o Estado «fazem parte um do outro como as duas faces de uma medalha». No mesmo sentido, discutindo a relação entre o Estado e o Direito, cf. FREITAS DO AMARAL (1983: 1143-1146). ZIMMERLING (2005: 254-260, 266) verifica três pontos de contacto particularmente relevantes entre o poder jurídico e o poder social fáctico: (i) por um lado, o objectivo do poder jurídico é o de condicionar (restringir) o exercício dos poderes sociais privados e, para tal, precisa de se traduzir num efectivo poder social público; (ii) por outro lado, a fundamentação do poder jurídico encontra-se

em normas de competência, mas a fundamentação última destas, afastada a hipótese kelseniana da norma fundamental pressuposta, só pode encontrar-se na efectividade de aplicação dessas normas, que, em última instância, depende da existência de um poder social fáctico; (iii) finalmente, o exercício do poder jurídico, e nomeadamente o conteúdo das normas, pode ser determinado por poderes sociais de facto (v.g., lóbis) distintos dos titulares formais daquele poder. É quanto a este último ponto que a autora salienta o papel, desempenhado pela influência social, de «correia de transmissão» entre o poder social de facto e o poder jurídico (Campos, 2008, p 4).

Mesmo se baseando na utilização do direito (sistema judicial) e da força (meio militar), o poder político para se manter, precisa da anuência do grupo social que está sobre sua jurisdição, é o que se chama de legitimidade, que é necessário para todas as situações, não importando se é uma democracia ou um governo autoritário. No campo sociológico, Weber (1956) classificou o poder em três categorias: poder carismático, poder tradicional e poder legal-racional.

Assim, por exemplo, o Estado se apresenta como uma forma de dominação social e política sob vários tipos ideais (dominação carismática, dominação pessoal burocrática, etc.), cabendo ao cientista verificar sob qual tipo encontra-se o caso particular investigado. Weber utiliza a noção de conceito puro, que ele considera essencial para as ciências sociais, para estabelecer os modelos de poder, teorizando três como ideais. A partir dos modelos weberianos se torna possível uma série de analogias com os fatos sociais de todas as épocas, tornando possível a casuística sociológica (Weber, 1956, 551).

Se o aparato estatal tem a força militar, porque seria necessário a legitimação, tem a ver com questões éticas e morais, porque um poder que se baseia apenas na força e intimidação não seria diferente de uma organização criminosa, e que num dado momento, a sociedade poderia reagir contra o grupo que se encastelou no poder, isso pode ser comprovado com as várias formas de legitimação do poder, podemos verificar a legitimidade divina (divindade), dinastias (tradição), revolucionária (mudança radical).

Todo poder precisa de legitimidade e legitimação, a primeira foi abordada anteriormente, quanto a segunda, consiste nos caminhos formais e legais para instituição do grupo no poder, nas democracias representativas, o processo de chegada ao poder é feito por meio do sufrágio universal o que de certa forma alcança a legitimação e a legitimidade, no caso dos governos autoritários a legitimação não implica necessariamente em legitimidade.

Não se deve confundir legitimação e legitimidade democrática: esta diz respeito aos processos formais de designação dos titulares do poder, aquela à obediência concreta e generalizada dos destinatários do poder. No entanto, é evidente que um poder legítimo do ponto de vista democrático é, com grande probabilidade, um poder legitimado. Tal resulta de, desde logo, em circunstâncias de sufrágio universal, o voto poder ser interpretado, não só como intenção de designar os

titulares do poder, mas também como aceitação do poder a ser exercido (Campos, 2008, p 6).

Refletindo a partir do locus desse trabalho, na vida religiosa existem duas dimensões, a primeira diz respeito a doutrina: conceito de bem e mal, a justiça, a busca da felicidade na vida terrena, a salvação da alma, o futuro, a vida além-túmulo, etc. A segunda diz respeito aos rituais: os cultos, os ritos individuais e coletivos.

Em relação ao poder político na religião temos o Contrato Social de Rousseau (1999) que dava uma grande importância a religião para a sociedade, bem como a ligação da religião com o poder político estatal, quem trabalhou a questão da religião e da organização política e social foi Tocqueville (2019) em seu livro A Democracia na América fez uma análise da importância da religião para a formação da sociedade americana e a sua organização política.

Em "Emílio" ROUSSEAU, (2012a)², na "*Profissão de fé do vigário de saboiano*", Rousseau aborda os princípios da educação moral do cidadão. A religião é componente decisiva da educação de princípios pelos quais a criança e o jovem poderão se transformar em homem e cidadão. A religião natural é o que dará à criança acesso aos princípios universais a que todo homem deve responder. Encontra-se aí, porém, severa crítica às religiões reveladas, que aparentam tratar da universalidade, mas terminam ensinando às crianças nada mais do que um conjunto de palavras sem sentido (Barros, 2016, p 1).

Da pré-história até os dias atuais, a religião esteve presente na política, os sacerdotes ou controlavam a sociedade ou estavam apenas abaixo do rei, seja através das teocracias da antiguidade oriental, do direito divino nas monarquias europeias nas Idades Média e Moderna e nos estados teocráticos islâmicos na Idade Contemporânea. O poder político e a religião sempre estiveram ligados nas questões administrativas e de controle social, no comando e controle das religiões também temos o poder político que é disputado pelos grupos rivais, o melhor exemplo disso é na Igreja Católica, temos a formação de vários grupos políticos que disputam o poder no Conclave de eleição papal.

O poder político perpassa a religião, pois toda religião, além das questões doutrinárias e de fé, também existem as questões políticas e de poder, no Vale não é diferente, existe a disputa do poder tanto a nível de comando geral, como a nível de comando de templos, isso é observável através de conversas informais nos corredores onde ocorrem críticas veladas a determinadas posições tomadas pelo comando, mas não ocorre abertamente, pois não é bem vista no Vale do Amanhecer, embates que representem posicionamentos políticos abertos contra a hierarquia.

3.2 LEGITIMIDADE E CONTROLE DO PODER POLÍTICO

De acordo com Ham (2005) os conceitos de legitimidade e controle são de suma importância para a manutenção do poder político. Nas democracias representativas modernas existem os sistemas de freios e contrapesos que possibilitam o controle entre os poderes e responsabilização de um poder a outro poder, caso o poder em questão tente usurpar as funções de outro poder, também existem os meios de consulta popular como eleições, referendos, plebiscitos, além da separação de poderes e ação popular. O poder político é uma força central na organização e no funcionamento das sociedades humanas. Sua compreensão é essencial para uma análise crítica dos sistemas políticos e para a promoção da participação cidadã e do bem-estar coletivo.

A seguir iremos explorar das diferentes definições e abordagens teóricas sobre o poder político, incluindo as perspectivas de filósofos e estudiosos, como Maquiavel, Hobbes, Locke e Foucault. Discussão sobre as dimensões do poder político, incluindo o poder formal e o poder informal, bem como seus conflitos. E, posteriormente, serão analisadas as relações do poder político no âmbito do Vale do Amanhecer. Porém, se faz necessário uma análise dos principais pensadores acerca da questão do poder, pois o conhecimento dos principais pensadores é necessário para a compreensão deste capítulo.

Esse ponto dialoga com o estudo, pois o controle do poder político que dentro ocorre na hierarquia é realizado pelos trinos. São eles que decidem quais serão os Adjuntos (comandante de templo) e os processos da burocracia do Vale. Outro ponto é a legitimidade, que no período de Tia Neiva estava calcada no carisma da fundadora e que esse *status* mudou dado que segundo Weber (2020) o líder carismático por suas qualidades únicas raramente deixa sucessores. Diante da ausência da sua líder, a religião teve que se adaptar, já que nenhum dos sucessores tinham o seu carisma. Dada a situação, ocorreu a passagem da liderança carismática para liderança técnico racional, ou seja, ocorre a migração para a liderança burocrática. A seguir, será abordada alguns dos principais pensadores da política e suas ideias, como forma de embasar o debate acerca da política no Vale.

3.2.1 Nicolau Maquiavel

Maquiavel (2000) faz uma análise minuciosa do poder político. Na sua obra: O Príncipe, ele detalha os procedimentos que o príncipe (líder político) deve seguir para conquistar e se

manter no poder, não importando questões éticas e morais, e sim a frieza e o calculismo nas ações, para que o poder seja mantido a qualquer custo.

[...] a história é mestra de nossos atos e máximas dos príncipes; e o mundo sempre foi, de certa forma, habitado por homens que sempre têm paixões iguais; e sempre houve quem serve e quem ordena, e quem serve de má vontade e quem serve de boa vontade, e quem se rebela e se rende (Maquiavel, 2000, p 165).

A passagem acima, mostra a justificativa para que o príncipe possa descartar as questões éticas e morais e possibilite agir no sentido de que todos os meios são válidos para que o príncipe mantenha o poder, pois segundo o pensamento acima, é da natureza humana, a dicotomia entre os homens, sempre existirão os bons e maus súditos, os súditos que se rebelam contra a autoridade do príncipe, bem como os soldados que se rendem na primeira adversidade, sem contar os que traem e os que manobram para usurpar o poder.

Nesse sentido, outro pensamento do autor corrobora no sentido de sua ideia sobre a natureza maléfica do ser humano “...Daí ser necessário um príncipe, se quiser manter-se, aprender a poder não ser bom e a valer-se ou não disto segundo a necessidade” (Maquiavel, 2004, p. 73). Ou seja, na visão de Maquiavel, para manter-se no poder, o príncipe tem que aprender a ser mal e utilizar da maldade quando for necessário para manter-se no poder.

Nas análises acerca da estrutura e regime dos Estados, o pensador deixa transparecer a sua preferência pelo regime monárquico, alegando que este regime, baseado nas tradições e dinastias termina por acarretar uma maior estabilidade que os regimes republicanos “...que, nos Estados hereditários e acostumados à linhagem de seus príncipes, são bem menores as dificuldades para conservá-los do que nos novos...” (Maquiavel, 2004, p. 5).

Analisando a história dos estados, encontramos exemplos que corroboram com Maquiavel, como as monarquias da Inglaterra, Holanda, Suécia e na monarquia brasileira que foi muito mais estável do que a nossa conturbada república. Porém, também encontramos exemplos de estados novos e republicanos que também alcançaram estabilidade, como os Estados Unidos, Uruguai e Israel.

O pensamento de Maquiavel contradiz o pensamento cristão, pois vai de encontro aos preceitos éticos e morais, bem como, a ideia da natureza benevolente só ser humano, “...pois um homem que queira fazer em todas as coisas, profissão de bondade deve arruinar-se entre tantos que não são bons” (Maquiavel, 2004, p. 73).

Maquiavel procura justificar a defesa de que o governante deve se afastar dos preceitos éticos e morais, onde o mesmo diz que é possível para o indivíduo viver e morrer por esses preceitos éticos e morais, porém para um governante que tem que administrar o Estado e ser

responsável pela defesa e bem-estar de milhões de súditos, não seria possível governar seguindo esses preceitos, pois fatalmente levaria o Estado a ruína.

Se o indivíduo, na sua existência privada, tem o direito de sacrificar o seu bem pessoal imediato e até sua própria vida a um valor moral superior, ditado pela sua consciência, pois em tal hipótese está empenhando apenas seu destino particular, o mesmo não acontece com o homem de Estado, sobre a qual pesam a pressão e a responsabilidade dos interesses coletivos (Escorel, 1979, p 94).

Política é o confronto entre dois estratos sociais, de um lado estão os que detém a riqueza e o poder e do outro estão os despojados de riqueza e poder e que vivem um dia por vez. O primeiro grupo que controlar e oprimir o segundo, enquanto que o segundo não aceita ser controlado e oprimido pelo primeiro e clama por liberdade. Nesses casos, o governante tem que conseguir equilibrar a demanda dos dois grupos, para que consiga governar e manter a estabilidade do estado “...em todas as cidades, existem esses dois humores diversos que nascem da seguinte razão: o povo não quer ser comandado nem oprimido pelos grandes, enquanto os grandes desejam comandar e oprimir o povo” (Maquiavel, 2004, p. 43).

[...] quem chega ao principado com a ajuda dos grandes mantém-se com mais dificuldade do que o que se torna príncipe com a ajuda do povo, porque o primeiro se vê cercado de muitos que parecem ser seus iguais, não podendo, por isso, comandá-los nem manejá-los a seu modo. Mas quem chega ao principado com o favor popular encontra-se sozinho e não tem em torno de si ninguém, ou quase ninguém, que não esteja pronto a obedecê-lo” (Maquiavel, 2004, p 43).

O texto acima mostra a visão de Maquiavel (2004) acerca de como o príncipe deve escolher entre o povo e a elite. Se o príncipe não puder contar com os dois estratos, melhor para o príncipe seria ter o apoio do povo, pois enquanto as elites consideram o governante como um igual, o que dificulta o príncipe de comandar esse grupo sem ter que ceder espaços de poder e está sempre atento a movimentos e conspirações advinda desse grupo, o povo tende a ver o governante quase como uma divindade, caso o mesmo faça medidas para atender as suas necessidades mais imediatas.

O pensamento de Maquiavel é essencialmente sobre a natureza, a conquista e a manutenção do poder. A conexão com o objeto deste capítulo reside na ideia de manutenção do poder, pois o objeto diz respeito a questão do poder, a partir da percepção dos médiuns, então se faz necessário a compreensão do pensamento de Maquiavel acerca do poder, para o entendimento dos complexos movimentos que ocorrem na luta pelo poder. E o Vale do Amanhecer como qualquer instituição, não está imune aos movimentos pela conquista/manutenção do poder. O pensamento de Maquiavel se conecta com a hierarquia,

através de como o comando procura criar estratégias e movimentos para a sua manutenção do poder.

3.2.2 Michel Foucault

Apesar da abordagem de Foucault seguir em uma linha diferente de Maquiavel, Rousseau e Locke, a ideia é mostrar abordagens distintas para uma visão global acerca do poder político. Michel Foucault tem uma visão de poder que difere das visões de Maquiavel, Hobbes e Locke, pois Foucault não vê o poder como algo localizado em uma instituição, no caso o Estado, ou que é exercido por um indivíduo em representação a outros indivíduos, grupos ou classes. Ele enxerga o poder como uma correlação de forças e como uma disputa de forças. Nele o poder não se localiza em uma instituição, o poder perpassa todos os ramos da sociedade, ou seja, para Foucault o poder está em todos os lugares, onde o ser humano estiver, o poder estará.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (Foucault, 2004, p 193).

Mesmo em locais onde não exista o poder instituído, existe as relações de poder e essas relações colocam as pessoas em lados opostos, disputando a hegemonia de uns sobre os outros, pois o poder está em todas as pessoas, todos os relacionamentos entre seres humanos estão permeados pelo poder. O mesmo é uma força que coage, controla, disciplina e oprime a todos. Conforme ocorrem mudanças nos grupos sociais, o poder se ajusta e se adapta a nova situação, criando novas relações de poder e novas formas de disputa por este poder.

O processo de renovação possibilita ao poder agir como estivesse independente em relação aos indivíduos, através de ideologias, burocracias, mecanismos de repressão e controle, dentre outros, o poder é exercido por indivíduos sobre indivíduos ou como diz Foucault (2004, p 175) “O poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação; (...) o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força”. Foucault não vê o poder como algo derivado das relações econômicas, como observam os marxistas, para o francês, poder é acima de tudo, uma relação de forças, uma disputa antagônica entre indivíduos contra indivíduos ou grupos contra grupos, o poder é um vazio a ser preenchido.

Apesar de não ser visível, o poder é transmitido de pessoa para pessoa, de grupo para grupo passando todas as relações e envolvendo a todos nesse jogo, mesmo aqueles que supostamente não tem interesse pelo poder, terminam se envolvendo em uma teia de disputas e antagonismos. Segundo Foucault, todos estão diretas ou indiretamente envolvidos pelo jogo de poder.

Foucault (2004) analisa o poder a partir de duas premissas, o poder disciplinar e o biopoder. Na primeira o objetivo é o adestramento através da recompensa/punição. Foucault também estudou o sexo e a loucura como forma de entender como essas situações podem ser utilizadas nas relações de poder entre os indivíduos e as instituições. A segunda análise que Foucault faz sobre o poder exercido pelos estados nacionais através de técnicas de controle sobre os corpos dos indivíduos e da população do país.

Não creio que aquilo que se forma na base sejam ideologias: é muito menos e muito mais do que isso. São instrumentos reais de formação e de acumulação do saber: métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de inquérito e de pesquisa, aparelhos de verificação. Tudo isso significa que o poder, para exercer-se nesses mecanismos sutis, é obrigado a formar, organizar e por em circulação um saber (Foucault, 2004, p 186).

Foucault faz uma análise de como o poder é exercido e quais são os meios de controle e vigilância da sociedade. Um desses sistemas, é o sistema prisional, na qual o autor aborda detalhadamente na sua obra *Vigiar e Punir*, na qual o autor faz uma análise histórica da evolução dos sistemas penais no ocidente.

Para Foucault todos estamos inexoravelmente envolvidos na teia do poder, quer concordemos ou não, o poder está presente em todos os espaços da sociedade humana e o jogo do poder ocorre na ocupação de todos os espaços sociais. Segundo Foucault (2004, p 219) “é uma máquina que circunscreve todo mundo, tanto aqueles que exercem o poder, quanto aqueles sobre os quais o poder se exerce”.

Para Foucault o poder controla a sociedade, através de dois mecanismos que são: a vigilância e a punição, para exercer a vigilância o estado tem que observar duas situações. A primeira é a econômica, pois manter a sociedade sob vigilância o custo econômico é alto, pois tanto os dispositivos tecnológicos como os recursos humanos tem um custo elevado. A segunda situação é a política, pois a vigilância não pode ser extrema (violenta) ao ponto de levar a população a uma revolta contra Estado. Foucault (2004, p 218) vê a observação como a melhor forma de fazer a vigilância “Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá essa vigilância sobre e contra si mesmo”.

Em relação a punição, Foucault concentra seus estudos no sistema prisional e na infraestrutura das prisões. Segundo Foucault é através da *última ratio* (Direito Penal) que o poder exerce o seu peso sobre aqueles que não se submetem a disciplina do poder. O sistema prisional serve tanto para reprimir o criminoso comum, bem como o indivíduo que se volte contra a estrutura do poder, o sistema judicial permite que os que exercem o poder, de certa forma se afaste do exercício da punição.

A legalidade legitima o Estado na aplicação da punição, onde o castigo é legitimado pelas instâncias do poder, e passa a ser visto pela sociedade como algo legítimo e aceitável. E escusando o poder estatal de ser condenado pela sociedade como algo abusivo, se ganha o verniz de legalidade. Assim, dificilmente será contestado pela sociedade. As leis de Nuremberg na Alemanha nazista confirmam essa teoria.

3.4 O MICRO PODER E SEUS DESDOBRAMENTOS

Este tópico examina as noções de micro, explorando as dinâmicas e os efeitos dessa forma de poder na sociedade. O poder pode ser analisado em diferentes escalas, desde as vivências cotidianas até as estruturas sociais e políticas mais amplas. Compreender as nuances e as relações entre o micro e o macro poder é essencial para uma análise abrangente das relações de poder na sociedade contemporânea.

O poder é uma força central nas relações humanas, influenciando tanto as cotidianas quanto as estruturas sociais mais amplas. Weber (1991, p 33) define “poder significa toda probabilidade de impor à vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade”. Ao examinar as dinâmicas do poder, é importante considerar o nível micro, relacionado às emoções individuais, quanto o nível macro, relacionado às estruturas e emoções sociais. Este tópico pretende abordar as características distintas do poder, bem como suas interconexões e engenharia na sociedade.

3.4.1 Micro poder

O conceito de micro poder, explorando suas características e inteligência para a compreensão das dinâmicas de poder nas relações individuais. O micro poder refere-se ao poder que é exercido nas vivências cotidianas, nos espaços sociais limitados e nas relações interpessoais. Analisaremos as origens do conceito, suas principais características e como ele se manifesta em diferentes contextos sociais. Além disso, discutiremos a importância de

compreender o micro poder para uma análise abrangente do poder e da agência individual na sociedade.

O estudo do poder nas relações sociais tem sido uma área de interesse para diversos teóricos. Nesse contexto, o conceito de micro poder ganhou destaque como uma abordagem para entender o poder nas pessoas físicas. Ao examinar o poder em escala micro, podemos capturar nuances e dinâmicas que não seriam perceptíveis em uma análise puramente macro. Esta tese buscará explorar o conceito de micro poder, suas características e seu papel na compreensão das relações de poder nas esferas individuais.

A teoria de Michel Foucault sobre o micro poder, destacando sua contribuição para a compreensão das dinâmicas do poder nas relações cotidianas. Foucault propõe uma abordagem inovadora ao poder, enfatizando suas manifestações sutis e descentralizadas nos diversos espaços sociais.

O conceito de micro poder ganhou destaque, a partir dos estudos de Foucault. Desta forma, podemos conceituar o micro poder como a capacidade de exercer influência e controle em diferentes situações. Seja a nível local ou em pequena escala, diferenciando-se do poder exercido a nível macro, como o poder nacional e internacional.

Foucault (1992) é conhecido por suas contribuições teóricas sobre o poder e sua análise crítica das estruturas sociais. Em contraste com as abordagens tradicionais, Foucault direciona sua atenção ao poder em nível micro, examinando como ele é exercido e internalizado no cotidiano. Nesta tese será explorado a teoria do micropoder de Foucault, destacando seus conceitos centrais e sua importância na compreensão das relações de poder.

O micro poder tende a ocorrer nas organizações civis da sociedade como: escolas, trabalho, igrejas, clubes sociais, associações, sindicatos, família, etc. Apesar de ocorrer em instituições locais e familiares, a ação do micro poder tende a afetar toda sociedade.

O conceito de micro poder se encaixa na teoria do poder de Foucault, quando o mesmo afirma que o poder perpassa todos os níveis da sociedade e está em todos os locais. Foucault observa o micro poder, a partir da sociedade industrial, onde o poder passa a atuar diretamente sobre o trabalho e os corpos dos indivíduos. “[...] a teoria da soberania está vinculada a uma forma de poder que se exerce muito mais sobre a terra e seus produtos do que sobre os corpos e seus atos: se refere à extração e apropriação pelo poder dos bens e da riqueza e não do trabalho” (Foucault, 1992, p 188).

Foucault observa o micro poder como uma característica das sociedades industriais, onde o crescimento acelerado da população, bem como a concentração populacional em grandes centros urbanos, dificultava o controle dos indivíduos a partir do centro de poder (o rei). Ele

entendia que era necessário um controle direto sobre o trabalho e os corpos, não dava mais para fazer o controle a partir da apropriação da produção agrícola dos camponeses, como nos períodos medieval e absolutista. Com a sociedade industrial, era necessário exercer o poder diretamente sobre os indivíduos, por isso era necessário o instituto do micro poder, que fosse oriundo diretamente da sociedade, para possibilitar o controle individual de cada ser humano. Um exemplo desse controle é o panopticon de Bentham.

[...]modelo de arquitetura prisional no qual os presos são vigiados individualmente em suas celas (iluminadas pela luz do sol) por guardas colocados em uma torre de vigia equidistante de cada cela. A sociedade panóptica está submetida a uma “pirâmide de olhares” onde todos vigiam todos. Uma sociedade onde o poder, menos do que um instrumento de opressão, é um instrumento disciplinador que gera saberes, os quais, por sua vez, também geram novos poderes, e assim sucessivamente (Foucault, pg. 86, 1979).

Foucault observou que esse modelo de controle se espalhou por toda a sociedade e podia ser encontrado em escolas, igrejas, relacionamentos familiares, relacionamentos entre vizinhos, no trabalho, etc. Ao contrário do absolutismo que procurava se impor através do medo e da intimidação, procurando através de castigos cruéis e execuções públicas que se constituíam verdadeiros espetáculos, levando as pessoas a catarse, fazendo com que o medo fosse o catalizador da domesticação individual, levando os indivíduos a temerem o soberano, como cita Foucault (1992, p 222) “(...) é preciso que a punição seja espetacular para que os outros tenham medo. Portanto, poder violento e que devia, pela virtude de seu exemplo, assegurar funções de continuidade”, o poder na era industrial era contínuo, ininterrupto, atingia todos os corpos sociais e se fixava na mente das pessoas, modelando e domesticando as pessoas, segundo a ótica do poder.

A teoria do micro poder de Michel Foucault oferece uma perspectiva valiosa para a compreensão das dinâmicas do poder nas relações cotidianas. Ao destacar as formas sutis e descentralizadas de exercício de poder, Foucault nos convida a questionar as estruturas sociais e buscar espaços de resistência e transformação. Ao analisar o micro poder, entendemos que ele contribui para uma visão mais crítica e consciente das relações de poder no contexto contemporâneo.

O conceito de micro poder fornece uma lente poderosa para examinar as dinâmicas de poder nas relações individuais e nas esferas sociais restritas. Compreender como o poder é exercido e negociado nesses contextos é essencial para uma análise aprofundada do poder e das estruturas sociais. Ao explorar o conceito de micro poder, podemos reconhecer as sutilezas e

nuances das relações de poder e abrir caminho para formas mais igualitárias e empoderadoras de interação social.

O micro poder manifesta-se na estrutura hierárquica, pois o comandante tem o poder de nomear os adjuntos, que por sua vez nomeiam os comandantes de templos e estes são os responsáveis pelas nomeações dos médiuns centuriados. Apesar de parecer que a hierarquia é frouxa, na verdade a hierarquia é rígida e discreta, principalmente para quem não é médium, entre os médiuns a percepção da hierarquia e do poder é verificada, porém, a crítica ainda é velada nos templos pelo Brasil e exterior, em Brasília, a crítica a essa estrutura que de forma indireta concentra poder nas mãos do comandante, começa a ser questionada, como o evento que ocorreu em Planaltina em janeiro de 2022, quando parte da comunidade se reuniu em assembleia para tentar destituir o Trino, sob alegação de autoritarismo e modificações dos rituais, essa foi a primeira grande discordância no Vale do Amanhecer (ver link da reportagem do jornal Metrôpoles nas referências)

3.4.2 O Micro poder na Família

O micro poder na família refere-se às dinâmicas de poder que ocorrem em um nível mais individual e cotidiano dentro da estrutura familiar. Essas dinâmicas podem ser influenciadas por diversos fatores, como papéis de gênero, idade, status econômico e cultural.

Em outras palavras, diferentes sujeitos são constituídos por meio da história: uma vez que não são preexistentes ao social, não são concebidos como “desde sempre”, como algo de formação certa e determinada. A família exerce importante papel na formação do ser, por meio das relações estabelecidas entre o grupo familiar. O próprio sujeito cria sua intersubjetividade por meio das influências externas, por exemplo, originadas da família e de sua própria consciência, formando, assim, um jogo de fatores externos e internos da constituição do sujeito. Todavia, nem sempre a família proporcionou espaço aos seus participantes. Outrora, a família brasileira matrimonializada e patriarcal era vista como um instituto cujos interesses eram hierarquicamente superiores aos dos indivíduos que a integravam. Protegia-se a família, e não as pessoas pertencentes a ela (Cesar, 2015, p 521).

O micro poder na família fica claro na tomada de decisões cotidianas, como escolhas alimentares, atividades de lazer e organização do espaço doméstico. A distribuição desigual do poder em relação a essas decisões pode refletir normas culturais, expectativas de gênero e outros fatores sociais. A comunicação interpessoal desempenha um papel significativo no micro poder. Quem tem a capacidade de expressar suas opiniões de maneira mais assertiva, muitas vezes, exerce mais influência.

A família passa, portanto, a ser o locus proporcionador do desenvolvimento da personalidade de seus membros e torna-se o ambiente primevo onde o sujeito vai constituir-se, vai desenvolver seu carácter e o seu autoconhecimento e vai apreender a viver em comunidade e a respeitar as diferenças do próximo (Cesar, 2015, p 521).

Pode haver um micro poder na capacidade de persuadir outros membros da família a adotar certas perspectivas, valores ou comportamentos. O micro poder também se manifesta na divisão de tarefas domésticas e responsabilidades familiares. Quem toma decisões sobre como as tarefas são distribuídas e quem tem controle sobre certas áreas da vida familiar pode exercer o micro poder. - As expectativas culturais e de gênero, muitas vezes, desempenham um papel na atribuição de tarefas e responsabilidades.

Esta instituição, historicamente, favoreceu ao fortalecimento dos sujeitos enquanto seres que a constituem, ou, em contrário, foi locus promotor de uma assimetria que conjurou um dos sujeitos da família em objeto? Em *Sexo e Poder: a família no mundo (1900-2000)*, Goran Therborn (2006), ressalta que por volta de 1900 os homens haviam estabelecido acordos entre si e cobravam das mulheres uma posição de reciprocidade que política, econômica e socialmente não lhe foi possível. Havia a exigência da fidelidade sob pena de punições severas, havia a imposição de regras de conduta, de privação, da liberdade, de movimento. Havia a imposição de padrões de comportamento, em que a mulher deveria submeter-se em nome de uma reciprocidade para fazer jus ao que pregava-se ter sido acordado no contrato original (Pereira, 2010, p 41).

Ao longo da história, o conceito de família vem mudando e junto com a mudança de conceito vem a mudança nas relações de poder. Na pré-história, a família era matriarcal, ou seja, a família era controlada pela mulher, com a revolução agrícola, o conceito de família sofre sua primeira modificação, passando o controle a ser exercido pelo homem, ou seja, a família passa a ser patriarcal, conceito esse que, apesar de sofrer modificações na sua organização, porém sem alterar sua estrutura de poder. No século XX temos o surgimento da família nuclear, onde o poder é em tese, dividido entre o homem e a mulher, porém ainda falta muito para ocorrer igualdade entre homens e mulheres, o movimento feminista ainda tem muita luta pela frente.

3.4.3 O Micro poder na Religião

As relações de poder nas religiões encaixam-se nas teorias de Foucault acerca do poder, onde o mesmo vê o poder, de forma fragmentária, onde este não está concentrado em um grupo ou classe, mas se espalha nos vários grupos de indivíduos no interior da sociedade. O poder não está apenas no Estado, mas se encontra na família, na escola, na igreja, no clube e até no relacionamento de casais, segundo Foucault o poder está em todo o lugar.

Mas a noção de poder em Foucault dilui a dimensão política, dispersando-a ad infinitum. Ele deixa de ser atribuível a uma classe que o detenha. Circula, a partir de uma rede entre os indivíduos; funciona em cadeias; transita em cada um antes de se agregar num todo. Se não existe lugar nodal do poder, não pode existir resistência a esse poder (Dosse, 2001, p 223).

Perto de sua morte, Foucault se voltou para pesquisar as religiões, em especial o cristianismo. Na sua obra inacabada, *História da Sexualidade*, o pensador faz uma análise história a partir da Grécia e Roma, com a finalidade de compreender o cristianismo, a partir do cristianismo primitivo, para possibilitar uma análise da subjetividade desse credo.

Foucault faz uma análise da ligação entre o poder político e o poder religioso que surgiu no ocidente, onde o primeiro cuidava do corpo, enquanto o segundo cuidava da alma. E mesmo com a separação entre a igreja e o Estado, que ocorreu no ocidente e, em boa parte do mundo, possibilitou que esses poderes continuassem atuando de forma separada, mas produzindo os mesmos efeitos de quando não havia a separação entre igreja e Estado, ou seja, o controle da sociedade.

No ocidente, a política estatal coligou-se com a soterologia. Tal relação entre a salvação das almas e a administração dos corpos fora instituída no nascente cristianismo e não haveria como fugir do tema. Verdade que Michel Foucault passa cerca de um mês, pedindo muitas vezes desculpas por ter se alongado, tratando das questões *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia* V. 4, N.2, Agosto-Dezembro de 2013 *Expeditions: Theory of History & Historiography* teológicas. Outro aspecto é que não trata da teologia em si, não é isso que lhe interessa, mas aquilo que podemos chamar, recorrendo ao conceito de Schmitt (2006), de campo teológico-político. Torna-se importante compreender o surgimento e a possível permanência do modelo pastoral de governo. Isso não é exatamente uma metáfora, mas um modo de exercer o poder que fora projetado, basicamente, pelo cristianismo na história ocidental. Claro que retornando à época do Antigo Testamento, encontramos esse modelo já na relação soberana de Deus com a humanidade ou com o povo judeu, para ser mais específico (Quadros, 2013, p 247).

Apesar de citar a colaboração entre os poderes político e eclesiástico, mesmo após a separação entre a igreja e o Estado, Foucault não nega a existência de embates entre esses poderes, pois esses poderes, em determinados momentos, entram em confronto, seja por interferência de um poder sobre o outro poder e confrontos abertos, que ocorrem quando esses poderes entram em campos opostos, como no caso das ditaduras ou quando esses poderes se enfrentam, seja em eleições, seja em confrontos violento, como por exemplo, na Nicarágua, onde a Igreja Católica entrou em confronto com as ditaduras de Anastácio Somoza e Daniel Ortega.

[...] em sua tecnologia interna, o poder pastoral vai permanecer absolutamente específico e diferente do poder político, pelo menos até o século XVIII. Ele não funciona da mesma maneira, e ainda que sejam os mesmos personagens a exercer o poder pastoral e o poder político, e Deus sabe que isso se fez no ocidente cristão, ainda que a Igreja e o Estado, a Igreja e o poder político tivessem todas as formas

de aliança que se possa imaginar, creio que essa especificidade foi um traço absolutamente característico do Ocidente cristão (Foucault, 1992, p 205).

Essa passagem reflete a situação do Vale com análoga a situação das igrejas cristãs ante o estado, ou seja, é uma relação de colaboração e enfrentamento, na qual podemos citar as relações de Tia Neiva com a ditadura militar, vários membros do governo militar, consultavam a médium acerca de medidas que iriam tomar, por outro lado, houve um princípio de confronto quando o governo federal quis desapropriar o terreno ocupado pelo Vale, com o intuito de construir uma barragem, isso gerou atritos e protestos, levando o governo a desistir da ação (ver reportagem do fantástico sobre o Vale do Amanhecer em 1978).

3.4.4 A estrutura de poder no Vale do Amanhecer

O Vale do Amanhecer tanto a nível doutrinário, como a nível pessoal e das entidades espirituais, possui uma estrutura complexa e um emaranhado de rituais e uma complicada hibridização. Essa complexa estrutura necessita de um conjunto de normas e uma hierarquia complexa e rígida. A nível de participação nos rituais, não existe hierarquia entre os participantes (com exceção do comando), não importa o seu posicionamento na estrutura hierárquica, a participação é a mesma e a entrada no ritual é por ordem de chegada, seguindo a fila.

Mas nas estruturas de poder e comando, existe uma hierarquia rígida e que deve ser obedecida sem questionamentos. A nível administrativo e doutrinário, a hierarquia atual é baseada no Conselho dos Trinos, composto por três Trinos, todos homens, como a mais alta autoridade terrena, abaixo dos Trinos vem os Arcanos. Nesse tópico iremos analisar a hierarquia a nível administrativo e a hierarquia a nível das entidades espirituais no âmbito do Vale do Amanhecer.

A questão hierárquica no Vale do Amanhecer é de causar desassossego ao estudioso. Mesmo o adepto, muitas vezes, desconhece o escalonamento hierárquico do qual é sujeito e com o qual está comprometido. A hierarquia, antes de tudo, compete-nos frisar, foi estruturada pela própria Tia Neiva. Era ela, segundo aqueles que privaram do contato diário com a *Clarividente*, a única responsável pela recomendação dos médiuns que deveriam ocupar posições hierárquicas mais ou menos destacadas. Afirmava estar, a *Clarividente*, a exemplo de como agia na condução do erguimento das construções sagradas e na definição dos rituais, orientada pela Espiritualidade Maio (Reis, 2008, p 113).

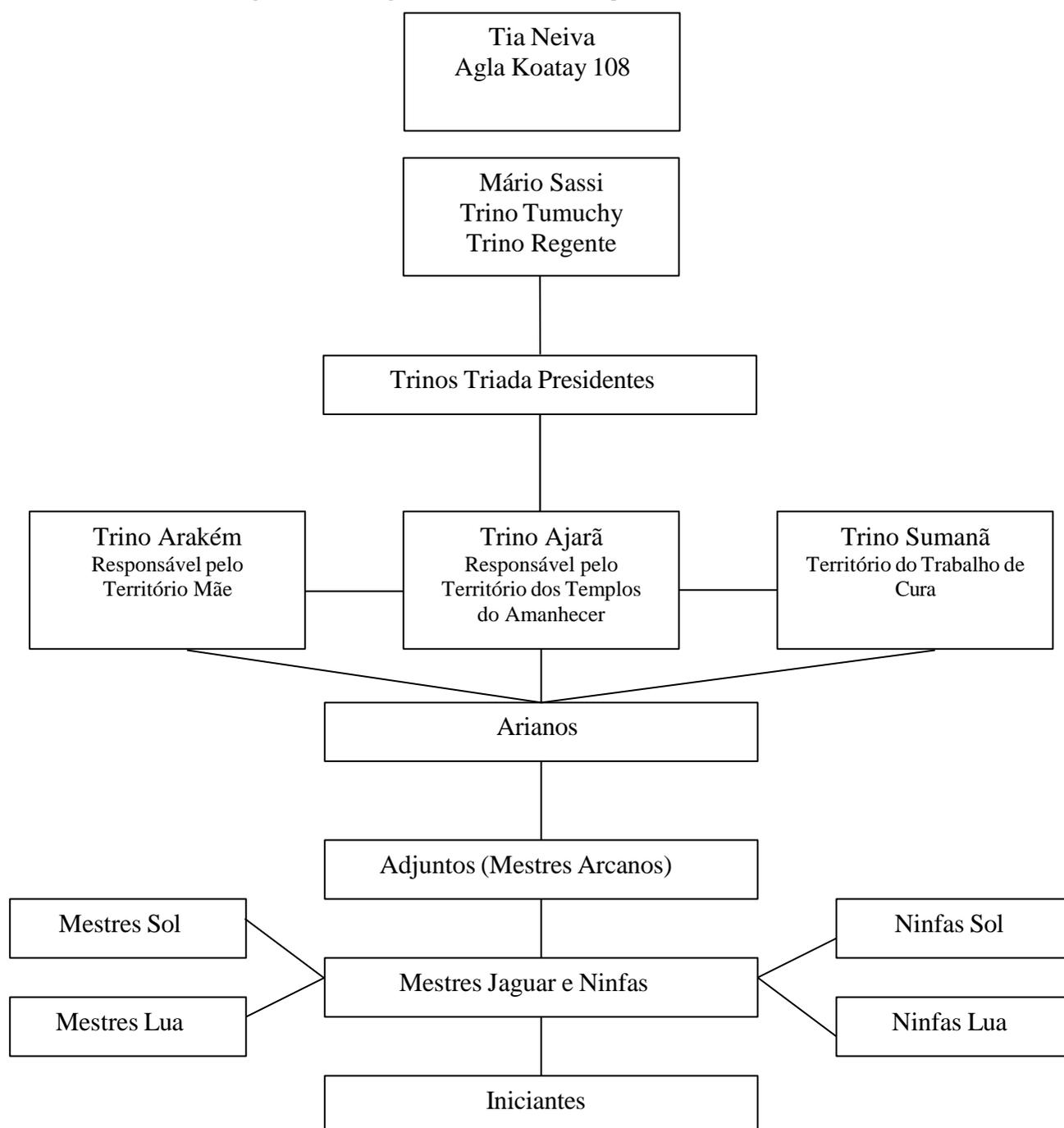
Atualmente a hierarquia administrativa segue a seguinte configuração: Trinos Tríade Presidentes ou simplesmente Conselho de Trinos que de onde vem todas as doutrinas e normas do Vale do Amanhecer, abaixo vem os Arianos, seguidos pelos Mestres Arcanos e na base os Mestres Jaguares e Ninfas. Entre os Mestres Jaguares e Ninfas, existe a hierarquia que se divide

em: emplacados, iniciados, elevados e centuriados. Na indumentária a hierarquia funciona da seguinte maneira: os iniciados utilizam o uniforme branco e a fita, os elevados utilizam o uniforme marrom e os coletes e os centuriados estão habilitados a participar de praticamente todos os rituais no âmbito do Vale do Amanhecer.

Após a aceitação do convite, o escolhido inicia o seu desenvolvimento doutrinário. Primeiramente, ao longo de sete semanas, aos domingos, acompanha no interior do templo as aulas oferecidas pelos mestres instrutores. Este ritual de iniciação consiste na abertura dos *chakras*⁵¹ e a confirmação de quem será o seu mentor e guia espiritual de cada iniciado. Após esta iniciação, o médium passa a vestir um uniforme como símbolo de seu novo *status* dentro do movimento. Inicialmente um vestido branco para as mulheres e uma calça marrom-escuro e um camisaõ branco para os homens. Em seguida, sua mediunidade é revelada: apará, ou seja, médium de incorporação, ou médium doutrinador, que tem a responsabilidade de zelar pelo transcorrer dos trabalhos espirituais. O médium de incorporação tem a função de servir de instrumento para incorporação das diversas entidades que fazem parte de praticamente todos os rituais. O que há de notável nesse tipo de médium é que seu treinamento o/a leva a especializar-se na incorporação de apenas um tipo de entidade. Esse processo de treinamento necessita de um período considerável de tempo, até firmar sua mediunidade para a incorporação de uma única entidade. Já o médium de doutrinação dedica-se a conhecer a doutrina e os processos para encaminhar os espíritos que passam pelos diversos trabalhos (Sassi, 1979, p. 11).

A hierarquia do Vale do Amanhecer possibilita apenas aos homens o acesso a todos os degraus, o caminho das mulheres na hierarquia do Vale é bastante limitado para mulheres que não tem acesso aos cargos de comando, apesar da religião ter sido fundada por uma mulher e o principal cargo da hierarquia do Vale do Amanhecer ter sido apenas e unicamente ocupado por uma mulher enquanto esteve viva e após a sua morte, esse cargo nunca mais foi ocupado por ninguém.

Figura 41 - Fluxograma da estrutura hierárquica do Vale do Amanhecer



Fonte: <https://www.mulheresdeluta.com.br/iansa-a-senhora-das-tempestades-e-ventanias/> acesso em 21/11/2023

O fluxograma acima elaborado por Rodrigues (2011) explica de forma simplificada a organização hierárquica do Vale do amanhecer. Tia Neiva está no topo da hierarquia como entidade espiritual (Koatay 108), abaixo dela vem os Trinos que se constituem o topo da hierarquia entre os encarnados, dividindo-se entre o Trino Presidente (Trino Tunuchy) e os Trinos Regentes (Trinos Arakém, Ajarã e Sumanã) Abaixo dos Trinos vem os Arianos estão ligados a doutrina do Vale, especificamente aos oráculos, aos cavaleiros e ao 7 raio (ligado as

três forças do Vale do Amanhecer, Pai, Filho e Espírito Santo que é a santíssima trindade no cristianismo, todos os mestres centuriados estão aptos a fazer esse curso), abaixo dos Arianos estão os Mestres Arcanos, que são os Adjuntos, comandantes dos templos, abaixo vem os Jaguares e as Ninfas Sol e Lua (que são os médiuns que realizam os trabalhos nos templos e hospitais) e na base da hierarquia estão os iniciantes.

A nível espiritual também existe hierarquia no Vale do Amanhecer, inicialmente temos os espíritos de luz, que se encontram no plano superior e que são entidades e mentores (orientadores e protetores dos médiuns) e existem os espíritos sofredores que se encontram no plano inferior ou obsediando as pessoas no mundo físico. No plano espiritual os mentores que auxiliam e protegem os médiuns e são Ministros (existem os Ministros que comandam falanges e conjuntos de Templos), Cavaleiros e Princesas, abaixo vem os espíritos de luz que são Pretos Velhos, Caboclos e Pretas Velhas.

Em primeiro lugar, deve-se ter em conta que, observa a Doutrina, as heranças transcendentais associadas ao preparo e à frequência com que se relaciona o *Jaguar*²²⁰ diante dos trabalhos espirituais, representam os fatores determinantes para que o médium possa ascender hierarquicamente. Essa ascensão, atualmente, deriva das tomadas de decisões doutrinárias consignadas por um *Conselho de Trinos*²²¹, este que, consoante observa Storck de Oliveira, estabelece uma liderança burocrática. Importante esclarecer: Conselho esse ávido de perpetuar o movimento na sua originalidade de princípios e ações, mas incapaz de exercera liderança carismática, na estrita acepção weberiana²²² do termo, naturalmente observada na condução dada por Tia Neiva ao movimento. Ela, legitimada por sua “relação imediata com os planos espirituais” e ao desfrutar de crédito expressivo diante do corpo de médiuns sobre o qual exercia sua liderança, apontava este ou aquele Jaguar para desempenhar funções de maior ou menor evidência dentro da Doutrina. Segundo as palavras dos médiuns veteranos, plenos de saudosismo de sua líder: “tempos idos...” (Reis, 2008, p 115).

Existe a hierarquia individual para ser galgada pelo mestre: iniciante, emplacado, iniciado, elevado, centuriado, sétimo raio, etc. Também existe a hierarquia dentro das falanges, lembrando que existem duas falanges masculinas, Magos e Príncipes e aproximadamente 20 falanges femininas, dentre elas as Gregas, Samaritanas, etc. O posto maior nas falanges é o cargo de presidente. Para os médiuns que não possui falanges, são classificados como os que atuam na individualidade. A subida na hierarquia se dá nas cerimônias de rituais de iniciação, elevação e centúria que ocorre duas vezes por ano nos templos principais. Em Pernambuco as cerimônias ocorrem nos Templos de Olinda (regido pelo Ministro Parlo) e o Templo de São Lourenço da Mata (regido pelo Ministro Nerano).

Conforme já mencionamos, atualmente, a autoridade doutrinária e seu correlato poder decisório concentram-se nas mãos do Conselho de Trinos, formado pelos seguintes mestres: 1º Mestre Jaguar, Trino Arakém, Nestor Sabatovicz; 1º Mestre Sol, Trino Sumanã, Michel Hanna e o Jaguar Mestre Sol, 1º Doutrinador do Amanhecer, Trino Ajarã, Gilberto Zelaya, primogênito de Tia Neiva. Sob denominação de 1º Mestre Sol Trino Tumuchy, Mario Sassi, que veio a falecer em 1995, era visto como o segundo na ordem hierárquica da Doutrina, abaixo apenas da própria *clarividente*. De menor graduação, leia-se igualmente autoridade junto à doutrina, há ainda três subcategorias de trinos: os Trinos Herdeiros, que formam o Conselho Consultivo, os Trinos Administração e os Trinos Regentes. Abaixo dos Trinos, acham-se os mestres denominados Arcanos, também conhecidos por *Adjuntos*, muitos dos quais responsáveis pela condução de grupos de médiuns que a eles se vinculam, e que, na linguagem do Amanhecer, formam o seu *Povo* ou o seu *Continente*. Daí serem chamados *Adjuntos de Povo*. À semelhança dos Trinos, há também subcategorias de Adjuntos, a saber: Rama 2000, Adjunto Koatay 108, Adjunto Regente, 7º Raio Autorizado Taumantes (Reis, 2008, p 118).

A hierarquia entre as entidades espirituais foi organizada e sistematizada por Tia Neiva, que organizou o Vale do Amanhecer em sete falanges. A primeira falange é formada por Pretos Velhos Indianos, estas entidades formadas por pretos velhos são responsáveis por diversos rituais, como Trono, Cura, Mesa Evangélica e Sudário. A segunda falange é formada por Caboclos e Cavaleiros de Oxossi, esta falange é formada por nativos americanos e igualmente tem importância nos rituais citados na primeira falange. A terceira falange é a falange de Mãe Iara, considerada a mãe das sete princesas que são mentoras dos médiuns e participam de rituais como Junção e Indução. A quarta falange é a falange de Iemanjá, é uma falange africana, Iemanjá é mentora dos médiuns a quinta falange é a falange de Maria, essa falange é comandada por Maria, mãe de Jesus, diferentemente das religiões cristãs, no Vale do Amanhecer a santíssima Trindade é formada por Deus, Jesus e Maria. A sexta Falange é a falange dos médicos alemães, essa falange está diretamente ligada aos rituais que envolva cura e a sétima falange é a Tapir, que está ligada a corrente mestra e a distribuição de energia nos rituais.

A doutrina admite uma classificação para os espíritos de acordo com o grau de espiritualidade deles, classificando-os como: espíritos habitantes dos *Planos Intermediários*, aqueles que o movimento admite como moradores das diversas colônias espirituais existentes na orbe planetária, aguardando as suas oportunidades reencarnatórias, incluindo aqueles que habitam os umbrais do plano espiritual e os *Orixás*, classificados como espíritos de alta envergadura espiritual pelo movimento, sendo “[...] espíritos de grande hierarquia no comando da missão”. A função dos orixás não é restrita unicamente ao comando do movimento neste plano, mas também em outros planos existenciais, servindo de ponte entre os adeptos e a espiritualidade maior. (Sassi, 1979, p. 136-174)

Apesar do Vale do Amanhecer ter sido fundado por uma mulher, de as falanges femininas serem 10 vezes maiores que as falanges masculinas (são duas falanges masculinas e 21 falanges femininas), das mulheres participarem de todos os rituais e terem uma participação decisiva e primordial na ritualística do Vale, não dá para afirmar que o Vale do Amanhecer é

uma religião matriarcal, pois as principais entidades são masculinas, só homens assumem os postos de comandos, tanto a nível administrativo como na ritualística, por tanto, o Vale é uma religião patriarcal, onde existe uma grande e atuante participação das mulheres.

Em relação a comunidade LGBTQIA+ o Vale do Amanhecer não tem nenhum problema quanto a participação nas atividades administrativas e ritualística, podem alcançar todos os graus na hierarquia, no caso dos homossexuais masculinos. Na minha experiência como doutrinador observei vários homossexuais e transgêneros atuando em rituais e trabalhando no administrativo sem sofrerem quaisquer constrangimentos, inclusive, quando criou a falange dos Príncipes a primeira composição foi formada totalmente por pessoas de orientação homoafetivas.

3.4.5 A Percepção do poder por médiuns e Pacientes a partir do conhecimento da hierarquia do Vale do Amanhecer

Não existe consenso acerca do conceito de percepção, existe a ideia de que a percepção está ligada a relação sujeito/objeto, ou seja, é um conceito objetivo, a outra ideia acerca da percepção diz respeito ao conceito de que a percepção é uma ação interna do indivíduo, ou seja, é um conceito subjetivo presente internamente em cada indivíduo.

Nesta tese iremos adotar a ideia de percepção ligada a relação sujeito objeto, pois a ideia objetiva é mais plausível no tratamento de dados coletados, pois a relação subjetiva torna impossível a quantificação dos dados, pois seria impossível chegar a um resultado palpável, já que se aceitarmos que a percepção é algo subjetivo ligado a cada um dos indivíduos.

Veamos o caso mais simples de percepção. Dizemos frases como “Estela vê o bolo. Como analisar logicamente essa frase? Poder-se-ia ser tentado a dizer que se atribui a “Estela” (a) o predicado “ver o bolo” (F). Assim, teríamos a seguinte forma lógica: F(a). Dessa perspectiva, a percepção seria uma propriedade intrínseca de uma pessoa, um estado dela. “Estela vê o bolo” seria análoga a frases como “Estela imagina o bolo” ou “Estela crê que o bolo está em cima da geladeira”. Poder-se-ia, depois de identificar a percepção com esse estado subjetivo, levantar a questão de saber se esse estado subjetivo é intrinsecamente relacional ou não; alguns filósofos entendem que sim, outros, que não. Mas muitos filósofos parecem entender que a percepção seria, propriamente falando, somente essa experiência subjetiva. A meu ver, contudo, essa análise está errada. Existem várias relações possíveis entre Estela e o bolo, que podem ser expressas das seguintes maneiras: “Estela come o bolo”, “Estela assa o bolo”, “Estela guarda o bolo”; também há outros tipos de relação, como “O bolo deixou Estela enjoada”. Temos muitos verbos para expressar relações entre Estela e o bolo, os verbos perceptivos sendo somente um dos tipos de verbos de relação. Deve-se, portanto, aproximar “Estela vê o bolo” de frases como “Estela come o bolo” e não de frases como “Estela imagina um bolo”. Assim, a forma lógica de “Estela vê o bolo” é F(a, b). (Smith, 2014, p 112-113).

A complexidade da percepção reside no fato de ser uma relação humana, ou seja, mesmo em uma situação objetiva, sempre haverá uma subjetividade inerente ao ser humano. No caso da percepção, existe uma dupla relação, a relação do ser humano com o mundo e vice-versa. A percepção é como o ser humano compreende um evento e como essa compreensão leva o ser humano a agir em relação a este evento.

Tomemos agora o seguinte exemplo: “Estela vê que o bolo está assando”. O que está envolvido na percepção de Estela que um bolo está assando? Tentemos aplicar os grupos de eventos tais como Austin os discriminou. Poderíamos, então, dizer que, nessa percepção, estão envolvidos: (1a) causa: há um bolo no forno (que causa uma experiência visual em Estela); (1b) ocasião: Estela está na cozinha e a luz está acesa (não fosse assim, Estela não poderia ver que o bolo está assando); (2a) sensação: Estela tem uma sensação marrom escuro (ela poderia ainda ter esta outra sensação: Estela sente o calor do forno no rosto, quando se aproxima para olhar); (2b) experiência: Estela vê o bolo alto dentro da forma; (3a) efeitos: Estela lembra-se de ter posto uma massa branca e baixa no forno; Estela lembra-se de ter queimado os biscoitos de Natal no dia anterior; (3b) manifestações: Estela sorri ou diz “Estou vendo que o bolo está pronto”; (3c) reações: Estela desliga o forno e tira o bolo (Smith, 2014, p 115).

A percepção é entendida como um processo cognitivo e afetivo, é vista como o entendimento do homem acerca do objeto/evento, é por meio da percepção que o ser humano desenvolve suas crenças e seus conceitos acerca do mundo em que vive, isto é possível porque o ser humano é dotado de órgãos do sentido que permite aos seres humanos as sensações que formam a compreensão do ser humano acerca do mundo, por ser formado por órgãos do sentido e pelo cérebro, em virtude disso, podemos colocar a percepção como cognição/afetividade.

É uma capacidade porque somos dotados de órgãos dos sentidos e esses funcionam (ou podem funcionar) naturalmente. Abrimos os olhos e vemos uma cena; no meu caso agora, vejo pela janela um jardim florido e alguns pássaros caçando minhocas no gramado. Certamente, sempre há um elemento passivo na percepção; e esse elemento é predominante quando somente abrimos os olhos para ver. Em geral, quando se pensa a percepção como um estado subjetivo da pessoa, sobrevaloriza-se esse elemento passivo. A tese segundo a qual as percepções seriam constituídas por átomos de sensação (sensação do vermelho, do azul; gosto do doce, do amargo; um som agudo, outro grave etc.) parece pressupor que seríamos inteiramente passivos na recepção (ou percepção) desses átomos. Mas o elemento passivo não esgota nossa capacidade perceptiva. Há, ao menos, por menor que seja, alguma atenção ao que está sendo percebido. Não basta abrir os olhos, mas, para ver algo, é preciso notar alguma coisa que se nos oferece à visão. Sem, no mínimo, dirigir nossa consciência para alguma coisa no campo visual, não teríamos a visão dessa coisa (Smith, 2014, p 117).

Apesar de os órgãos do sentido possibilitarem na percepção ligada a afetividade, a cognição também utiliza os órgãos do sentido para a percepção, pois o cérebro comanda esses órgãos e pode direcionar os mesmos para o que lhe interessa, como por exemplo, olhar pode ser

direcionado para onde o cérebro deseja, então, os olhos e ouvidos podem ser direcionados para determinadas posições com o intuito de filtrar determinadas imagens e sons que são analisados pelo cérebro e daí tem-se uma posição do indivíduo acerca de determinado objeto/acontecimento.

Em relação a percepção, nota-se que indivíduos podem realizar percepções bem-feitas ou malfeitas, a depender do treinamento do indivíduo acerca dos temas, por exemplo, a percepção de um mergulhador profissional acerca do ambiente subaquático é bem mais acurada da de um turista que faça um batismo (mergulho acompanhado por um instrutor) acerca do mesmo ambiente, ou a percepção de um engenheiro civil sobre a integridade estrutural de uma edificação, será bem mais acurada que a percepção de um instrutor de mergulho sobre a mesma edificação, isso decorre do treinamento que é recebido pelos profissionais.

Alguns filósofos tem um entendimento acerca da percepção como sendo algo relativo apenas a precisão e que não deveria ser levado em conta nas questões relativas à verdade, devido a sua subjetividade, seria muito difícil diferenciar o que seria verdadeiro do que seria falso, para esse grupo de filósofos, a percepção deveria ser analisada em termos de precisão, ou seja, se seria mais ou menos precisa. Acerca deste grupo de filósofos Smith (2014) pondera.

O que pensar dessa proposta? A meu ver, aceitá-la seria sobrevalorizar um elemento do padrão de eventos, como se ele esgotasse a análise da percepção. Certamente, deve-se acatar a ideia de que uma das maneiras de avaliar a percepção é segundo seu grau de precisão. Mas isso não implica que seja a única maneira de avaliar a percepção. De fato, não vejo por que abandonar a ideia de condições de verdade para avaliar a percepção, dado que a verdade de uma frase que atribui percepção a alguém (“Estela vê o bolo”) não depende do grau de precisão de sua percepção, mas da realização de todo o padrão de eventos. Se o padrão de eventos se realiza, então a atribuição é verdadeira. Portanto, é perfeitamente correto falar do grau de precisão de uma percepção, mantendo a ideia de suas condições de verdade (Smith, 2014, p 118).

Como parte do entendimento acerca da percepção, objeto do presente capítulo, abordaremos como as correntes filosóficas racionalistas e empirista tratam sobre o tema percepção. A corrente racionalista tem a percepção baseada na razão, por isso os racionalistas valorizam a matemática, a física e demais ciências exatas, pois para os mesmos, só o cérebro possibilita a compreensão da realidade, o maior representante desta corrente é René Descartes. O empirismo é uma corrente onde a percepção é baseada na experiência adquirida pelo indivíduo onde o maior representante dessa corrente é John Locke que distingue duas formas distintas de empirismo onde a primeira é a sensação e a segunda é a reflexão.

O presente capítulo vai analisar a percepção do poder político dentro do conceito de micro poder de Foucault no Vale do Amanhecer, através da percepção da hierarquia do Vale

entre pacientes, doutrinadores e aparás/ajanã. As informações foram colhidas através do envio de formulários com 10 questões para o e-mail dos mestres e pacientes. A partir dos formulários respondidos será feita uma análise estatística acerca da percepção ou não das relações de poder no Vale do Amanhecer pelos médiuns e pacientes. O Templo do Vale do Amanhecer de Olinda foi o local para onde foram enviados os formulários para os médiuns e pacientes, num total de 100 formulários.

A decisão do uso de formulários via e-mail, foi no sentido de deixar os médiuns mais à vontade para responder as perguntas, pois como doutrinador, observando a relação dos médiuns com pessoas de fora do templo (que não eram pacientes), os mesmos não ficavam confortáveis ao responder perguntas sensíveis, acerca do Vale.

Agora iremos analisar a percepção da hierarquia do Vale do Amanhecer pelos médiuns do Templo do Vale do Amanhecer em Olinda. Dos formulários enviados para os médiuns 60 foram respondidos e servem de amostragens.

As respostas foram tabuladas por meio de gráficos que apresentará aos percentuais estatísticos, acerca das perguntas elaboradas. Neste capítulo todas as perguntas foram feitas aos médiuns (Aparás/Ajanãs e Doutrinadores) de ambos os sexos do Templo Parlo de Olinda.

Figura 42 – Gráfico 1 - Conhecimento sobre a hierarquia do Vale do Amanhecer

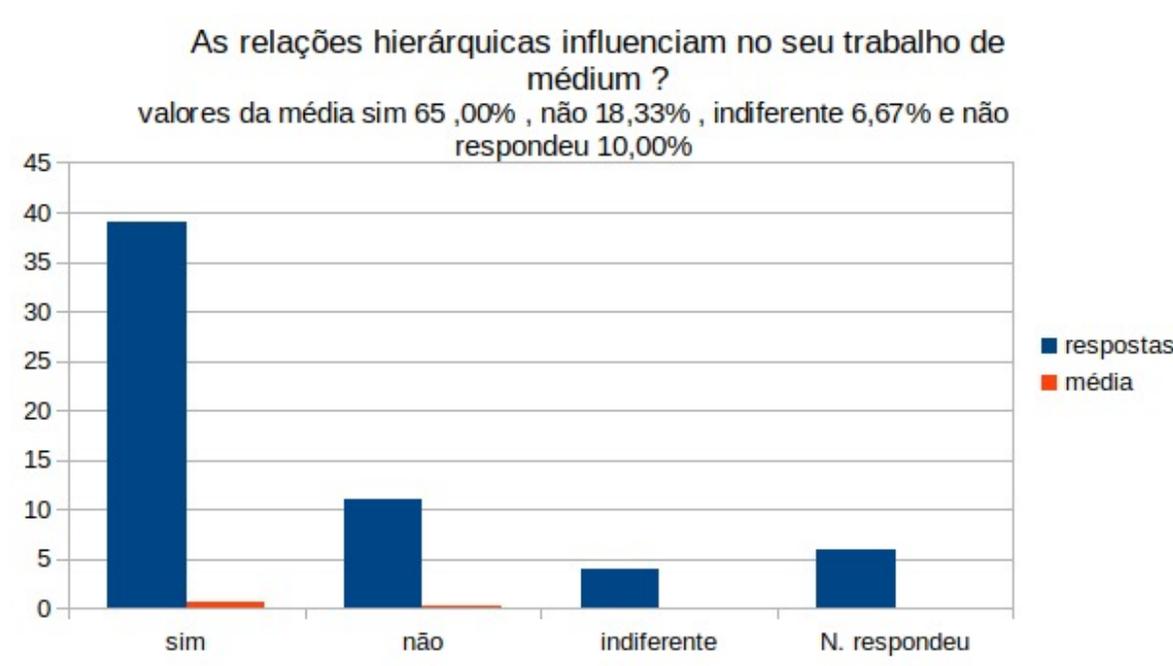


Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

Em relação ao conhecimento da hierarquia vertical (lideranças gerais) e horizontal (liderança no templo e comando dos trabalhos) a maioria respondeu que tinha o conhecimento de ambas as hierarquias, chegando a 75% das respostas, o que chega a ser surpreendente, já que

a hierarquia, principalmente a vertical é pouco falada no Vale do Amanhecer, em torno de 20% responderam que não conheciam a hierarquia e 5% afirmou ter pouco conhecimento, o que significa o conhecimento da hierarquia horizontal. Se somarmos os que afirmaram conhecer a hierarquia com os que conhecem pouco, o somatório chega a 80%, o conhecimento da estrutura hierárquica reflete o conhecimento da hierarquia de poder. Isso demonstra que o grau de alienação em relação as estruturas de poder no Vale do Amanhecer são muito baixas.

Figura 43 – Gráfico 2 - Influencias das relações hierárquicas



Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

O gráfico acima diz respeito a opinião dos médiuns acerca da influência da hierarquia no trabalho que eles realizam, neste caso temos uma pergunta relacionada a hierarquia horizontal. Assim, os percentuais corroboram com a percepção da primeira pergunta, ou seja, a maioria absoluta, ou seja, 65% afirmam que sim, as relações hierárquicas, ou seja, as relações com o comandante do trabalho influenciam no trabalho dos médiuns. Sendo assim, o equilíbrio do comandante irá influenciar positivamente ou negativamente no trabalho do médium, o que torna a atuação do comandante de suma importância para o bom ou mau andamento dos trabalhos. 18,33% dos médiuns responderam que a atuação do comandante não interfere nos trabalhos dos médiuns, ou seja, para esse grupo pouco importa a atuação do comandante, pois o mesmo não interfere nos seus trabalhos. 6,67% responderam que são indiferentes a atuação dos comandantes e 10% preferiram não responder, o que podemos observar é que somando os que não veem

importância da atuação do comandante, com os que são indiferentes e os que não responderam, dá um percentual de 35%, um percentual absurdamente menor que os 65% que responderam sim.

Figura 44 – Gráfico 3 - Relações hierárquicas na Falange

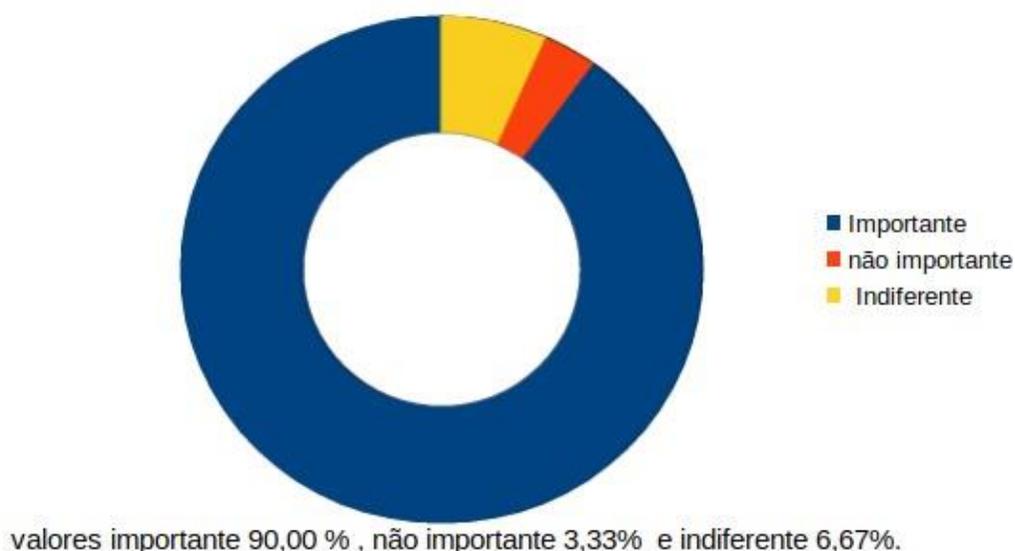


Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

Antes de iniciarmos a análise dessa pergunta, é necessário informar que existe os médiuns que estão em falanges e os médiuns que não estão em falanges que no Vale do Amanhecer é chamado de individualidade, logo, os médiuns que estão na individualidade não responderam a essa pergunta. A pergunta consistia em como são as relações hierárquicas na falange. A hierarquia nas falanges é relativamente simples, pois existe apenas um(a) regente que exerce o comando da falange, uma hierarquia horizontal. Tabulando os dados, a maioria absoluta vê as relações hierárquicas da falange como uma relação de colaboração, um percentual de 62,26%, enquanto que 5,66% responderam que as relações com os regentes é uma relação de conflito, no tempo em que 1,89% observam uma relação onde há momentos de colaboração e momentos de conflito, 30% não responderam por estar na individualidade. Então, fica claro que as relações hierárquicas nas falanges é predominantemente uma relação de colaboração, logo, o poder político nas falanges não é visto pela maioria absoluta dos médiuns como um problema para os mesmos.

Figura 45- Gráfico 4 - Atuação do comandante do trabalho

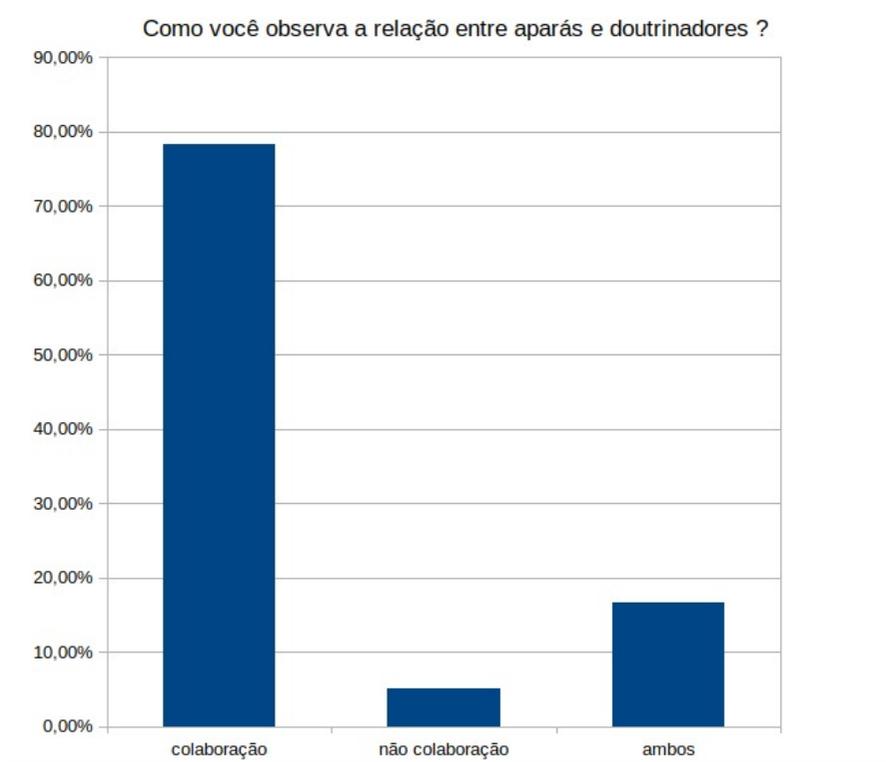
Como você vê a atuação do comandante do trabalho ?



Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

O gráfico acima corrobora com o segundo gráfico que majoritariamente os médiums responderam que a hierarquia influencia nos trabalhos. Observando o gráfico acima podemos perceber que a maioria esmagadora dos médiums, cerca de 90% consideram o trabalho do comandante como importante, ou seja, o bom andamento dos trabalhos do Vale do Amanhecer depende do equilíbrio do comandante, enquanto apenas 3,33% não consideram importante a atuação do comandante, 6,67% são indiferentes a atuação do comandante. As respostas majoritárias dessa e das questões anteriores, mostram que a maioria tem o conhecimento das hierarquias vertical ou horizontal, de que essas relações hierárquicas bem como a atuação dos comandantes, são de fundamental importância para o bom andamento do Vale do Amanhecer e que o poder político que deriva da estrutura hierárquica se bem conduzido é de fundamental importância para o bom andamento dos trabalhos.

Figura 46 – Gráfico 5 -Relação entre aparás e doutrinadores

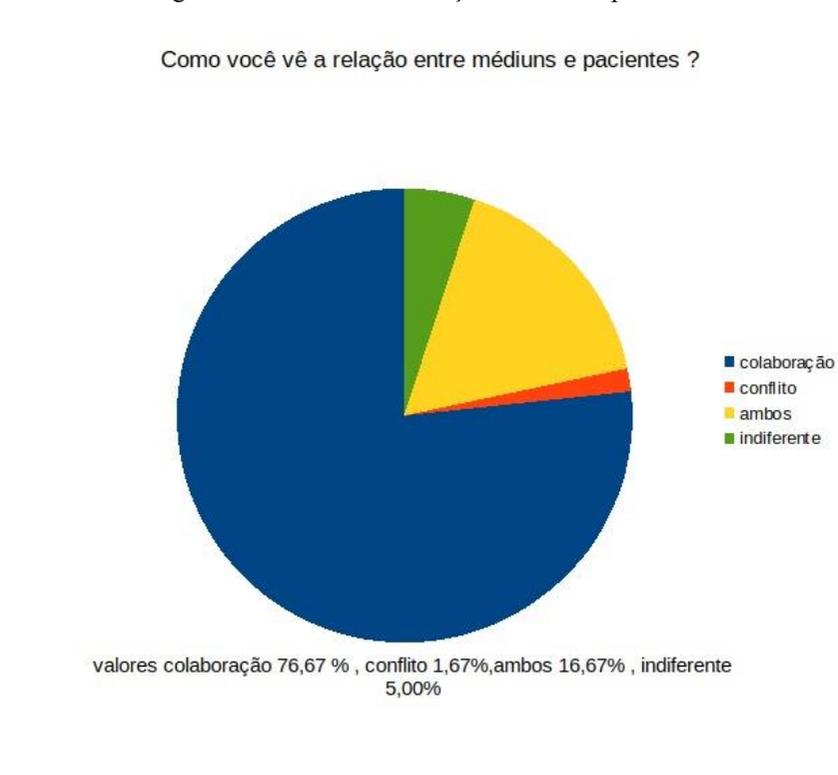


Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

A pergunta acima diz respeito as relações entre aparas/ Ajanês (médiums de incorporação) e doutrinadores (médiums de intermediação), essa pergunta é importante porque os médiums trabalham em colaboração e divisão de tarefas, o que necessita um grande equilíbrio entre os médiums. Novamente observamos que a maioria absoluta, cerca de 79% entendem como uma relação baseada na colaboração, pois se assim não fosse, os trabalhos não aconteceriam. Cerca de 5% entendem as relações como uma relação de conflito, enquanto que 16% entende como uma relação permeada por colaboração e conflitos. Analisando as respostas, fica implícito que os que responderam conflito e ambas, entendem como situações de relações interpessoais, já que trabalhos como o Trono dependem de convite para a realização dos trabalhos, e que receber um não, geralmente desagrada a quem recebeu a negativa.

Figura 47 – Gráfico 6 - Relação médiuns e pacientes

Como você vê a relação entre médiuns e pacientes ?



Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

O gráfico acima diz respeito as relações entre médiuns e pacientes, onde a maioria absoluta dos médiuns veem as relações com os pacientes como uma relação de colaboração, cerca de 76,67% afirmaram que as relações são de colaboração, enquanto que apenas 1,67% dos médiuns observam essas relações com conflituosa, 16,67% são indiferentes a essas relações oscilam entre colaboração e conflito e 5% são indiferentes a essas relações. Como na pergunta anterior, fica entendido de forma implícita que a maioria respondeu em virtude das relações no trabalho, enquanto que os demais observam nas relações interpessoais, já que os trabalhos dificilmente são interrompidos devido a desentendimento entre médiuns e pacientes, geralmente quando um comandante interfere é por questões espirituais, ou seja, dificuldade dos médiuns em lidar com os espíritos obsessores, o que leva ao Orixá do dia ou o comandante a intervir.

As respostas as perguntas inferidas demonstram que a maioria dos médiuns tem conhecimento da estrutura hierárquica, porém não percebem essa estrutura hierárquica como um instrumento de manutenção da estrutura de poder dentro da religião, esses dados mostram a eficácia do micro poder, pois o exercício do poder através da hierarquia vertical e horizontal passando desapercibido entre os médiuns. Essa estrutura de poder discreta foi percebida quando atuei como doutrinador, pois, apesar da hierarquia ser suave, o poder centralizado do comandante é exercido tanto na forma macro (Brasília) e na forma micro, na qual se espraia do

adjunto ao comandante de trabalho. Por fim, esse capítulo descreve a percepção dos médiuns acerca das relações de poder no Vale do Amanhecer.

CAPÍTULO 4 - O PROTAGONISMO DA MULHER NO VALE DO AMANHECER

A dinâmica deste capítulo se dará da seguinte forma, no primeiro momento percorreremos um roteiro mostrando as principais protagonistas da luta pela emancipação da mulher, pois as mesmas formaram as principais tendências do feminismo no mundo. Posteriormente, foi levantada a história do feminismo a partir das três ondas do movimento feminista, também foi analisado o protagonismo da mulher em várias áreas, para adentrar no protagonismo da mulher na religião. Esses tópicos possibilitam uma visão panorâmica sobre as lutas das mulheres pela igualdade e contra a discriminação. Após essa primeira parte, o capítulo entra diretamente na questão da mulher no Vale do Amanhecer, primeiramente o protagonismo da mulher no Vale e posteriormente a percepção do protagonismo da mulher pelas Ninfas. Por fim, entendemos que todo esse esforço é para responder a pergunta deste capítulo: a mulher perdeu protagonismo no Vale do Amanhece?

4.1 A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO: UMA JORNADA PELA IGUALDADE

O feminismo é um movimento que engloba uma ampla variedade de vozes e perspectivas. Neste sentido, muitas autoras influentes contribuíram para seu desenvolvimento ao longo dos anos. Aqui estão algumas das principais autoras do feminismo, com suas respectivas contribuições, neste tópico será apresentada as principais autoras do pensamento feminista e as ondas do feminismo.

4.1.1 Simone de Beauvoir

Simone de Beauvoir (1908-1986): A filósofa, feminista e escritora francesa é conhecida por seu livro *O Segundo Sexo (Le Deuxième Sexe)*, publicado em 1949 que é uma obra fundamental no feminismo. Ela argumentou que as mulheres são historicamente vistas como "o outro" e analisou a opressão das mulheres em termos existenciais. O seu pensamento influenciou significativamente a teoria feminista e os debates sobre gênero e existencialismo. Os principais elementos do pensamento de Simone de Beauvoir incluem:

O Existencialismo foi um pensamento filosófico que surgiu no século XIX e avançou no século XX onde se tornou um importante movimento filosófico que se atrelou a contracultura e foi responsável pelas transformações culturais que ocorreram, a partir da década de 1960. Esse movimento ficou muito conhecido a partir do pensamento de Jean Paul Sartre.

O Existencialismo enquanto doutrina nasceu no século XIX, e expandiu suas raízes ao longo de todo o século XX. Foi uma Filosofia, mas também se traduziu em dramas humanos reais, quer nas trajetórias peculiares de seus autores, quer em suas produções escritas. Estas transpuseram os limites da Filosofia, ampliando suas produções para a literatura, terreno fértil onde puderam encontrar uma maior correspondência com a vida humana em si, em toda a sua complexidade (Lisboa, 2016, p. 02).

Jean Paul Sartre defende a liberdade como algo, na qual o ser humano estava condenado a exercê-la. Segundo o mesmo, o existencialismo é a ideia de um “novo homem” que se auto constrói e que esse homem é essencialmente um homem livre e que essa situação implica em que o homem livre é responsável pelas escolhas que tem que fazer ao longo de uma vida finita. Essa angústia leva muitos homens a abrir mão dessas escolhas deixando que essas escolhas sejam exercidas por outros indivíduos ou instituições, porém para Sartre, abrir mão do direito de escolha é um exercício da liberdade, e por isso, esse “novo homem” estaria condenado a exercer a liberdade, mesmo que ele abra mão dessa escolha.

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser... (Sartre, 1998, p. 542/543).

Beauvoir (2016) estava envolvida com o existencialismo, corrente filosófica que defende a liberdade individual como algo inerente ao ser humano. A autora aplicou o existencialismo as suas ideias sobre feminismo, defendendo que as mulheres têm o direito e o dever de buscar sua própria liberdade e significado.

Baseada em Hegel, Heidegger e principalmente em Sartre, a filosofia de Beauvoir provocou a cultura machista de sua época, com pouquíssimas mulheres nas universidades, as suas obras foram perseguidas por diversos ramos da sociedade, como a igreja. Pelo seu entusiasmo intelectual, publicou em 1949, o livro *O segundo sexo* que aproximou o feminismo da moral existencialista (BEAUVOIR, 2016, p. 26). Compreendeu-se o feminino como uma identidade social projetada histórica e socialmente. As mulheres nascem sem um propósito ou objetivo, porém, com a socialização elas são sujeitadas à uma série de papéis, como por exemplo: cuidar do lar, filhos e marido. Logo, questiona-se o que é ser mulher e qual o seu papel na sociedade patriarcal (Costa, 2022, p. 387).

Em sua obra *O Segundo Sexo*, Beauvoir (2016) defende que os gêneros feminino e masculino não são definidos pela biologia, mas são construções sociais onde as mulheres são sempre definidas em relação aos homens, ficando para as mulheres um papel inferior e submisso em relação aos homens, ou seja, segundo a pensadora, a mulher seria o segundo sexo. Beauvoir

(2016) foi uma crítica da ideia em voga de que as mulheres são naturalmente inferiores aos homens e afirmou que a opressão das mulheres é uma construção sociocultural.

Beauvoir (2016) criou o conceito de outro, que mostra como as mulheres são sempre doutrinadas para se enxergarem e enxergarem o mundo através dos olhos dos homens. Isso termina por anular a mulher nas questões de autenticidade e liberdade individual.

Nesse ponto Beauvoir (2016) enfatizou a importância da busca da autonomia e da autenticidade pelas mulheres, argumentou que as mulheres devem lutar por sua independência e autonomia, tomar o controle de suas próprias vidas e não se render ao conformismo e a papéis predefinidos.

Os judeus são “outros” para o anti-semita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, Levi Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos que cumpre explicar os dados fundamentais e imediatos da realidade social”. Tais fenômenos não se compreenderiam se a realidade humana fosse exclusivamente um *mitsein* baseado na solidariedade e na amizade. Esclarece-se, ao contrário, se, segundo Hegel, descobre-se na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto (Beauvoir, 2016, p. 11-12).

Beauvoir (2016) foi além de sua teoria filosófica e feminista, como forma de consolidar a emancipação feminina, era necessário que as mulheres participassem da política, como forma de ocupação dos espaços de poder, era necessário o engajamento político. Beauvoir foi ativista em questões sociais e políticas, tendo como ênfase os direitos das mulheres, o anticolonialismo e os direitos civis, atuando sempre na esfera da civilização ocidental e periferia da mesma. Beauvoir também escreveu sobre questões de relacionamentos, sexo e amor, onde sua ideia de liberdade total no relacionamento, chocou a opinião pública da época. Ela teve um relacionamento duradouro com o filósofo Jean-Paul Sartre e explorou a complexidade das relações humanas em suas obras.

Existe uma espécie de irmandade entre os homens, que seria de se admirar se não fosse trágico. Eles se protegem, se reconhecem, e reconhecem a vantagem que levam diante de nós mulheres, através dos conceitos que há séculos a sociedade mantém e concede a eles, garantindo a perpetuação da cultura machista. É dessa irmandade que a nossa querida Simone de Beauvoir falava em seu livro *O Segundo Sexo II* publicado em Paris de 1949, “Há uma espécie de irmandade entre os homens, enquanto que as mulheres nem se reconhecem como vítimas do mito do “eterno feminino”. E isso as torna meio vítimas e meio cúmplices da realidade forjada para elas” (Beauvoir, 1967, p. 3 Apud Medeiros, 2017, p.1).

O pensamento de Simone de Beauvoir foi de grande importância para a teoria feminista, balizando o debate acerca a construção social do gênero, a opressão das mulheres e a luta pela liberdade e autonomia. Beauvoir é considerada uma das figuras fundamentais do feminismo e da filosofia existencialista do século XX.

4.1.2 Betty Friedan

Betty Friedan (1921-2006): tem como sua obra principal, o livro intitulado "A Mística Feminina" (*The Feminine Mystique*), Friedan é muito citada como a iniciadora da segunda onda do feminismo nos Estados Unidos. Sua obra gravitou em torno da insatisfação das mulheres com os papéis domésticos tradicionais reservados a elas e com isso, iniciou debates acerca da igualdade de gênero e direitos femininos. Seu livro "A Mística Feminina" (*The Feminine Mystique*), publicado em 1963, e sua participação a frente do início do movimento feminista da segunda onda.

Betty Naomi Goldstein, ou Betty Friedan, se foi em 4 de fevereiro último, em Washington, no dia em que completou 85 anos. Em nada a partida, registrada em notas discretas em jornais, revistas, sites e TVs, lembrou o tumultuado ingresso dessa ex-dona de casa na vida pública americana, mais precisamente em 1963. Foi quando ela publicou seu polêmico *Mística feminina*. O livro, que se tornou *best seller* nos Estados Unidos, mesmo tendo sido rejeitado, no começo, pela imprensa, discutia a crise de identidade feminina, analisando minuciosamente a construção da imagem da mulher como dona de casa perfeita, mãe e esposa. Tornou-se um dos principais desencadeadores da chamada segunda onda feminista que varreu o Ocidente. A ideia do livro surgiu de um encontro de ex-alunos do Smith College, no qual Betty estudou. Lá, ela comprovou que suas antigas colegas estavam tão insatisfeitas em sua vida doméstica quanto ela, que tinha se casado em 1947 com Carl Friedan, de quem se divorciou em 1969 (Duarte, 2006, p. 287).

Friedan (1971) explorou a insatisfação e vazio que muitas mulheres experimentaram ao ter sua vida natural restrita ao trabalho em regime de dedicação exclusiva as atividades de dona de casa e mãe. Friedan (1971) nomeou isso de "problema que não tem nome" e defendeu que a maioria das mulheres sentiam que suas vidas eram vazias e sem de significado. Segundo a pensadora, as mulheres deveriam sair da dedicação exclusiva ao papel tradicional de dona de casa e mãe e buscar no mercado os mesmos empregos e poder que tinham os homens, em virtude disso, incentivou as mulheres a buscarem sua própria identidade e a realizarem seus potenciais além dos papéis domésticos.

[...] O problema não pode ser compreendido nos termos geralmente aceitos pelos cientistas ao estudarem a mulher, pelos médicos ao tratarem dela, pelos conselheiros que as orientam e os escritores que escrevem a seu respeito. A mulher

que sofre deste mal, e em cujo íntimo fervilha a insatisfação, passou a vida inteira procurando realizar seu papel feminino. Não seguiu uma carreira (embora as que o façam talvez tenham outros problemas); sua maior ambição era casar e ter filhos. Para as mais velhas, produtos da classe média, nenhum outro sonho seria possível. As de quarenta ou cinquenta anos, que quando jovens haviam feito outros planos e a eles renunciado, atiraram-se alegremente na vida de donas-de-casa. Para as mais moças, que deixaram o ginásio ou a faculdade para casar, ou passar algum tempo num emprego sem interesse, este era o único caminho. Eram todas muito “femininas” na acepção comum da palavra, e ainda assim sofriam do mal (Friedan, 1971, p. 27).

Friedan (1971) enxergava o movimento feminista como um movimento de libertação das mulheres, um contencioso pela igualdade de gênero e direito das mulheres serem livres para escolherem o que lhes proporcionassem satisfação e realização pessoal. Friedan defendia que as mulheres lutassem para ter os mesmos direitos que os homens tinham de oportunidades educacionais e profissionais. Friedan acreditava e defendia a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho.

A pensadora lutava para que as mulheres tivessem o direito de ir atrás das carreiras profissionais e serem financeiramente independentes. Em virtude dessas lutas, Friedan foi decisiva na luta para a fundação da *National Organization for Women* (NOW) no ano de 1966. A NOW é uma organização feminista que luta pelos direitos das mulheres em várias áreas como trabalho, educação e direitos reprodutivos.

Entre os princípios da NOW estava a denúncia das ideias sexistas de nossa sociedade, seus costumes e preconceitos, e do consumismo que convertia as mulheres em objetos. Como objetivo as feministas dessa organização colocavam a obtenção da igualdade para as mulheres na sociedade cujas estruturas elas não questionavam. As mulheres, segundo a NOW, predicavam a necessidade de auto realização e de busca de identidade individual. Suas componentes pertenciam à classe média e ignoravam, em larga medida, os problemas das classes inferiores. Mulheres destas classes, incluindo as negras, pouco tiveram participação na organização. Mas essas críticas não comprometem a importância da NOW para a organização das mulheres nos Estados Unidos. Uma manifestação emblemática organizada pelo movimento em 26 de agosto de 1970, em várias cidades americanas, mostrou àquela sociedade a dimensão do que estava sendo gestado. Milhares de mulheres foram às ruas em Nova York, Washington, Boston, Detroit e várias outras cidades do país. Não estavam unidas como estudantes, operárias, esposas de grevistas ou de empregados, nem como mães de soldados, mas simplesmente como mulheres. E essa era a grande novidade (Duarte, 2006, p. 289).

Após o choque e o sucesso da obra *A Mística Feminina*, Friedan (1971) tornou-se uma voz ativa no feminismo, atuou em pautas como igualdade salarial, cuidados infantis e direitos reprodutivos. As ideias de Friedan logrou um grande impacto na consciência das mulheres e nas mobilizações do movimento feminista americano. Suas ideias e ativismo levou muitas mulheres a questionarem as restrições ao gênero feminino e incentivou as mulheres a lutarem por seus direitos e oportunidades.

4.1.3 Bell Hooks

Bell Hooks⁵ nasceu em Hopkinsville, Kentucky Estados Unidos em 1952, seu nome era Gloria Jean Watkins, ficando conhecida com o pseudônimo de Bell Hooks, formada em letras com doutorado em inglês. Apesar de sernas questões de raça, classe e gênero que suas obras vão se debruçar. Seu livro *Feminist Theory: From Margin to Center*, influencia o feminismo contemporâneo, além das atuações nos campos da teoria cultural e da justiça social.

A partida de Bell Hooks desse mundo, no final do ano passado, foi sentida nos quatro cantos do globo. Em 15 de dezembro de 2021a, internacionalmente reconhecida, intelectual feminista faleceu em sua casa, rodeada de amigos e família. Ainda que tenha partido cedo demais, aos 69 anos, nos deu tanto em vida que parece haver mais a se agradecer do que lamentar quando lembramos seu nome. Além de extensa produção bibliográfica que seguirá impactando pessoas por décadas a vir, hooks deixou-nos um legado ao qual perseguir. O pseudônimo de Gloria Jean Watkins é uma homenagem à sua avó. O nome bell hooks, grafado todo em minúsculas, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual e de resgate das vozes apagadas do passado. Sua vasta produção articulava as relações entre o imperialismo econômico, a supremacia branca e o patriarcado, tornando-se referência fundamental para todos que buscam compreender os entrelaces entre raça, classe e gênero nas práticas culturais, acadêmicas, subjetivas e cotidianas. A partida de hooks não foi como a de outros intelectuais, sua passagem teve um outro peso. Não nos deixava apenas uma grande mente, com trabalhos consagrados. Ainda podemos ler todos seus livros. Existe algo específico em hooks que toca seus leitores de maneira diferente (Caruso, 2022, p. 1).

O pensamento de Hooks (2018) é caracterizado por uma forte defesa da Interseccionalidade, onde é reconhecido que as experiências das pessoas são formadas por uma teia de interações de identidades, nas quais estão inclusas raça, gênero, classe social, sexualidade e outras. Enfatiza a importância de abordar essas identidades de forma integrada na luta por justiça social. Hooks era uma crítica do feminismo tradicional, que era nominado como feminismo branco, porque naquele momento incluía apenas a lutas das mulheres brancas de classe média e classe alta e não incluía as vozes e os anseios das mulheres negras americanas. Hooks (2018) defende a necessidade de um feminismo verdadeiramente inclusivo e diversificado, ou seja, hooks trabalhava a ideia de gênero, classe e raça.

Mesmo que mulheres negras individuais fossem ativas no movimento feminista contemporâneo desde seu início, elas não foram os indivíduos que se tornaram “estrelas” do movimento, que atraíam a atenção da mídia de massa. Muitas vezes, essas mulheres negras ativistas do movimento feminista eram feministas revolucionárias (como várias lésbicas brancas). Elas já discordavam de feministas

⁵ O nome "bell hooks" foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. O nome foi escolhido como homenagem à sua avó, Bell Blair Hooks, mãe de sua mãe. Ela usa o nome com letras minúsculas como forma de protesto.

reformistas que estavam decididas a projetar a noção do movimento como se ele fosse, exclusivamente, pela igualdade entre mulheres e homens no sistema existente. Mesmo antes de raça se tornar uma questão debatida nos círculos feministas, estava claro para as mulheres negras (e para as revolucionárias aliadas da luta) que jamais alcançariam igualdade dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca existente. Desde seu início, o movimento feminista foi polarizado. Pensadoras reformistas escolheram enfatizar a igualdade de gênero. Pensadoras revolucionárias não queriam apenas alterar o sistema existente para que mulheres tivessem mais direitos. Queríamos transformar aquele sistema para acabar com o patriarcado (Hooks, 2018, p. 19).

Bell Hooks defendia que a educação deveria ser acessível a todos, pode ser um instrumento de libertação e transformação. Hooks entendia a educação como algo que poderia transformar a vida das pessoas, pois com a educação o povo poderia criar consciência sobre a exploração das mulheres, negro e trabalhadores. Em virtude desse pensamento, Hooks escreveu intensamente acerca da pedagogia crítica e sobre como a educação pode preparar os indivíduos a desafiar o sistema de opressão.

A teoria desenvolvida por Bell Hooks tem como base a desconstrução de sistemas de opressão, na qual estão inclusos o sexismo, o racismo e a exploração de classe. hooks enfrenta os estereótipos e as estruturas de poder que mantêm a opressão em vigor.

Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o ethos que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autor realizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa (Hooks, 2019, p. 15).

Hooks enfatiza a preponderância do amor em seu ativismo e teoria. Ela disserta que o amor, quando compreendido como compromisso de bem-estar de todos, pode ser uma força poderosa para a justiça social e a igualdade.

Em sua proposta de ética amorosa, Bell Hooks nos convida a pensar o amor não como um substantivo, e sim como um verbo – uma ação que, para existir precisa de outros ingredientes. “Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes – carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta”. Amar é, portanto, um ato genuinamente político e revolucionário, por isso, “o pensamento feminista ensina a todos nós como amar a justiça e a liberdade, de maneira a nutrir e afirmar a vida” (Hooks, 2019, p. 47-61).

Hooks ficou conhecida por sua escrita fácil e pela facilidade que tinha em transformar conceitos teóricos complexos em conceitos de fácil compreensão para um público amplo, em consonância com suas ideias, nas quais a teoria e a educação devem ser acessíveis a todos. Seu

trabalho vai além do acadêmico, pois Bell Hooks também mergulhou no ativismo e na militância política, levando sua teoria para o campo da prática. Hooks defende a importância do engajamento ativo na luta pela justiça social e na construção de comunidades mais igualitárias.

O pensamento de Bell Hooks tem sido influente na teoria feminista, nos estudos culturais e nos debates sobre justiça social. Ela desempenha um papel importante na promoção da igualdade e na conscientização sobre questões relacionadas a raça, gênero, classe e outras formas de opressão. Seu trabalho inspirou muitas pessoas a se engajarem na luta por um mundo mais equitativo e inclusivo.

4.1.4 Audre Lorde

Audre Lorde (1934-1992) nasceu em 18 de fevereiro de 1934, no Harlem, New York (NY) e iniciou como escritora e ativista na década de 1960 onde ficou conhecida por sua abordagem interseccional ao feminismo. Lorde (1984) foi uma poeta, escritora, feminista, ativista e acadêmica americana que desafiou as normas convencionais em seu ativismo e em sua escrita. Em 1968 publicou seu primeiro livro intitulado *The First Cities*, que era um livro de poemas. Suas obras, como *Sister Outsider*, abordam questões de identidade, raça, sexualidade e gênero.

Seu pensamento e trabalho estão enraizados na interseccionalidade, na justiça social e na luta contra a opressão. Audre lorde segue na mesma linha de Bell Hooks ao tecer críticas ao chamado feminismo branco.

Certamente existem diferenças muito reais entre nós - de raça, idade e sexo. Mas não são essas diferenças que nos separam. É, antes, a nossa recusa em reconhecer essas diferenças e em examinar as distorções que resultam da nossa "mal nomeação" deles e seus efeitos sobre o comportamento e a expectativa humana. [...] Quando as mulheres brancas ignoram o seu privilégio inerente de brancura e definem 'mulher' em termos de sua própria experiência, em seguida, as mulheres de cor se tornam 'outras'(Lorde, 2019, p. 114-123).

Lorde (1984) foi uma das primeiras intelectuais a colocar em destaque o conceito de interseccionalidade, afirmando que os indivíduos experimentam a opressão de formas diferentes a partir de sua raça, gênero, sexualidade, classe social e demais identidades. A pensadora realçou que os movimentos de justiça social precisam destacar as complexas interações dessas identidades. Lorde (1984) afirmava que as vozes dos indivíduos marginalizados, com destaque para as categorias das mulheres negras e lésbicas, necessitariam ser ouvidas e valorizadas nos movimentos de justiça social. A pensadora contrariava as normas de opressão nos movimentos bem como na sociedade em geral.

Desde 1960, Lorde já chamava atenção para a interseccionalidade existente entre os grupos minoritários, tornando-se assim uma das grandes pioneiras a tratar do assunto no feminismo. Foi nesse período que a ativista denunciou a relação de opressão ocorrida dentro do próprio movimento feminista, sinalizando como as questões colocadas por mulheres negras eram subjugadas diante das pautas colocadas por feministas brancas. Audre Lorde afirmava que para sujeitos interseccionais, como no caso de mulheres negras lésbicas, a opressão ocorre de forma simultânea e não categorizada. Ou seja, o racismo, o machismo e a lesbofobia acontece ao mesmo tempo porque a identidade dessas mulheres é vivida como um todo e não de forma fragmentada, declarando assim não existir hierarquia de opressão, já que nenhum grupo social tem mais direito de viver livre da intolerância que qualquer outro grupo (Hemerly, 2019, p 1).

Lorde (1984) reconhecia o poder do discurso e do texto como armas a serem utilizadas na resistência e no empoderamento das minorias e grupos marginalizados. A pensadora era uma poetisa e usou seu talento para escrever sobre identidade, amor, raça, sexualidade e opressão. Lorde defendia a ideia de "auto fortalecimento" e a primazia de proteger a si mesmo e sua comunidade para ganhar força na contenda contra a opressão.

Simplesmente não consigo acreditar que um aspecto de mim pode se beneficiar da opressão de qualquer outra parte da minha identidade. Eu sei que pessoas como eu não podem se beneficiar da opressão sobre qualquer outro grupo que busca o direito a uma existência pacífica. Em vez disso, nós nos subestimamos ao negar a outrxs o que derramamos sangue para obter para nossas crianças. E essas crianças precisam aprender que elas não têm de ser umas como as outras para trabalharem juntas por um futuro que irão compartilhar. Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negrxs, porque milhares de lésbicas e gays são negrxs. Não existe hierarquia de opressão. Eu não posso me dar ao luxo de lutar por uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular. E eu não posso tomar a liberdade de escolher entre as frentes nas quais devo batalhar contra essas forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não demorará muito a aparecerem para destruir você (Lorde, 1983, p 1).

Lorde (1984) defendeu o uso construtivo da raiva como uma arma política direcionada para a mudança. A raiva deveria ser canalizada de maneira positiva, para ser uma força usada para fortalecer a luta no combate a opressão e na luta pela justiça.

A raiva, essa sim, é uma reação apropriada às atitudes racistas porque pode ser convertida em poder e canalizada para ações dirigidas à transformação da realidade. As mulheres não-brancas, em particular as mulheres negras, ao longo da história e da vida social têm construído uma relação de aprendizado com a raiva; que precisou ser instrumentalizada para que não fossem destruídas pelas opressões do cotidiano. Deste modo, fomos nós, as mulheres de cor que a utilizamos como fonte de energia para a sobrevivência, no entanto, todas as mulheres possuem "... um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva" (Lorde, 2019 [1984], p.159). Aprendam a usá-la e a encará-la de forma construtiva e

empoderadora: acolhendo as diferenças, rompendo com os silêncios e superando a culpa, só então, seremos livres todas nós. (Mariano, 2021, p 17).

Lorde (1984) destacava a proeminência de comunidades solidárias e da aliança entre indivíduos que lutam contra opressão. Lorde enxergava a confecção de redes e acordos como primordial para a luta por justiça social. Lorde percebia a expressão artística, principalmente a poesia, como um meio poderoso de ativismo e uma forma de dar voz às experiências das pessoas marginalizadas.

A poeta Audre Lorde faz, em seus escritos, um recorrente chamado às mulheres – em especial, às mulheres negras, mas também a quem mais sentir-se socialmente imobilizado – para que falem sobre aquilo que lhes afeta e importa. Para que narrem as próprias vidas e afirmem o que desejam delas, desse modo transformando silêncio social em “linguagem e ação”. Para que construam uma história em disputa aberta com aquela tida como dominante, escrita por quem subjugou outros no passado e que abafa, distorce ou subtrai as vozes dos subalternizados. Tal chamado à fala não se restringe, é evidente, ao campo da oralidade ou da escrita, podendo ser extensivo a outros meios expressivos, como o movimento de corpos e a construção de sons e imagens. Em verdade, a escritora alerta para a importância de escrutinar não somente a “verdade do que se fala”, mas, igualmente, “a verdade da linguagem com a qual se fala”. Emancipar-se implica inventar as formas necessárias para narrar, como discurso articulado e potente, o que era antes somente ruído (Anjos, 2021, p 1).

O pensamento de Audre Lorde permanece sendo uma influência das mais importantes nas produções feministas, nas obras de gênero e nos debates acerca de identidade, raça, sexualidade e justiça social. Lorde é majoritariamente aclamada como uma das vozes mais importantes no movimento feminista interseccional e na luta pela igualdade de direitos para todas as pessoas, independentemente de sua identidade.

4.1.5 Ângela Davis

Ângela Davis é uma das mais importantes acadêmicas, ativista e autora, cuja produção trata das questões de justiça social, raça, gênero e classe. Sua obra *As Mulheres, a Raça e a Classe* é uma leitura quase que obrigatória para entender as interseções dessas questões.

Ângela Yvonne Davis nasceu em Birmingham, Alabama no dia 26 de janeiro de 1944 ingressou na vida acadêmica como professora, onde lecionou na Universidade da Califórnia onde lecionou até 2008 quando se aposentou, ficou muito conhecida ao ser acusada e julgada em 1970 acusada de sequestro, conspiração e homicídio, onde foi condenada e inocentada 18

meses depois. Ganhou notoriedade mundial na década de 1970 como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Panteras Negras, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos. Se tornou referência entre os marxistas e por ser personagem de um dos mais polêmicos e famosos julgamentos criminais da recente história dos EUA. Angela Davis é uma intelectual, ativista e autora conhecida por seu compromisso com questões de justiça social, igualdade de gênero, igualdade racial e direitos humanos.

Davis (2016) é uma intelectual feminista adepta da interseccionalidade, que significa a ideia de que os tipos de discriminação, preconceito e opressão estão conectadas e não podem ser analisadas e entendidas separadamente. Davis argumenta que é essencial abordar ao mesmo tempo as questões de raça, classe, gênero e sexualidade para compreender verdadeiramente as experiências das pessoas marginalizadas.

A autora destaca ainda a luta de personalidades antirracistas negras e brancas e faz um relato detalhado das batalhas feministas de fim do século XIX e início do XX, articulando questões de gênero, classe social e raça e discutindo sobre como cada um desses pontos adquirem dominância diferenciada em diferentes períodos da luta política. O texto é um exemplar de como realizar análises interseccionais (conceito este, o de interseccionalidade, que seria cunhado mais tarde por Kimberle Crenshaw), na medida em que examina como as categorias gênero, raça e classe interagem em níveis múltiplos e muitas vezes simultâneos, entretanto, ao longo de sua escrita, ratifica que a questão racial, sempre foi marginalizada nos debates feministas hegemônicos, ou preterida a um assunto apenas de mulheres negras. Tal debate no livro é central posto que, faz referência à constituição de uma cultura fundamentada em hierarquias raciais. Se o gênero é uma categoria relacional, que não diz respeito apenas às mulheres, raça funciona do mesmo modo, não restringindo-se apenas às negras e aos negros, mas às relações de dominância entre grupos étnicos (Jesus, 2022, p 229).

Ângela Davis é conhecida por sua defesa a abolição do sistema carcerário. DAVIS (2018) defende que as prisões contumazes de jovens negros eternizam a opressão, o racismo e a desigualdade, em vez de possibilitar a ressocialização e justiça. Sua obra *Are Prisons Obsolete?* Defende essa visão e fala de alternativas a ideia de encarceramento em massa.

A guinada em direção a uma maior repressão em um sistema prisional que se distinguiu desde o início de sua história por seus regimes repressivos levou alguns jornalistas, estudiosos e agências progressistas a se opor à dependência crescente desse sistema para resolver problemas sociais que na verdade são exacerbados pelo encarceramento em massa [...] o processo por meio do qual o encarceramento se tornou a maneira primária de punição imposta pelo Estado estava intimamente relacionada à ascensão do capitalismo e ao surgimento de um novo conjunto de condições ideológicas [...] que refletiram a ascensão da burguesia como classe social [...] estudos sobre prisões femininas em todo o mundo indicam que este abuso [sexual] é uma forma de punição permanente, embora não reconhecida, à qual as mulheres que têm o infortúnio de ser mandadas para a prisão são

submetidas”, o qual ocorre sobretudo nas revistas íntimas (Davis, 2018, p 20, 46, 86).

Davis (2016) é uma militante feminista atuante no ramo do feminismo negro e possui uma voz primordial na luta pela conquista do direito das mulheres à igualdade de gênero. Ela trabalha problema de gênero, adicionando a importância das mulheres na luta pelos direitos civis e a necessidade de combater a opressão de gênero.

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência”. Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (Carneiro, 2011, p 1-2)

Davis (2017) teve um papel primordial no Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos e foi quadro do Partido Comunista dos Estados Unidos. Sua militância política e suporte a grupos de justiça social a transformaram numa pessoa importante na luta por igualdade racial e direitos civis. Davis defende a importância da educação crítica e do pensamento independente como ferramentas para capacitar as pessoas a desafiar a opressão.

A exaltação ideológica da maternidade – tão popular durante o século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não são realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo. Elas eram “reprodutoras” – animais, cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de multiplicar. (Davis, 2016, p. 25).

O pensamento de Angela Davis é caracterizado por sua análise profunda das estruturas de poder e sua dedicação à luta por justiça social. Ela continua a inspirar ativistas e acadêmicos em todo o mundo com suas ideias sobre como criar um mundo mais equitativo e inclusivo.

4.1.6 Virginia Woolf

Virginia Woolf (1882-1941): é conhecida por suas obras acerca do feminismo, onde o livro *Um Teto Todo Seu* (*A Room of One's Own*), que ataca as barreiras sociais e econômicas que as mulheres enfrentam em busca de suas emancipações e realizações. Woolf enxergava a escrita como uma possibilidade de dar voz às experiências e sentimentos das mulheres e como uma arma para desafiar as normas da sociedade.

O legado de Woolf vai além da literatura, sendo marcado também pelas suas contribuições às correntes do feminismo, levantando temas como a dificuldade que escritoras e intelectuais mulheres enfrentam, por conta das diferenças econômicas e legais entre gêneros no período vitoriano, bem como o futuro das mulheres na educação e sociedade. (Almeida, 2022, p. 01).

Woolf foi uma pioneira na técnica da narrativa interior, explorando os pensamentos e as experiências internas de seus personagens. Isso permitiu que seus leitores entrassem nas mentes de suas personagens e compreendessem suas experiências de forma mais profunda. WOOLF (1976) foi além das questões relativas ao movimento feminista, abordando questões mais amplas relacionadas à condição humana, como a natureza efêmera da vida, a fragilidade da identidade e a influência do tempo na experiência humana.

O que significava para ela a sebe, o que significava para ela o jardim, o que significava para ela quando uma onda rebentava? (Lily olhou para cima, como tinha visto a Sra. Ramsay olhar para cima; ela também ouviu uma onda caindo na praia.) E então o que se agitou e tremeu em sua mente quando as crianças gritaram: "Como é isso? Como é isso?" críquete? Ela pararia de tricotar por um segundo. Ela pareceria atenta. Então ela caía novamente, e de repente o Sr. Ramsay parava de andar na frente dela e algum choque curioso passava por ela e parecia embalá-la em profunda agitação em seu peito quando parando ali ele ficou em cima dela e olhou para ela . Lily podia vê-lo (Woolf, 1976, p 34).

O pensamento de Virginia Woolf influenciou tanto o feminismo quanto a literatura moderna, e suas ideias continuam a ressoar na discussão sobre gênero, identidade e igualdade. Ela é reconhecida como uma das autoras mais importantes do século XX e uma voz fundamental na luta por direitos e igualdade das mulheres.

4.1.7 Chimamanda Ngozi Adichie

Chimamanda Ngozi Adichie nascida em Enugu, Nigéria no ano de 1977, autora da obra *Sejamos Todos Feministas* (*We Should All Be Feminists*), um livro que aborda o feminismo

moderno e a importância da igualdade de gênero. Adichie é uma defensora da igualdade de gênero e uma pensadora feminista. Adichie (2009) explica que a desigualdade de gênero é prejudicial para mulheres e homens e defende que todos devem ter as mesmas oportunidades, direitos e tratamento.

Um sistema estúpido, na opinião de Nwamgba, mas, sem dúvida, todos tinham o seu. Ayaju riu e disse mais uma vez para Nwamgba que um povo mandava no outro quando tinha armas melhores. Seu filho já estava aprendendo os hábitos estrangeiros, e talvez o filho dela devesse fazer o mesmo. Nwamgba se recusou. Era impensável que seu único filho, a luz de seus olhos, fosse entregue para os homens brancos, por melhores que fossem as armas deles (Adichie, 2009, p. 220).

Em sua obra *Sejamos Todos Feministas*, Adichie enfrenta os estereótipos negativos associados ao feminismo pelos seus adversários, como por exemplo a ideia de que as feministas odeiam os homens e defende a ideia de que ser feminista não significa odiar os homens ou ser infeliz, mas, em vez disso, significa lutar por justiça de gênero.

Na passagem destacada, vemos claramente a forma sutil como Adichie quebra os estereótipos que cercam o Movimento Feminista e o ser feminista. Ser feminista para Adichie não implica ser uma pessoa infeliz, que odeia homens, que se veste bem para agradar os homens. O feminismo de Chimamanda Adichie se insere numa perspectiva de valorização de homens e mulheres. Ser feminista, nessa perspectiva, não é ser igual, do ponto de vista da aparência, mas do ponto de vista da diferença (Carneiro, 2015, p 321)

Adichie é uma romancista de sucesso e confia na força da narrativa para enfrentar preconceitos e estereótipos de gênero. A autora utiliza sua escrita para abordar questões de gênero, raça e identidade. Assim como outras feministas contemporâneas, Adichie aborda a interseccionalidade em sua obra, reconhecendo que as experiências das mulheres são moldadas por uma complexa interação de identidades, incluindo raça, classe, sexualidade e outros fatores.

Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é "nkali". É um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro." Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar". Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não

com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente. (Adichie, 2017, p 9)

Educação e Empoderamento: Adichie salienta a necessidade da educação e do empoderamento das mulheres. A autora acredita que as mulheres devem ser incentivadas a buscar a educação, a independência econômica e o poder de tomar suas próprias decisões. Através de sua escrita e discursos, Adichie trabalha para desconstruir as normas de gênero e desafiar as expectativas tradicionais impostas às mulheres. Ela enfatiza a importância de ser autêntico e não ser limitado por papéis de gênero restritivos.

Adichie está ativamente envolvida na luta contra o sexismo em todas as suas formas, desde a violência de gênero até a discriminação no local de trabalho e na sociedade em geral.

Acho interessante o fato de vivermos num mundo em que não espera que mulheres “intelectuais” se importem com sua aparência. Ser intelectual e vaidosa é tão estranho que começam a te chamar de ícone. Eu simplesmente fui criada por uma mulher... Aliás, isso é muito comum na Nigéria: você deve cuidar da sua aparência. E cuidar da aparência é um sinal de respeito aos outros. A minha mãe deixava muito claro para nós: “Se forem sair de casa, devem estar apresentáveis.” Em igbo, ela dizia: “Você deve parecer uma pessoa”. Eu cresci sabendo que devia cuidar da aparência. Isso é muito comum na Nigéria. Quando vim para os Estados Unidos, percebi que, se quer ser levada a sério, se é intelectual e principalmente se é mulher, não pode usar maquiagem porque será chamada de fútil. Suas roupas devem aparecer ligeiramente desleixadas, porque poderá dizer que está tão ocupada lendo livros que não teve tempo de passá-las. Eu cresci lendo livros e passando meus vestidos. Acho que há espaço para ambos. (Adichie, 2017, p 55)

O pensamento de Chimamanda Ngozi Adichie tem inspirado muitas pessoas a refletirem sobre questões de gênero e a se envolverem em conversas sobre igualdade. Ela é considerada uma das vozes mais influentes do feminismo contemporâneo e uma defensora dedicada dos direitos das mulheres e da justiça de gênero.

4.1.8 Judith Butler

Judith Butler é uma filósofa e teórica de gênero americana conhecida por seu trabalho influente no campo dos estudos de gênero e teoria queer. Butler é mais conhecida por seu conceito de "performatividade de gênero", que sugere que o gênero não é uma característica inata, mas sim uma construção social que é continuamente realizada e reforçada através de ações repetitivas e representações culturais. Ela argumenta que o gênero é uma performance que as pessoas desempenham de acordo com as normas sociais e culturais.

Judith Butler é uma filósofa estadunidense nascida numa família judia, em Ohio, em 24 de fevereiro de 1956. Sua companheira é a cientista política Wendy Brown (1955). Juntas, elas compartilham a parentalidade de Isaac, homenageado em alguns de seus livros (a dedicatória de *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*, por exemplo, diz “Para Isaac, que pensa de outra forma”). Cursou Filosofia na Universidade de Yale, hoje é professora de Literatura Comparada no Departamento de Retórica da Universidade da Califórnia, em Berkley, onde também é fundadora do *Critical Theory Program* (Programa de Teoria Crítica) e do International Consortium of Critical Theory Programs (Consórcio Internacional de Programas em Teoria Crítica). É professora titular da cátedra Hannah Arendt na European Graduate School, Suíça. Integra diversas organizações sociais, como a *American Philosophical Society*, o *Jewish Voice for Peace* e o *Center for Constitutional Rights*. (Rodrigues, 2023, p. 1).

Butler desafia a ideia de que as identidades de gênero são estáticas e binárias (homem/mulher). Ela defende a validade das identidades de gênero não conformistas, como as identidades trans e de gênero não-binário, e enfatiza a importância de desafiar e expandir as normas de gênero. Butler (1993) explora a relação entre o corpo e a identidade de gênero, argumentando que o corpo é moldado pelas normas de gênero e pela performatividade. A materialidade do corpo é, portanto, inseparável das normas sociais que o cercam.

Ao colocarmos em questão os sujeitos do feminismo corremos o risco da impossibilidade de um sujeito jurídico, um sujeito que se situe perante a lei e que por ela seja salvaguardado. A formação de sujeitos se dá como uma derivação de um “antes”, ou seja, uma esfera ontológica que determina certas categorias e as pré-condiciona, desta maneira constituindo a legitimidade do contrato social. Além do problema da definição do sujeito, Butler vê um problema na formação política do feminismo, pois este supõe que o termo “mulheres” denote uma identidade comum, pensando todas as mulheres como pertencentes a uma única categoria de identidade (Coelho, 2018, p 23).

Butler desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da teoria queer, que desafia as normas heterossexuais e cis gênero. Ela argumenta que a norma heterossexual é uma construção social que restringe a liberdade de gênero e sexual das pessoas.

Judith Butler caracteriza-a como *queer*. Como o título nacional da obra já antecipa, o pensamento de Judith Butler está intimamente ligado à teoria *queer* e aos movimentos políticos que, desde os últimos anos da década de 1980, principalmente nos Estados Unidos, trabalharam para a ressignificação do termo. Como explica Guacira Lopes Louro (2004), os teóricos desse campo constituem um agrupamento diverso e divergente em muitos pontos importantes, porém, com alguns compromissos amplos, tais como a fundamentação teórica no pensamento pós-estruturalista francês e o uso da desconstrução como método de crítica literária e intervenção social. O termo *queer* é uma apropriação radical de uma palavra normalmente usada para insultar e ofender e que, ao ser apropriada, torna-se resistente a definições fáceis. A construção (ainda, e em constante, elaboração) do significado alternativo e positivo de *queer* se fez, a princípio, em um contexto específico das lutas dos movimentos gay, lésbico e feminista nos Estados Unidos e das reflexões dos correlatos grupos acadêmicos. Tal contexto pode ser resumido como as crises internas dos movimentos pautados pela política da identidade, a recepção do pós-estruturalismo por intelectuais feministas, gays e lésbicas e a epidemia do vírus HIV ao longo da década de 1980. Essa tensa mistura resultou

em críticas radicais à possibilidade de identidades essencializadas de sexo e de gênero, abrindo espaço para uma categoria mais abrangente, elástica e atenta às práticas e aos grupos até então relegados a segundo plano. (Butler, 1993, p. 32).

Butler (2015) critica o essencialismo, que é a ideia de que há características inatas e imutáveis que definem o gênero e a sexualidade. Ela argumenta que o essencialismo reforça a opressão e a exclusão. Butler está envolvida em questões políticas relacionadas aos direitos LGBT e à igualdade de gênero. Ela defende a necessidade de reconhecimento e proteção legal para pessoas de todas as identidades de gênero e orientações sexuais.

Destacando também a importância do discurso e a necessidade de abandonar a noção de um sujeito essencializado, na obra *Problemas de Gênero*, Judith Butler¹⁶ questiona a relação binária homem e mulher e a estabilidade destes conceitos, pelo fato de serem termos não problemáticos na medida em que se conformam a uma matriz heterossexual para a conceituação do gênero e do desejo. Ela também questiona a construção da categoria das “mulheres” como sujeito do feminismo, dizendo que as feministas devem ser críticas sobre isso, pois essa construção acontece por intermédio das mesmas estruturas de poder que reprimem e das quais se busca emancipação. Butler coloca como ponto de partida o presente histórico, e como tarefa a de formular no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam, imobilizam (Mujuali; Ferreira, 2012, p 214).

O pensamento de Judith Butler tem sido primordial para a compreensão crítica do gênero, da sexualidade e da identidade. Suas ideias têm impactado áreas acadêmicas, políticas e culturais, desafiando as normas de gênero e estimulando discussões sobre a diversidade de identidades de gênero e sexualidade. Ela é uma das teóricas de gênero mais influentes do século XX e XXI.

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (Butler, 2015, p.26).

Essas autoras representam apenas uma pequena amostra das várias vozes feministas importantes ao longo da história. O feminismo é um movimento diversificado, e diferentes autoras contribuíram para a compreensão e promoção da igualdade de gênero em uma variedade de maneiras. Suas obras continuam a influenciar e inspirar a luta por direitos e igualdade das mulheres em todo o mundo. A história do feminismo é um longo e complexo movimento social que busca a igualdade de gênero e a emancipação das mulheres em relação aos homens. O

feminismo tem raízes antigas, mas sua evolução ao longo dos séculos é marcada por várias ondas e movimentos distintos.

4.2 HISTÓRIA DO FEMINISMO

4.2.1 Feminismo da Primeira Onda: Lutando pelo Sufrágio e Direitos Básicos (Século XIX - Início do Século XX)

O movimento da primeira onda teve como foco a luta pelo sufrágio feminino, ou seja, o direito das mulheres de votar. Destacam-se as ativistas como Susan B. Anthony e Elizabeth Cady Stanton nos Estados Unidos e Emmeline Pankhurst no Reino Unido. Essa onda também abordou questões relacionadas à propriedade das mulheres, ao acesso à educação e à igualdade legal.

Segundo Costa e Sardenberg (2007), o feminismo como movimento social é em sua essência moderno; tem suas raízes atreladas aos ideais liberais de igualdade evidenciados na Revolução Francesa de 1789. Ainda que a igualdade fosse clamada para todos, o conceito na prática ficou limitado apenas às classes dominantes e, como bem estabeleceu a 'Declaração dos Direitos do Homem', só entre os homens. Porém, o rompimento com o isolamento doméstico trazido pela Revolução Industrial e os trabalhos femininos fabris, juntamente com os ideais de igualdade circulantes no período, levaram as mulheres a perceberem a exploração e a opressão em que viviam. Foi através dessa consciência de submissão que se deu origem ao movimento feminista no final do século XVIII, sendo consolidado no século XIX em muitos países europeus e nos Estados Unidos e, posteriormente, nos países da América Latina, tendo seu auge na luta sufragista (Costa, 2006, n/p). Essa primeira fase do feminismo mundial é conhecida como Feminismo de Primeira Onda (Moura 2018, p. 66).

A primeira onda do feminismo foi forjada na segunda metade do século XIX e início do século XX, onde as mulheres se organizaram com o objetivo de lutar pelo direito ao voto, pois, apesar da ascensão do liberalismo burguês e da luta dos trabalhadores que resultou em várias conquistas, dentre elas, o direito de votar e serem votados, porém as mulheres continuavam sem esse direito.

Segundo Costa e Sardenberg (2007), o feminismo como movimento social é em sua essência moderno; tem suas raízes atreladas aos ideais liberais de igualdade evidenciados na Revolução Francesa de 1789. Ainda que a igualdade fosse clamada para todos, o conceito na prática ficou limitado apenas às classes dominantes e, como bem estabeleceu a 'Declaração dos Direitos do Homem', só entre os homens. Porém, o rompimento com o isolamento doméstico trazido pela Revolução Industrial e os trabalhos femininos fabris, juntamente com os ideais de igualdade circulantes no período, levaram as mulheres a perceberem a exploração e a opressão em que viviam. Foi através dessa consciência de submissão que se deu origem ao movimento feminista no final do século XVIII, sendo consolidado

no século XIX em muitos países europeus e nos Estados Unidos e, posteriormente, nos países da América Latina, tendo seu auge na luta sufragista (Costa, 2006, n/p). Essa primeira fase do feminismo mundial é conhecida como Feminismo de Primeira Onda (Moura, 2007, p 66).

A primeira luta decorre da invisibilidade na história, e as mulheres com raríssimas e honrosas exceções com Cleópatra, Nefertiti, Florence Nightingale, Guinevere, Vitória, Thatcher, etc. Mesmo entre mulheres da elite essa invisibilidade existia. No Brasil temos o exemplo da Imperatriz Leopoldina, que teve um papel primordial no processo de independência e mesmo assim foi silenciada em nossa historiografia. O movimento feminista de primeira onda vem de encontro a essa invisibilidade ao lutar pelo direito do voto e colocar as mulheres como protagonistas e não apenas como uma sombra dos homens.

Nesta primeira fase do feminismo destacam-se como líderes Susan B. Anthony e Elizabeth Cady Stanton nos Estados Unidos e Emmeline Pankhurst no Reino Unido, defendiam o sufrágio feminino como o objetivo principal. O movimento de primeira onda é conhecido como a luta pelo direito ao voto feminino, porém, o movimento não se limitou a essa pauta, o movimento abordou outras questões como direitos de propriedade das mulheres, acesso à educação e igualdade legal.

O feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas “ondas”. O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança (Pedro, 2005, p. 79).

No Brasil a chegada da família real como estratégia elaborada pelo Regente Dom João de transferir a sede de Lisboa para o Rio de Janeiro, como forma de preservar o Império Português ante o avanço das tropas napoleônicas pela Europa continental.

A chegada da corte trouxe uma sofisticação que a colônia não tinha. Esse acontecimento também afetou as mulheres, onde em 1822, o jornal *Sentinela da Liberdade* sediado na cidade do Recife publicou um manifesto assinado por 120 mulheres da província da Paraíba.

[...] elas afirmaram que compunham ‘metade da sociedade humana’ e que também desejavam reassumir os direitos que lhes haviam sido usurpados, ‘quebrando os vergonhosos ferros da vil escravidão em que jazíamos’. Por direito, elas disseram: ‘queremos entrar na partilha e glória do Brasil’. (Telles, 2004, p. 338).

O feminismo de primeira onda no Brasil teve uma atuação forte nos jornais que abriram espaço para as reivindicações das mulheres, como no caso do jornal recifense *Sentinela da Liberdade*. Ao longo do século XIX, vários jornais publicaram os questionamentos das mulheres

acerca dos seus direitos, transformando o Brasil no principal país da América Latina em publicações e atuações do jornalismo feminista.

Segundo Moura (2018) vários jornais feministas foram fundados de norte a sul do Brasil, como suas colegas europeias e americanas. As feministas brasileiras lutavam principalmente pelo direito ao voto, mas havia outras pautas como a abolição da escravidão, direito de frequentar escolas e universidades, direito ao divórcio, ocupar cargos públicos e havia também as que defendiam a proclamação da república.

4.2.2 Feminismo da Segunda Onda: Ampliando o Alcance (Décadas de 1960 e 1970)

A segunda onda do feminismo, em cima das conquistas conseguidas pelas feministas da primeira onda, as feministas buscam por um foco mais amplo, abordando novas questões como igualdade salarial, direitos reprodutivos, direitos sexuais e a eliminação de discriminações de gênero. As principais lideranças do movimento feminista de segunda onda foram oriundas principalmente das universidades, o direito de cursar o ensino superior veio das lutas da primeira onda. No movimento de segunda onda destacam-se lideranças como: Betty Friedan, Gloria Steinem e Simone de Beauvoir.

O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: “o privado é político”. (Pedro, 2005, p. 79).

O movimento feminista de segunda onda vem no esteio dos conturbados anos 1960, onde a geração dos Babi Boomerres chegava as universidades, no ocidente, os filhos da segunda guerra questionavam toda estrutura de poder.

Nos Estados Unidos ainda havia um outro complicador, que era o atoleiro da Guerra do Vietnã que abria as portas para todos os tipos de questionamento a ordem vigente, movimento Hippie, luta pelos direitos civis (movimento negro), a rebelião de Stonewall que iniciava o movimento LGBT em solo americano e o movimento feminista que entrava na segunda onda que entrava com uma nova agenda onde destacam-se questões como o corpo, a sexualidade, a violência simbólica e real, questões acerca do papel das mulheres na família.

As ‘políticas do corpo’ assumiram caráter significativo, manifestando-se as reivindicações em favor dos direitos de reprodução, buscando-se a plena assunção de seu corpo e de sua sexualidade (aborto, prazer, contracepção) e contra a violência sexual, não mais admitindo que essa fosse uma questão restrita ao privado, cabendo a sua extensão ao público. (Soihet, 2013, p 124).

Entre as lideranças dessa segunda onda do movimento feminista, destaca-se a filósofa francesa Simone de Beauvoir, com sua obra *O Segundo Sexo* que serve de guia para a luta das mulheres nesse período, onde chama atenção a tese de Beauvoir acerca da construção histórica da mulher citada na célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher” que chama atenção para o corpo feminino, onde as mulheres deveriam ter soberania sobre seus corpos, ou seja, propunha um debate acalorado sobre o que é o significado de ser mulher.

Apontada como uma grande referência neste período, a filósofa e escritora francesa Simone de Beauvoir, em sua obra “*O Segundo Sexo*”, publicada em 1949, causa inquietações com a célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Trazendo o corpo como elemento central nas formas de enfrentar o mundo das mulheres, propõe reflexões sobre os significados sociais de “ser mulher”. Embora Beauvoir seja apontada como a percussora desse pensamento, é importante referenciar aqui o discurso “*Ain’t I a woman?*”⁵, datado de 1851, da abolicionista afro-americana, ativista dos direitos das mulheres, que foi escrava e também empregada doméstica, Sojourner Truth, em que ela já questionava sobre esse ser mulher (Miguel, 2014, n/p). É inquestionável a importância, profundidade e os impactos da obra de Simone de Beauvoir, contudo, antes mesmo do período da segunda onda, uma feminista negra já discursava publicamente sobre algo que não é frequentemente creditado a ela ou ao seu recorte temporal (Ribeiro, Nogueira, Magalhães, p 65, s/d).

No Brasil o feminismo de segunda onda vem no esteio dos governos militares que implantaram uma ditadura no país, e passaram a reprimir a oposição à ditadura. No Brasil o movimento de segunda faz uma migração da ação formal para a ação material, a luta não se restringe apenas aos direitos das mulheres na educação, no trabalho avançando para questões como direito sobre seu corpo, e a luta pela equidade nos relacionamentos com os homens, que era visto pelas feministas como uma relação baseada no binômio subordinação/dominação. Outras questões como violência, controle de natalidade, busca pelo prazer sexual, direito a carreira profissional, luta pela redemocratização do país, dentre outras.

4.2.3 Feminismo da Terceira Onda: Incorporando a Interseccionalidade (Década de 1990 em Diante)

A terceira onda do feminismo ampliando o espectro para inserir uma gama de perspectivas, incluindo a luta e conhecimento de mulheres negras, indígenas, LGBTQ+ e de outras minorias. Questões de identidade, como interseccionalidade, tornaram-se centrais na discussão do feminismo. As principais lideranças da terceira onda são: bell hooks, Audre Lorde e Kimberlé Crenshaw.

A terceira onda surge no final dos anos 1980 e 1990, com a crítica pós modernista da ciência ocidental. Passa-se à categoria gênero como categoria central, cuja ênfase concentrasse na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. Já o século XXI veria a emergência da quarta onda feminista, caracterizada por grandes manifestações de rua, e pelo uso intenso de recursos da internet e das redes sociais (Pedro; Barletto, 2019, p. 04).

O marco do movimento feminista de terceira onda foram as Conferências Mundiais onde destacam-se a Conferência de Direitos Humanos realizadas em 1993 e a Conferência sobre População e Desenvolvimento, essas duas conferências possibilitaram o contato e a troca de conhecimentos entre feministas de diversos países, onde foram colocados os problemas que tinham as mulheres dos países participantes, possibilitando uma visão identitária e internacional da situação das mulheres. Os problemas sofridos pelas mulheres. Problemas como violência levaram a movimentos que pressionaram as autoridades a criarem leis para proteger as mulheres da violência que sofriam, essas conquistas levam a novas lutas como as desigualdades entre homens e mulheres, liberdade sexual, a independência em relação aos homens, etc.

Na atual conjuntura, as mulheres alcançaram a liberdade de expressão do pensamento, seu direito a voto, seu engajamento na política, assumindo cargos elevados na esfera do legislativo, judiciário e executivo, trabalhando ativamente em construções, como motoristas, arquitetas entre outras, ocupando diversos cargos e funções. Outro destaque foi o direito sobre o seu próprio corpo, a sua sexualidade o direito de decidir sobre a contracepção, esterilização, abortos previstos em lei e opção sexual. Foi através de um longo percurso, enfrentando diversas formas de discriminações, segregação, violência, na maioria das vezes inferiorizadas por uma sociedade machista, que esse movimento conquistou força e ganhou o seu espaço ao longo dos anos (Carmo; Ramos; Silva, 2021, p 112).

No Brasil o feminismo de terceira onda floresceu nos estertores da ditadura militar e início da redemocratização do país, as pautas não eram diferentes das feministas internacionais, com um diferencial para algumas questões domésticas como a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, campanha das diretas já e a luta contra dispositivos no ordenamento jurídico brasileiro que eram vistos como prejudiciais as mulheres, como o tipo penal da legítima defesa da honra que era visto como uma senha para a impunidade de assassinos de mulheres.

A exemplo do assassinato de Ângela Diniz por Doca Street que chocou o país e levantou discussões sobre o uso da legítima defesa da honra como tese utilizada pelas defesas dos assassinos. Em 1 de agosto de 2023 o Supremo Tribunal Federal pacificou que a tese de legítima defesa da honra não poderia ser utilizada para justificar feminicídio.

Nos anos 1980 vieram as primeiras conquistas como o estabelecimento das primeiras delegacias especializadas em crimes contra as mulheres, as delegacias das mulheres e, em 1981 houve um

novo julgamento de Doca Street, que foi condenado a 15 anos de reclusão, isso ocorreu por pressão do movimento feminista que conseguiu mobilizar a sociedade, através da mídia, onde o Fantástico fez uma série de reportagens sobre o assassinato de Ângela Diniz e o assassinato de Cláudia Lesin Rodrigues.

Assim sendo, a ampliação do status sobre o feminismo brasileiro foi intensificado a partir dos avanços na política, desafiando tabus e paradigmas, em que a mulher estava ocupando cargos que anteriormente eram exclusivos aos homens. Desse modo, a mulher ingressou na política, conquistou espaços em ministérios, diretorias, gerência, coordenadorias secretarias e outros. Simultaneamente, esse grupo de mulheres monitora, pressiona, propõe e reivindica a efetiva atuação do Estado, para o cumprimento de todas as suas demandas de forma efetiva. (Carmo; Ramos; Silva, 2021, p 112).

Diferentemente das feministas europeias e americanas que conseguiram a legalização do aborto, no Brasil devido a maioria esmagadora da população ser cristã e, em virtude de isso ser contra ao aborto, esse dispositivo não foi descriminalizado no Brasil, ficando restrito as situações de estupro e risco de morte para a mãe. Em 2012 o Supremo Tribunal Federal descriminalizou o aborto de a encéfalos. Apesar do pouco avanço no aborto, houve avanços em políticas públicas como planejamento familiar e pílulas anticoncepcionais.

4.2.4 Feminismo de Quarta Onda ou Feminismo Contemporâneo

O feminismo de quarta onda ou contemporâneo (pois não há consenso entre os estudiosos acerca desta nomenclatura) continua a lutar por igualdade de gênero em várias frentes, incluindo igualdade salarial, combate à violência de gênero, representação em cargos de liderança e muito mais. A internet e as redes sociais desempenharam um papel importante na mobilização e conscientização das questões feministas. Militantes jovens, como Malala Yousafzai (jovem paquistanesa que levou um tiro na cabeça, desferido por um terrorista do Taleban que não aceitava que meninas frequentasse a escola) têm desempenhado um papel significativo na promoção de causas feministas.

Surgiu a partir de 2010, ainda não há um consenso sobre a existência da quarta onda nos estudos mais tradicionais, mas se torna nítido o seu surgimento, motivado pelo ativismo virtual ou o chamado ciberativismo, além disso traz um diversidade de feminismos, também o ingresso da interseccionalidade e a mobilização de coletivos, grupos de pessoas que se movimentam, para fazerem manifestações, esses coletivos são organizações mais fluídas, diferentes das organizações tradicionais, esses grupos se reúnem através das redes sociais, assim o pessoal vai se engajando para determinada ação (Castro, 2020 *apud* Carmo; Ramos; Silva, 2021, p. 113).

É importante notar que o feminismo não é um movimento homogêneo, e há uma variedade de correntes e perspectivas dentro do movimento feminista. Além disso, a luta pela igualdade de gênero continua a evoluir à medida que novos desafios e questões emergem na sociedade. O feminismo desempenhou um papel fundamental na conquista de muitos direitos e oportunidades para as mulheres ao longo dos anos, mas ainda há muito trabalho a ser feito para alcançar a igualdade de gênero em todo o mundo.

No Brasil o feminismo de quarta onda ou contemporâneo tem como marco o movimento da marcha das vadias, movimento que se iniciou no Canadá e se espalhou pelo Ocidente, a marcha das vadias que ocorreu na cidade de São Paulo em 2011 é o marco do início deste movimento, que está ligado com o identitarismo e a cultura woke, algumas conquistas como a criação da figura penal de feminicídio e importunação as mulheres foram criadas no esteio desse movimento.

Alguns estudiosos consideram o marco inicial no Brasil da quarta onda com a Marcha das Vadias, que ocorreu na Cidade de São Paulo em 2011, porém esse evento começou no Canadá, observando-se aqui a repercussão do feminismo de modo global (Carmo; Ramos; Silva, 2021, p 115).

A história do feminismo é um longo e complexo movimento social que busca a igualdade de gênero e a emancipação das mulheres em relação aos homens. O feminismo tem raízes antigas, mas sua evolução ao longo dos séculos é marcada por várias ondas e movimentos distintos. Ao longo dos anos, o movimento feminista conquistou muitos direitos e oportunidades para as mulheres, mas ainda enfrenta desafios persistentes.

A igualdade de gênero continua sendo uma questão crucial em todo o mundo, e o feminismo permanece na vanguarda da luta por um futuro mais igualitário, diverso e inclusivo.

Apesar de todas as conquistas e lutas travadas pelo feminismo dos últimos séculos, ainda no atual momento as mulheres enfrentam resistências políticas, patriarcais e culturais, além de desigualdades de gênero, são vítimas de violência, na maioria das vezes são assassinadas por companheiros ou ex-companheiros, desenvolvem atividades na sua própria residência e as que exercem atividades fora, são minoria em cargos de direção, gerência, coordenação e liderança, ganhando salários inferiores aos dos homens na mesma função. Em sua maior parte, sofrem assédio sexual desde a adolescência, em casa, na rua, no ônibus, na escola e no trabalho (Carmo; Ramos; Silva, 2021, p 118).

A história do feminismo é uma história de mulheres e homens que se uniram para desafiar normas de gênero prejudiciais e buscar um mundo onde todos tenham as mesmas oportunidades e direitos, independentemente de seu gênero. À medida que a sociedade evolui,

o feminismo também evolui para enfrentar os desafios e as necessidades do momento presente, mantendo sua visão de um mundo mais igualitário para todos.

4.3 O PROTAGONISMO DA MULHER: DESAFIOS E CONQUISTAS

Nas últimas décadas, como resultado das lutas empreendidas pelo movimento feminista, principalmente nos países ocidentais, o protagonismo da mulher tem ganhado destaque e reconhecimento. As mulheres vêm desempenhando papéis cada vez mais importantes em áreas que antes eram dominadas pelos homens, e suas vozes têm sido ouvidas em questões sociais, políticas e econômicas. Este tópico explora o crescimento do protagonismo da mulher, os desafios que ainda enfrentam e as conquistas que marcaram essa trajetória.

Conquistar um campo de trabalho que até outrora era executado de forma exclusiva por homens não é uma incumbência fácil, contudo foi laborada paulatinamente pelas mulheres, aprimorando conhecimentos por meios de especializações e capacitações. Uma trajetória marcada por grandes discrepâncias salariais e discriminações, pois o homem dotado de uma cultura machista, que ainda perpetua-se no tempo societariamente, continua a inferiorizar e desqualificar o trabalho feminino por não aceitar que mulheres possam galgar a excelência e lutar por tratamentos iguais e justos (Espinheira; Júnior; Ribeiro, 2021, p 83).

Apesar das conquistas e dos direitos conseguidos com muita luta, ainda há um longo caminho a percorrer, pois mesmo no ocidente ainda há desafios a serem vencidos e tabus a serem derrubados, principalmente em relação a dupla jornada, ao enfrentamento da violência, dentre outros. Se no ocidente a mulher teve grandes conquistas e vitórias, nos demais países a situação ainda é muito complexa, pois nesses países, poucos direitos foram conquistados, e se levarmos em conta a situação da mulher nos países da civilização islâmica, a mulher é uma cidadã ou súdito de segunda categoria, pois não possui direitos básicos, onde podemos usar como exemplo a situação da paquistanesa *Malala Yousafzai* que quase perdeu a vida por lutar pelo direito das meninas para frequentar escola.

4.3.1 Protagonismo da Mulher no Mundo Profissional

Uma das áreas em que o protagonismo da mulher tem sido mais evidente é no mundo profissional. No Ocidente, as mulheres têm galgado posições de liderança em diversos setores, desde a política até a tecnologia, finanças e empreendedorismo. Isso representa um avanço significativo em direção à igualdade de gênero no ambiente de trabalho.

Todavia, ainda existem desafios, como a disparidade salarial entre gêneros e a sub-representação das mulheres em cargos de alta liderança e nos cargos de salário mais baixo que exigem esforço físico. A promoção da igualdade de oportunidades e a desconstrução de estereótipos de gênero continuam sendo prioridades fundamentais.

Conquistar um campo de trabalho que até outrora era executado de forma exclusiva por homens não é uma incumbência fácil, contudo foi laborada paulatinamente pelas mulheres, aprimorando conhecimentos por meios de especializações e capacitações. Uma trajetória marcada por grandes discrepâncias salariais e discriminações, pois o homem dotado de uma cultura machista, que ainda perpetua-se no tempo societariamente, continua a inferiorizar e desqualificar o trabalho feminino por não aceitar que mulheres possam galgar a excelência e lutar por tratamentos iguais e justos (Espinheira; Júnior; Ribeiro, 2021, p 83).

Durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres foram chamadas para o trabalho fabril, pois os homens estavam lutando no campo de batalha, essa situação possibilitou as mulheres ingressarem num campo de trabalho que não tinham nenhum contato com esse tipo de labuta, após o fim da guerra, as mulheres se recusaram a voltar para o lar e ingressaram definitivamente no mundo do trabalho, isso nos países ocidentais. Atualmente no Ocidente, as mulheres realizam praticamente todos os trabalhos, desde o trabalho como operárias a trabalhos complexos como pilotar aviões militares de alta tecnologia, algo que era impensável há duas décadas, hoje é uma realidade, como a atuação feminina das engenharias, até então um espaço exclusivo dos homens, outro exemplo é a medicina, onde segundo Peres (2023) as mulheres deverão ser maioria em 2024.

4.3.2 - Protagonismo Feminino na Política:

Ao longo da história, as mulheres vêm atuando na política, com destaque para Cleópatra na antiguidade, Guinevere no medievo, Elizabeth I e Isabel de Castela na idade moderna, Vitória no século XIX, Margareth Thatcher no século XX, foram poucas que se destacaram ao longo da história da humanidade, porém no século XXI, as mulheres têm conquistado destaque na política, ocupando cargos de chefia em governos e parlamentos em todo o mundo. A eleição de mulheres para cargos de liderança em nações importantes demonstra uma mudança significativa na percepção da capacidade das mulheres de liderar e tomar decisões importantes.

Apesar das conquistas, ainda existem muitas barreiras para as mulheres na política, como preconceitos, discriminações e dificuldades as mais variadas para as mulheres

conseguirem galgar espaço na política, apesar do aumento da atuação feminina em todos os espaços políticos nesse século, a política ainda é um espaço eminentemente masculino.

As pesquisas mostraram que essas mulheres enfrentaram e enfrentam desafios seja no espaço parlamentar ou dentro dos próprios partidos. Os desafios descritos estão relacionados à: falta de apoio para as candidaturas, ou seja, muitas mulheres são procuradas apenas para preencher as cotas e não recebem apoio dos partidos. Outra observação é que quando eleitas, elas enfrentam o descrédito, a falta de confiança e a falta de reconhecimento. Além disso, é evidente a presença de elementos patriarcais na cultura política que incidem nos papéis das mulheres na sociedade e no acesso delas a cargos eletivos e à vida pública. Outro desafio observado é a falta de apoio familiar e, por fim, empecilhos da maternidade para a vida pública (Santos; Teixeira, 2022, p. 290).

No entanto, a representação feminina na política ainda está longe de ser igualitária, e as mulheres enfrentam desafios como sexismo e discriminação. O empoderamento das mulheres na política é uma luta contínua que envolve o aumento da participação feminina e a criação de políticas mais inclusivas.

4.3.3 Protagonismo na Sociedade Civil:

O protagonismo da mulher na sociedade civil também é evidente, à medida que as mulheres se envolvem ativamente em movimentos sociais, ativismo e defesa de direitos. Questões como os direitos reprodutivos, igualdade de gênero e justiça social tem sido impulsionada por mulheres, principalmente nos países ocidentais. A internet, redes sociais e a tecnologia desempenham um papel fundamental na amplificação das vozes das mulheres, permitindo-lhes compartilhar histórias, construir comunidades e criar mudanças significativas na sociedade.

O feminismo como agente transformador e capaz de produzir mudanças sociais e culturais é fundamental em nosso país. Em sua trajetória brasileira, apresenta após a redemocratização a necessidade de se organizar ainda mais em coletivos, partidos e espaços institucionais. Ainda que isso gere algumas contradições internas, foram nesses espaços que políticas sociais foram consolidadas. Mesmo assim, não é possível participar de partidos, eleger mulheres feministas para cargos eletivos sem o feminismo estar concatenado com a luta das ruas e das mulheres reais que vivem em cada bairro, em cada periferia das nossas cidades (Dias; Pacheco, 2023, p 270).

O protagonismo da mulher tem sido marcado por conquistas significativas, como a legalização do voto feminino, a luta pelos direitos reprodutivos e a conscientização sobre

questões de igualdade de gênero. Mulheres pioneiras, como Malala Yousafzai têm inspirado milhões com suas ações e liderança em prol da educação e do meio ambiente.

O protagonismo da mulher é uma tendência que está redefinindo o mundo em que vivemos. As mulheres estão quebrando barreiras, desafiando estereótipos e liderando movimentos de mudança. No entanto, muitos desafios persistem, desde a igualdade salarial até a violência de gênero.

Atualmente, pode-se deparar com uma agenda cheia de responsabilidades na construção de uma nova cidadania e liberdade, na qual as mulheres participam e tomam as rédeas de sua própria atuação diante dos enfrentamentos cotidianos. Aliás, isso também ressignificou o próprio conceito de cidadania e formas de pensar/fazer dentro de uma estrutura social que expressava mais do que relações de raça e classe. De indivíduos isolados e de pouca articulação aos movimentos e agrupamentos de força regional e nacional, transformando-se em exponenciais “grupos de pressão” em relação aos direitos humanos fundamentais, apesar de sua escalada ser iniciada sempre com bandeiras que exigiam “direitos específicos da mulher” (Dias; Pacheco, 2023, p 270).

À medida que o protagonismo da mulher continua a crescer, é crucial que a sociedade apoie e promova a igualdade de gênero em todas as esferas. Somente com um compromisso contínuo com a equidade e a inclusão podemos criar um mundo onde o potencial e a liderança das mulheres sejam plenamente reconhecidos e valorizados. O futuro é promissor, desde que todos continuemos a lutar pelo protagonismo da mulher.

4.3.4 A mulher na religião: Desafios, conquistas e evolução

A relação entre a mulher e a religião tem sido uma área de grande importância e complexidade ao longo da história. Em todas as religiões as mulheres sempre desempenharam um papel importante, que a depender da religião, o papel é primordial, como em religiões matriarcais, como nas religiões matriarcais africanas, mas, mesmo em religiões patriarcais a mulher teve papéis decisivos, como o papel de Maria na Igreja Católica. As religiões do mundo têm desempenhado um papel significativo na definição dos papéis, direitos e deveres das mulheres. Apesar da importância da mulher no campo religioso, temos as religiões que reproduzem e tentam consolidar o papel de subordinação das mulheres nas relações sociais.

Conforme chama a atenção na citação acima, as religiões têm tido um papel preponderante na manutenção destas construções sociais. Especialmente as religiões de cunho fundamentalistas têm atuado, por meio de seus discursos, na tentativa de manutenção da visão estereotipada da mulher como submissa ao homem. Nestes casos, ao discurso determinista biológico soma-se um discurso determinista religioso, que coloca a obediência feminina como missão no interior

do casamento. A “virtude” da mulher seria a “edificação” do lar, a partir de uma atitude submissa perante o marido, que é aquele considerado como o “chefe” da família. Todas estas situações são ilustradas nos livros sagrados destas religiões com inúmeros exemplos, que levam a assertivas que reforçam esta relação como sendo divina, “vontade de Deus”, etc. Por outro lado, vemos determinadas religiões que procuram subverter as hierarquias sociais de gênero ao alçar a mulher às categorias de liderança no plano terreno e de divindade no plano simbólico. Nos referimos às religiões afro-brasileiras que tem em sua mitologia histórias de deusas grandiosas que tiveram grandes feitos em pé de igualdade com os deuses masculinos. Isto se reflete no próprio cotidiano dos terreiros, em que das mulheres são cobradas posições de liderança, assumindo as chefias das casas e a liderança ritualística dos cultos. Os matriarcados africanos são aqui reproduzidos, subvertendo a hierarquia social de gênero vigente (Nogueira, 2023, p 129).

As três grandes religiões monoteístas, o Cristianismo, o Islamismo e o Judaísmo, também chamadas de religiões abraâmicas, tiveram interpretações patriarcais de suas escrituras sagradas. Isso frequentemente levou à subordinação das mulheres em áreas como o casamento, liderança religiosa e até mesmo educação.

Porém, existem grupos principalmente nas religiões cristãs, que têm trabalhado para reinterpretar textos religiosos à luz da igualdade de gênero e da justiça social, havendo resistências no judaísmo e principalmente no islamismo a qualquer interpretação que vá no caminho de uma igualdade de gênero.

Houve uma evolução notável nas atitudes religiosas em relação às mulheres ao longo dos anos. Muitas denominações religiosas agora aceitam liderança feminina nas igrejas e sinagogas. Além disso, líderes religiosos e teólogos têm começado a revisitar interpretações tradicionais das escrituras, reconhecendo a igualdade de gênero como um princípio religioso.

A cisão de antigas formas de participação e envolvimento comunitário sob a direção dos homens abre a possibilidade de construção de uma nova perspectiva de identidade para as mulheres. Através da fundação de igrejas, mulheres até então submissas a uma hierarquia marcadamente masculina passam a viver sua religiosidade ocupando um papel de destaque, exercendo plenamente a função de comando à frente de um grupo, na sua maioria, feminino (Miranda, 2009). Dentro do processo de ocupação de cargos e funções nas igrejas neopentecostais, a identidade feminina adquire novos contornos, contrastando com a tradicional imagem de uma mulher absolutamente submissa à autoridade religiosa representada pela figura masculina (Gabatz, 2016, p 96).

As mulheres também têm desempenhado um papel importante na liderança religiosa, seja como monjas budistas, pastoras cristãs, rabinas judias ou líderes espirituais em diversas tradições. Além disso, muitas mulheres religiosas têm liderado movimentos sociais em questões como direitos reprodutivos, justiça social e paz.

A partir do engajamento nas comunidades e pastorais, as mulheres passam a adquirir os recursos que possibilitam o investimento em uma “carreira militante”.

É a “caminhada de comunidade” necessária a toda “líder”. A partir do estímulo inicial ao trabalho comunitário dado pelos agentes religiosos, como o convite para participar das atividades da igreja (cursos de catequese dos filhos, fornos comunitários, grupos de reflexão, etc.), as mulheres “vão se descobrindo aos poucos” como capazes de liderar, e vão tomando para si ou recebendo outras atribuições no trabalho da Igreja. Este é um dos sentidos da “caminhada na comunidade”, a experiência adquirida na prática. O engajamento inicial também é o período no qual algumas mulheres experimentam o contraponto da exclusão de outras esferas (como o mercado de trabalho e a escola), recebendo convites para coordenar grupos e fazer cursos. As mulheres sentem-se, então, “mais gente”, em um meio onde não são desvalorizadas por sua condição social. Assim, sua atividade comunitária pode se estender para várias pastorais, como a da Criança, da Mulher, operária, ou outros “movimentos” e mesmo a partidos políticos (Anjos, 2008, p 519).

Todavia, as mulheres continuam a enfrentar desafios em muitas comunidades religiosas, incluindo a luta por igualdade de gênero nas hierarquias religiosas e o combate à violência de gênero em contextos religiosos. A igualdade de gênero na religião é uma batalha contínua. Em religiões não monoteístas, como o Hinduísmo e o Budismo, as atitudes em relação às mulheres variam amplamente. Em alguns ramos, as mulheres ocupam posições de destaque como líderes espirituais e autoridades religiosas. Em outros, podem enfrentar discriminação.

Os papéis reservados para cada sexo são construções sociais que envolvem aspectos de dominação subjetiva vislumbrados na chamada “vocação” feminina, em que as mulheres estariam predispostas a aceitar sua submissão como sendo um fator natural inquestionável, imposto sobre seus corpos e sua existência. Tal perspectiva reflete-se na identidade da mulher em nome do “amor”   família e em função de seu papel de mantenedora e promotora do equilíbrio emocional na vida dos homens e de todos os membros da família. Trata-se de obrigações reforçadas, principalmente, pela religião (Bourdieu, 2007, p 96).

Nas religiões de matriz africana, as mulheres desempenham o protagonismo como em terreiros de Umbanda e Candomblé, desde o período da escravização, onde mesmo na condição de escravas, exerciam importantes papéis como sacerdotisas, onde podemos usar como exemplo Maria Canga, que mesmo na condição de escravizada, realizava adivinhações, sendo muito procurada pela sociedade local.

Ao menos curioso foi o caso da calunzeira Maria Canga, preta escrava de João da Silva, que vivia do ouro propiciado com as rendas das adivinhações. Para faz elas, realizava um estranho ritual em suas consultas, como narrou uma testemunha: inventava uma danç  de batuque, no meio da qual entrava e saía-lhe da cabeç a uma coisa, a que se chama Vento, e entrava a adivinhar o que queria (Figueiredo, 1993, p. 179).

Quem se destacou nacional e internacionalmente como sacerdotisa, foi Maria Escolástica da Conceição Nazaré, conhecida como Mãe Menininha do Gantois, de Salvador-BA, a mais conhecida Ialorixá do Brasil, que atuou como Mãe de Santo de 1922 a 1986, quando

faleceu aos 96 anos. Que sucedeu a Mãe Pulchéria que também era uma Ialorixá bem conhecida na sociedade baiana.

Maria Escolástica da Conceição Nazareth foi a mãe de santo brasileira que liderou a casa de candomblé Ilé Ìyá Omi Àse Ìyámasé, localizada em Salvador (BA), no bairro do Gantois, por sessenta e quatro anos. Mãe Menininha do Gantois, como era chamada, tornou-se conhecida e respeitada nacionalmente por sua bondade e carinho para com seus filhos de santo e amigos da casa. Sua luta pela legalização da religião dos Orixás e a consequente integração desta religião na sociedade nacional também a fez respeitada por todos. Mãe Menininha nasceu dentro de sua casa de candomblé. Ela é bisneta da nigeriana Maria Julia da Conceição Nazareth, fundadora do terreiro do Gantois, e sobrinha-neta da mãe de santo Pulchéria Maria da Conceição, que lhe iniciou na religião e lhe cunhou o apelido de “Menininha”. Maria Escolástica dançava o candomblé desde os seis anos e foi iniciada para Oxum aos oito. O modo como respeitava e levava a sério a sua religião chamava a atenção de Mãe Pulchéria, que via na pequena o potencial para liderar. Após a morte de Mãe Pulchéria, houve grande disputa pela liderança da casa, já que a sucessora, Maria da Glória Nazareth, mãe de Menininha, morreu antes que se completassem as tradicionais cerimônias de luto pela morte de Pulchéria. Na casa de candomblé do bairro do Gantois, a passagem da liderança, exercida pelas mães de santo, é realizada obedecendo a linhagem das mulheres que remonta à Maria Julia da Conceição Nazareth, fundadora da casa. Menininha, apesar de ser a natural sucessora, tinha apenas 26 anos e não quis se envolver na disputa, por isso se distanciou da casa, apesar do apelo de algumas irmãs. A disputa teve fim em 18 de fevereiro de 1922, quando os Orixás escolheram Menininha para ocupar o cargo de nova mãe de santo da casa. Ela contava a idade de vinte e oito anos (Museu Afro Brasil, 2024).

O protagonismo da mulher nas religiões de matriz africana não se restringe apenas as sacerdotisas como no exemplo citado acima, também nas entidades espirituais, as entidades femininas têm destaque, várias entidades femininas são cultuadas tanto no Candomblé como na Umbanda, onde podem ser destacadas Iansã conhecida na Nigéria como Oyá, que é uma Orixá associada aos ventos, tempestades e as águas, sincretiza com Santa Bárbara, Iansã, filha de Iemanjá também era responsável por levar os mortos para o mundo dos encantados.

Oyá corporifica a transgressão feminina. Orixá de personalidade austera, ao mesmo tempo em que é doce e complacente. Controla as suas finanças, cuida do sustento próprio e dos seus, é a protetora dos mercados, a zeladora das mulheres que trabalham e vivem das feiras livres, do comércio. Assegura proteção a toda e qualquer liderança feminina, possui um temperamento severo em suas ações, domina os lares dos quais faz parte. É um ser voltado à solidão e porta-se, diante da realidade, com características e hábitos comuns ao universo masculino. Mas é mulher, de sexualidade desenfreada, longe de repressões e de tabus que impeçam o seu prazer. É o orixá do vermelho-marrom que simboliza a intensidade de sua paixão. De acordo aos seus mais conhecidos mitos, Oyá é pura paixão. (Passos, 2008, p. 26).

Figura 48 - Ilustração de Iansã.



Fonte: <https://luaemagia.com.br/produto/estatua-iemanja-resina/> acesso em 15/082023

Na imagem acima podemos observar Iansã segurando uma lâmina e os vários raios ao seu redor, representando o seu poder sobre as tempestades.

Iemanjá é uma das mais importantes entidades femininas do panteão das religiões de matriz africana, considerada a rainha do mar, chegou ao Brasil pelas mãos do povo Iorubá que foram sequestrados e escravizados pelo colonizador europeu para trabalhar nas lavouras de cana de açúcar na América Portuguesa. Relacionada a figura materna, Iemanjá protege seus filhos e todas as crianças em geral, seu poder é ilimitado sobre as ondas, a preamar e a baixa mar e sobre todas as criaturas marinhas, no Brasil Iemanjá sincretiza com Nossa Senhora da Conceição no Recife e Nossa Senhora das Candeias em Salvador.

Do consórcio de Obatalá, o Céu, com Odudua, a Terra, nasceram dois filhos, Aganjú, a Terra firme, e Yemanjá, as águas. Desposando seu irmão Aganjú, Yemanjá deu à luz Orungan, o Ar, as alturas, o espaço entre a terra e o céu. Orungan concebe incestuoso amor por sua mãe e, aproveitando a ausência paterna, raptou-a e a violou. Aflita e entregue a violento desespero, Yemanjá desprende-se dos braços do filho, foge alucinada, desprezando as infames propostas da continuação às ocultas daquele amor criminoso. Persegue-a Orungan, mas, prestes a deitar-lhe a mão, cai morta Yemanjá. Desmesuradamente cresce-lhe, o corpo e dos seios monstruosos nascem dois rios que adiante se reúnem, constituindo uma lagoa. Do ventre enorme que se rompe, nascem: Dádá, deusa ou orichá dos vegetais, Changô, deus do trovão, Ogun, deus do ferro e da guerra, Olokun, deus do mar, Olochá, deusa dos lagos, Oyá, deusa do rio Niger, Ochun, deusa do rio Ochun, Obá, deusa do rio Obám, Okô, orichá da agricultura, Ochosi, deus dos caçadores, Okê, deus das montanhas, AjêChalagá, deus da saúde, Chankpannã, deus da varíola, Orun, o sol, Ochú, a lua. (Rodrigues, 2010, p. 248).

O traficante de escravos não tinha nenhuma preocupação com questões étnicas e sequestrava africanos de várias localidades da África Ocidental e da atual Moçambique, os africanos eram misturados e vendidos para os senhores de engenho, eram amontoados nas senzalas e inicialmente tinham dificuldade de comunicação, o aprendizado do português quebra essas dificuldades, uniformizando a comunicação. No caso da religião, os Orixás vão se misturando e sincretizando com os santos católicos. Três nações se destacaram, os Ketos, os Jejés e os Bantus que vão originar as religiões de matriz africana no continente americano, o Candomblé Brasileiro e suas vertentes, a Santeria e o Vodun.

As três formas principais são as chamadas “Nação Ketu” (dos Iorubás vindos de onde hoje é o sudoeste da Nigéria), a “Nação Jeje” (Povo Fon, vindos de onde hoje está o Benin) e a “Nação Bantu” (vindos de onde hoje existem Angola e o Congo). Insta ressaltar que aqui no Brasil este conceito de “Nação” está ligado à similaridade cultural de cada povo, a semelhança dos ritos e descendência geográfica diferindo do conceito moderno de Nação/Estado-Nação que envolve, por exemplo, território e soberania. Bastide diz: “os candomblés pertencem a ‘nações’ diversas e perpetuam, portanto, tradições diferentes [...] é possível distinguir estas nações umas das outras [...] por certos traços do ritual” (Bastide, 2001, p 29).

Figura 49 - Imagens de Iemanjá.



Fonte: <https://www.exiliodojaguar.com.br/2016/02/mae-yemanja.html> / acesso em 09/10/2023

Duas imagens distintas de Iemanjá, a esquerda podemos observar uma imagem mais recatada se aproximando das imagens das santas católicas e a pele apresenta a cor branca, ficando claro a influência do colonizador europeu, na imagem à direita podemos observar uma

imagem eivada de sensualidade, de pele negra, onde podemos observar um afastamento da sincretização e uma aproximação da África.

Iemanjá é uma das entidades femininas hibridizadas no Vale do Amanhecer, conhecida como Mãe Iemanjá que no Vale é a soberana das águas e comanda as sereias. Neste caso podemos perceber uma hibridização com as sereias presentes na religião politeísta da Grécia antiga, uma outra diferença em relação as religiões de matriz africana é que no Vale do Amanhecer, Mãe Iemanjá é a rainha das águas, enquanto que nas religiões de matriz africana é a rainha do mar. Mãe Iemanjá é a mãe espiritual da Mãe Iara, que é a companheira de Pai Seta Branca. Na imagem abaixo, Mãe Iemanjá se aproxima da imagem de Iemanjá que se aproxima da imagem europeizada de Iemanjá.

Figura 50 - Imagem de Iemanjá no Vale do Amanhecer.



Fonte: <https://www.aldeiadecaboclos.com.br/tia-neiva-e-o-vale-do-amanhecer/> acesso em 20/10/2023

A relação entre a mulher e a religião é complexa e multifacetada. Embora tenha havido progressos notáveis na promoção da igualdade de gênero em muitas tradições religiosas, os desafios ainda persistem. À medida que as sociedades evoluem e as vozes das mulheres se tornam mais fortes, é de fundamental importância que as religiões continuem a evoluir e a abraçar uma visão de igualdade de gênero e justiça para todas as pessoas, independentemente de seu gênero. O respeito pela diversidade de perspectivas religiosas e culturais é essencial para promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

4.4 A MULHER NO VALE DO AMANHECER

O Vale do amanhecer foi criado por uma mulher, Tia Neiva, a partir da divisão da União Espiritualista Seta Branca, criada por duas mulheres, Mãe Neném e Tia Neiva, dito isto vem o questionamento, qual o papel das mulheres no Vale do Amanhecer? Tentaremos responder essa pergunta ao longo deste tópico. Tia Neiva foi o único membro do Vale a exercer ao mesmo tempo as funções de Apra e Doutrinadora, após a sua morte, foi elevada a categoria de entidade espiritual, sendo conhecida também como Koatay 108. Atualmente, Tia Neiva é uma das mais importantes entidades espirituais do Vale do Amanhecer.

Figura 51 - Fotografia de Tia Neiva no ritual de Estrela Candente.



Fonte: <https://castelodosdevas.com/v1/category/vale-do-amanhecer/falanges-missionarias/> acesso em 29/10/2023

Acima a imagem de Tia Neiva no espelho d'água no Templo Mãe de Planaltina no Distrito Federal, podemos observar os médiuns vestidos com a indumentária de suas respectivas falanges, os símbolos importantes do Vale do Amanhecer. A esquerda de Tia Neiva, temos o triângulo, representando os médiuns de incorporação (Apra/Ajanã) e a direita de Tia Neiva temos a cruz vazia, representando os médiuns que fazem a ligação entre o físico e o metafísico (Doutrinadores), ainda a direita de Tia Neiva, temos a representação do sol, que também representam os médiuns conhecidos como Ninfa Sol (feminino) e Jaguar Sol (masculino) que exercem a mediunidade de Doutrinador. Enquanto que a Ninfa Lua (feminino) e o Jaguar Lua (masculino) que exercem a mediunidade de Apra/Ajanã.

A mulher no Vale do Amanhecer é vista como um símbolo do amor, do carinho, da ternura, da temperança, do sacrifício e da paz. A corrente do Vale é similar a corrente elétrica,

no sentido de ter os polos negativo e positivo, onde o homem representa o polo positivo e a mulher representa o polo negativo, isto é, no Vale do Amanhecer, a mulher está ligada ao plano espiritual, enquanto o homem está ligado a terra, ou seja, o homem está ligado ao plano material.

No plano doutrinário, homens e mulheres se completam, pois, a corrente precisa dos dois polos para funcionar, no caso da doutrina, temos uma igualdade entre homens e mulheres, o que não ocorre na maioria das religiões.

Na Corrente do Amanhecer, a Mulher é o pólo negativo das forças e correntes universais, porque ela está ligada diretamente aos Planos Espirituais. Enquanto o Homem - o Jaguar - é a força positiva, a força da Terra, a Mulher é o outro polo. Não existe movimentação de uma força com um só pólo e, por isso, a presença da Mulher - que é denominada Ninfa - se faz necessária em todos os momentos e em todos os locais de trabalho. Tia Neiva sempre falou da necessidade de toda Mulher se cuidar, ser exuberante, manter sua vibração elevada, enfim, ter plena consciência de sua missão como uma verdadeira rainha. A Mulher, na nossa Corrente, tem múltiplas missões e desempenha importante papel, tanto incorporando - como Ninfa Lua - ou doutrinando - como Ninfa Sol (Zelaya, 1977, n/p).

A ideia de que no Vale do Amanhecer, a mulher é enxergada como um símbolo do amor, é reforçada por Tia Neiva ao longo de suas atitudes e pregações, também em seus textos escritos, ao longo dos quinze anos em que esteve no comando do Vale do Amanhecer. Abaixo, temos a citação de Tia Neiva, o pensamento de Tia Neiva dirigido às mulheres. Fica claro essa preocupação da associação do amor a mulher, onde a palavra amor é escrita em caixa alta, para chamar atenção das mulheres que lerem o referido pensamento.

Observas bem o que fazer do tempo, do teu tempo, do teu sacerdócio, de tua missão, e nele procura impregnar todo o teu AMOR, o que puderes da perfeição de tua conduta, emitindo e comunicando a Doutrina que te foi confiada, para não perderes qualquer afeto na fronteira da Morte! (Zelaya, 1977, n/p).

Em mensagem de Tia Neiva dirigida as Ninfas, a mesma cita uma mensagem atribuída a Pai Seta Branca, onde novamente aparece a ligação das mulheres ao amor e que a Nova Era será a era do amor, novamente demonstrando a importância da mulher para esta doutrina. Zelaya (1977) “Somente a vontade de Deus nos tem permitido afirmações tão claras, no campo vibracional, de um povo esclarecido para uma Nova Era. Era de amor e respeito[...]”.

As mulheres na questão mediunidade desempenham o mesmo papel que os homens, ou seja, homens e mulheres desempenham os papéis de médiuns de incorporação e médiuns de doutrina, bem como são classificadas em Ninfas Sol e Ninfas Lua, da mesma forma que os homens, que desempenham o papel de Jaguar Sol e Jaguar Lua. No caso das falanges, temos

mais de 20 falanges femininas onde destacam-se: Gregas, Samaritanas, Aponara, Agulha Ismênia, Cygana Tayana. No caso dos homens existem apenas duas falanges: Magos e Príncipes.

Figura 52 - Falange das Samaritanas



Fonte: <https://castelodosdevas.com/v1/category/vale-do-amanhecer/falanges-missionarias/> acesso em 29/10/2023

No plano espiritual, apesar das duas entidades principais do Vale do Amanhecer serem masculinas, no caso, Jesus Cristo e Pai Seta Branca, existem várias entidades femininas no Vale do Amanhecer, destacam-se as princesas Jurema, Iracema e Janaína, as pretas velhas que são chamadas de vovós, onde podemos citar como exemplo Vovó Catarina de Aruanda, Maria mãe de Jesus e a própria Tia Neiva que após a sua morte em 1985 foi elevada a entidade espiritual onde ficou conhecida como Koatay 108.

A pergunta a ser feita é o Vale do Amanhecer é uma religião matriarcal? O Vale foi fundado por uma mulher, entre 1969 e 1985 foi comandado por uma mulher, a doutrina foi criada por uma mulher, e uma mulher possuía o dom de ao mesmo tempo exercer a função de Apara e Doutrinadora, a história do Vale do Amanhecer se confunde com a história de Tia Neiva. Mulheres exercem a mediunidade de Apara e Doutrinadora, a maioria das falanges são femininas e o panteão é formado por várias entidades femininas. Analisando a situação citada, parece claro que o Vale é uma religião matriarcal, porém, nada é o que parece. Neste tópico iremos responder a essa pergunta.

Apesar de o Vale do Amanhecer ter sido fundado por uma mulher, apesar do papel da mulher ser muito importante, dado que a doutrina da corrente mestra é formada por dois polos, os homens exercem o polo positivo e as mulheres exercem o polo negativo e que a corrente só

funciona com os dois polos. Ao analisarmos o papel da mulher, fica claro que apesar de todo espaço que a mulher tem no Vale, não dá para afirmar que é uma religião matriarcal.

Percebe-se pelas falas dos/as adeptos/as do Vale do Amanhecer que, apesar da oferta de visibilidade, a participação das mulheres é influenciada significativamente pelos espaços sociais disponíveis para elas, pois a maioria desempenha papéis mais árduos, como os de médium de incorporação, e não de doutrinadoras, o que as distancia da função mais valorizada de intermediação com Deus. Aqui no Vale as mulheres têm seus papéis de destaque. A maior parte delas são reveladas como médiuns de incorporação, devido à sensibilidade que possuem. Apesar de muitas acharem esta função muito pesada, esta é uma função de grande importância, pois dá passagem aos espíritos sofredores que necessitam ser orientados. [...] existem também mulheres doutrinadoras, mas em menor número, no entanto as doutrinadoras são mais instruídas e mais preparadas para essa função, que exige mais estudo (Rodrigues, 2011, p 148).

A história de Tia Neiva que foi bem incomum para mulheres que viveram na segunda metade do século XX, a mesma desempenhou função como caminhoneira e motorista de ônibus e o seu pioneirismo como líder religiosa, abriu espaço para as mulheres no Vale, porém não dá para afirmar que a religião é matriarcal, pois observando as nuances, a ideia de religião matriarcal cai por terra, a religião é espiritualista cristã, logo o Deus abraâmico é a principal divindade, seguido por Jesus Cristo e Pai Seta Branca, as três principais entidades espirituais são figuras masculinas, apenas os homens exercem o comando dos rituais.

O Vale do Amanhecer reproduz os valores da sociedade patriarcal, como por exemplo a dicotomia entre os homens como racionais e as mulheres como emocionais, isto é refletido na divisão de tarefas, os homens em sua maioria são classificados como médiuns doutrinadores, ou seja, a intermediação entre as entidades espirituais e os pacientes, isto é, os doutrinadores ficam o tempo todo sob controle de seus corpos, realizando as atividades de caráter racional que são as intermediações e os comandos de rituais, enquanto as mulheres, em sua maioria realizam as atividades de médiuns de incorporação, recebem as entidades espirituais onde a incorporação, a elevação e o fim da incorporação ficam a cargo do doutrinador, o médium de incorporação é o receptáculo da entidade e não exerce o comando dos rituais.

Nesse sentido, é válido destacar que a doutrina revelada por Neiva foi resultado das vivências cotidianas de homens e mulheres, o que vem demonstrar como determinadas atitudes se refletem na forma como eles e elas expressam sua religiosidade. No caso da líder espiritual, compreende-se, pelo seu histórico de vida, liderança e conquistas em diversas áreas, que a sua tentativa de busca de representatividade se deu através da criação de um novo lócus religiosos que pudesse atender às suas necessidades, devido a um expressivo senso de restrição presente nas mais diversas tradições religiosas. Percebe-se também que essa busca ofereceu um espaço social diferenciado às seguidoras de Tia Neiva, que passaram a desfrutar de um destaque antes não obtido em outras religiões. No entanto, isso não revelou uma efetiva transformação de mentalidade ou dos valores desiguais atribuídos às atividades de homens e mulheres, ou seja, continuou legitimando a desigualdade entre os sexos (Rodrigues, 2011, p 149).

4.5 A PERDA DE PROTAGONISMO DA MULHER A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS NINFAS

O presente tópico analisa a percepção das Ninfas (mulheres) acerca da perda (ou não) de protagonismo da mulher no Vale do Amanhecer. Para esse fim, foram enviados via e-mail, formulários para serem respondido apenas pelas médiuns (Aparás e Doutrinadoras) acerca da perda ou não de protagonismo. Foram enviados 40 formulários com as respectivas perguntas (o modelo dos formulários usados nesse e no terceiro capítulo estão nos anexos).

Para a confecção dos gráficos⁶ foi usado o Microsoft Excel, as respostas foram colocadas em uma planilha e a partir daí, foram gerados os gráficos com os respectivos percentuais, como a ideia é observar a perda de protagonismo, tendo como alvo a percepção das Ninfas.

Os gráficos foram utilizados apenas como tabulação dos percentuais, não foram utilizados para obtenção do desvio padrão ou da mediana.

Pesquisa de metodologia por amostragem quantitativa, na qual os questionários para a obtenção da amostragem foram enviados para 40 Ninfas do Templo Parlo de Olinda. Para deixar as Ninfas à vontade para responder os formulários, ficou acertado que não seriam revelados os nomes das mulheres.

Figura 59 – Gráfico 7



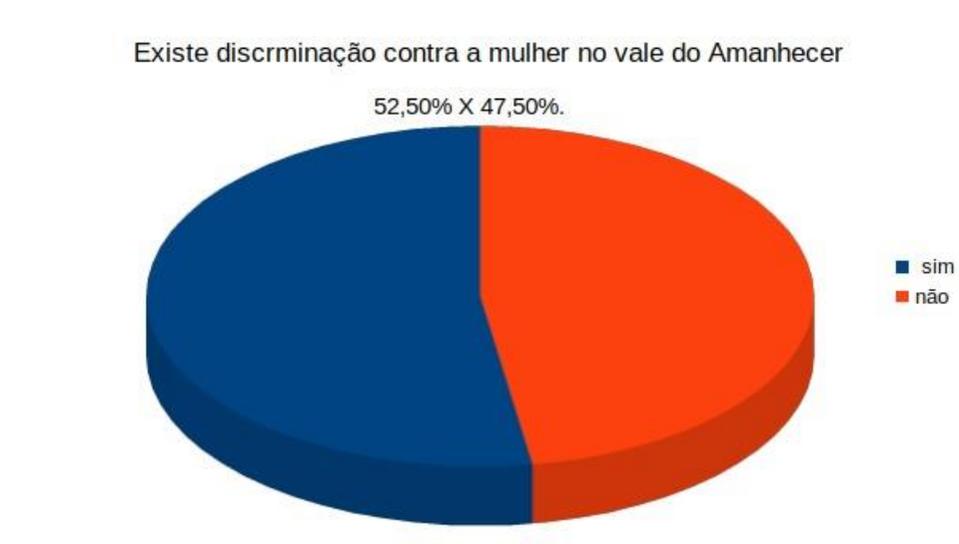
Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

⁶ (tive a ajuda de Rubem José Guimarães da Silva Neto, meu filho)

A pergunta sobre como as Ninfas veem o papel da Mulher no Vale do Amanhecer foi composta por três respostas objetivas. Se o papel da mulher no Vale é importante, pouco importante ou indiferente, podemos observar que as respostas foram em torno de mais de 85% como um papel importante e em torno de 15% pouco importante, o que neste caso mostra que as Ninfas estão de acordo com os ditames da doutrina, que coloca o papel da mulher de suma importância para o Vale, que tem como doutrina a ideia das duas correntes e que essa dualidade também deriva para as forças espirituais, Kadercismo e Umbanda, Apará/Ajanã e Doutrinador e a dualidade presente na divisão de tarefas entre Tia Neiva e Mário Sassi.

Essa dualidade do Vale do Amanhecer foi explicada em capítulos anteriores. Mas não deixa de chamar atenção os 15% de Ninfas que veem o trabalho das mulheres como de pouca importância, como as perguntas foram objetivas, temos que partir para a especulação do sentido destas respostas, que podem ter sido de uma não compreensão da pergunta, ou da ideia de um papel secundário da mulher devido à ausência de mulheres no comando dos trabalhos, pois as mulheres apenas comandam o Abata, atuam como Regentes nas falanges femininas e há pouco voltaram à sentar no farol da Mesa Evangélica, mas apenas sentam, não comandam esse ritual.

Figura 60 - Gráfico 8



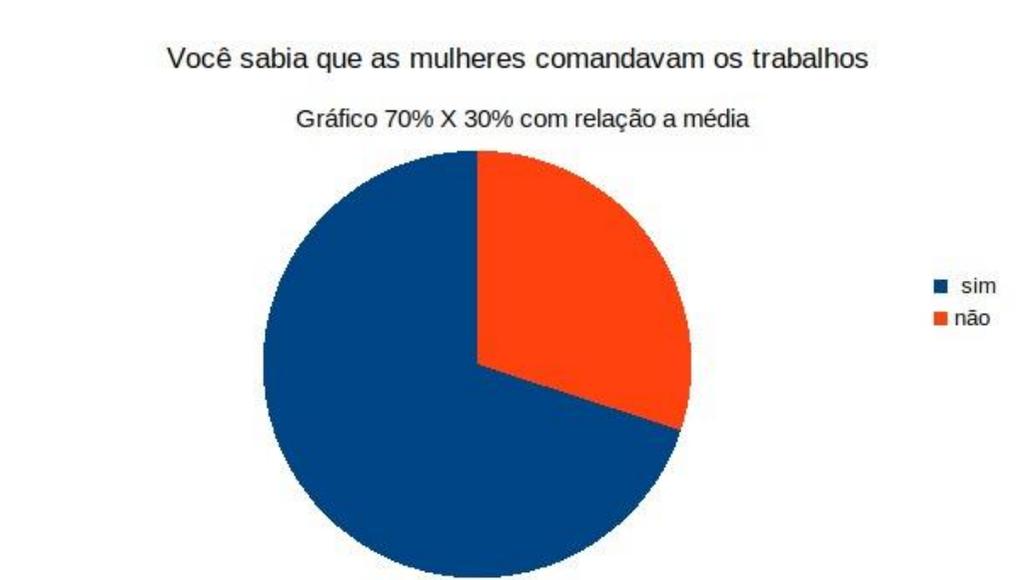
Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

O gráfico 8 traz uma resposta interessante, pois a pergunta foi se existe discriminação contra a mulher no Vale do Amanhecer. Podemos observar que majoritariamente as respostas foram sim 52,5% enquanto uma parte considerável 47,5%, respondeu não. Aqui podemos observar que uma maioria apertada das Ninfas do Templo de Olinda tem uma percepção de que

a mulher sofre discriminações no Vale do Amanhecer, uma diferença de apenas 5% em favor do sim, o que diferencia da visão das mulheres na sociedade.

Já que na sociedade atual, não há dúvida que apesar das conquistas mais variadas que as mulheres conseguiram no ocidente nos últimos 40 anos, ainda persistem discriminações as mais variadas contra as mulheres e que essas discriminações também refletem do Vale do Amanhecer. Novamente chama atenção, o percentual (47,5%) de mulheres que não veem discriminação contra a mulher. Concluindo, o grande percentual de ninfas que não reconhece existir discriminação contra a mulher, reflete o que ocorre na sociedade brasileira, na qual uma grande parte das mulheres não vem nada de errado na conduta dos homens.

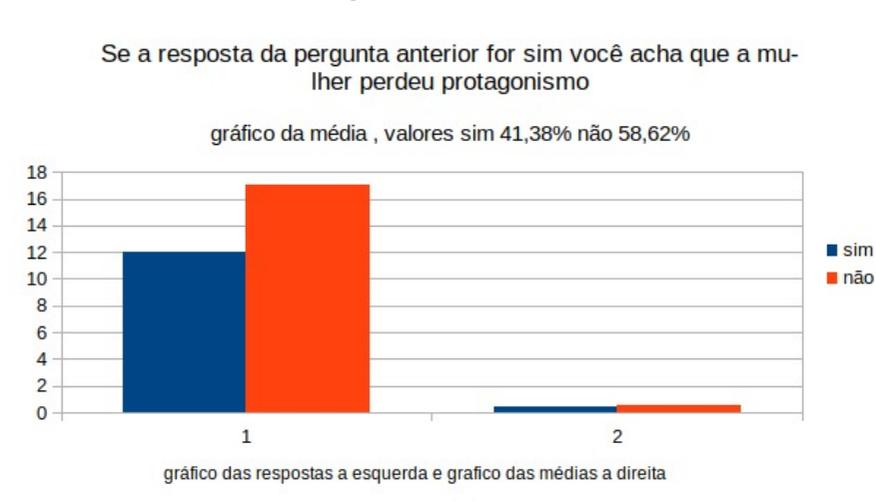
Figura 61 - Gráfico 9



Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

O gráfico 9 mostra que majoritariamente as mulheres sabiam que anteriormente mulheres podiam comandar os trabalhos no Vale, 70% das Ninfas responderam que sim, sabiam que as mulheres comandavam os trabalhos no Vale do Amanhecer, enquanto que 30% desconhecem que as mulheres comandavam trabalhos quando Tia Neiva comandava o Vale. As respostas desse gráfico, combinado com os gráficos 1 e 2, não deixam dúvidas que as Ninfas em sua maioria, tem conhecimento acerca da importância da mulher para o Vale do Amanhecer, a partir do conhecimento de que as mulheres comandavam os trabalhos e da discriminação que as mesmas sofrem.

Figura 532 - Gráfico 10

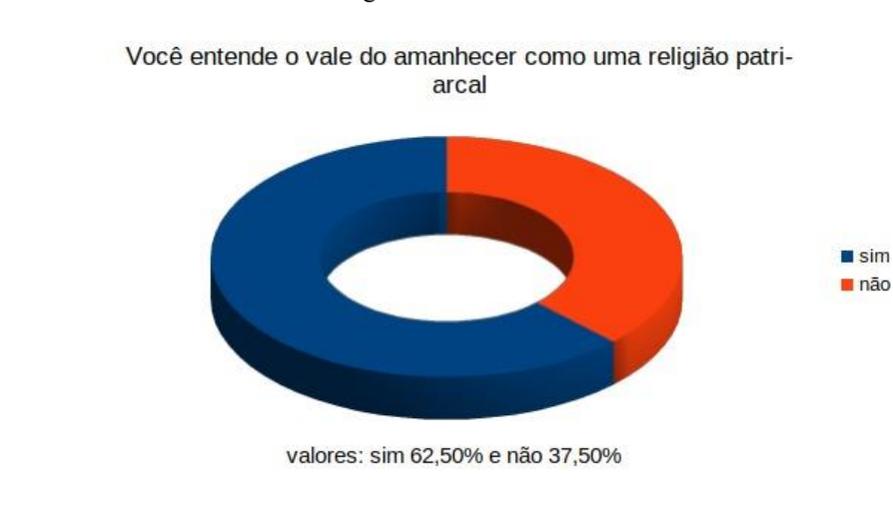


Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

No gráfico 10 notamos uma contradição acerca das respostas anteriores, primeiramente, esse gráfico apresenta dois campos. O primeiro diz respeito ao número de Ninfas que responderam à pergunta, ou seja, 18 Ninfas responderam que não viam a perda de protagonismo da mulher, enquanto 12 Ninfas responderam que viam a perda de protagonismo da mulher, a partir da perda do direito de comandar os trabalhos no Vale, ficando restrito apenas a comandar o Alaba, comandar as falanges femininas e voltar a sentar (sem comandar) no farol.

No segundo campo, temos os percentuais, a maioria, 52,62% não enxerga que a mulher perdeu protagonismo, a partir do momento em que deixaram de comandar os trabalhos no Vale do Amanhecer, enquanto que 41,38% percebem que a mulher perdeu protagonismo no Vale do Amanhecer, ou seja, a maioria tem a percepção que não há relação entre a perda do direito de comandar os trabalhos e a perda de protagonismo das mulheres no Vale do Amanhecer, porém, apesar de minoritário, temos mais de 40% das Ninfas que percebem a perda de protagonismo da mulher, a partir da perda do comando dos trabalhos, após a morte de Tia Neiva.

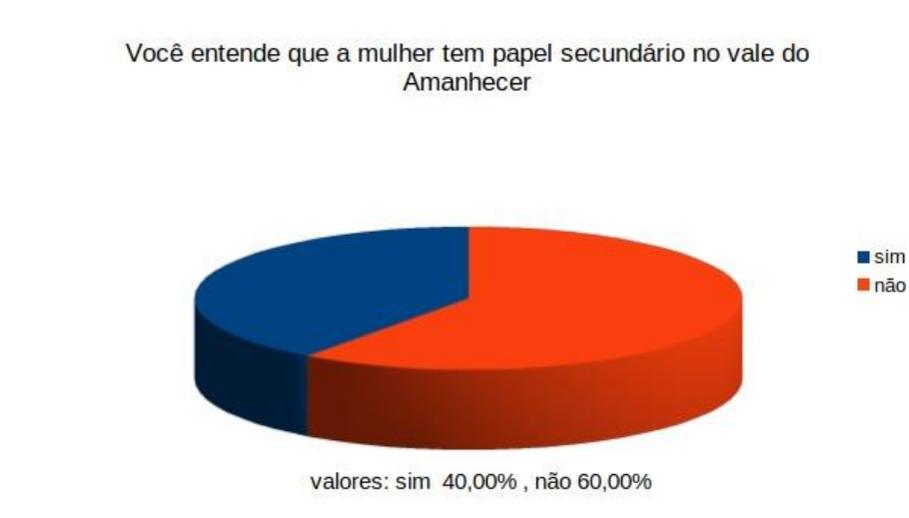
Figura 63 - Gráfico 11



Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

No gráfico 11 temos um retorno da percepção das Ninfas acerca de seu protagonismo e a compreensão que a mulher, apesar de ter um papel muito importante no Vale, sofre discriminações e que sabiam que as mulheres comandavam os trabalhos. Em relação a pergunta de que o Vale do Amanhecer é uma religião patriarcal, 62,50% das mulheres responderam que sim, consideravam religião patriarcal, ou seja, que o protagonismo é dos homens, enquanto 37,50% não veem como uma religião patriarcal, fica claro que há uma contradição entre a resposta do gráfico quatro em relação aos demais gráficos, o que enseja que talvez as que responderam que não viam a perda de protagonismo da mulher, porque na percepção das mesmas, a mulher nunca teria tido protagonismo no Vale ou que a perda do comando dos trabalhos não interferiu no protagonismo da mulher.

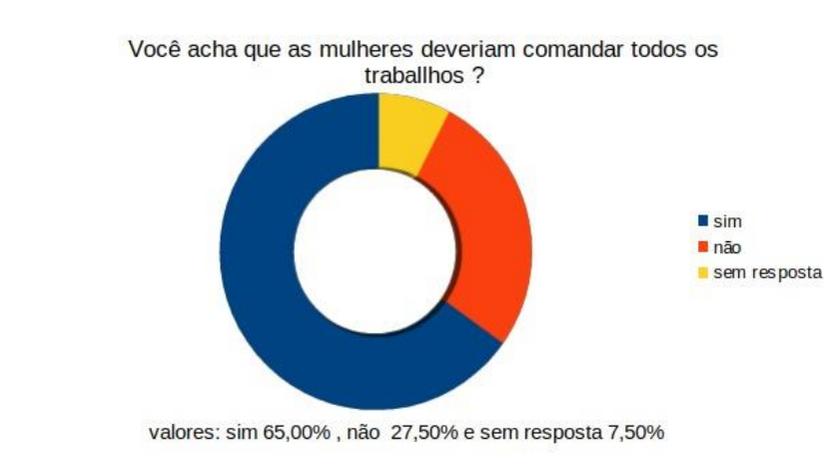
Figura 64 - Gráfico 12



Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

O gráfico 12 confirma a percepção das Ninfas acerca da importância da mulher no Vale do Amanhecer. Podemos observar que 60% das Ninfas consideram que o papel da mulher no Vale não é secundário, corroborando com o gráfico 1, no qual majoritariamente marcou que o papel da mulher é importante, porém 40% das Ninfas afirmaram que o papel da mulher no Vale do Amanhecer é um papel secundário, isso proporciona a seguinte leitura, esses 40% seria uma visão das Ninfas acerca do papel secundário da mulher, em virtude de considerar que a mulher sofre discriminações no Vale e que entende o Vale do Amanhecer como uma religião patriarcal, apesar da resposta majoritária no gráfico 4 (se a mulher perdeu protagonismo) de que a mulher não perdeu protagonismo, fica claro que fazendo a leitura dos demais gráficos, que a percepção que a mulher perdeu protagonismo fica de forma implícita.

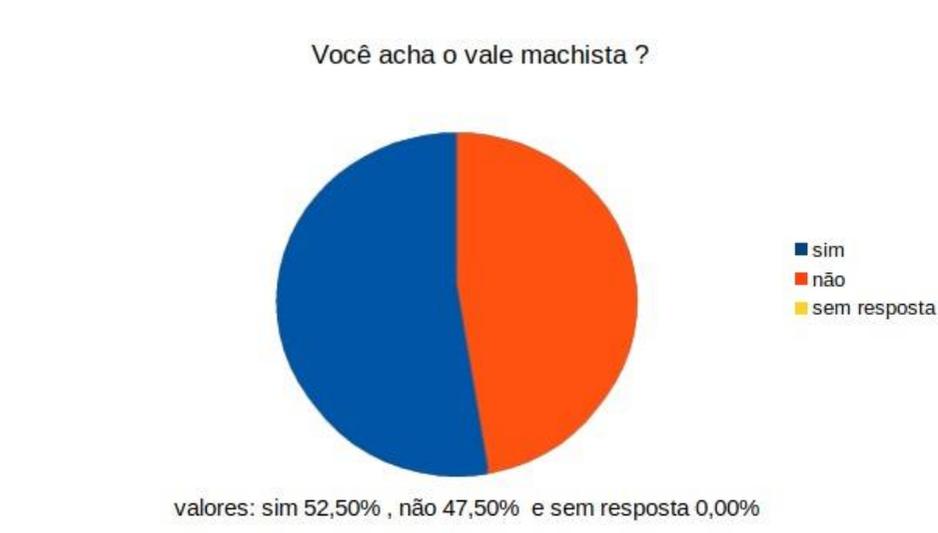
Figura 65 - Gráfico 13



Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

O gráfico 13 mostra que a maioria absoluta das mulheres entende que as Ninfas deveriam voltar a comandar os trabalhos no Vale do Amanhecer, onde 65% responderam que sim, as mulheres deveriam voltar a comandar os trabalhos. Aqui podemos perceber que implicitamente há um entendimento da perda de protagonismo das mulheres, 27,50 responderam que as mulheres não deveriam voltar a comandar os trabalhos no Vale, e 7,50% não responderam a essa pergunta. Esse gráfico se somarmos as que não responderam com as que não concordam que as mulheres deveriam voltar a comandar os trabalhos, levam a um percentual de 35%, que se aproxima do percentual geral das Ninfas que não vêm discriminação em relação a mulher no Vale e que não percebem o Vale do Amanhecer como uma religião patriarcal.

Figura 66 - Gráfico 14



Fonte: arquivos Roberto Calabria G da Silva

O gráfico 14 encerra o formulário relativo a esse capítulo e mostra que a maioria das Ninfas consideram o Vale do Amanhecer machista, o que novamente vem corroborar com a percepção da perda de protagonismo da mulher, apesar de ser uma maioria apertada, onde 52,50% consideram o Vale machista enquanto 47,50% não consideram o Vale do Amanhecer machista. Aqui percebemos uma divisão mais acentuada, porém a maioria vai no sentido de achar o Vale machista, em consonância com as demais perguntas acerca do papel da mulher, ficando a resposta da pergunta relativa a perda de protagonismo da mulher, como um ponto fora da curva e que a leitura implícita das demais perguntas levam inexoravelmente a uma perda de protagonismo da mulher e contradição com a resposta específica.

A análise dos gráficos mostrou que a mulher perdeu protagonismo no Vale do Amanhecer, e mesmo com algumas respostas contraditórias, a análise das respostas mostra que a percepção das ninfas vai nesse sentido. Na pergunta direta, a maioria entende que a mulher não perdeu protagonismo, porém nas demais perguntas fica implícito a perda de protagonismo, pois a maioria das mulheres entendem que o papel feminino não é secundário, que as ninfas deveriam voltar a comandar trabalhos, que o Vale é machista e patriarcal.

CONCLUSÃO

Concluindo a referida tese, durante a pesquisa realizada sobre o Vale do Amanhecer, tomando como base as respostas aos formulários enviados por e-mail a médiuns, observamos que a maioria dos médiuns e pacientes não enxerga a ação da hierarquia e do comando como um empecilho as atividades dos médiuns e que uma minoria veem a hierarquia como uma trava as atividades dos médiuns do Vale, logo não tem uma percepção acerca do poder político dentro do Vale do Amanhecer e como se dá a disputa por esse poder, também foi observado que a maioria das mulheres não percebe a perda de protagonismo da mulher e poucas conheciam que as mulheres já exerceram as atividades de comando.

O primeiro capítulo, teve a função de introduzir o leitor, a partir de fragmentos que abordam a História, A Origem do Templo Mãe e Cidade do Amanhecer, O Crescimento do Vale do Amanhecer em Pernambuco, Fragmentos dos rituais do Vale do Amanhecer, tendo como referência minha experiência como doutrinador e fragmentos do sagrado no Vale do Amanhecer. O capítulo foi dividido em cinco tópicos, com a finalidade de mostrar um pouco da história do Vale do Amanhecer que, de certa forma, se confunde com a história de Neiva Chaves Zelaya, a Tia Neiva, médium que teve as visões do índio Pai Seta Branca, a principal entidade do Vale do Amanhecer e como Tia Neiva fundou o primeiro templo do Vale do Amanhecer na cidade de Planaltina-DF.

No primeiro tópico, foi realizada uma breve reconstituição da história do Vale do Amanhecer a partir da história de Tia Neiva, médium fundadora do Vale do Amanhecer e que no período de 1964 (data da fundação do Vale do Amanhecer) até 1985 (data da morte de Tia Neiva). Nesta primeira fase a história do Vale do Amanhecer se confunde com a história de Tia Neiva, o que pode ser percebido na leitura dos fragmentos históricos.

No segundo tópico, temos a história da fundação do Templo Mãe (o mais importante templo do Vale do Amanhecer) fundado por Tia Neiva na cidade satélite de Planaltina-DF, sendo o único templo que abriga todos os rituais do Vale do Amanhecer, ainda nesse tópico, foi levantada a história do núcleo urbano denominado Cidade do Amanhecer que foi sendo formado no entorno da ocupação de lotes do Templo Mãe.

No terceiro tópico, é feita uma breve análise do crescimento do Vale do Amanhecer em Pernambuco, que se inicia no Recife, com a fundação do Templo de Tejipió e, posteriormente, a fundação dos Templos de Olinda e Dois Irmãos e com a expansão dos templos e hospitais por cidades do litoral, da Zona da Mata, do Agreste e do Sertão, culminando com a construção do Templo de São Lourenço da Mata, o maior templo do Nordeste.

No quarto tópico, foi feita uma imersão nos rituais do Vale do Amanhecer, a partir da experiência como *insider* desse pesquisador, que foi Doutrinador do Vale do Amanhecer entre os anos de 2011 e 2016. Os fragmentos de rituais são descritos, mostram o hibridismo intercontinental do Vale do Amanhecer a partir da correlação dos seus rituais, como rituais de religiões de matriz africana como a Umbanda, de religiões cristãs (catolicismo) do paganismo grego e egípcio.

O quarto tópico, mostra os fragmentos do sagrado, tendo como ponto de partida o percurso de Tia Neiva, que recebe visões do Pai Seta Branca, aqui pode-se definir a experiência do sagrado selvagem e o começo da institucionalização com Mário Sassi que interpreta as visões de Tia Neiva e, a partir dessas interpretações, começa a elaborar os rituais e a hierarquia do Vale do Amanhecer. O sagrado domesticado, que se consolida após a morte de Tia Neiva em 1985 e o comando do Vale do Amanhecer passando para os quatro Trinos.

O Vale do Amanhecer é uma religião da *New Age* categorizada como *New Age Popular*, pois a mesma se encaixa no campo da *New Age*, pois o Vale do Amanhecer, bem como a *New Age* é de difícil definição, onde fica claro o hibridismo intercontinental, pois o hibridismo do Vale do Amanhecer é formado a partir de fragmentos de diversas matrizes religiosas e de ufologia, os rituais são formados da união de fragmentos formando um todo. Os fragmentos são uma constante no Vale do Amanhecer, podemos observar a presença tanto nos rituais, como na própria história do Vale.

A gama de elementos de matrizes religiosas europeias, asiáticas, africanas e americanas presente nos rituais do Vale do Amanhecer, como os mosteiros do Tibete, as religiões politeístas da Grécia e do Egito antigo, entidades do Candomblé e da Umbanda e das religiões dos ameríndios. O porquê do hibridismo e não sincretismo fica claro em forma como os fragmentos intercontinentais são utilizados nos rituais do Vale do Amanhecer, esses fragmentos entram nos rituais unindo-se a outros fragmentos formando o ritual, não havendo o espelhamento de entidades, isso pode ser demonstrado no caso de Pretos Velhos e Caboclos, essas entidades não perdem suas características ou sofrem modificações, apenas são incorporados aos rituais mantendo as suas essências.

O segundo capítulo, fez uma análise acerca das relações intercontinentais do Vale do Amanhecer onde procura mostrar que o hibridismo se encaixa bem melhor que o sincretismo dado que as entidades do panteão do Vale, são as mesmas entidades de suas respectivas religiões, sendo recepcionadas pelo Vale do Amanhecer, onde mantém as mesmas características, diferente das religiões de matriz africanas que usavam os santos católicos como um

espelhamento de seus orixás, para que pudessem praticar seu credo sem sofrer repressão por parte dos senhores.

O segundo capítulo, acrescentou a abordagem das questões teóricas sobre multiculturalismo e *New Age* que são importantes para entender a dinâmica do Vale. A criação do Vale do Amanhecer e sua hierarquia foram abordadas no segundo capítulo, serviu de uma introdução para o terceiro capítulo que trabalhou o poder político no Vale do Amanhecer, a partir da percepção da hierarquia.

O terceiro capítulo, abordou o poder político no Vale do Amanhecer, a partir da percepção da hierarquia por médiuns e pacientes. Abordou os conceitos de poder e micro poder, dialogando com as análises de vários teóricos acerca do poder, principalmente os conceitos de Foucault sobre o micro poder. Análise do micro poder é pertinente pois médiuns e pacientes estão em contato com comandantes e adjuntos (micro poder), tendo pouco ou nenhum contato com os Trinos (poder central) com exceção de pacientes e médiuns do Templo Mãe de Planaltina.

Ainda no terceiro capítulo foi abordado a percepção da hierarquia do Vale do Amanhecer, a partir da coleta de dados feitas pelo envio de um formulário ao e-mail dos médiuns e pacientes do Templo de Olinda, onde a análise estatística desses pacientes e médiuns mostrou que a maioria dos que preencheram os formulários não tem conhecimento da hierarquia do Vale e não percebe que a hierarquia tem alguma influência sobre os destinos do Vale do Amanhecer ou sobre os trabalhos realizados nos templos.

Os formulários enviados aos e-mails dos médiuns do Templo Parlo de Olinda possibilitaram a criação dos gráficos que após análise, ficou concluído que os médiuns consideram a hierarquia importante e que o comando age em colaboração para o bom andamento dos trabalhos e da organização da religião. O poder político não é visto como um entrave ou algo negativo para o Vale do Amanhecer.

O quarto capítulo analisou a questão do protagonismo da mulher no Vale do Amanhecer, inicialmente foi feita uma análise e descrição acerca das principais lideranças feministas do ocidente, posteriormente foi analisada o protagonismo das mulheres nas principais atividades humanas, inclusive na religião. Por fim, foi analisada a perda de protagonismo da mulher, tendo como elemento para análise a percepção das médiuns acerca da perda de protagonismo da mulher feita com um preenchimento de um formulário enviado ao e-mail das médiuns.

O que se observou é que a maioria não tinha conhecimento acerca do exercício de comando de rituais pelas mulheres, que hoje só comandam o Abatá e a regência das falanges femininas. Essa falta de conhecimento pela maioria, levou a maioria das respostas negativas

sobre a perda de protagonismo da mulher. Os resultados dos formulários levaram a uma análise na qual, apesar de na pergunta específica acerca da perda do protagonismo da mulher, majoritariamente não terem reconhecido que a mulher tenha perdido protagonismo, a análise das respostas sobre a importância da mulher no Vale do Amanhecer, se o Vale é uma religião patriarcal, se a mulher tem um papel secundário, se as mulheres deveriam voltar a comandar trabalhos e se o Vale é machista, mostram que indiretamente houve uma perda de protagonismo da mulher no Vale do Amanhecer.

O Vale do Amanhecer é uma religião espiritualista cristã que reúne em seu panteão divindades de quatro continentes e de quatro períodos da história, Idades Antiga, Média, Moderna e Contemporânea, fundado por Tia Neiva, a história do Vale do Amanhecer se confunde com a história de sua fundadora, onde podemos dividir a história do Vale do Amanhecer em sob o comando de Tia Neiva, que vai de 1969 a 1985 (data da morte de Tia Neiva) e após a morte de Tia Neiva, que vai de 1985 aos dias atuais.

No Vale do Amanhecer temos um paradoxo, apesar de ter sido fundado por uma mulher, após a morte de Tia Neiva, as mulheres perderam protagonismo, pois deixaram de preencher os principais cargos de comando na hierarquia do Vale e também deixaram de comandar praticamente todos os rituais, restando apenas o cargo de Regente (comandante das falanges femininas) e o comando no Abatá (único ritual comandado por mulheres). Apesar de não haver a percepção da perda de protagonismo da mulher pelas médiuns, é fato que essa perda de protagonismo ocorreu, principalmente após a morte de Tia Neiva.

A história do Vale do Amanhecer é formada, a partir de dois períodos distintos, o primeiro período que vai de 1969 data oficial de fundação até 1985, morte de Tia Neiva, nesse período ocorre a organização a partir da líder carismática, Nesse momento ocorre uma supremacia do espiritual sobre a burocracia, ou seja, a prevalência do sagrado selvagem. Neste período, a mulher desfrutou de um grande protagonismo, seja através da líder carismática, seja da participação da mulher em todos os rituais, inclusive comandando todos os rituais. O segundo período vai de 1985 até os dias atuais—é marcado por lideranças fora do escopo carismático. Sendo assim, na atualidade, temos a organização burocrática do Vale e a elevação da fundadora a categoria de entidade espiritual. Sendo a mesma uma das principais líderes espirituais. Neste contexto, ocorreu a consolidação da burocracia e da hierarquia, ou seja, a passagem para o sagrado domesticado.

Em relação ao panteão do Vale, conclui-se que a relação entre as expressões do Sagrado advindos das diversas religiões se dá pela hibridização, na qual os motivos foram explanados no

decorrer da tese. No que diz respeito a formação fragmentária, reafirmamos que se organiza a partir da recepção de entidades espirituais de várias religiões dos quatro continentes, explicados no andamento da tese. Por fim, a percepção dos médiuns, descritas no terceiro e quarto capítulo, mostram que em relação a hierarquia, a maioria dos médiuns não percebem qualquer empecilho a suas atuações nos trabalhos e cotidiano, o que leva a concluir que o poder político não sofre qualquer ameaça direta a continuidade dos comandantes, seja na parte ritualística, seja na parte burocrática, ficando restritas a conversas privadas de corredores, na qual observei durante a minha atuação como Doutrinador.

Em relação as mulheres, a percepção (apesar de algumas respostas contraditórias) vai no sentido de terem conhecimento da importância da mulher para o bom andamento dos trabalhos, bem como a percepção das mesmas acerca do machismo e do caráter patriarcal do Vale.

A tese se propôs a discutir três temas: O Hibridismo Transcontinental do Vale do Amanhecer; as Relações de Poder e o Protagonismo da Mulher. Em relação a questão do hibridismo, a tese mostrou, a formação híbrida do Vale a partir de um mosaico formado a partir da união de fragmentos de credos espalhados por quatro continentes, esses fragmentos que vão da religião do Egito antigo a extraterrestres, formam um mosaico com características únicas, formando um panteão coeso e com a missão de promover a caridade e a cura espiritual, as entidades vindas de outros credos, passa a exercer atividades que em muitas situações, são completamente diferentes das suas religiões originais.

Em relação as relações de poder, foi utilizado um formulário para que os médiuns respondessem a perguntas acerca da percepção dos mesmo sobre as relações de poder no Vale, as respostas deixaram algumas lacunas, no meu dia à dia, a minha observação apontava para uma crítica mais contundente acerca de como o poder era exercido, desde o nível de comandante dos trabalhos, bem como crítica ao adjunto. Algumas explicações a estas lacunas são lançadas: o alcance da pesquisa, que ficou restrita ao Templo de Olinda, para a obtenção de um resultado mais amplo, seria necessário coletar dados em todas as unidades da federação para ter uma visão geral do quadro, pois provavelmente o resultado seria diferente, em relação as respostas, apesar de parecer que não há críticas contundentes a estrutura de poder, a análise subjetiva apontou críticas veladas ao exercício do poder.

O terceiro ponto, o protagonismo da mulher, a tese atingiu seus objetivos, o quarto capítulo se propôs a trabalhar em duas partes, na primeira parte, a ideia foi dar uma explicação geral sobre o movimento feminista, apontando suas principais líderes e mostrando a evolução histórica do feminismo e suas lutas pelo protagonismo da mulher, essa parte teve a intenção de proporcionar ao leitor uma compreensão do movimento feminista, para que o mesmo possa

compreender a segunda parte desse capítulo que é baseada na análise da percepção das Ninfas acerca do protagonismo das Ninfas no Vale do Amanhecer. As respostas das mulheres mostraram de forma inequívoca que a maioria entende perfeitamente que as médiuns perderam protagonismo após a morte de Tia Neiva, a compreensão da maioria apontou para a perda de protagonismo da mulher, o desejo de que as mulheres voltem a comandar todos os trabalhos e que veem o machismo no Vale.

Em relação aos objetivos, a tese atingiu os objetivos, mostrando a formação híbrida, mostrando a percepção de Jaguares e Ninfas acerca das relações de poder, apesar das lacunas citadas anteriormente, em relação ao protagonismo da mulher, a resposta das Ninfas confirmou as inquietações acerca do protagonismo da mulher no âmbito do Vale do Amanhecer. A tese acabou, porém, as pesquisas sobre o Vale do Amanhecer continuam, muitas perguntas a serem respondidas, a discordância em Brasília, a questão dos homossexuais no Vale são assuntos a serem abordados em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, C. N.O perigo de uma única história, 2009. Disponível em : <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8252/6249>>. Acesso em: 6 de outubro. 2023.
- ADICHIE, C.N. Americanah. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- ALMEIDA, E. 140 anos de Virginia Woolf: vida, obra e poesia da escritora A poética e o feminino na literatura da britânica são temas de entrevista no programa Universo Literário, <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/140-anos-de-virginia-woolf-vida-obra-e-poesia-da-escritora>, último acesso em 10 de agosto de 2023.
- ÁLVARES, B. Mensagens de Pai Seta Branca. Brasília, [do autor], 1991.
- ÁLVARES, B. Tia Neiva – Autobiografia Missionária. Brasília, [do autor] 1992.
- AMARAL, L. Carnaval da alma: Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ANJOS, G. dos. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. Cadernos Pagu (31), p 509-534, julho-dezembro de 2008.
- ANJOS, M. dos. Arte como Encruzilhada, 26 de fevereiro de 2021.
- APTER, A. Herskovits' s heritage: rethinking syncretism in the African diaspora. In: LEOPOLD, Anita Maria; JENSEN, Jeppe Sinding (Org.). Syn-cretism in religion: a reader. London: Routledge, p. 160 – 184, 2005.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- ARMOND, E. Os exilados de Capela. São Paulo: Editora Aliança, 1987.
- BALLESTRIN, L. A América latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política. n. 11, Brasília, maio-agosto de p. 89-117, 2013.
- BARBOSA, O. P. de A; SARACHO, A. B. Considerações sobre a Teoria dos freios e contrapesos (Checks and Balances System). TJFD, 2018.
- BARLETTO, M; PEDRO, J. M. Movimentos feministas e academia: tensões e alianças, Revista Feminismos, Vol.7, N.1, Jan. – Abr. 2019.
- BARROS, D.F. Poder político e religião: sobre a crítica de Rousseau a certo tipo de cristãos no corpo político. Reflexão, vol. 41, núm. 2, Pontifícia Universidade Católica de Campinas pp. 199-209, 2016.
- BASTIDE, R. O Sagrado Selvagem e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BASTIDE, R. O Sagrado Selvagem. Payot. Paris, 1975.

BEAUVOIR, S. de. O Segundo Sexo: fatos e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOBBIO, N. “Estado”, in Enciclopédia Einaudi, vol. 14, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 215-275, 1989.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, p.46-81, 1983.

BURITY, J. Fé na revolução: protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1961-1965). Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

BURKE, P. Hibridismo cultural. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

BUTLER, J. Critically Queer. GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies 1, Durham, North Carolina, Estados Unidos, Duke University Press, 1993.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAETANO, I.F. O Feminismo Brasileiro: Uma Análise a partir das Três Ondas do Movimento Feminista e a Perspectiva da Interseccionalidade, Escola da Magistratura do Rio de Janeiro, 2017.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Brasília: capital e mudança 2 tiragem, n. 3 – Brasília: Coordenação de Publicações, 2005. [Série Caderno de Museu] disponível em: <http://www.camara.leg.br/a-camara/conheca/museu/publicacoes/arquivos-pdf/Brasilia-PDF.pdf>. Acesso em 10, agosto, 2023.

CAMPBELL, C. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. Religião e Sociedade, v. 18, n. 1, 1977.

CAMPOS, M. F. Natureza, origem e exercício do poder político. repositório.ucp.pt, 2008.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANCLINI, N.G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CÂNDIDO, F. Minha Rua Fala 06 11 2018 7340. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/coluna/Minha-Rua-Fala---06-11-2018/7340>>. Acesso em: 16 mar. 2023.

CARMO, V. M. do; RAMOS, G. B. J. R; SILVA, J. P. A. da. As quatro ondas do feminismo: Lutas E Conquistas, Revista de Direitos Humanos em Perspectiva Encontro Virtual, v. 7, n. 1, p. 101-122, jan./jul. 2021.

CARNEIRO, S. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 06/03/2011.

CARNEIRO, T. J. da S. Chimamanda Adichie: Sejamos todos feministas. Cadernos de Tradução, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 318–328, 2017. DOI: 10.5007/2175-7968.2017v37n2p318. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p318>. Acesso em: 25 out. 2024.

CARUSO, G. de B. Bell Hooks nos deixou. Disponível em : <https://portal.fgv.br/artigos/bell-hooks-deixou>, 2022.

CARVALHO, J. J. Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil. Série Antropologia, v. 249, p. 1-20, 1999.

CASTRO, P. R. de. As lutas feministas e sua articulação pelas mídias digitais: percepções críticas. Rev. Katálysis, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 459-469, set./dez. 2020.

CAVALCANTE, C. L. C. Dialogias no Vale do Amanhecer: Os Signos de um Imaginário Religioso Antropofágico. Tese de Doutorado em Comunicação de Semiótica. Pontifícia Universidade Católica.

CAVALCANTI, V. R. S. Mulheres em ação: revoluções, protagonismo e práxis dos séculos XIX E XX, Proj. História, São Paulo, (30), p. 243-264, jun. 2005 243.

CELINA, C. As diferentes concepções que o Pós-Modernismo abarca, Em Pauta, UFPEL, 2016.

CERTAU, M. Californie, un théâtre de passants. Autrement, n. 31, 1981.

CESAR, C. T. M. Um olhar foucaultiano sobre o poder nas relações familiares, Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito, ISBN: 978-85-5505-056-5, 2015.

CLAUSEWITZ, C. V. Da Guerra, Martins Fontes, 1996.

COELHO, M. G. Gêneros desviantes: o conceito de gênero em Judith Butler, Florianópolis, 2018.

COLÉGIO ANGLO BRASILEIRO. 8º ano lê “O Pagador de Promessas” e aprofunda conhecimento sobre sincretismo religioso em pesquisas. Disponível em: <<https://colegioanglobrasileiro.com.br/8o-ano-le-o-pagador-de-promessas-e-aprofunda-conhecimento-sobre-sincretismo-religioso-em-pesquisas/>>. Acesso em: 25 out. 2024.

CONSORTE, J.G. “Em torno de um manifesto de Ialorixás baianas contra o sincretismo”. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson (Org.) Faces da tradição afro-brasileira. Rio de Janeiro: Pallas, p. 71-91, 1999.

CORTEN, A. Prefácio. In: SHAULL, Richard; CESAR, Waldo. Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs. Petrópolis,RJ: Vozes, 1999.

COSTA, B. Simone de Beauvoir e o feminismo existencialista: contribuições para a filosofia do direito. Revista Avant, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 387–402, 2024. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/avant/article/view/6728>. Acesso em: 25 out. 2024.

D’ANDREA, A. A. F. O self perfeito e a nova era. São Paulo: Loyola, 2000.

- DAVIS, A. Estarão as prisões obsoletas?, Bertrand Brasil, 2018.
- DAVIS, A. Mulheres, Cultura e Política. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo, SP: Boitempo editorial, 2017.
- DAVIS, A. Mulheres, Raça e Classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo, SP: Boitempo editorial, 2016.
- DIAS, Mirian Thais Guterres; PACHECO, Eriane Martins. A luta das mulheres por políticas sociais: avanços e retrocessos, Serv. Soc. Soc., São Paulo, v. 146(1), p. 263-283, 2023.
- DOSSE, F. História em Migalhas. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- DUARTE, A. R. F. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América, Rev. Estud. Fem. 14 (1) • Abr 2006.
- DURKHEIM, É. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ELIADE, M. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ESCOREL, L. “Introdução ao Pensamento Político de Maquiavel”. In: ARANHA, M^a Lúcia de Arruda. Ed Universidade de Brasília, Brasília – DF, 1979.
- ESPINHEIRA, C. T; JÚNIOR, M. N. S; RIBEIRO, A. T. A Eufemização do Protagonismo Feminino: O Descrédito ao Trabalho Realizado por Mulheres que Movem Montanhas pela Ciência e pela Saúde no Brasil. Revista do Cean, ISSN 1519-6968, Brasília, v.7, n.2, ago/dez. 2021.
- FERRETI, S. F. Sincretismo e Hibridismo na Cultura Popular, R. Pós Ci. Soc. V11, n21, jan/jun 2014.
- FIGUEIREDO, L. O avesso da memória – cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Ed. da UnB, 1993.
- FOUCAULT, M. “O olho do poder”. In: Microfísica do poder, Rio de Janeiro: Graal, 1992b.
- FOUCAULT, M. “Soberania e disciplina”. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1992a.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade; a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: História da violência nas prisões. São Paulo: Ática, 2002.
- FREYRE, G. Casa Grande & Senzala. 51 a. edição. Rio de Janeiro: Global, 2006.
- FRIEDAN, B. Mística feminina. Petrópolis: Vozes, 1971.
- GABATZ, C. As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas, Soc. e Cult., Goiânia, v. 19, n. 2, p. 95-103, jul./dez. 2016.

- GALINKIN, A. L. A Cura no Vale do Amanhecer. Brasília: Technopolitik, 2008.
- GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GUERREIRO, S; BEIN C. Teorias da conspiração no movimento nova era, v.10n 2 (2021)– pp.261a 280, UFPR, 2021.
- GUTIERREZ, G. A força histórica dos pobres. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HAM, J. V. D. Freios e Contrapesos: A Edição de Medidas Provisórias e a Relação entre os Poderes no Brasil, Santa Maria, RS, 2005.
- HOBBS, T. Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. 2. ed. Tradução por Eunice Ostrensky. s. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Home Museu Afro Brasil. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/>>. Acesso em: 11 out. 2021.
- HOOKS, B. E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo. Rosa dos Tempos; 9ª edição, 2019.
- HOOKS, B. O Feminismo é para Todo Mundo, Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2018.
- HUFF JÚNIOR, A. É. Teologia e revolução: a radicalização teológico-política de Richard Shaull. Estudos de Religião, São Paulo, v.26, n.43, p.55-75, 2012.
- IPHAN. Superintendência. Vale do Amanhecer, Inventário Nacional de Referências Culturais. Brasília, 2010.
- JESUS, E. G. de. Mulheres, Raça e Classe: a proposta interseccional de Angela Davis. Revista de Crítica Genética, Manuscrita, n. 47, 2022.
- JESUS, R. F. da S. No balanço do mar: A dança de Iemanjá como relação do corpo com o sagrado no Candomblé. Revista do Departamento de Ciências Sociais – PUC MINAS, v. 4, n. 01, 2022.
- JUNIOR, C. A. M.; OLIVEIRA, A. O. Estudo teórico sobre percepção na filosofia e nas neurociências. Revista Neuropsicologia Latinoamericana, ISSN 2075-9479, Vol. 5, No. 1, 2013, p. 41-53.
- KAZAGRANDE. Mãe Yemanjá. Disponível em: <<https://www.exiliodojaguar.com.br/2016/02/mae-yemanja.html>>. Acesso em: 25 out. 2024.
- LEMOS, F. A Questão Epistemológica do Pesquisador que Pesquisa Dentro da sua Organização. III Interprogramas – XVI Secomunica Diversidade e Adversidades: O Incomum na Comunicação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 21 e 22/09/2017.
- LIMA, G. O. de. Os Sentidos da Experiência Religiosa nas Narrativas de Missionárias Nityamas, Gregas e Mayas: Um Mergulho no Universo do Vale do Amanhecer. Fortaleza-CE, 2019.

LISBOA, C. P. Introdução ao Existencialismo: Perspectivas Literárias. *Problemata: R. Intern. Fil.*, v. 7, n. 2, 2016, p. 254-267. ISSN 2236-8612.

LOCKE, J. Carta Sobre a Tolerância. In: *Ensaio acerca do entendimento humano. Segundo tratado sobre o governo*. Tradução 1ª parte Anoar Aiex. Tradução 2ª parte E. Jacy Monteiro. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

LOCKE, J. Dois tratados sobre o governo. Tradução de Júlio Fischer. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOCKE, J. Segundo tratado sobre o governo. In: *Ensaio acerca do entendimento humano. Segundo tratado sobre o governo*. Tradução 1ª parte Anoar Aiex. Tradução 2ª parte E. Jacy Monteiro. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

LORDE, A. *Sister outsider*. New York: The Crossing Press, 1984.

LORDE, A. *There Is No Hierarchy of Oppressions*. New York, 1983.

LUA E MAGIA. Estátua Iemanjá Resina - Artigos Esotéricos e religiosos. Disponível em: <<https://luaemagia.com.br/produto/estatua-iemanja-resina/>>. Acesso em: 25 out. 2024.

MAGNANI, J. G. C. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MAQUIAVEL, N. *Escritos Políticos*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. 3ª ed. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARIANO, F. A. J. LORDE, A. Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo. *Revista Florestan - UFSCar*, n.10, maio de 2021.

MARQUES, E. G. Os poderes do estado no Vale do Amanhecer: percursos religiosos, práticas espirituais e cura. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UnB, Brasília, 2009.

MARY, A. *De défi du syncretism: le travail symbolique de la religion d'Eboga (Gabon)*. Paris: EHESS, 1999.

MEDEIROS, L. P. *O Feminismo Contra a Perpetuação da Cultura Machista no Campo das Relações Afetivas*. Sabedoria Política, 2017.

MELLO, L. I. A. John Locke e o individualismo liberal. In: WELLFORT, F. *Os clássicos da política*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2002.

MENDONÇA, A. G. *De Novo O Sagrado Selvagem: Variações*. Estudos de Religião, 2007.

MERQUIOR, J. G. *O argumento liberal*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.

MERQUIOR, J. G. *O liberalismo antigo e moderno*. 3ª ed. ampliada. Tradução Henrique Mesquita. São Paulo: É Realizações, 2016.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. M. A crítica pós-colonial a partir de Darcy Ribeiro: Uma releitura de *O Povo Brasileiro*. In: *Realis – Revista de Estudos Antiutilitaristas e Pós-coloniais*, v. 1, n. 1, 2011.

- MINTZ, S.; PRICE, R. O nascimento da cultura afro-americana. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- MOURA, N. A. A Primeira Onda feminista no Brasil: uma análise a partir do jornal “A Família” do século XIX (1888-1894). *Praça: Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife*, v. 2, n. 2, 2018.
- MUJALI, L. M. R. de O.; FERREIRA, E. S. GÊNERO: um sujeito essencializado ou um conceito que ultrapassa um paradigma. *Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG*, ISSN online 1981-3082, v. 25, n. 2, Jul./Dez. 2012.
- MULHERES DE LUTA. Iansã, a senhora das tempestades e ventanias. Disponível em: <<https://www.mulheresdeluta.com.br/iansa-a-senhora-das-tempestades-e-ventanias/>>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1974.
- NOGUEIRA, C.; MAGALHÃES, S. I.; RIBEIRO, D. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. *Revista de Ciências Humanas e Sociais*, s/d.
- NOGUEIRA, L. C. Em busca da libertação: o papel da mulher na história das religiões afro-brasileiras. *Revista Mosaico*, v. 16, p. 125-140, 2023.
- OLIVEIRA, A. A ninfa e o jaguar: corpos e dominação no Vale do Amanhecer. *Vivência*, v. 1, n. 41, p. 137-152, 2013a.
- OLIVEIRA, A. A Nova era com Axé: umbanda esotérica e esoterismo umbandista no Brasil. *R. Pós Ci. Soc.*, v. 11, n. 21, jan./jun. 2014.
- OLIVEIRA, A. A Nova Era com um jeitinho brasileiro: o caso do Vale do Amanhecer. *Debates do NER*, v. 12, n. 2, p. 67-96, 2011a.
- OLIVEIRA, A. As narrativas oníricas do Vale do Amanhecer: trajetória, estrutura e organização social. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 6, n. 17, p. 133-170, 2013b.
- OLIVEIRA, A. *Entre Caboclos, Preto-Velhos e Cores: a imersão dos sujeitos no universo místico-religioso do Vale do Amanhecer*. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- OLIVEIRA, A. Nova Era à brasileira: a New Age popular do Vale do Amanhecer. *Interações: Cultura e Comunidade*, v. 4, n. 5, p. 31-50, 2009.
- OLIVEIRA, A. Nova Era, habitus e estranhamento: os processos de imersão religiosa no Vale do Amanhecer. *Antropolítica*, n. 34, p. 95-120, 2013c.
- OLIVEIRA, A. O Apará e Seu Corpo. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 146-172, 2014.
- OLIVEIRA, A. Percursos biográficos e eficácia simbólica: percursos no Vale do Amanhecer. *Revista Mediações*, v. 15, n. 2, p. 248-265, 2010.

- OLIVEIRA, A. Performance, corpo e identidade: a imersão religiosa no Vale do Amanhecer. *Estudos de Religião*, v. 25, n. 41, p. 113-131, 2011b.
- PARÉS, L. N. O processo de crioulização no recôncavo baiano (1750-1800). *Afro-Ásia*, n. 33, p. 87-132, 2005.
- PASSOS, M. M. V. OYÁ-BETHÂNIA: os mitos de um orixá nos ritos de uma estrela. Salvador, 2008.
- PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.
- PEREIRA, M. B. J. Gênero como Variante do Micropoder Familiar. Salvador, 2010.
- PERES, E. H. Estudo projeta que até 2024, maioria dos profissionais de medicina será de mulheres no Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/estudo-projeta-que-ate-2024-maioria-dos-profissionais-de-medicina-sera-de-mulheres-no-brasil>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- PROJETO BIBLIOTECA DO AMANHECER. Cartas de Tia neiva. Disponível em: <<https://www.mestrenumanto.com/cartas-de-tia-neiva>>. Acesso em: 25 out. 2024.
- QUADROS, E. G. A Pastoral das Almas e o Governo dos Homens: Foucault Revolucionaria a História da Igreja? *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, v. 4, n. 2, p. 1-16, ago./dez. 2013.
- QUEIROZ, M. I. P. Roger Bastide, Professor da Universidade de São Paulo. *Estudos Avançados*, São Paulo, 1994.
- REIS, M. R. Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008). Brasília, 2008.
- ROCHA, A. R.; ROCHA, J. G.; OLIVEIRA, R. C. O protagonismo feminino nas religiões de matrizes africanas. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, n. 1678-3182, 2016.
- RODRIGUES, J. M. Ninfas e Jaguares: uma interrogação feminista sobre o universo religioso do Vale do Amanhecer. São Paulo, 2011.
- RODRIGUES, T.; FERREIRA, L. Angela Davis. *Mulheres na Filosofia*, 2023.
- ROUSSEAU, J. J. O contrato social: princípios do direito político. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RUDOLPH, K. Syncretism: from theological invective to a concept in the study of religion. In: LEOPOLD, A. M.; JENSEN, J. S. (Org.). *Syncretism in religion: a reader*. New York: Routledge, p. 68-85, 2005.
- SANTOS, C. M. M.; TEIXEIRA, M. B. M. Mulheres na política: uma revisão sistemática. *Cadernos Gênero e Diversidade*, v. 8, n. 2, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>. Acesso em: 14 abr. 2023.

- SARTRE, J. P. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- SASSI, M. A conjunção de dois planos. Brasília: [do autor], 1977.
- SASSI, M. Instruções práticas para os médiuns. Brasília: [do autor], 1978.
- SASSI, M. O que é o Vale do Amanhecer? Brasília: Guavira Editores, 1979.
- SMITH, P. J. A percepção como uma relação: uma análise do conceito comum de percepção. *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 109-132, 2014.
- SOIHET, R. Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- SOUZA, R. B. Liberdade, propriedade e trabalho em Locke e Hegel. *Revista Argumentos*, ano 4, n. 7, p. 119-130, 2012.
- STEWART, C.; SHAW, R. Syncretism/anti-syncretism: the politics of religious synthesis. London and New York: Routledge, 2005.
- STRAUSS, L. O olhar distanciado. Lisboa: Edições 70, 1983.
- SUESS, R. C.; SILVA, A. S. A perspectiva decolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/2236499435469>. Acesso em: 2019.
- TOCQUEVILLE, A. A Democracia na América. São Paulo: Edipro, 2019.
- TORRES, F. Médiuns do Vale do Amanhecer votam pela saída de líder “ditador”. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/mediuns-do-vale-do-amanhecer-votam-pela-saida-de-lider-ditador>>. Acesso em: 25 out. 2024.
- TOURAINÉ, A. Iguais e Diferentes: Podemos Viver Juntos? Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- VALE DO AMANHECER. Templos - vale do amanhecer. Disponível em: <<http://www.valedoamanhecer.net.br/templos/index.php?link=6®iao=NORDESTE>>. Acesso em: 25 out. 2024.
- VELHO, G. O consumo dos psicoativos como campo de pesquisa e de intervenção política. Entrevista concedida a Maurício Fiori. In: LABATE et al. (Org.). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, p. 123-139, 2008.
- WEBER, M. Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft. In: *Wirtschaft und Gesellschaft*. 4. ed. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1956.
- WEBER, M. *Economy and society*. Tradução de Ephraim Fischhoff et al. Berkeley: University of California Press, 1978.
- WEBER, M. Política como vocação e ofício. Petrópolis: Vozes, 2020.
- WEBER, M. Religião e racionalidade econômica. In: COHN, G. *Weber*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

WEBER, M. *Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie. Unvollendet. 1919-1920.* Org. Knut Borchardt, Edith Hanke e Wolfgang Schluchter. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013 (MWG I-23).

WEISSMANN, L. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Constr. psicopedag.*, v. 26, n. 27, São Paulo, 2018.

WOOLF, V. Orlando. Tradução de Laura Alves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

WOOLF, V. *To The Lighthouse.* London: Penguin Books, 2000.

ZELAYA, N. C. *Leis e Ritualísticas.* Brasília-DF: Vale do Amanhecer, 1977

APÊNDICE A - LISTA DE RITUAIS DO VALE DO AMANHECER (GALINKIN, 2008)

ABATÁ - Um trabalho de forças que desloca eflúvios curadores. Um ritual de participação espontânea, onde o mestre forma o seu Aledá. Normalmente realizado nos seguintes horários: 10:00 às 12:00 hrs e 15:00 às 18:00 hrs.

ADJURAÇÃO - Termo utilizado para nomear Jaguares e Ninfas legadas ao Sol.

ADJUNTO - Grau ao qual estão subordinados os demais médiuns do Vale do Amanhecer. Foi instituído em 1º de maio de 1978. Os adjuntos possuem seus próprios tronos no Vale do Amanhecer. Representam a Terceira Hierarquia em ordem decrescente dentro do movimento, logo após os Trinos e os Arianos.

AJANÃS - Mestres e Ninfas ligadas a Lua.

ALABÁ - Expressão utilizada para pedir licença ao entrar no aledá. Deve ser realizado nas luas cheias, durante sete dias, com a participação dos Magos com indumentária ou jaguares que fazem a emissão e o canto do Mago e, em seguida invocam as forças dos cavaleiros.

AMACÊS - Naves oriundas de outras galáxias que ajudam no desenvolvimento dos trabalhos do Vale do Amanhecer.

ANODAY - Representa a força do sol. É representada pela cor amarela.

ANODAI - Representa a força da Lua. É representada pela cor azul.

ANODAÊ - Resultado da união das forças ANODAY + ANODAI (Masculino + Feminino). Uma espécie de casamento químico.

ANODIZAÇÃO - É um trabalho realizado na estrela e no quadrante. O objetivo deste ritual, realizado nos dias de lua cheia, é a manipulação de forças em auxílio dos desastres coletivos, guerras, ameaças de doenças e epidemia, etc. Nesse trabalho realiza-se a unificação com os quadrantes e são projetadas forças emitidas pelo reino central, exige-se uma maior concentração na recepção dessas forças, realiza-se a manipulação na estrela e na cabala de Delfos, onde os Magos fazem a côrte junto com as demais falanges e depois se juntam para a entoação de mantras conduzindo o comandante da unificação até a pirâmide para agradecer as forças recebidas.

APARÁ - Abreviativo de Nossa Senhora de Aparecida, expressão extraída da fala dos pretos velhos que passou a ser usada para designar os médiuns de incorporação.

ATON - Uma espécie de energia acumulada que o médium deve dispor em seus trabalhos iniciáticos.

CASSANDRA - É o aledá do Ministro, ou seja, um espaço reservado à reposição de energias, antecedendo o período de afetiva prática da mediunidade em cerimônias ritualísticas.

CONTAGEM DE SATAY - Trabalho da linha desobsessiva efetuado por um número determinado de médiuns que formam uma espécie de corrente espiritual, tendo ao centro o paciente.

CRUZ COM SUDÁLIO - Símbolo do cristianismo inserido na doutrina do Vale do Amanhecer. A cruz do Vale do Amanhecer é a cruz grega, que tem um sentido mais ligado ao homem do que propriamente ao cristianismo. A inserção do Sudálio nos braços horizontais da cruz é o que remete este símbolo à doutrina cristã, conforme a literatura oficial do movimento.

DEFUMAÇÃO - Com o máximo de sete (7) pacientes, orientados pelos Mentores nos trabalhos de Tronos ou pela Clarividente o Comandante solicita ao Mestre Ajanã para defumar o ambiente e, dirigindo-se aos pacientes orienta-os para que mentalizem (pensem) os seus lares, as suas dificuldades, seus amores e, principalmente aqueles que se dizem inimigos. abre os braços formando antenas e, girando o corpo lentamente, de um lado para o outro faz sua emissão. Em seguida, a ninfa Lua, que deverá estar posicionada à sua esquerda. Faz sua emissão, mantendo-se na mesma posição, ou seja, braços abertos girando o corpo de um lado para o outro.

DOCTRINADOR - Médiun encarregado de doutrinar as entidades que passam pelo Vale do Amanhecer.

ESTRELAS - Existem no movimento várias estrelas de onde se originam as Abasses, ou naves extraterrestres. São elas: Harpazios, Sivans, Taumantes, Vancares, Cautanenses, Acelos, Mantyos, Gestaes e Saryos.

ESTRELA CANDENTE - Ritual realizado três vezes por dia, nos dias de trabalho normal (10:00, 12:30 e 14:30 horas) e duas vezes em dias de trabalho oficial.

ESTRELA DE SEIS PONTAS - São dois triângulos posicionados de forma invertida: as metas cármicas são o triângulo da descida, a reencarnação, a involução e as Juras Transcendentais são o triângulo da subida que representa a volta para Deus e a evolução do espírito.

ELIPSE - Um dos maiores símbolos do movimento que simboliza a evolução do cristianismo, da sua fase do martírio para sua fase científica. Este tem a função de captar energias e servir como um Portal de Desintegração. Ela representa a evolução do Cristianismo da fase do martírio para a fase científica.

EMISSÃO - Forma utilizada pelo movimento para denominar as várias orações nos inúmeros rituais. Estas orações também são denominadas de mantras e tem como objetivo projetar as preces para outras dimensões.

INDUÇÃO - Ritual de aplicação de passes magnéticos nos pacientes.

LINHA DE PASSES - A Linha de Passes é um trabalho evangélico e não necessita do encaminhamento do Preto Velho. Ali os Caboclos e Pretos Velhos retiram as cargas negativas, resíduos ou irradiações que tenham ficado nos pacientes. O trabalho tem início às 10h, podendo se prolongar até as 12h. Reabre às 15h, podendo se prolongar até o término dos trabalhos.

MESTRE (SOL e LUA) - Médiun assim designado após receber a iniciação de Dharmo-Oxinto. Mestre Sol se identificado doutrinador e Mestre Lua se apará.

NEUTRÔN - Nome da força que divide os diversos planos vibracionais admitidos pela doutrina do Vale do Amanhecer.

ORÁCULO DESIMIROMBA(PAISETABRANCA)-Partedocomplexo templário que abriga uma imagem do dirigente espiritual maior deste movimento. Existe um ritual próprio para adentrar no recinto.

PIRA - Local do complexo templário que constitui o ponto de referência e de centralização das forças que atuam no templo.

PIRÂMIDE - Local de concentração de energia, que funciona como uma usina energética para sua distribuição em diversos rituais, permitindo a conexão com o Egito faraônico.

PLEXOS - Sistemas presentes no corpo de uma pessoa. São eles: Plexo Físico (Corpo Físico), Micro Plexo (Alma) e Macro Plexo (Perispírito).

PREFIXOS - Série de linhas compostos por / (barra) e 0(zero), que relacionam-se com as diversas Legiões Espirituais que assistem o movimento ou também significam alguma mensagem inserida no corpo de uma emissão (oração mântica). Exemplos: -0-, //, - x-, -0-x, etc.

QUADRANTE - O trabalho de manutenção dos quadrantes é um ritual que se realiza todos os dias entre a 2º a 3º consagração da Estrela candente. É um trabalho que manipula forças para o universo. Cada dia da semana é dedicado a uma Princesa, esse ritual lembra a avenida dos mortos em na antiga capital mexicana chamada Teotihuacán e se chama Avenida dos mortos, aqui esse ritual é direcionado para a cura de encarnados e desencarnados. O quadrante é um trabalho que ativa a força mediúnica para o universo.

RADAR - Local privativo dos Mestres Adjuração, de onde são emitidos os mantras.

SANDAY - Diversos rituais que segundo a doutrina são provenientes das estrelas Harpazios, Sivans, Taumantes, Vancares, Cautanenses, Acelos, Mantyos, Gestaes e Sardyos, e comandados por entidades residentes nestes planos vibracionais.

SESSÃO BRANCA - Ritual de incorporação de espíritos de índios que ainda se encontram neste plano, moradores numa região determinada do Rio Xingu.

SIMIROMBA - significa, de acordo com a doutrina, as “Raízes do Céu”, e Pai Seta Branca é o Simiromba de Deus. Ele seria junção de sete Raízes Universais.

TALISMÃS - Objetos de culto que após consagração se tornam privativos e de uso pessoal do mestre que alcançou tal hierarquia.

TERCEIRO SÉTIMO - Canal iniciático de onde deriva a legitimidade espiritual do Vale do Amanhecer. Terceiro seria a força do TRINO, capaz de transpor as diversas barreiras no plano espiritual e Sétima, o poder oriundo de KOATAY 108.

TRIÂNGULO - Símbolo dos médiuns Aparás, que tem como base o Amor e as laterais, a Tolerância e a Humildade para posicionar o Evangelho ao centro.

TRONOS - Locais existentes na estrutura templária onde se manifestam as entidades. São de duas cores: vermelho e amarelo. Antigamente, quando da formulação da doutrina, os Tronos

Vermelhos eram exclusivos para desobsessão e os tronos Amarelos para comunicação das entidades. Hoje em dia foi abolida esta diferença, servindo os dois para ambas as coisas.

TURIGANO - Espaço ritual circular postado ao lado do Templo principal. Sua estrutura nos remete ao império romano.

APÊNDICE 2 - FORMULÁRIO 1

PERCEPÇÃO DO PODER NO VALE DO AMANHECER

NOME:

1 Você conhece a hierarquia no Vale do Amanhecer?

Sim Não

1As relações hierárquicas influenciam no seu trabalho de médium?

Sim Não

2 Como são as relações hierárquicas na falange?

Colaboração Conflito Colaboração e Conflito

3 Como você vê a atuação do comandante de trabalho?

Importante Não importante Indiferente

4 Como você observa as relações entre doutrinadores e aparás?

Colaboração Conflito Colaboração e Conflito

5. Como você vê as relações entre médiuns e pacientes?

Colaboração Conflito Colaboração e Conflito

APÊNDICE 2 - FORMULÁRIO 2

QUESTIONÁRIO PROTAGONISMO DA MULHER NO VALE DO AMANHECER

NOME:

1) EXISTE DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER NO VALE DO AMANHECER

SIM NÃO

2) VOCÊ SABIA QUE AS MULHERES COMANDAVAM OS TRABALHOS

SIM NÃO

3) SE A RESPOSTA FOR SIM, VOCÊ ACHA QUE A MUHER PERDEU PROTAGONISMO

SIM NÃO

4) VOCÊ ENTENDE O VALE DO AMANHECER COMO UMA RELIGIÃO PATRIARCAL

SIM NÃO

5) VOCÊ ENTENDE QUE A MULHER TEM UM PAPEL SECUNDÁRIO NO VALE DO AMANHECER

SIM NÃO

6) VOCÊ ACHA QUE AS MULHERES DEVERIAM COMANDAR TODOS OS TRABALHOS

SIM NÃO

7) VOCÊ ACHA O VALE MACHISTA

SIM NÃO